

PRT - Projeto Revisoras Traduções apresenta:

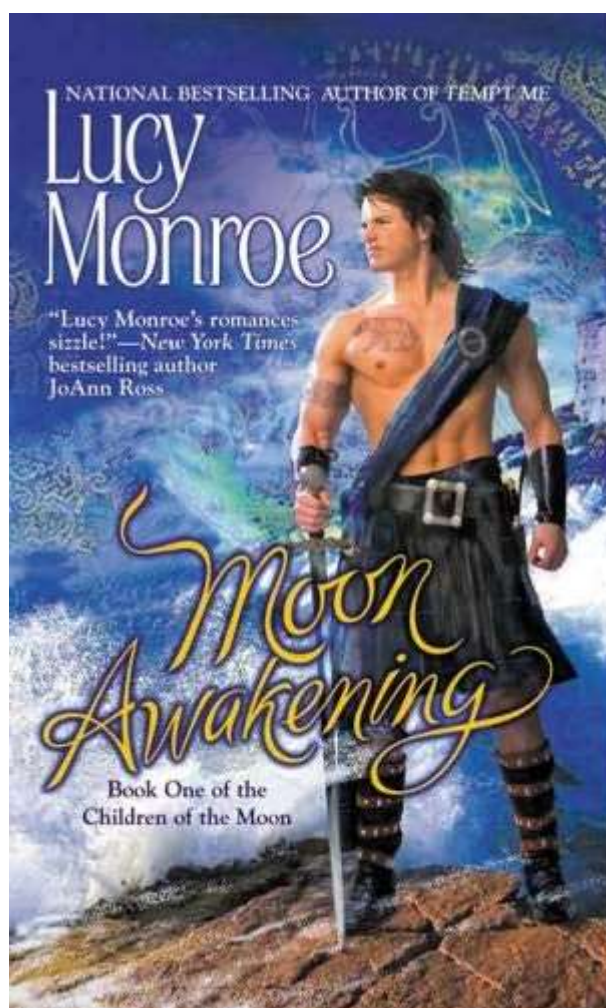


Moon Awakening

Lucy Monroe



Livro Um da série Children of the Moon







Sinopse:

Quando a família de Emily Hamilton recebe ordens de enviar uma de suas filhas para as Terras Altas Escocesas para se casar com um chefe de clã, Emily se oferece para salvar sua irmã mais nova de tal destino. Mas em seu novo lar a única amiga que encontra é a irmã do líder – especialmente depois que a teimosia de Emily faz com que o chefe cancele o casamento. E embora seu plano estivesse naufragando, ela se recusa a voltar para casa...

Lachlan é o chefe do clã Balmoral – e líder de sua alcatéia. Um dos mais temidos lobisomens a vagar pelas Highlands, ele está marchando contra os odiados Sinclairs, que raptaram uma das mulheres Balmoral. Ele sequestra a irmã do líder dos Sinclair, planejando casá-la em vingança – mas a mulher que ele toma junto com ela se prova o maior dos prêmios...

Pois Emily provoca um desejo que ele nem sabia existir. E embora Lachlan não pense em se casar com uma humana – e inglesa ainda por cima – ele tem de entender como uma simples mulher consegue domar seu coração tão facilmente...

Disponibilização: PRT

Revisão Inicial: Anne Mayer

Revisão final e formatação: Marina Waski

Logo/Arte: Iara

Projeto Revisoras Traduções





Prólogo

Milênios atrás, Deus criou uma raça de pessoas tão ferozes que até suas mulheres eram temidas em batalha. Essas pessoas eram guerreiras em todos os sentidos, recusando-se a submeter-se ao domínio de qualquer um que não fosse um dos seus... sem importar o tamanho das tropas enviadas para subjugá-los. Seus inimigos diziam que eles lutavam como animais. Seus inimigos vencidos nada diziam, pois estavam mortos.

Eles eram considerados um povo primitivo e bárbaro porque desfiguravam suas peles com tatuagens em tinta azul. Os desenhos eram normalmente simples. Uma única besta era pintada em um contorno simples, embora alguns membros do clã tivessem mais marcas que rivalizavam com os celtas pela complexidade artística. Estes eram os líderes dos clãs, e seus inimigos nunca eram capazes de descobrir o significado de quaisquer das tatuagens azuis.

Alguns supunham que elas eram símbolos de sua natureza bélica e nisso estavam parcialmente certos. Pois as bestas representavam uma parte deles mesmos que esse violento e independente povo mantinha em segredo frente à dor da morte. Era um segredo que eles guardavam por séculos de sua existência, na época em que a maioria migrou através da paisagem européia para se estabelecer no inóspito norte da Escócia.

Seus inimigos romanos os chamavam de Picts, um nome aceito pelos outros povos de sua região e de regiões ao sul... Eles chamavam a si mesmos de Chrechte.

Sua afinidade com os animais na luta e na conquista vinha de uma parte de sua natureza que sua contraparte completamente humana não apreciaria. Pois este povo feroz mudava de forma e as tatuagens azuladas em suas peles eram marcas dadas como um ritual de passagem. Quando sua primeira mudança ocorria, eles eram marcados com o tipo de animal em que podiam se transformar. Alguns controlavam a transformação. Alguns não. E embora a maioria fosse de lobos, existiam grandes gatos caçadores e aves de rapina também.

Nenhum dos que se transformavam reproduzia-se tão depressa ou abundantemente quanto seus irmãos e irmãs inteiramente humanos. Ainda que eles fossem uma raça espantosa e sua perspicácia fosse aprimorada por uma



compreensão da natureza que a maioria dos humanos não possuía, eles não eram precipitados e não eram governados por sua natureza animal.

Um guerreiro podia matar cem de seus inimigos, mas ela ou ele poderia morrer antes de ter uma descendência, a morte levaria a um inevitável encolhimento do clã. Alguns clãs Pictish e aqueles conhecidos por outros nomes em outras partes do mundo já tinham se extinguido ao invés de se submeterem aos inferiores, porém numerosos, humanos ao seu redor.

A maior parte dos que se transformavam da região montanhosa da Escócia era muito esperta para enfrentar o fim de sua raça em lugar de se misturarem. Eles enxergavam o caminho para o futuro. No nono século d.C., Kenneth MacAlpin ascendeu ao trono escocês. De origem Chrechte por parte de mãe, MacAlpin era o resultado de um "casamento interracial", e sua natureza humana dominava. Ele não era capaz da "mudança", mas isso não o impediu de reivindicar o trono dos Pictish (como era chamado então). A fim de garantir sua majestade, ele traiu seus irmãos Chrechte em um jantar, matando todo o resto dos membros da realeza de seu povo—e estabeleceu para sempre uma desconfiança dos humanos em seus companheiros Chrechte.

Apesar desta desconfiança, os Chrechte perceberam que eles poderiam desaparecer lutando contra uma sempre crescente e invasora raça humana, ou poderiam se juntar aos clãs Celtas.

Eles se juntaram.

Até que o resto do mundo soube, embora muitos houvessem para confirmar sua antiga existência, que o que tinha sido considerado o povo Pictish não existia mais.

Por não ser de suas naturezas serem governados por qualquer povo que não o seu próprio, depois de duas gerações, os clãs Celtas que assimilaram os Chrechte eram governados por chefes de clã que se transformavam. Em sua maioria, os completamente humanos entre eles não sabiam disso; porém, poucos eram confiados aos segredos de seus parentes. Aqueles que sabiam os segredos estavam cientes de que trair o código de silêncio significava morte certa e imediata.

Aquele código de silêncio raramente era quebrado.



Capítulo 1

— E então o lobisomem levou a moça e nada mais foi ouvido de nenhum dos dois novamente. — Os tons sepulcrais de Joan se desbotaram quando as sombras escuras na cozinha se estenderam para cobrir as duas jovens a ouvir tão avidamente cada palavra sua.

Emily Hamilton tentou imaginar ser carregada para dentro da selva por um lobisomem, ou ser carregada para qualquer lugar longe daquilo que importava, mas não conseguia. Ela tinha dezenove anos, bem acima da idade em que a maioria das mulheres eram desposadas, ou até doadas para um convento. Ela passaria a vida como serva de sua madrasta.

Ela suspirou. Nem mesmo um lobisomem arriscaria a ira de Sybil para raptar Emily.

— Existem lobisomens de verdade nos Highlands¹? — Sua meia-irmã mais nova, Abigail, perguntou em um cuidadoso Galês.

Joan sacudiu a cabeça, nenhum fio do seu cabelo grisalho se espreitando para fora da touca de governanta que ela usava. — Não, jovem. Entretanto, se alguma vez houvesse um lugar onde tais monstros poderiam prosperar, seria naquela dura e montanhosa terra.

— Eu pensei que você tinha dito que o Highlands era lindo. — Emily inseriu, seu próprio Galês mais natural que o de Abigail.

Mas isso dificilmente seria uma surpresa. A maneira de sua irmã mais nova falar era resultado da tenacidade de Abigail. Quando a febre quase levou sua vida três anos antes, levou sua audição. Também destruiu o que havia de harmonia familiar na casa de Emily.

A surdez era considerada um sinal de mau agouro por alguns e uma maldição pela maioria.

Sybil deixou claro que ela teria preferido que a filha tivesse morrido em vez de ficar tão aflita. Em uma noite, Abigail tinha deixado de ser um recurso com o qual

¹ Região montanhosa da Escócia.



sua madrasta contava para promover seu próprio lugar no mundo e passou a ser um problema que era melhor ser evitado. Foi abandonada para Emily a tarefa de persuadir sua meia-irmã mais nova de volta à saúde e a viver dentro da rotina familiar novamente.

Como resultado do medo de que Abigail fosse rejeitada pelo resto das pessoas como tinha sido por sua própria mãe, Emily fez o seu melhor para esconder a aflição da sua irmã. A menina mais nova ajudou, trabalhando duro para aprender a ler lábios e continuar a falar como se ouvisse as vozes ao seu redor.

Até agora, a farsa teve sucesso. Poucas pessoas dentre os criados sabiam da inabilidade de ouvir da jovem de quinze anos.

— É um lindo lugar, pelo que a minha mãe sempre me disse... mas uma terra mais difícil de viver. Oh... os clãs são tão selvagens, até as mulheres sabem lutar.

Emily pensou que soava como um lugar mágico.

Uma hora mais tarde, o resto da família e os criados estavam na cama. Todo mundo estava, exceto seu pai e sua madrasta. Eles estavam no grande salão conversando. Emily era normalmente a última da família a ir para a cama e ela queimava de curiosidade para saber o que era importante o bastante para afastar seus pais de seu descanso.

Ela parou no topo da escadaria que levava ao grande salão e moveu-se para dentro das sombras. Escutar às escondidas podia não ser refinado, mas era um bom modo de satisfazer sua curiosidade e sua necessidade de ficar informada sobre os planos de seu pai e de sua madrasta. Muitos dependiam dela para protegê-los das maquinações de Sybil e da fria indiferença de seu pai para com o seu bem-estar.

— Certamente, Reuben, você não pode supor mandar Jolenta! — Sua madrasta gritou.

— A ordem do rei é completamente explícita, senhora. Nós estamos para mandar uma filha em idade de casar para este laird² no Highlands.

Emily se abaixou atrás de uma pequena mesa, encolhendo-se o quanto podia. Não era difícil. Muito para o seu desgosto pessoal, ela não era precisamente alta. Era um fato atirado nela por Sybil freqüentemente. Ela não tinha "porte real," como adequado à filha de um barão possuidor de terras. Ela supôs que não existia nada de real em se esconder atrás de uma mesa, não importava o quanto alta ela pudesse

² Proprietário de terras na Escócia.



ser. E aquilo era fato.

— Jolenta é extremamente jovem para ser desposada —, atacou Sybil.

— Ela tem quatorze anos. A mãe de Emily era um ano mais nova quando eu me casei com ela.

Sybil, Emily sabia, odiava qualquer menção à primeira esposa de seu marido, e respondeu ácida. — E um bebê pode noivar no berço. Muitas meninas são desposadas quando tem meros doze anos, mas quase todas morrem no parto. Você certamente não pode desejar tal destino para nossa delicada flor?

Seu pai emitiu um som impreciso.

— Você também pode sugerir que nós mandemos a pequena Margery ao invés de mandarmos minha querida Jolenta.

Em seu esconderijo, Emily teve que sorrir. Margery tinha seis anos. Até a Igreja se recusava a reconhecer núpcias contraídas entre partes menores de doze anos.

— Se Jolenta está em idade de casar, então seguramente Abigail aos quinze também está. Esta, sem dúvida, será sua única oportunidade —, Sybil insensivelmente disse.

A bÍlis subiu à garganta de Emily. Ela sempre soube que a outra mulher era fria, mas tal sugestão era monstruosa e seu pai tinha que perceber isso.

— A menina é surda.

Emily acenou com a cabeça de acordo e saiu de seu esconderijo para que pudesse ver seus pais. Eles estavam sentados à mesa de cabeceira quase diretamente abaixo de onde ela permanecia e estavam muito atentos um ao outro para olhar para cima e vê-la.

Sybil disse, — Ninguém sabe, exceto a família e uns poucos criados que não ousariam revelar nosso segredo.

Mas Abigail não poderia esperar esconder tal aflição de um marido, que foi exatamente o que seu pai disse.

— Quando ele perceber que ela é tão defeituosa, ele terá consumado o



casamento. Então ele não terá recurso —, Sybil disse com desprezo. — Ele é um Escocês, afinal. Todo mundo sabe que eles são bárbaros, especialmente os clãs do Highland.

— E você não está preocupada com o que ele fará com ela quando perceber?
— O senhor Reuben perguntou.

Emily teve que morder seu lábio para impedir-se de gritar com a egoísta mulher quando Sybil simplesmente deu de ombros com delicadeza.

— Eu não quero acabar em guerra com um dos clãs do Highland por isso.

— Não seja tolo. O laird dificilmente vai viajar esta distância para descontar sua raiva em você.

— Então, eu sou tolo? — O senhor Reuben perguntou em um tom perigoso.

— Só se você deixar os temores de uma velha o guiarem nesta decisão —, Sybil respondeu, mostrando o pouco que aquele lorde a intimidava.

— Você não foi a única pessoa que recomendou que eu enviasse o limitado contingente de cavaleiros para ajudar meu soberano em sua última requisição de guerreiros?

— Nós não poderíamos deixar nossas próprias terras protegidas de forma insatisfatória.

— Mas sua raiva pela minha mesquinha levou a este pedido.

— Eu estava certa, contudo, não estava? Ele não o puniu.

— Você não considera a perda de uma filha uma punição?

— Eles precisam de muitas de vez em quando e não é como se nós não tivéssemos um monte delas.

— Mas só uma que você considera totalmente dispensável.

— As outras ainda poderiam realizar uniões lucrativas.

— Até Emily?



A risada zombeteira de sua madrasta foi toda a resposta que seu pai obteve por aquele pequeno insulto.

— Eu mandarei uma mensagem ao rei que ele pode esperar minha filha viajar ao norte, até a propriedade de Laird Sinclair no espaço de um mês junto com seu dote.

— Jolenta não? Sybil perguntou, sua voz trêmula.

O senhor Reuben suspirou com repugnância. — Jolenta não.

Ele intencionava mandar Abigail. Horrorizada, Emily gritou, — Não!

Ambos, o Senhor Reuben e Sybil, giraram suas cabeças em sua direção como dois urubus pegos depenando uma carcaça.

Ela correu escadaria abaixo. — Você não deve mandar Abigail a um destino tão amaldiçoado!

A boca de Sybil franziu com desgosto. — Você estava ouvindo a conversa alheia novamente?

— Sim. E eu estou contente que estivesse. — Ela virou-se para o seu pai, seu coração na garganta. — Você não pode pensar em mandar Abigail tão longe para um marido que poderia acreditar que sua aflição é um sinal de Deus que ela é impura.

— Talvez seja tal sinal —, Sybil acrescentou, mas Emily a ignorou.

— Por favor, Pai. Não faça isso.

— Sua madrasta apontou que isso pode ser a única chance de Abigail conseguir casamento. Você negaria isso a ela?

— Sim, se significar mandá-la para um escocês bárbaro que ficará furioso quando perceber como você o enganou. — Quando o rosto de seu pai endureceu, Emily se forçou a dominar seu temperamento. Ela não queria perder a batalha antes de começá-la porque seu comportamento ofendia seu pai.

Ela abaixou os olhos, embora fosse difícil. — Por favor, Pai. Não fique ofendido, mas eu acredito que Sybil está errada. Eu não acho que um líder orgulhoso de um clã escocês aceitaria tal decepção tranquilamente e ficaria



contente em descontrar sua fúria em sua infeliz esposa.

O fato que qualquer um de seus pais pensasse que aquela era uma alternativa aceitável era mais do que ela podia agüentar.

— Você acredita que o líder do clã declararia guerra?

— Sim.

— O que ela sabe? — Sybil troçou. — Ela não conhece nada do mundo.

— Eu ouvi as histórias desse povo cruel, Pai.

— Histórias contadas para amedrontar crianças tolas —, Sybil disse.

— Então minha filha é tola também? — O senhor Reuben perguntou, provando que não esqueceu o insulto anterior de sua esposa.

As mãos de Sybil se fecharam aos lados de seu corpo quando ela percebeu que havia cometido um erro ao falar tão francamente agora que eles dois sabiam que a conversa tinha sido ouvida. O orgulho do seu pai poderia aceitar tal intransigência de sua esposa em particular, mas ele não iria tolerar que outros—até mesmo uma modesta filha—o vissem através de um prisma que poderia fazê-lo parecer fraco.

Emily estava determinada a usar aquilo em seu proveito. — Pai, você é um dos mais sábios dos barões do rei. Todos sabem disso.

— Muito sábio para arriscar guerra contra um povo bárbaro simplesmente para aplacar alguém excessivamente controlador?

Emily sabia que era melhor não responder, então ela permaneceu muda enquanto Sybil ofegava de ultraje.

— Quem você enviaria no lugar dela?

— Jolenta? Ela perguntou.

— Não! — Sybil gritou e então se agarrou à manga de seu marido. — Considere, meu querido senhor, a noiva do herdeiro do Barão de Coucy morreu de uma febre há menos de um mês. O barão estará procurando por uma nova noiva para desposar muito em breve. Sua mãe já deixou claro que ela acha Jolenta encantadora.



A menina mais nova tinha passado os últimos dois anos na Corte, uma honra que a Emily nunca foi concedida.

— Eu pensei que você tinha dito que ela era muito jovem para se casar.

— Com um escocês selvagem, mas não com o filho de um poderoso barão.

— Então quem você mandaria de acordo com a ordem do rei?

— Abigail...

— Não, por favor, Pai...

— Eu não concebo uma guerra por causa da disponibilidade de uma de minhas filhas.

Emily recuou ante o comentário do seu pai. O silêncio caiu entre eles e ela temeu sua consequência se ela não dissesse nada. Todavia, o horror pelos seus próprios pensamentos e pelo o que eles significariam para a irmã que ela deixaria para trás, bem como para ela mesma a preencheu.

Ela respirou fundo e então se forçou a dizer, — Mande a mim.

— Você? Você acha, meu senhor, que o escocês não declarará guerra se você mandar uma garota tão indisciplinada? Ela com certeza o ofenderá em sua primeira semana como sua esposa.

— Você mesma disse isso, eles são bárbaros. Ele dificilmente apreciaria uma verdadeira dama inglesa.

Uma antiga dor queimou o coração de Emily. Seu pai não tinha uma melhor opinião dela do que sua madrasta. Ela soube daquela verdade particular desde a morte de sua própria mãe, quando ele tinha repreendido uma garotinha chorando sobre o túmulo da mãe com a revelação de que ela não era o filho que ele almejava. Se ela fosse, sua mãe não teria morrido tentando dar à luz a outro filho.

Emily conhecia as palavras cruéis e a mentira que elas eram... agora. Mas até ela ver Sybil ficar imensamente grávida duas vezes mais depois de dar a seu pai o herdeiro que ele exigia, ela tinha acreditado nelas. E sentia-se sem valor por sua causa.



Mas ela não acreditava mais que nascer mulher a desmerecia. Seis anos de correspondência com uma poderosa madre superiora a curaram daquela aflição. Ela lembrou a si mesma daquele fato enquanto levantava o olhar para encontrar o do seu pai.

Era como se ele tivesse esperado que ela o fizesse. — Acha que você se dará melhor do que Abigail nas regiões inexploradas da Escócia?

— Sim.

— Eu acho que talvez você esteja certa. — Ele virou-se para sua esposa. — Está decidido. Eu enviarei Emily em resposta à demanda de meu soberano.

— E Abigail? — Emily perguntou.

— Ela ficará aqui, sob minha proteção.

O grande lobo negro cheirou o ar, seu poderoso corpo curvado para saltar em um movimento instantâneo, se precisasse.

Longe de seu próprio território, mesmo na presença de seus companheiros, a situação era carregada de perigo. Ele não trouxe uma força de ataque e o clã que ele veio espiar tinha um contingente completo de lobos guerreiros. Alguns deles eram até tão fortes quanto ele mesmo.

Aquilo significava que tinha que andar cuidadosamente.

Ele abriu caminho silenciosamente pela floresta, sabendo que seus dois companheiros o seguiam, embora ele não pudesse escutá-los. A presença de todos os três não foi detectada por homem ou besta e assim era como deveria ser.

Seu pai tinha começado a ensiná-lo a mascarar seu odor desde a noite de sua primeira mudança, e ele aperfeiçoou a arte. Outros lobisomens e até animais selvagens poderiam chegar perto o bastante para tocá-lo na escuridão e nunca saber que ele estava lá. Ele tinha escolhido dois guerreiros com a mesma habilidade para acompanhá-lo.

Embora ele freqüentemente parasse para farejar o vento, não foi o seu nariz ultra-sensível que capturou o primeiro sinal de que seu irmão Ulf estava certo. Particularmente, suas orelhas captaram um som que nenhum humano podia ouvir a



semelhante distância. Da terra do clã, além das árvores e através da expansão de grama cheia de arbustos, ele ouviu o som inconfundível da risada da jovem.

A loba, Susannah, estava aqui.

Sua suave voz humana falou, entretanto nem a sua audição superior foi capaz de decifrar as palavras. Ela não soava como se estivesse angustiada, mas aquilo não mudava os fatos nem como ele devia responder a eles.

A lei do clã... a lei do antigo clã, conhecida pela maioria dos celtas e por todo guerreiro Chrechte que se juntou a eles dois séculos atrás... foi violada. Uma mulher Balmoral foi tomada em casamento sem o consentimento do chefe do clã.

Lachlan, laird de Balmoral e líder do contingente Chrechte entre eles, não toleraria o insulto.

Ulf estava certo a respeito do que aconteceu a loba fêmea que desapareceu durante a última caçada da lua cheia. Ele também estava certo quando disse que os Sinclairs deviam pagar. Nenhum chefe Highland toleraria tal insolência direcionada contra seu clã e a ele mesmo como pessoa. Isso implicava que os Sinclairs pensavam que ele era muito fraco para reforçar a lei do clã, que seus guerreiros não protegiam suas mulheres.

A Inglaterra seria sua aliada antes que ele permitisse que tal opinião sobre seu clã permanecesse sem ser desafiada. Porém, não era uma declaração de guerra que daria uma mensagem de maior impacto aos outros clãs Highland, mas uma bem planejada vingança. Como ele disse a Ulf quando seu irmão sugeriu montar um ataque imediato na propriedade Sinclair.

Montando um cavalo exausto e sentindo-se menos do que estupenda ela mesma, Emily inspecionou sua nova casa com curiosidade e temor.

A jornada desde o baronato de seu pai foi uma longa e árdua subida até alcançar os Highlands. Logo depois de alcançar a terra Sinclair, uma comitiva de guerreiros chegou para terminar de escoltá-la até a sua fortaleza.

Emily ficou desapontada e aliviava ao descobrir que aquele que seria seu marido não os acompanhava. Uma parte sua queria muito um primeiro encontro, mas uma parte muito maior estava contente em adiá-lo indefinidamente.



Os guerreiros Sinclair recusaram-se a permitir que os soldados ingleses adentrassem na propriedade Sinclair. Eles assumiram o comando de sua escolta e Emily os achou uma companhia realmente infeliz. Eles não falavam a menos que se fizesse uma pergunta e então eles a respondiam com monossílabos, se possível. Será que seu prometido faria o mesmo?

Talvez ela se sentisse melhor se as pessoas parassem de encará-la tanto. Ninguém sorriu, nem mesmo as crianças. Alguns adultos abertamente a olhavam com raiva. Ela virou-se para o guerreiro da sua escolta que estava mais próximo. — Algumas pessoas do clã parecem hostis. Por que isso?

— Eles sabem que você é inglesa.

Aparentemente aquilo deveria explicar tudo porque ele parou de falar e até sua curiosidade não foi capaz de questionar mais o soldado.

Então o clã sabia que ela era inglesa? Aquilo devia significar que eles estavam esperando por ela.

Para aqueles com alguma dúvida, suas vestes a teriam traído, ela acreditava. Ela vestia uma túnica azul escura por cima do seu limpo vestido branco com elegantes mangas largas há três dias. Estava agora amassado e molhado como o resto de si, mas mesmo assim permanecia puro, não era nada como o traje dos Highlanders.

Todos eles vestiam plaids³, até as crianças. As cores eram verde escuro, azul e preto. Era uma combinação notável. Ela disse algo sobre aquele efeito para um de sua escolta no primeiro encontro—reconhecidamente em um esforço para fingir que não estava reparando no fato de que suas pernas estavam tão nuas quanto um bebê sendo lavado. Ele rosnou que claro que eram encantadoras; elas eram as cores Sinclair.

Ela parou de tentar puxar uma conversa sobre assuntos triviais logo depois disso.

Ela voltou seu interesse do povo menos-que-hospitaleiro para o castelo Sinclair. A construção a surpreendeu. Ela não sabia ao certo o que havia esperado, mas algo muito parecido com a casa de seu próprio pai não tinha sido. O solo elevava-se até uma colina com um fosso ao redor. A fortaleza, que se parecia com uma única torre alta, foi construída no topo da colina com uma parede em volta. A parede de madeira estendia-se colina abaixo também a cercar a muralha do castelo.

³ Manta escocesa feita de lã colorida, usualmente levando as cores dos clãs.



Ela não imaginava algo tão grande no Highlands. Talvez seu prometido não fosse tão bárbaro afinal. Talvez ele até tivesse um coração amável e permitisse que ela mandasse buscar Abigail para vir viver com eles. Essa era sua esperança mais fervorosa.

Sua escolta a levou através da ponte levadiça em direção a fortaleza.

Um grupo de soldados nos degraus da fortaleza chamaram sua atenção. Eles todos estavam de pé com os braços cruzados e olhavam com cara feia à sua aproximação. Um soldado, que permanecia no meio e era mais alto que todos os demais, a olhou ainda mais ferozmente. Ela tentou evitar olhar para ele porque a antipatia, não, o ódio, que emanava dele era apavorante.

Ela esperava que ele não fosse um dos conselheiros íntimos de seu prometido. Ela esquadrinhou a multidão para encontrar seu futuro marido, o senhor deles. Sua escolta a conduziu quase até os soldados pouco amigáveis antes que ela entendesse que um deles devia ser ele. Sua única desculpa por ser tão lenta para perceber era o seu profundo desejo de que aquele não fosse o caso.

Por favor, não deixe que seja o homem furioso no centro, ela pediu fervorosamente, cruzando os dedos para se garantir.

Quando o soldado do meio aproximou-se, ela ofereceu aos céus um último apelo desesperado. Mas ela sabia que tinha sido em vão quando, sem lhe dirigir a palavra, ele acenou a sua escolta para que o seguisse.

— Onde você quer a inglesa? — Chamou o soldado mais próximo a ela.

Seu futuro marido meramente deu de ombros e continuou calado. Por sua vida, ela não conseguia pensar em qualquer boa desculpa para seu comportamento. Mesmo que ele fosse um bárbaro como Sybil alegou.

Ela pôde apenas ficar feliz que Abigail não tivesse sido enviada em seu lugar. Só Deus sabe que espécie de coisas horríveis ele poderia ter feito a sua gentil irmã. Ou talvez o diabo que sabe.

Ela expulsou o mau pensamento, mas não pôde liberar tão facilmente a sensação de mau presságio se estabelecendo em cima dela.



Capítulo 2

Os que faziam a escolta de Emily desmontaram de seus cavalos e dois jovens garotos apressaram-se para levar os animais embora. Ela apressou-se a descer de seu próprio cavalo cansado e quase caiu sobre o traseiro no processo. Suas pernas adormeceram no longo percurso desde a aurora e elas doíam como se estivessem em chamas.

Lágrimas débeis picaram seus olhos, mas ela as afugentou. De repente uma mão esticou-se para firmá-la. Assustada, ela olhou para cima. Era uma das mulheres do clã.

Ela era adorável com o cabelo escuro encaracolado e ligeiramente preso, aveludados olhos castanhos. Ela também estava grávida. Emily não pôde deixar passar a sobressalente saliência debaixo da manta da mulher, mas se não estivesse enganada, a outra mulher estava só a cerca de cinco meses do parto.

Ela fez uma reverência. — Meu nome é Caitriona, mas me chamam de Cait. Estou para ser sua irmã. — A mulher falou devagar e com um pesado sotaque irlandês que lembrou a Emily o quanto longe para o norte da Escócia ela tinha viajado.

— Você fala inglês? — Emily perguntou em choque, devolvendo a mesura da mulher, um pouco desajeitada porque seus músculos ainda não queriam cooperar — Sim.

— Eu estou muito encantada de conhecê-la Cait. Meu nome é Emily Hamilton, filha do Senhor Reuben —, ela disse em Gaélico.

— Eu tinha chegado a essa conclusão —, Cait disse com um provocante brilho no olho. Você fala a nossa língua.

— A propriedade de meu pai fica na fronteira.

— Ah. Eu sabia apenas que você era inglesa.

— Eu não suponho que você saiba onde eu deveria ir agora?



Os soldados tinham desaparecido. — Você ficará comigo até o casamento. Eu sinto muito que você não possa ter o seu próprio quarto, mas não há dormitórios vazios no castelo neste momento. — Cait sorriu desculpando-se, seu rosto brilhando ainda com mais beleza quando o fez.

Não é de se estranhar que o futuro marido de Emily estivesse chateado que tenha sido ordenado a casar-se com ela se as mulheres do Highland fossem todas tão adoráveis quanto aquela. Ela não tinha ilusão sobre sua própria aparência. Sybil tinha se certificado disso. Sua falta de altura não era a única coisa que a mulher mais velha achava que carecia na aparência de Emily. De acordo com Sybil, o cabelo de Emily era muito ondulado e muito suave.

Diferentemente dos lustrosos cachos escuros da mulher à sua frente, o cabelo de Emily era de um tom entre o loiro e o castanho claro. Sybil freqüentemente comentava que ele não conseguia decidir qual dos dois tons tencionava ser.

Ela também lamentava o fato de que os olhos de Emily fossem de cor lavanda. Quem já ouviu falar em olhos violetas? Sybil disse mais de uma vez aos ouvidos de Emily, que ela pensava que poderia ser um sinal dos céus e não um dos bons. Mas sem dúvida, o pior defeito de Emily, de acordo com sua madrastra, era seu corpo bem arredondado, muito curvilíneo para ajustar-se ao ideal estético de alta, régia e suave feminilidade.

— Seu marido não se importará se eu ficar com você? — Ela perguntou enquanto seus rígidos dedos trabalhavam para desamarrar os laços que seguravam a bolsa presa a sua sela.

Cait assumiu a tarefa. — Meu companheiro morreu em batalha quatro meses atrás.

Emily não perguntou em que batalha. De acordo com os ingleses e até com os escoceses da parte de baixo, os Highlanders passavam todo seu tempo em guerra, ou preparando-se para uma. — Eu sinto muitíssimo. — Ela estendeu a mão e impulsivamente apertou a da outra mulher. — Você tem certeza que não se importará de compartilhar sua casa?

A mulher de luto poderia muito bem querer sua privacidade.

— Não, eu gostarei da companhia. É muito solitário no castelo às vezes, sendo a única mulher na residência.

Então, Cait vivia no castelo? Emily não estava certa se essas eram boas ou más



notícias visto que era com o guerreiro de expressão raivosa que ela deveria casar. — Não há criadas? — Emily perguntou, espantada quando o completo significado das palavras da mulher penetrou em sua cabeça.

— Algumas, mas elas vivem na muralha.

— Nenhuma vive no castelo? — Emily perguntou, observando a enorme construção em forma de torre. De perto parecia muito maior do que à primeira vista, definitivamente grande o suficiente para alojar uma família e seus criados confortavelmente. — Quem ocupa os dormitórios?

— Guerreiros.

— Isto não é incomum?

Cait suspirou. — Não aqui.

— O laird está planejando uma guerra? Eu não pude evitar, mas notei que ele não me cumprimentou nem mostrou qualquer reação à minha chegada. — Bem, nada além de antipatia e ela não queria soltar a língua e dizer isso. Ela esperava que ele estivesse simplesmente de mau humor... não que ele verdadeiramente a odiasse tanto quanto seu olhar sulfúrico indicava.

— Não ligue para Talorc. Ele não está conformado com este casamento, mas ele voltará a si. — Cait respondeu encorajadamente enquanto a conduzia caminho adentro.

Ela disse outra coisa, mas Emily parou de escutar. O grande corredor do castelo era cavernoso e mal iluminado. Também estava cheio de soldados usando mantas com as cores Sinclair. Os homens ignoraram Cait e Emily, e por aquilo ela estava muito agradecida.

Ela tinha achado sua escolta bastante intimidante, mas em conjunto os guerreiros de sua nova família eram completamente assustadores.

Ela correu para mais perto de Cait, seguiu a outra mulher até a parte de trás do corredor e desceu um lance de degraus. Uma entrada à direita revelava um armazém, mas Cait a levou para o quarto à esquerda. Era um quarto pequeno. Diferente da maioria dos quartos do andar inferior do castelo, tinha uma série de minúsculas janelas parecidas com caixas próximas ao teto que deixavam a luz entrar.



Era limpo e muito mais alegre que o simples grande salão. Emily deixou sua bolsa na cama ao lado de vários pacotes que ela reconheceu como os que sua escolta trouxe em seus cavalos depois de mandar os soldados de seu pai embora.

A cama estava coberta com a manta Sinclair. Outra manta estava drapejada em cima da única cadeira no quarto e havia dois pequenos baús junto a uma parede.

Cait ergueu a tampa de um. — Você pode pôr suas coisas aqui.

— Obrigada. — Emily não queria nada além de enrolar-se na cama e dormir até o próximo século, mas ela começou a colocar seus pertences no lugar. — Você disse que seu irmão não estava em paz com seu casamento?

Cait ajudou a obviamente exausta inglesa dando seus pacotes da cama. — Sim.

— Por quê? Ele queria se casar com outra pessoa? Ele odeia o fato de que eu seja inglesa?

— É muito incomum para um Highlander casar com alguém de fora dos clãs — , Cait disse diplomaticamente.

Mas a verdade era que ela ainda estava chocada que seu irmão tenha consentido com a exigência do rei de desposar uma mulher inglesa. Talorc tinha mais razão do que a maioria para desconfiar dos ingleses e dos humanos. Visto que Emily era ambos, Cait não podia evitar preocupar-se que a união estivesse condenada.

Ela tentou pensar positivo e acreditar que seu irmão conseguiria abandonar seus preconceitos. Ele simplesmente se recusava a ver que nem todos os humanos eram indignos de confiança porque alguns eram capazes de traição. Alguns Chrechte eram capazes de traição também; não era simplesmente uma debilidade humana. Mas não fazia diferença para Talorc. Ele escolheu enxergar todos os humanos como fracos e sem princípios.

Semelhantemente, não se poderia amontoar todos os ingleses juntos; todos eles não poderiam ser usurpadores pagãos, não é? Certamente a doce mulher ao lado dela não tinha o cheiro de traição ou cobiça aderido a sua pessoa como tinha a madrasta deles.

— Você quer dizer que eles estão tão chocados pelo fato de que eu seja inglesa quanto meus pais ficaram ao descobrir que uma de suas filhas tinha que ser



enviada para se casar com um escocês? — Emily perguntou.

Cait suspirou. — Chocado é uma palavra suave para descrever a reação de Talorc quando ele recebeu a ordem do rei da Escócia.

— Entendo.

— Não leve isso de forma pessoal —, Cait disse seriamente.

— Como eu posso levar? O homem não me falou uma única palavra.

Cait relaxou, o alívio aumentado dentro dela. — Estou feliz que você seja tão sensata. Ela suspirou novamente. — Eu não posso dizer o mesmo do meu irmão.

— Ele irritou o rei de vocês para ser castigado desta forma?

— Não —, Cait ofegou. Onde os ingleses obtinham essas idéias deles? — O rei David respeita meu irmão bastante, mas ele foi influenciado pelos Normandos da Inglaterra e adotou muitos de seus costumes. É por isso que ele desejou que Talorc tomasse uma noiva inglesa. Ele está esperando que você o dome.

Aquilo fez Emily virar-se e ofegar. Ela parecia que tinha acabado de engolir um peixe inteiro. — Seu irmão disse isso a você? — Ela exigiu. — Eu não teria pensado que um guerreiro tão feroz confiaria uma coisa tão pessoal a sua irmã mais nova.

Cait teve que rir daquilo. — Oh, não. Eu escutei os soldados conversando.

Emily deu um sorriso e então riu quando Cait corou pelo que tinha admitido.

— É um hábito vergonhoso, eu sei, mas...

— Como você descobriria alguma coisa de outro jeito? — Emily terminou por ela.

Sentindo como se tivesse encontrado uma verdadeira irmã de coração, Cait perguntou, — Você não acha que eu sou horrível?

— Eu escutei por acaso muitas conversas importantes no feudo de meu pai. — Emily encolheu os ombros. — Os homens mantêm as mulheres na escuridão quando não deveriam... e pais nem sempre são francos com seus filhos como se pode desejar.



— Amém para isso. Meu irmão tem sido como um pai para mim por muitos anos. Ele nem sequer me contou que tinha arranjado meu casamento até que eu fui chamada ao grande salão para falar os meus votos.

— Você foi feliz em seu casamento?

Cait queria poder dizer que sim, porque era tão óbvio que sua nova amiga estava procurando algum tipo de consolo, mas ela não conseguiria mentir para a outra mulher. Nem mesmo pela paz de espírito de Emily. — Foi uma boa união para sedimentar o poder do meu irmão no clã, mas Fergus e eu tínhamos muito pouco em comum.

— Ainda assim, deve ser difícil ele ter partido agora que você está grávida de seu filho. — Então a mão de Emily voou para cobrir sua boca. — Eu sinto tanto. Eu sei que eu não devia falar disso.

— Esse é um costume inglês, fingir ignorância quando uma mulher está grávida? — Cait perguntou, tentando não rir da idéia. Ela não desejava ofender a outra mulher.

— Na verdade, sim.

Cait balançou a cabeça. — Eu estou para dar à luz em quatro meses e eu mal posso esperar. Ser uma mãe é uma grande bênção para o meu povo.

— A madre superiora diz que de acordo com a Igreja, dá-se à luz para retificar os pecados de Eva. — A fronte de Emily enrugou-se. — É considerada uma bênção dos Céus a união conjugal.

— Uma abadessa disse isso? — Soava mais como algo que um padre inglês diria para Cait.

A boca de Emily entortou-se em um pequeno sorriso e ela piscou de forma conspiradora para Cait. — Bem, ela não disse que concordava.

— Eu ouvi dizer que uma abadessa pode ser uma mulher de grande poder político na Inglaterra.

— Sim.

— Você tem sorte então de ser parente de uma.



— Oh, eu não sou.

— Então você foi mandada para uma abadia para receber instrução?

— Não, mas uma abadessa muito sábia ficou nas terras de meu pai enquanto viajava de sua abadia até a casa de uma de suas antigas alunas. Ela era maravilhosa. Ela também nunca ficava impaciente por responder as minhas perguntas e até tentou conversar com o Papa para me permitir freqüentar a instrução na abadia. Minha madrasta se recusou e tempos depois eu tive motivo para ficar feliz, apenas porque me foi permitido corresponder-me com a abadessa freqüentemente. Eu acho que foi mais porque minha madrasta não desejava fazer dela uma inimiga, mas qualquer que fosse a razão, suas missivas serão uma das coisas que eu devo mais sentir falta vivendo aqui. — Ela sorriu com coragem, embora seus olhos violetas estivessem coroados de fadiga. — Tenho certeza que acharei outras coisas para compensar isso.

Cait admirou o espírito de Emily e só esperava que sua fé fosse recompensada.

Emily descobriu muitas coisas estranhas sobre sua nova casa durante os dias seguintes. Não menos que isso era o fato de que seu futuro marido ainda não tinha lhe falado uma única palavra. Na maior parte do tempo, ele a ignorava. Porém, quando ele dignava-se em notá-la, cada pedaço de sua carranca estava tão furiosa quanto da primeira vez que o viu.

Ela não fez nenhum esforço para se apresentar, determinada a guardar-se para conhecê-lo depois, quando ele estivesse com um humor melhor. Ela achava que aquilo só aconteceria no dia em que ela fosse se encontrar com o Criador.

Ela ajudou Cait com o trabalho diário de administrar o castelo, assim como fazia com Sybil, mas apreciou mais a tarefa. Ela e Cait tinham muito em comum e progrediam para tornarem-se boas amigas muito depressa.

As duas mulheres estavam cruzando o grande salão uma noite depois de sua chegada quando Talorc virou-se para elas. — Cait, traga a mulher aqui.

Cait fez careta ante o tom grosseiro do irmão, mas virou-se para obedecer.

A mulher? Emily não pôde acreditar no desaforo do laird. Se ele não começasse a mostrar alguma educação logo, ela iria lhe dar uma aula que faria Sybil parecer uma amigável fofqueira. Seu temperamento, que tinha sido provocado em sua chegada, subia em direção à fervura.



Quando Cait passou, ela sussurrou para Emily, — Não o deixe assustá-la. Seu latido é pior que sua mordida.

Ela quase riu porque era óbvio que Cait estava pelo menos um pouco assustada ela mesma. Porém, logo ficou zangada pelo pensamento. Uma mulher grávida não devia se aborrecer de modo algum. Seu pai não dizia isso freqüentemente quando Sybil estava esperando bebê? Emily girou e olhou furiosamente para Talorc, mas não se moveu para obedecer.

— Ela é estúpida, então? Por que ela não a está seguindo? — Talorc exigiu em voz alta de sua irmã. — Você me disse que ela falava nosso idioma.

Cait voltou uma face preocupada para Emily e seus olhos arregalaram-se em pratos quando ela viu sua posição desafiante. Então ela sorriu.

Emily não lhe deu uma chance de responder ao seu irmão. — Por que você não pergunta a essa mulher você mesmo? — Ela desafiou Talorc. — Isto é, se você puder trazer a si mesmo para falar com ela.

Se ele pensava que ela diria seus votos a um homem que nem mesmo dirigia-se a ela, então ele estava completamente enganado.

— Ou talvez eu apenas lhe diga. Eu não sou estúpida, nem sou surda. Você não precisa gritar seus pedidos como um velho que não ouve mais corretamente.

— Você ousa me insultar? — Talorc rugiu.

— Claro que ela não o insulta. — Cait interrompeu com velocidade.

Emily começou a caminhar em direção ao líder do clã. — Não, eu não o insulto.

Talorc movimentou a cabeça ante a sua declaração, aparentemente mais tranquilo. Porém suas próximas palavras o deixaram vermelho de raiva.

— Quando eu quiser insultá-lo, eu posso pensar em coisas muito mais ofensivas para chamá-lo do que de velho. É mais um insulto aos homens idosos comparar seus gritos de surdez aos seus gritos grosseiros —, ela respondeu, movimentando a cabeça para dar ênfase.

Isso fez Talorc berrar novamente acerca das línguas bárbaras das mulheres



inglesas. Ela riu alto ao ser chamada de bárbara por alguém tão rude como o homem que gritava com ela. Ela notou Cait sorrindo, também. Olhando para ela, Emily tinha certeza que a sua amiga recém-descoberta compreendia o seu divertimento.

Talorc sentiu como se explodisse. Ele agarrou a mulher quando ela o alcançou, mas se impediu de sacudi-la. Sua força era muito mortal para permiti-la reinar livremente contra uma inocente, até uma fêmea inglesa rebelde. Ela era bonita com seus olhos violetas e curvas femininas, mas ele não sentiu nenhuma reação física ao tocá-la.

Ele a puxou perto até que suas coxas roçassem e... nada. Nenhuma luxúria mexia-se em seus quadris, nenhum desejo de acasalar com a fêmea. Exatamente como ele temia quando a ordem veio de seu rei. Talorc era um lobisomem e até acasalando com uma fêmea loba, a possibilidade de prole era baixa, mas com uma humana ela era quase inexistente.

Só em uma verdadeira união poderia um lobo e um humano juntos resultar em crianças. Ele não sabia como dizer se uma mulher era sua verdadeira companheira. De acordo com os anciões de seu bando, não havia modo... não até depois que a união física acontecesse. Mas uma vez que aquele evento acontecesse, não poderia haver volta. As leis do seu bando estipulavam que uma união física ditava um laço de toda uma vida.

Porém, ele estava certo de uma coisa. Ele iria pelo menos desejar fisicamente a mulher se eles estivessem destinados a ser verdadeiros companheiros. Ele não desejava esta mulher. Embora admirasse seu espírito, ele nem mesmo gostava dela. Como ele poderia? Ela era inglesa.

Seu próprio pai aprendeu a tolice de se casar com os traiçoeiros ingleses. Não se podia confiar neles... nunca. E ele não teria sua companheira escolhida por um rei humano totalmente cativado por seu inimigo sulista.

Ele afastou Emily, seu repúdio refletido de volta a ele nos olhos de lavanda que cuspiam fúria.

As mulheres de seu clã não eram indisciplinadas, mas ele não tinha desejo de domar essa gata selvagem inglesa. — Escute bem, mulher, eu não me casarei com meu inimigo nem para agradar o meu rei.

— Esplêndido —, ela respondeu. — Eu acredito que iria preferir casar-me com um bode do que com você!



Cait aproveitou-se da surpresa de seu irmão para levar Emily rápido escada acima até o seu quarto. Ela se apressou com ela para dentro e fechou a porta.

Ela olhou para Emily com uma mistura de descrença e assombro. — Você é maluca?

— Não, ele é?

Cait sorriu. Seu sorriso se transformou em uma risada e logo as duas estavam a rir tão alto que Cait desmoronou na cama e Emily apoiou-se contra a parede para sustentar-se.

— Eu não posso acreditar que eu estou rindo quando meu irmão irá seguramente nos matar —, Cait ofegou.

— Eu suponho que a coloquei em apuros com minha língua precipitada, não é? Embora, como Talorc poderia considerar você responsável por mim depois de semelhante pequeno conhecimento eu não sei.

Cait balançou a cabeça. — Ele não ficará verdadeiramente bravo comigo, mas eu penso que ele falou sério sobre não se casar com você.

— Isto é uma bênção pelo que eu vejo —, Emily disse com um pouco de aspereza.

Cait afastou-se da parede, alisou suas desgarradas pregas e agitou a cabeça. — Se ele não se casar com você, o que acontecerá?

O sentimento de vitória de Emily murchou. — Eu não sei. — Ele com certeza não mandaria buscar sua irmã Abigail para vir viver com eles em seu estado de espírito atual.

— Você realmente disse ao meu irmão que preferia casar com um bode? — Cait perguntou, enquanto ela endireitava as suas agora arrumadas pregas acima de seu abdômen inchado.

Emily se sentiu corar pela lembrança e a decepção a preencheu. Ela deixou a Inglaterra determinada a fazer-se indispensável no ambiente familiar de seu prometido de forma que ele a deixaria trazer Abigail para os Highlands. Agora, ele provavelmente a mandaria para casa com a cara no chão.



E ela não tinha dúvida de que Abigail seria enviada em seu lugar, ainda que ele não solicitasse uma nova noiva. O estômago encolheu ante o pensamento.

Ela suspirou irritada consigo mesma. A rudeza do homem não era desculpa para que ela perdesse a cabeça daquele modo. — Sim, eu disse. Eu não sei o que deu em mim. Sybil está sempre me dizendo que eu preciso ser mais refinada. Eu suponho que seu irmão pensa que eu não sou e não existe esperança alguma que mude de idéia.

Cait riu novamente e sacudiu a cabeça. — Essa é uma declaração incompleta. Meu irmão não está acostumado que homens o desafiem. Um desafio de uma mulher está fadado a mantê-lo em um humor horrível por um bom tempo. — Cait sossegou um pouco pelo pensamento.

— Você acha que ele falou sério sobre não se casar comigo, até contra as ordens de seu soberano?

— Você não precisa soar tão feliz sobre isto. Talorc não é tão mau —, Cait respondeu de forma censurável.

— Sim, claro, você devia dizer isso. Você é sua dedicada irmã afinal. E eu não sou otimista... não exatamente. — Não quando seu dever com sua irmã ditava que ela se casasse com o raivoso guerreiro. — Mas você acha que ele falou sério?

— Eu não sei. Talorc raramente diz algo que não seja sério. De fato, eu não estou certa se me lembro de alguma vez que ele tenha feito isso —, Cait admitiu.

— Você acha que ele me mandará de volta para a Inglaterra?

Os olhos de Cait encheram-se de preocupação. — Eu não sei, mas eu não quero que você vá. Eu vim para contar com a sua companhia.

Aquela era uma pergunta que ainda não tinha sido respondida na tarde seguinte. Emily queria desesperadamente ir para casa, mas sabia que não importava o que Talorc decidiu para seu futuro, ela tinha que dissuadi-lo de mandá-la de volta para a Inglaterra. Com toda certeza ela teria que desculpar-se.

E o pensamento de se desculpar com o laird era tão desagradável quanto a possibilidade de casar-se com ele.

Mas Abigail nunca sobreviveria à vida em meio ao clã Sinclair. Eles eram pessoas preconceituosas, e o mal de Abigail, além dela ser inglesa, estava destinado



a fazer sua vida um tormento.

Cait era a única pessoa no clã que fazia Emily sentir-se bem-vinda de todas as maneiras. Todos os outros a ignoravam ou eram rudemente hostis. Especialmente os soldados. Era como se eles estivessem pessoalmente ofendidos de que ela tivesse sido escolhida para casar com seu laird. Ela sentia-se como uma leprosa e sem a amizade de Cait, ela teria se desesperado.

Como foi quando as duas mulheres foram para o riacho que as outras mulheres do clã usavam para se lavarem, elas foram saudadas por olhares furiosos e nem um único sorriso de boas-vindas. Emily fez o seu melhor para ignorar os acenos de rejeição que iam de um lado para outro e começou a lavar suas roupas arruinadas pela sujeira na jornada ao norte da Inglaterra. Mas uma por uma, cada mulher do clã se foi, deixando claro que não queriam ser manchadas pela sua presença. Estúpidas, débeis lágrimas encheram seus olhos.

— Elas são desse jeito com todas as pessoas de fora? — Emily perguntou a Cait enquanto piscava tentando conter a umidade em seus olhos e tentando fingir que não a aborrecia.

— Não. Um de nossos guerreiros acabou de unir-se com uma mulher do clã Balmoral e as outras mulheres calorosamente a aceitaram. — Cait suspirou. — Eu temo que notícias de seu confronto com meu irmão alcançaram o resto do clã. Eles são muito leais ao laird.

— E eu o chamei de bode.

— Não exatamente —, Cait disse com um sorriso.

— Você é leal para com o seu irmão, mas você não me odeia, não é? — Ela perguntou, percebendo que o coração bondoso de Cait poderia ser movido por piedade, mas que ela podia muito bem não gostar de Emily tanto quanto o resto do clã.

— Claro que não. E as outras mulheres nem chegaram a conhecê-la, tampouco.

— Elas não se importam que ele me chame de inimiga?

Cait encolheu os ombros. — Você é inglesa.

— E, portanto, o inimigo?



A outra mulher suspirou tristemente. — Sim, mas é mais que isso. Eu creio que deveria ter lhe contado. Apenas tive esperanças que Talorc aprenderia a ser razoável sobre isso.

— Sobre que?

— Nosso pai casou-se com uma inglesa.

— Sua mãe era inglesa?

— Não. Ela morreu quando eu era muito pequena. Nosso pai casou de novo quando Talorc tinha quatorze anos. Eu tinha cinco na época. A mulher era muito bonita, mas não confiável. Eles só estavam casados há três anos quando ela traiu nosso pai com um barão inglês, ávido por mais propriedades. Isso custou de nosso pai sua vida e a de muitos membros do clã. Talorc nunca perdoou ou esqueceu a ofensa.

— Ele não o faria, mas ele acredita verdadeiramente que eu o trairia também... só porque eu sou inglesa?

Cait desviou o olhar. — Sim.

Na manhã seguinte, Emily abordou Talorc. Ela sabia que tinha de se desculpar com ele e agora era uma hora tão boa quanto outra. Além disso, ela queria sua permissão para ir até um lago pequeno que Cait tinha lhe falado.

Ela queria um banho e não uma repetição da véspera. Naturalmente, ela não diria a Talorc nenhuma parte de seu plano.

— O que você quer? — Ele exigiu.

— Eu desejo me desculpar... por dizer que prefiro me casar com um bode do que com você.

— Por quê?

— Eu estava zangada com você.

— Eu sei por que me insultou. Por que está pedindo desculpas?



— Um casamento que começa com insultos tem pouca esperança de harmonia.

— Não haverá um casamento.

— Mas o seu rei—

— Esquecerá uma ordem tão insignificante no devido tempo.

— Você acredita que uma ordem para se casar é insignificante?

— Sim.

— Entendo. O que você planeja fazer comigo então?

Ele encolheu os ombros como se seu futuro fosse sem importância. E indubitavelmente, para ele seria. Mas ela não podia ser tão audaciosa. — Eu não quero que me mande para casa.

— Você mente, exatamente como todos os ingleses.

— Eu não minto.

— Você não quer viver aqui.

— Isso é verdade.

— Então você mente.

— Não minto.

Ela não via nada naquilo e explicou sobre Abigail.

— Então, você veio na esperança de salvar sua irmã de vir aqui e ter que casar-se comigo?

— Sim.

— Isso é recomendável. — Ele disse isto com raiva, mas não a olhava mais com uma carranca.



— Ela é gentil. Ela não entenderia a frieza de seu clã direcionada a uma noiva inglesa prometida ao seu laird.

— E você entende?

Emily não entendia, mas ela não estava prestes a destruir o pouco entendimento que eles conseguiram alcançar dizendo isso. — Eu não quero que minha irmã se machuque.

— Eu não a machucarei.

— Então, você não me mandará de volta?

— Eu não decidi.

Ele levantou-se como para partir e ela entendeu que sua discussão estava no fim. Ela às pressas fez seu pedido a respeito do lago. Ele não consentiu diretamente, mas designou um único soldado jovem para escoltá-la, assim dando sua aprovação tácita e enfatizando o quanto sem importância ela era em sua avaliação se ele não desperdiçaria um guerreiro experiente em sua escolta.

Mas ele pareceu entender sobre Abigail pelo menos. Isso era alguma coisa. Quando Cait ouviu aonde Emily planejava ir, a outra mulher insistiu em acompanhá-la.

Eles alcançaram o lago depois de uma meia hora de caminhada rápida. Cait ordenou ao jovem soldado para esperar por elas com suas costas viradas do outro lado de alguns arbustos. Depois de perceber que as duas mulheres tinham a intenção de banhar-se, o garoto ficou vermelho vivo e apressou-se a obedecer à irmã de seu laird.

Como sempre, Emily foi cuidadosa em ficar na água mais rasas, recusando o convite de Cait para nadar com secreta revulsão. O pensamento de entrar na água mais funda fazia seu estômago adoecer como sempre e ela teve que esperar aquilo passar também. Ela orgulhava-se de sua habilidade de fazer isso.

Emily e Cait estavam terminando de se banhar e de vestir suas roupas quando Cait ficou totalmente imóvel. Ela virou-se na direção aonde o soldado Sinclair tinha ido como se tentando ver através do abundante vegetal crescido.

— Qual é o problema? — Emily perguntou. — Ele não está espiando, está?



Cait sacudiu a cabeça e pôs seu dedo contra o lábio em um sinal para fazer silêncio. Emily não podia imaginar o que a deixou tão agitada, mas ela fez como Cait disse e terminou de se vestir tão silenciosamente quanto possível. Cait fez o mesmo, sua expressão totalmente preocupada.

Ela ficou rígida de tensão, agarrando a pequena faca que ela usava na hora das refeições de seu cinto. Seus olhos estavam fixos na folhagem a vários pés da beira da água. O olhar de Emily seguia o de Cait, embora ela não tivesse nenhuma idéia do que elas estavam procurando. Um animal selvagem talvez? Mas ela não tinha ouvido nada e ela tinha uma audição muito boa.

A resposta veio um segundo mais tarde quando cinco guerreiros gigantescos, seus rostos pintados com macabros desenhos azuis e vestindo mantas de um azul escuro, verde e amarelo pálido saíram da floresta. Eles montavam os maiores cavalos que ela já viu... e sem sela.

Capítulo 3

Emily achou que estava preparada para qualquer coisa nesta nação Highland, mas ela não estava preparada para aquilo. Se alguém lhe dissesse no dia anterior que existiam guerreiros mais ameaçadores que os Sinclairs, ela teria rido na cara da pessoa. Ela não estava rindo agora.

Não. Ela estava muito ocupada rezando.

Os homens gigantes cavalgaram em direção a ela e a Cait, suas carrancas ferozes representavam ainda mais perigo devido à pintura de guerra azul. Não era tanto como se eles fossem maiores que os guerreiros Sinclair, mas como eles andavam, como se possuíssem o mundo e tudo que estava nele. Considerando que eles estavam no território de outro clã, aquilo dizia algo. Ela nunca viu tamanha arrogância e ela tinha sido criada por um dos mais cruéis barões de gado da Inglaterra e agora estava noiva do terrível laird Sinclair.

O som do aterrorizado influxo de respiração de Cait lembrou a Emily que ela não estava só diante da ameaça. Alívio virou pesar no espaço de um segundo. Emily



não queria sua amiga ferida... ou assustada. Ela virou-se para Cait, cujo rosto estava sem cor. Ela estava olhando com terror para os guerreiros a cavalo.

Emily tentou sorrir de modo tranquilizador. — Não fique assustada, Cait. É só alguns amigos de seu irmão, eu acho.

Eles pareciam maus o bastante para serem amigos do laird Sinclair.

Cait mexeu a cabeça lentamente, seus olhos nunca deixando os guerreiros que se aproximavam. — Amigos? Não, Emily. Estes são soldados Balmoral e eles já mataram Everett, — ela disse, falando do menino enviado para guardar Emily — ou eles não estariam aqui.

Emily voltou os olhos cheios de fúria para o guerreiro mais perto dela. — Seguramente, não. Você não matou aquele menino. Pois seria um pecado um homem crescido matar uma criança... até aqui no Highlands.

O guerreiro a que ela se dirigiu, um demônio ruivo com olhos da cor da grama, levantou as sobrancelhas, mas não respondeu. Ele a observou silenciosamente, levando-a a nervosamente torcer e distorcer as dobras de seu vestido. Ela se sentiu estimulada a falar novamente.

— Você não sabe que é indelicado ignorar uma dama quando ela está falando com você? — Ela tinha usado o Galês o tempo inteiro, então sabia que os monstros pagãos tinham que entendê-la.

Um guerreiro à sua esquerda falou. Ele podia ser o gêmeo do primeiro se não fosse seus olhos castanhos. — Nós não matamos o menino.

Emily voltou para sua amiga. — Agora sim. Você vê? Estes são homens misericordiosos. Eu estou certa que não temos nada a temer.

Ela rezou que Deus a perdoasse pela mentira, mas ela odiava o olhar de medo nos olhos de Cait.

O bufo de descrença de Cait se transformou em um grito quando o guerreiro de olhos verdes rapidamente cavalgou em sua direção e a balançou sobre seu cavalo. Ele a desarmou em um movimento muito rápido para Emily ver, mas ela viu a pequena faca cair por terra. Esquecendo qualquer coisa que lembrasse um refinado decoro, ela jogou-se para pegá-la.

Agarrando-a em sua mão, ela ficou de pé e foi na panturrilha desprotegida do



guerreiro.

O cavalo recuou e a faca assobiou inutilmente no ar. Ela moveu-se adiante para tentar novamente, mas foi pega por trás por um braço tão grande quanto o tronco de um pinheiro. Pelo menos era como parecia batendo em seu estômago e tirando seu fôlego quando ela foi erguida e jogada em uma posição totalmente indecente na frente de um dos Balmorals.

Ela não podia nem gritar, mas podia morder e foi isso que ela fez, torcendo e afundando seus dentes no ombro do guerreiro descoberto pelo plaid.

Ele grunhiu.

Ela mordeu com mais força e tentou apunhalá-lo na coxa com a faca. De repente, em vez de o braço ficar ao redor da sua cintura, estava enlaçado ao redor dos seus braços, segurando-os apertado dos lados. O polegar de sua mão livre apertou contra seu pulso e sua mão libertou faca por sua própria vontade.

O cavalo em baixo deles começou a mover-se e o guerreiro rosnou em sua orelha. — Pare de tentar me comer, mulher. Eu não acho que sequer os infieis ingleses praticam canibalismo.

Emily sentiu o gosto de sangue e arrancou sua boca do ombro do enorme guerreiro. Ela cuspiu para tirar o gosto da boca e então girou para encarar seu captor, mas sua atenção foi roubada pelo corpo de Cait debatendo-se de maneira selvagem.

A outra mulher lutava desesperadamente, tentando libertar-se. O guerreiro a segurando não estava trabalhando muito duro para subjugá-la, mas estava concentrando em protegê-la dos galhos de árvore conforme cavalgavam rapidamente pela floresta.

Despreocupada sobre seu próprio empenho no momento, Emily gritou, — Pare de lutar, Cait. Você machucará o bebê.

— Não podemos deixá-los nos levar! — Cait gritou de volta. Se deixarmos, significará guerra entre os Sinclairs e os Balmorals.

Emily não via por que aquilo deveria ser tão angustiante para Cait. Pelo que ela ouviu, os clãs de Highland estavam sempre em guerra um com o outro.

— Se seu irmão não quisesse guerra, ele não devia ter permitido que seu



guerreiro possuísse uma das mulheres do meu clã —, o guerreiro segurando Emily disse.

Cait girou e o encarou com raiva, ainda lutando para libertar-se, mas não se mexendo mais de modo selvagem. — Ela estava fora de sua propriedade... caçando em nossa terra. Sua perda é responsabilidade de vocês.

O homem segurando Cait disse algo para ela. Emily não pôde entender as palavras, mas seu tom áspero era inconfundível. Cait disse uma palavra que Emily não conhecia e o perfil do guerreiro endureceu de raiva. O próprio captor de Emily endureceu-se com a afronta, indicando que ele sabia exatamente o que a palavra significava e não era bom.

Aparentemente existiam coisas piores do que ser comparado a um bode.

De repente os cavalos apressaram o passo. Não houve chance de falar nos vários minutos seguintes quando os homens cavalgaram rápido. Emily preocupadamente observava Cait e estava contente por notar que sua amiga não lutava mais para libertar-se. Ela deve ter percebido que uma queda de um cavalo a galope podia fazê-la perder o bebê.

Eles chegaram a uma clareira e pararam tão de repente quanto tinham começado.

Seu captor desmontou de seu cavalo, levando-a com ele, e então girou seu rosto para si. De pé, ele era enorme e ela teve que levantar a cabeça para ver sua face.

Os olhos castanhos escuros rodeados por um tom de ouro a encararam, nenhuma suavidade em evidência. Eram olhos de lobo, mas em vez de fazê-la tremer de medo, eles a faziam queimar em lugares que ela não poderia nomear. Ela não podia acreditar que estivesse reparando em algo tão indecoroso, especialmente em sua difícil situação atual, mas o homem era completamente demais para seus sentidos permanecerem inalterados.

— Deixe-a sem paz —, Cait gritou.

O olhar de Emily agitou-se para sua amiga. Seu captor ruivo a detinha agora num abraço mais efetivo e os braços de Cait estavam presos dos lados de um jeito quase igual ao que os de Emily tinham estado.

As mãos do seu captor apertavam seus ombros em uma demanda por total



atenção. — Diga ao laird que temos sua irmã e o bebê nela. É uma justa retaliação por Susannah.

Ela o olhou horrorizada. — Você não pode falar sério. Por favor, você não deve levá-la embora.

Ele não se incomodou em responder e ela não esperava que respondesse. Afinal, por que se importaria com os seus apelos? A mente do homem estava obviamente resoluta por esta odiosa ação.

Ainda assim, sua boca abriu para argumentar mais, mas ele apertou seus ombros novamente, desta vez seus polegares roçando junto à sua clavícula. Ela ofegou, nenhuma palavra passando por sua língua repentinamente enrolada. Ela não conseguia pensar. Não com ele tocando-a daquela maneira imprópria. Ela quis dizer que ele parasse, mas algo nele a hipnotizava.

Ele não a machucava.

Era um quebra-cabeça, mas ainda mais era a questão do por que ele permanecia encarando-a sem dizer nada.

Ele foi franzindo o cenho, mas não parecia particularmente bravo.

Os homens do Highlands sorriam alguma vez? Que pensamento tolo. Ele estava esperando que ela concordasse em ser sua mensageira? Nesse caso, ele esperaria sentado.

— Você não pode falar sério em levar Cait numa árdua jornada a cavalo. Certamente você notou que ela está esperando um bebê.

Ele não disse nada, dando-lhe um olhar penetrante que pretendia intimidá-la e funcionou.

Ele era o homem mais amedrontador com quem tinha topado em sua vida. Ele também era o mais atraente. A pintura azul em seu rosto não conseguia cobrir a beleza masculina de suas feições. Os cabelos como uma obsidiana brilhante se pendurava pelos seus ombros volumosos e até a confusa tatuagem ao redor seu bíceps aumentava a sua atração. Parecia uma tarja azul e nenhum dos outros soldados a tinham.

Não que ela tivesse visto qualquer coisa nos guerreiros Sinclair. Eles tinham a decência de cobrir a parte superior de seus torsos com camisas de lã amarela



debaixo de suas mantas. Não como estes bárbaros. Seus tórax e um ombro ficavam nus. Ela podia ver uma contusão roxa se formando onde ela o mordeu como também uma mancha de sangue.

Ela estremeceu, aflita por ter feito aquilo a outra pessoa.

Seu rosto mantinha um olhar impassível, apesar disso ela sentia como se ele estivesse lendo cada pensamento seu. Ela não sabia como iria impedi-lo de levar sua amiga, mas ela precisava pará-lo.

Ela puxou um lenço de onde tinha dobrado em seu vestido e limpou gentilmente o sangue em seu peito, não completamente ciente do que estava fazendo porque sua mente estava girando muito energicamente. Ela tinha que proteger Cait.

— A viagem pode machucar o bebê —, ela assinalou.

— Balmorals não machucam mulheres. Drustan a está segurando, mas nem ela nem a criança serão feridos.

Emily apertou o pano em cima do pequeno ferimento pequeno que ela infligiu. — Levar a esposa do laird não lhe daria uma melhor vingança? — Ela perguntou, um plano desesperado formando-se em sua mente.

Os olhos do guerreiro se estreitaram. — Ele não é casado.

— Bem, isso era verdade alguns dias atrás, mas não é mais.

No rápido ofego da sua amiga ante a sua mentira, Emily a silenciou com um olhar.

— Onde está essa esposa então? — Perguntou o guerreiro, contrariado consigo mesmo.

Ele não sabia por que hesitou e estava realmente escutando a mulher inglesa. Ela era adorável, mas ele nunca tinha sido influenciado por uma mulher bonita antes. Talvez fosse sua coragem, ou o modo que ela cuidava da ferida que infligiu. O comportamento contraditório o intrigava.

Assim como ela. Sua preocupação óbvia com a irmã de Talorc confundia muito. Ele não esperaria menos de outro membro do clã Sinclair, mas esta mulher não era uma Sinclair. Ela era inglesa. De maneira inequívoca pelo modo com que



estava vestida e falava sua língua com o sotaque de seu inimigo sulista.

Inglesa ou não, ele gostava de observá-la. Ela tentava tanto esconder seu medo dele, mas sua tremedeira o revelava. Apesar de seu nervosismo, os olhos violetas atiravam fogo nele e isso o divertia. Ela parecia pronta para lutar. Com ele.

E ela não era nem uma fêmea de lobo.

Incrível.

Onde os Sinclairs encontraram uma jóia como essa?

— Eu sou sua esposa.

As palavras se arrastaram no ar, retalhando seu prazer em sua companhia. Essa jóia pertencia ao Sinclair? Ele não acreditava nisso.

Ele sacudiu a cabeça.

Ela assentiu enfaticamente.

Ele voltou-se para a Sinclair. — Seu irmão escolheu uma companheira inglesa?

— Não.

Lachlan ergueu o queixo da mulher para cima assim ela teve que encontrar seu olhar. — Eu não gosto que mintam para mim.

— E-eu não estou mentindo.

— Você diz que sua amiga é uma mentirosa? — Ele perguntou numa voz que faria guerreiros adultos correrem.

— Não, claro que não. Talorc não me escolheu. Seu rei fez isso por ele.

— Você não me convencerá que ele se casou com uma inglesa. — O ódio do outro homem dos ingleses era muito forte. Ele perdeu um pai e um irmão para um avaro barão inglês e sua cúmplice, a mulher inglesa que traiu o clã Sinclair.

— Talorc odeia os ingleses mais do que odeia os MacDonalds —, Drustan disse, ecoando os pensamentos de Lachlan.



— Eu sei que Talorc odeia os ingleses e não tem sido uma relação feliz. — Existia verdade demais em seu tom para Lachlan continuar a desconsiderar sua afirmação. — Mas eu sou sua esposa. Seu rei e o meu ordenaram isso e meu dote era significativo.

Ele não achava que Talorc seria movido por qualquer quantia de dinheiro, mas ele não podia adivinhar como trabalhava a mente do outro chefe de clã.

— Por que você não está usando seu plaid? Ele perguntou, enquanto sua mente compreendia a facilidade com que sua vingança podia ser aprimorada nesta fortuita circunstância.

— Sua concordância em casar-se não se estende a ter uma mulher inglesa vestindo suas cores. Ele não está completamente conformado com este casamento.

Lachlan não teve dificuldade em acreditar naquilo. Olhando para a expressão completamente inocente nos olhos da mulher, ele não podia evitar perguntar-se se aquela falta de conformismo significava que o casamento ainda não tinha sido consumado.

— Se você for sua esposa, ele só agradecerá aos Balmorals por livrá-lo de você —, Ulf disse detrás deles.

Dor reluziu brevemente em seus olhos e então ela os protegeu com seus cílios, encolhendo os ombros. — Seu orgulho não gostaria disso, ainda que suas emoções só encontrassem alívio.

Curiosamente, seus sentimentos feridos mexeram com Lachlan e ele deu a volta encarando seu irmão em silêncio.

Os olhos de Ulf se alargaram, mas ele não disse nada, somente franziu o cenho.

Lachlan não entendia a fúria que fluía por ele nem a profunda decepção em descobrir que essa mulher adorável e única era a esposa de seu inimigo. Porém, ele entendeu que seria realmente cruel deixá-la enfrentar a ira de Talorc quando ele se informasse da captura de sua irmã.

Ele focou na mulher. Ela recuperou sua compostura e estava falando novamente.

— Ainda que eu seja inglesa —, Emily adicionou sob um fôlego,



inexplicavelmente magoada pelas palavras cruéis do soldado Balmoral.

Ela não devia se importar com o que qualquer destes bárbaros pensava.

Seu captor a ouviu e sorriu. Seu coração quase parou. O sorriso do inimigo não devia parecer tão divino, particularmente em um rosto pintado para guerra.

Sem outra palavra, ele a agarrou e montou o seu cavalo novamente, soltando-a na mesma embaraçosa posição de antes. Suas pernas abertas aos lados do cavalo e seu traseiro em cima de suas coxas duras. Ela deu um ofego de surpresa, mas de qualquer forma tentou esconder seu medo agora que seu plano dava certo.

Ela voltou-se para sua amiga e disse, — Você não deve preocupar-se comigo, Cait. Eu devo ficar bem. Você pode ver que estes guerreiros são gentis e honrados.

Cait simplesmente balançou a cabeça, aparentemente muda.

Emily tentou sorrir, mas não conseguiu perfeitamente. — Adeus, Cait.

Naquele momento os cavalos começaram a se mover, mas o guerreiro que seu captor havia chamado de Drustan não libertou Cait.

— Você deve deixar Cait ir agora que me tem.

Seu captor não disse nada.

Ela beliscou sua coxa, mas era como se tentasse beliscar uma pedra. — Eu disse, você precisa deixar minha amiga ir.

— Não.

— Sim.

— Silêncio.

— Eu não serei silenciada. Deixe-a ir, ou eu começarei a gritar tão alto, que eles irão me escutar a toda essa distância da fortaleza.

— Grite assim e eu a amordaçarei.

Ela ofegou.



Seu abraço nela apertou-se... um aperto de advertência que ela não iria ignorar. Ela não tinha desejo de ser amordaçada.

Sua situação era o bastante horrível. Seu plano não funcionou. Em vez de libertar sua amiga, o guerreiro seqüestrou as duas. Que tipo de homem era esse laird Highland cuja chance de roubar a esposa do outro laird não era vingança suficiente?

Ela tinha que fazer uma última tentativa para que ele mudasse de idéia, tão em vão quanto poderia ser. — Mas se você não deixar uma de nós para trás, quem dirá a Talorc que foram os Balmorals que fizeram isso? — Ela perguntou, desesperadamente.

— O garoto que estava fazendo sua guarda teve oportunidade de ver as nossas cores antes que o fizéssemos dormir —, o guerreiro disse em um tom que desencorajava mais perguntas.

Ela não viu o que tinha a perder. — Você deixou aquele pobre garoto inconsciente? E se animais selvagens o pegarem? Então quem dirá? E se animais selvagens me atacassem no caminho de volta até a propriedade se eu tivesse sido sua mensageira? Eu suponho que não lhe importaria, eu sendo inglesa e tudo mais.

Seu captor não se incomodou em responder. Os cavalos gradualmente ganharam velocidade até que o bando guerreiro estava galopando para longe da terra Sinclair em uma rapidez que fazia Emily rodar. Ela rezou pela segurança do bebê por nascer no útero de sua amiga e então rezou para que o homem segurando-a não a deixasse cair.

Várias horas depois, após cavalgar rigidamente nos braços do seu captor, ela estava rezando para ter força de resistir só mais um minuto àquela tortura antes de desgrçar-se e chorar como um bebê. Quando ela pensou que não agüentaria outro minuto da dor em suas costas por tentar se sentar afastada do homem que a levava, ele levantou sua mão em um comando mudo para parar.

Ele desmontou do cavalo, trazendo-a consigo. Mas ele a soltou imediatamente como se ele não pudesse suportar tocá-la. Tolamente ofendida por sua rejeição, ela gemeu de dor quando endireitou sua coluna, certa que a umidade queimando em seus olhos era somente por aquela dor. Sinceramente, era tudo que ela podia fazer para não cair de joelhos em um débil alívio. Ela caminhou cuidadosamente, abrindo caminho até o lado de sua amiga para verificar a condição de Cait.



— Você está bem? — Ela perguntou com preocupação.

Cait deu um sorriso cansado. Emily estava obviamente com dor e tentando esconder isso. Ela era só uma humana afinal e o percurso tinha sido fatigante... até para Cait. E ela era uma loba-fêmea. — Sim. Drustan me segurou muito suavemente e cuidou que eu não fosse empurrada pelo seu cavalo.

A consideração do guerreiro a fez sentir-se estranha. Ela sabia que o plano deles era levá-la em retaliação a Susannah, mas ele não estava sendo cruel com ela. De fato, ele foi mais cuidadoso com ela do que seu marido alguma vez tinha sido.

Mas se ele pudesse ser tão cuidadoso com ela, por que o clã tinha sido tão negligente com Susannah? Uma loba deixada para caçar sozinha, especialmente quando estava no cio, era uma presa fácil para um lobisomem sem parceira e eles deviam saber bem disso.

— Você por outro lado parece como se tivesse sido forçada a cavalgar se equilibrando em um bastão —, Cait completou.

Emily fez uma careta, seu rosto em forma de coração comprimido e pálido pela exaustão. — Você não está longe da verdade. O esforço de sentar à frente e manter meu equilíbrio deixou minhas costas se sentirem como se nunca fossem se endireitar completamente de novo.

— Por que você não relaxou contra Lachlan? Seguramente ele poderia agüentar o seu peso se Drustan agüentou o meu.

Emily olhou com desconfiança para ela. — Relaxar contra ele? — Ela perguntou com ceticismo.

Cait sacudiu a cabeça. Era o sangue inglês de Emily ou o fato que fosse uma humana que a fazia tão afetada? Cait nunca teria passado um passeio tão cansativo tentando manter o decoro, mas por outro lado ela era uma loba e elas eram ensinadas desde o berço a serem mais práticas com os seus corpos do que os membros humanos do seu clã tendiam a ser.

— Como você sabe o nome do meu captor? — Emily perguntou. — Você o viu antes?

— Não, mas ele obviamente é o líder e ele falava possessivamente de Susannah, então eu estou adivinhando que ele seja o laird do clã Balmoral... Lachlan. Ele podia ser irmão dela, mas se eu fui capturada por Drustan, eu não posso evitar



pensar que ele é irmão de Susannah. Ele não disse. — De fato, ele não disse uma única palavra desde que ela o chamou daquele nome sórdido.

— Oh.

— Você quer que eu pergunte se eu estou certa?

— Não. Eu tenho certeza que está. Foi uma suposição inteligente, mas eu estava muito ocupada tentando pensar em um modo de escapar para ver isso. Eu devia ter calculado que ele era o laird de qualquer maneira. É óbvio agora que você disse.

Cait teve que sorrir da decepção de sua amiga. — Não seja tão dura com você mesma.

— Eu sou tão esperta que eu consegui que seqüestrassem a nós duas. Se eu não tivesse falado nada, eu podia ter dado sinal de alarme e colocado os guerreiros do seu irmão em perseguição mais depressa.

Cait sentia-se mal que Emily fosse seqüestrada, também, mas considerando o modo que ela e Talorc se entendiam, Cait não achava que a outra mulher ser deixada para trás teria sido melhor. Especialmente se ela não tivesse sucesso na fuga. E, com seu preparo físico, ela tinha muito pouca esperança de conseguir.

— Na hora que você tivesse caminhado de volta ao castelo, nós estaríamos milhas e milhas na frente deles para que me fizesse algum bem. Lembre-se, nós tínhamos cavalgado um belo caminho antes do laird se preparar para libertá-la. Assim, Everett soou o alarme, eu tenho certeza.

— Eu espero que você esteja certa e que nenhum animal selvagem o ataque.

— Ele não é nenhum humano desprotegido. — Cait fez uma careta ante seu deslize, mas Emily não pareceu notar.

Ela estava muito ocupada olhando em volta. — Por que nós paramos aqui, você imagina?

— Para pegar um barco.

— Barco? — Emily perguntou, empalidecendo. — Que barco?

— O clã Balmoral vive em uma fortaleza em uma ilha. Uma vez que estejamos



no barco, será muito mais difícil para o meu irmão nos salvar.

— Não haverá nenhum salvamento, moça —, Drustan chamou em uma voz severa à distância.

Emily ofegou em choque até quando seu corpo inteiro agitava-se de medo na perspectiva de ser arrastada pra cima de um barco. — Como ele sabe do que nós estávamos falando?

— Ele podia nos ouvir.

Mas Emily sacudiu a cabeça. — Nós estamos muito longe e falávamos em voz baixa. Ele deve ter feito um inteligente palpite.

Cait pareceu como se fosse discutir. — Emily...

— O que?

Então Cait balançou a cabeça. — Não importa. Você fala Latim? — Ela perguntou naquele idioma em um parco sussurro.

— Sim.

— Eu espero que eles não falem.

Emily imediatamente entendeu. No caso de um deles ter uma audição particularmente boa, não faria mal se ela e Cait falassem em uma língua estrangeira. Ela perguntaria em outra hora como sua amiga aprendera Latim. Não era um feito incomum para mulheres de seu status na Inglaterra, mas ela sempre ouviu que os Highlanders viviam próximo à barbárie.

Entretanto, até agora, aquela crença tinha se mostrado um exagero grosseiro.

— O que nós vamos fazer?

— Continue fingindo que você está debilitada pela cavalgada.

— Isso deve ser fácil —, Emily disse fazendo uma careta, seus músculos doloridos provocando-a sem nem um pouco de fingimento.

— Nós temos que roubar alguns cavalos.



— Mas eles só nos seguirão.

— Nossa única esperança é ficar à frente deles tempo suficiente para nos encontrarmos com meu irmão.

— Se ele estiver atrás de nós.

— Ele está. Confie em mim. Você reparou como eles estão deixando os cavalos tomarem água sem nenhum guarda?

Emily olhou para a beira da água onde todos os cinco cavalos bebiam. Os homens estavam ocupados preparando o barco que Cait mencionou e algum tipo de dispositivo que ela pensou que poderia ser para os cavalos. Parecia uma balsa flutuante, mas com aberturas para os cavalos serem amarrados nela, então eles podiam flutuar atrás do barco, mas aquilo não afundava? Pelo menos é o que parecia para ela.

— Nós precisamos ficar mais perto dos cavalos e quando eles tiverem amarrado dois deles para atravessar o mar e estiverem ocupados com o terceiro, nós pegaremos os outros dois e fugiremos. Nós devemos ser rápidas.

Emily assentiu com a cabeça e então teve uma inspiração. — Laird? — Ela chamou.

Ele olhou para ela, sua expressão pensativa.

— Cait e eu precisamos de um momento de privacidade.

Sua sobrancelha escura elevou-se, a única indicação que ele deu que a ouviu.

Ela sentiu um rubor subir por suas bochechas. — Para, você sabe...

Lachlan teve que conter um sorriso, o que era uma reação muito diferente para ele. Ele se perguntava se deveria dizer às mulheres que ele também falava Latim? Ainda não.

Desde que ele sabia que o plano delas era tentar roubar cavalos, ele não estava preocupado em lhe permitir o momento de privacidade que ela pediu, mas ele se perguntou o que ela pensava que ganharia com aquilo.

— Seja rápida —, ele gritou.



Ela pulou, assentindo com a cabeça e virando-se para correr para os arbustos. Cait estava logo atrás dela.

Ele as ouviu à medida que partiam.

— Ele é terrivelmente grosseiro, não é? — A mulher inglesa perguntou.

— Ele é um laird —, Cait respondeu.

— E isso é sua desculpa para a grosseria? Eu não sei por que eu fico surpresa. Seu irmão também é.

A menção de seu marido, o laird Sinclair, irritou-o e Lachlan fez uma cara feia.

— Elas são moças impetuosas, não são? — Drustan perguntou a ele.

— Isso é um modo de dizer —, Lachlan rosnou.

— Cait me chamou de traseiro de cavalo.

— Eu ouvi.

Drustan riu. — Eu terei suas desculpas hoje à noite, junto com outras coisas.

Lachlan assentiu. — Seja gentil com ela. Ela está esperando uma criança.

— Os Balmorals não machucam mulheres.

— Eu sei disso.

— Eles não levam pra cama as esposas de outros homens também.

Um rosnado de advertência rugiu baixo na garganta de Lachlan. — Eu sei disso também. Mas se seu marido a levou para cama, eu enterrarei minha claymore⁴. Ela é demais inocente.

— E isso aborrece você?

— Sim —, ele cuspiu.

⁴ Antiga espada escocesa. Claymore é o legítimo espadão escocês do século XV, que possui gume duplo e é manejada com as duas mãos, impedindo o guerreiro de utilizar um escudo. A palavra claymore vem do gaélico antigo *claidheamohmor* e significa espadão.



— Você acha que seria mais fácil manter suas mãos longe dela se ela não fosse?

Lachlan não tinha resposta. Ele nunca tinha imaginado desejar uma mulher inglesa e antes arrancaria sua própria garganta a dormir com a esposa de outro homem. Mas ele queria ver aqueles olhos violetas explodirem... o bastante para fazer seu corpo endurecer de desejo e doer por sexo.

— Eu devia tê-la deixado na floresta.

— Você ainda poderia deixá-la. O Sinclair está provavelmente só umas horas atrás de nós.

— Ou menos.

— Então, deixe-a.

— Eu não posso.

— Inferno.

— Exatamente o que eu penso.

— Se você matá-lo, ela seria uma viúva —, Drustan disse tentando ajudar.

— Eu ainda não estou convencido que ela seja uma esposa.

Capítulo 4

— Qual é o problema? — Emily exigiu de Cait.

De repente, sua amiga parecia prestes a chorar.

— Eu não quero que ele mate meu irmão.



— Quem?

— Lachlan... o laird dos Balmorals.

— Por que ele o mataria?

— Para ter você.

— Não seja ridícula.

Mas Cait não estava escutando. Ela estava como tinha estado mais cedo... atenta a alguma coisa que Emily não conseguia ter nenhum vislumbre.

— O que é isso, Cait?

Mas Cait apenas balançou a cabeça.

— Você não acha que é estranho eles não enviarem um guarda conosco?

— Nós nunca conseguiríamos nos distanciar deles e eles sabem disso.

— Mas se nos escondêssemos... talvez nós pudéssemos atrasar sua partida até que seu irmão nos alcançasse.

O rosto de Cait perdeu a cor. — Eu não quero que isso aconteça.

— O que? Por quê?

— O laird Balmoral poderia matar Talorc. Eu não estou nem certa de que Drustan não poderia. Não seria um fato, mas é possível. Eu não quero perder meu irmão.

— Mas não haverá uma batalha quando nós nos encontramos com eles nos cavalos?

— Eu tenho esperanças que eles não nos seguirão uma vez que partirmos. Eles saberão que sua tentativa de nos levar falhou.

— Eu não vejo Lachlan evitando uma luta.

Os olhos de Cait encheram-se de lágrimas. — Eu também não.



Emily pôs seu braço ao redor dela. — O que você quer fazer?

— Se nós não escaparmos, meu irmão virá atrás de nós na ilha. E existe uma chance muito maior de que ele seja morto lá.

Embora a morte do raivoso laird resolvesse seus próprios problemas, Emily não estava nem o mínimo tentada a desejá-la. Primeiro, porque seria um pecado terrível, mas segundo porque faria sofrer sua querida amiga. — Então nós precisamos escapar.

— Sim.

— Mas você não quer correr e se esconder agora?

— Nunca daria certo. — Cait mordeu o lábio. — Eles poderiam nos achar não importa o quanto nosso esconderijo fosse bom.

— Você fala como se eles fossem deuses. Eles são apenas homens, Cait.

— Não. Eles não são. Eles são mais... — Ela fez um som de angústia. — Eu me pergunto se eles ouviram nossos planos, talvez eles possam nos ouvir até agora... — Cait agitou sua cabeça. — Não, eu acho que estamos longe o suficiente para estar fora do alcance de seus ouvidos. Eu não os ouço mais. Nós caminhamos uma boa distância.

— Se nós não retornarmos logo, eles virão procurar por nós.

Uma expressão aflita apareceu nas feições de Cait. — Eles já estão vindo. Nós devemos voltar agora.

Emily assentiu, recusando-se a discutir com sua louca amiga. Se ela disse que os homens estavam vindo, ela devia ter ouvido algo. Ela certamente os ouviu antes de Emily chegar ao lago.

Porém, seu fingimento não tinha sido de todo fingido. — Eu ainda necessito de alguns minutos de privacidade.

Cait pareceu surpreendida e riu bobamente. — Eu também. Eu descobri que a gravidez faz este aspecto da vida bastante desafiador às vezes.

Emily sorriu, lembrando que outras mulheres tinham feito a mesma queixa no feudo de seu pai. Cait retornou a clareira enquanto Emily terminava de lidar com a



urgente necessidade de sua bexiga. Drustan estava lá com ela.

Ele não dizia nada e os olhos de Cait estavam cheios de desesperança.

Emily olhou furiosamente para o guerreiro.

Ele sacudiu-se ligeiramente como se surpreso por sua hostilidade, o que a fez querer gritar como um vendedor de peixes. Todos os homens no Highlands eram tão estúpidos?

— O que você está fazendo é errado.

— Não, moça. A vingança é lei entre os clãs. A razão está ao nosso lado.

Cait falou então, seus olhos queimando de raiva. — Foi certo permitir que uma mulher de seu clã caçasse durante uma lua cheia longe do território Balmoral? Ela não estava protegida. Ela estava no ci—Cait fechou a boca e olhou para Emily, então de volta para Drustan. — Você sabe o que eu quero dizer. Você esqueceram de protegê-la e agora vocês me castigam por sua própria falha.

Drustan inchou-se com ultraje. — Eu não negligenciei a proteção de minha irmã. Qualquer que seja a mentira que o membro de seu clã disse para justificar suas ações, ela não estava caçando fora da ilha. O membro do seu clã veio ao nosso território e a levou, exatamente como eu a estou levando agora. E não é você que vai pagar o preço, mas o seu irmão perdendo você e o seu bebê de seu bando.

Emily nunca ouviu referirem-se a um clã como um bando antes, mas agora não era a hora de perguntar sobre isso. — Susannah está felizmente casada com um Sinclair. Seguramente isso é tudo que importa —, ela disse.

— O Sinclair devia ter pedido permissão em nome do membro de seu clã. Ele não o fez, o que é uma violação da lei que o laird de meu clã e eu, como irmão de Susannah, não podemos tolerar.

Cait cruzou seus braços por cima do peito e encarou com ódio o guerreiro Balmoral. — Negue tudo que quiser, mas ela era uma lob—mulher solteira! Riam dela às suas costas quando Magnus cruzou seu caminho e ela está felizmente casada. Ela ama Magnus e nosso clã a aceitou de braços abertos.

Emily tentou não estremecer pela lembrança que ela não tinha recebido tal aceitação.



— A lei do clã deve ser satisfeita —, Drustan obstinadamente continuava.

— Ainda que isso signifique entrar em guerra? — Emily perguntou.

— Claro. — O estúpido homem parecia não conseguir entender sua necessidade em lhe fazer a pergunta.

Eles voltaram, Cait fazendo esforço para manter distância entre si mesma e o soldado Balmoral. Emily sentiu pena de sua amiga. Sua própria situação era precária, mas a verdade era que... ela não estava fora do que conhecia antes. Viver entre os Balmorals não podia ser pior do que viver com os Sinclairs. Enquanto ela fosse prisioneira do outro clã, ela não tinha que se preocupar que Talorc a mandasse de volta para a Inglaterra e que Abigail fosse enviada em seu lugar para cumprir a ordem do rei.

Mas Cait estava obviamente e justificativamente chateada por sua difícil situação. Ela não queria guerra com o clã Balmoral e ela não queria viver com eles também, pelo que Emily podia ver.

Eles alcançaram a água e as duas, ela e Cait, pararam uns poucos pés de onde os soldados preparavam os cavalos. O dispositivo que eles estavam usando parecia estranho, mas ela lembrou de ter visto algo parecido em uma pintura de uma invasão Vinking uma vez. Parecia uma balsa flutuante e que os cavalos seriam presos aos arreios enquanto nadavam. A balsa tornaria a travessia mais fácil para eles. Manteria suas cabeças acima da água, com aberturas nela para que o corpo de cada cavalo se ajustasse, de forma que eles ficariam juntos e flutuantes e compartilhariam o fardo da travessia, conservando sua força eqüina. Os cavalos não pareciam se importar.

Despreocupada, Emily estava contente que ela e Cait planejassem escapar antes de embarcar no barco. O mar não estava exatamente tranquilo. As ondas colidiam contra as rochas a uma boa distância da praia e ela não tinha desejo de estar em um barco no meio de tal terrível movimento de água profunda, escura. Ela não tinha vontade nenhuma de estar em um barco.

Ela cresceu perita em esconder seu terror da água, mas ele estava dentro dela, uma força sombria que a consumiria tão seguramente quanto as profundidades escuras.

— Coma isto. — Drustan segurava um bolo de aveia e uma maçã em direção a Cait.



Ela sacudiu a cabeça.

— O bebê precisa de alimento.

Tanto quanto odiava, Emily concordava com o guerreiro. — Coma, Cait. Ele está certo.

Cait pegou a comida e deu uma mordida na maçã.

Drustan estendeu a mão num oferecimento semelhante para Emily em silêncio. Ela aceitou sem uma palavra. Se elas iam correr, tinham que manter as forças.

Ela deu uma mordida no bolo de aveia e percebeu por que Cait escolheu comer sua maçã primeiro. A massa tinha gosto de madeira, mas ela engoliu. Ela imediatamente deu uma mordida na sua maçã para tirar o gosto terrível da boca.

Ela olhou para Cait e fez uma careta. A outra mulher riu.

— O que é tão divertido? — Drustan perguntou.

Cait perdeu seu sorriso. — Emily não parece gostar do bolo de aveia.

— É somente porque o sabor me pegou de surpresa —, Emily se safou, não querendo ser rude até entre seus inimigos e então se irritou consigo mesma por se preocupar se os ofendia ou não.

Sua sangrenta origem merecia ser ofendida.

— Eu não gosto deles também. — Cait a assegurou. — Só a falta de paladar dos guerreiros para achá-los comíveis.

— Isso não me surpreende —, Emily disse com aspereza.

Elas terminaram a refeição depressa apesar de sua natureza pouco apetitosa.

— Venha aqui, inglesa. — Era Lachlan. Ele estava a uns vinte pés, de pé no barco que parecia pequeno demais para transportar cinco guerreiros gigantes e duas mulheres para qualquer lugar através da água. Ele estava muito perto da margem, praticamente de pé na água.

Ela não tinha vontade alguma de chegar tão perto assim do mar. — Meu



nome é Emily, não inglesa.

O grande guerreiro apenas deu de ombros. E esperou.

Ela cruzou os braços e deu-lhe um olhar que lhe disse que ele podia esperar até que seu pai viesse da Inglaterra. Ela não conseguia chegar perto da água. Ela calculou a distância até os cavalos pelo canto do olho. Se Drustan não estivesse tão perto, elas teriam melhor sorte em escapar, mas elas tinham que tentar.

Ela girou para sinalizar para Cait, mas ela estava atrasada. Sem mesmo um estremecimento muscular de advertência, Drustan ergueu Cait nos braços em direção ao barco. Ela gritou e empurrou contra seu peito, mas ele continuou segurando-a.

— Ulf —, o laird disse.

Um segundo mais tarde, Emily encontrava-se balançando alto nos braços de outro guerreiro e então jogada em seu ombro. Era o homem que disse que Talorc agradeceria Lachlan por roubá-la porque ela era inglesa. Ela imediatamente tentou resistir a sua posse, mas sua contenção apertou-se dolorosamente em suas coxas e ela ganiu.

O ombro dele batia em seu estômago a cada passo que ele dava e ela achou difícil respirar. Ela não estava feliz em estar pendurada de cabeça para baixo também. O traseiro dele estava bem lá e ela desviou seu rosto assim pelo menos estava olhando o chão. Ele parecia diferente de Lachlan e ela não o queria segurando-a. Nem mesmo brevemente.

Seu olhar estava cheio com uma malevolência que ela não viu nos olhos de Lachlan também.

— Me coloque no chão —, ela exigiu quando conseguiu ar suficiente, apenas para perdê-lo novamente quando percebeu que o guerreiro caminhava direto para a água.

Ele a soltou... diretamente no barco em uma cadeira minúscula ao lado de Cait. A embarcação chacoalhou perigosamente e ela ofegou de medo. Drustan estava na frente delas e Ulf subiu no barco atrás deles. Ele se sentou logo atrás ela, sua presença hostil muito perto para ser confortável. Ela se sentiu presa e seu corpo agitava-se com a necessidade de ficar longe dele.

A água era rasa ali. Ela notou que as pernas dele só estavam molhadas até os joelhos. Não importa quanto escura parecia, não era fundo. Ela devia lembrar-se



disso. Emily beliscou Cait ligeiramente. Era agora ou nunca. Sua amiga pulou de um lado do barco enquanto Emily forçou o medo nauseante a baixar assim ela podia mergulhar do outro lado. Ulf a pegou pela saia de sua túnica que ficava por cima e a segurou acima da água.

O som de água espirrando e o berro de Drustan diziam que Cait tinha sido mais bem sucedida.

— Salve-se, Cait —, Emily gritou enquanto ela voltava para o barco e fazia o que podia para atrasar os esforços em capturar sua amiga.

Ela conseguiu na hora certa agarrar o tornozelo de Drustan. Ela se agarrou a tudo que ela acreditava com as duas mãos, mas ele deu um puxão poderoso, forçando as articulações dos seus ombros. Ele mergulhou atrás de Cait, mas foi o outro soldado ruivo que a pegou quando ela tentou montar o único cavalo que permanecia em terra firme.

Cait lutou como uma gata selvagem, mordendo e arranhando, gritando para o homem soltá-la.

Mas foi o silencioso comando letal de Drustan que conseguiu aquilo. O outro soldado a liberou e Drustan a agarrou do mesmo modo. Ele a subjugou quase que imediatamente e amarrou suas mãos atrás de suas costas com uma tira de couro, seu rosto tomado por uma sombria expressão ameaçadora. Ele então fez o mesmo com os seus pés.

Cait estava soluçando quando ele terminou. — Não faça isso —, ela implorou entre lágrimas. — Por favor, não faça isso. Eu falarei com Talorc... haverá um pedido de desculpas. Por favor...

Mas Drustan apenas a ergueu, embalou-a em seu peito como uma criança pequena e a levou de volta para o barco.

Ela olhou para ele. — Eu o-odeio você. Eu nunca serei sua. N-nunca!

Ele baixou o olhar para ela e sua raiva era apavorante. — Você será minha, moça. Odeie-me se quiser, mas eu vou possuí-la da mesma maneira que Magnus possuiu a minha Susannah.

— Eu matarei você primeiro, ou morrerei tentando —, Cait disse, suas lágrimas cedendo pela fúria.



Depois disto, ela não disse nada, sentada rígida no pequeno assento ao lado de Emily. Com uma olhada de lado, Emily notou que Cait abria um buraco com o olhar nas costas de Drustan. E o terrível homem merecia.

Emily não sabia como ajudar sua amiga, mas sua mente rodava de horror com o que as palavras do bravo guerreiro implicavam. Menos de cinco minutos mais tarde, eles partiram. Os guerreiros remavam com movimentos hábeis que mostrava que eles fizeram esta travessia juntos muitas vezes antes.

Ela estava tentando não imaginar o quanto funda a água era ou o quanto frágil o barco parecia. Ela valentemente ignorou o salpicar das ondas que quebravam contra a proa. Seus olhos estavam firmemente fixos nas costas do plaid molhado de Drustan, mas a imagem do furioso soldado não era mais confortante do que a assustadora água.

Ela se voltou para Cait. — Você está bem? — Ela perguntou em Latim.

Cait encontrou seu olhar com preocupados olhos castanhos. — O bebê e eu não estamos fisicamente feridos —, sua amiga respondeu no mesmo idioma. — Mas eu não estou bem.

Emily assentiu, entendendo melhor do que outra mulher poderia entender o que significava sentir que sua vida tinha sido tirada de seu controle e o melhor que ela podia fazer por aqueles que amava ainda os deixava desprotegidos. — Eu sinto muito.

— Obrigada, mas você sabe que não é sua culpa.

— Eu insisti em me banhar fora das muralhas... porque eu fui fraca.

— Nós estávamos na terra Sinclair. Nós devíamos estar seguras.

— Você não devia ter ido comigo. Se seu irmão soubesse que você estava indo, ele teria enviado mais soldados para protegê-la... provavelmente mais velhos, também.

— O menino que ele enviou com você é conhecido por ser feroz. A menos que ele tenha enviado um contingente de sua guarda pessoal, como ele fez para buscá-la na fronteira, nós não podíamos ter estado mais protegidas. Mesmo assim, teria havido um resultado incerto com os soldados Balmoral.

— Eles são tão temíveis assim? — Emily perguntou.



— Estes aqui são.

— Ainda é minha culpa que nós estávamos do lado de fora das muralhas.

— Emily, eu teria levado você para ver o lago algum dia. Eles estariam esperando então.

— Você acha que eles estavam esperando uma oportunidade?

— Eu tenho certeza disso.

O vento soprava forte e apesar do sol do verão, Emily estremeceu. Cait estava molhada e ela não. Ela deu um tapinha de compaixão no ombro de sua amiga. — Você deve estar com um frio terrível.

Cait pareceu surpresa pelo comentário. — Não.

Sua amiga certamente não estava tremendo como Emily estava e ela não entendia aquilo. Ela notou que no castelo Sinclair eles não acendiam uma fogueira freqüentemente no salão até a noite embora fosse frio suficiente para acender uma muito mais cedo em sua avaliação. Não havia nenhuma dúvida sobre aquilo, os Highlanders eram pessoas fortes.

Mas até uma mulher forte quanto Cait podia ser rompida pelo tipo de planos que Emily suspeitava que Drustan tinha para sua amiga.

— Cait...

— Sim, Emily?

— O que quer dizer manter alguém na lei deles?

Cait fez uma careta. — Você quer dizer como Drustan ameaçou me manter?

Soou mais como uma promessa para os ouvidos de Emily, mas ela assentiu.

— Entre um homem e uma mulher, quer dizer que ele pretende tomá-la como sua companheira.

— Drustan vai casar-se com você? — Era como ela temia, mas algo ainda não fazia sentido para ela. — Mas a lei da Igreja não é a mesma na Escócia como na



Inglaterra? Seu rei aceitou a autoridade de Roma, não aceitou?

— Os clãs não ligam muito para os ditames do rei da Escócia.

Talorc certamente não ligava. — Então você não tem que concordar com o casamento para ele ser válido?

— Bem, sim, mas quando um homem mantém uma mulher, ele se contenta com um casamento clandestino.

— Você quer dizer que ele a levará para a sua cama sem o benefício da bênção da Igreja? — Emily perguntou, chocada. Era até pior do que ela tinha pensado.

— Sim.

— Isso é selvagem.

Cait deu de ombros, mas seus olhos desmentiam a atitude relaxada.

— Lachlan me disse que os Balmorals não machucavam mulheres nem crianças. — E ela acreditou nele. — Mas ele mentiu.

— Sim, ele mentiu.

— Eu não menti —, Lachlan disse em latim, sua voz severa.

Ele tinha entendido a conversa inteira.

Cait vacilou e então segurou os ombros perdendo a firmeza. — Eu devia ter adivinhado. Meu irmão me disse que o laird Balmoral era mais instruído que os outros Highlanders. Ele considerava isso uma fraqueza.

— Você diferentemente aprendeu, não foi? — Cait recusou-se a responder ao sarcasmo de Lachlan e Emily estava muito furiosa para dizer qualquer coisa.

O homem era um monstro!

Drustan pediu uma tradução da conversa e Lachlan lhe deu. Palavra por palavra. Apesar de sua raiva, Emily corou por ser pega discutindo tais coisas privadas na companhia de homens. O embaraço não durou tanto quanto a fúria de que Cait pudesse ser tratada tão horivelmente levou toda sua consideração, até seu medo



da água.

Não era certo.

Ela pôs-se de pé e girou para enfrentar Lachlan. Ele permanecia na frente do barco, em sua posição arrogante e dominante, enquanto os outros soldados se encarregavam dos remos. Seu áspero apelo masculino zombava dela, pois ele mascarava um coração negro que ela nunca teria adivinhado.

A dor de ter acreditado que ele fosse algo que ele não era misturou-se ao seu medo por sua amiga e explodiu em um dilúvio de palavras bravas. — Você não é nada além de um selvagem mentiroso. Você me ouviu?

— Eu acredito que a ouçam na Inglaterra, moça —, um dos soldados disse. Ele era o único loiro entre eles e até agora não tinha falado.

Ela o olhou com raiva antes de virar sua carranca para Lachlan mais uma vez. Ele parecia não se afetar por sua explosão. Ela não se importava se suas palavras o impactavam, ou não. Ela iria falar e pronto.

— E Drustan é um ladrão. Não... ele é pior que um ladrão —, ela disse com um gosto especial. — Pois ele não pretende apenas roubar o que não o pertence, mas machucar uma mulher inocente no processo. E provavelmente sua criança por nascer. Vocês são todos um bando de covardes, também, vingando-se em uma mulher ao invés de enfrentar seus oponentes em uma luta honesta.

Vários resmungos de contrariedade encontraram aquela declaração, mas ela os ignorou. Ela tinha uma última coisa a dizer para o homem que a observava tão indiferentemente.

— Você pode ser mais instruído que os outros lairds do Highland, Lachlan, mas para meu modo de pensar, você é o mais ignorante, sem mencionar o mais insensível que eu já encontrei aqui ou na Inglaterra.

Então ela sentou-se de novo com um gesto brusco que balançou o barco, lembrando-a onde estava e fazendo seu estômago revirar.

Cait a estava encarando como se ela tivesse perdido o juízo. — Você está querendo que eles a joguem para fora do barco por isso?

Ainda muito brava para dar atenção às suas palavras, ela disse, — Eu não ficaria nem um pouco surpresa se o fizessem, considerando os planos cruéis que



eles têm para você.

Ulf agarrou seus ombros como se preparado para fazer exatamente aquilo e ela conteve um grito. Ela não os deixaria ver seu medo, mas por dentro seu coração corria de terror pelo que ele ia fazer.

— Solte-a! — O açoite da voz de Lachlan imediatamente estalou.

Ulf imediatamente a soltou, mas resmungando. — Não é mais do que ela merece por lançar tais calúnias sobre o clã Balmoral.

— Não ao clã inteiro, apenas aos guerreiros aqui. — Diferente de alguns Highlanders que ela conheceu, ela não julgava um grupo inteiro de pessoas pelas ações de alguns degenerados.

Ela não achava que eles gostavam daquela opinião também quando um silêncio cheio de fúria saudou o passeio. Uma onda grande colidiu contra a proa, mandando um jato de água sobre todos eles. Agora, no ápice de sua raiva, ela tinha que lidar com o medo de que o oceano iria engolir seu barco.

Suas unhas encravaram-se em suas palmas e ela rezou que afogar-se não fosse uma morte tão horrível quanto ela sempre temeu.

A expressão mais estranha cruzou o rosto de Cait. — Eu gostei muito de conhecê-la, Emily.

Vindo na trilha de seus ansiosos pensamentos, as palavras não eram no mínimo bem-vindas. Emily sorveu uma inspiração e tentou tranquilizar-se. Não funcionou. O barco subiu uma onda alta e a proa saiu da água antes de bater nela de novo com um som estridente. Ela ofegou e então mordeu o lábio inferior para evitar fazer outro ruído.

O movimento atrás dela balançou o barco de um lado para o outro e ela perguntou-se quem podia ser tão idiota para balançá-los numa hora como aquela, mas ela recusou-se a girar para ver. Ela preferia ser surpreendida pelo seu destino se Lachlan tivesse mudado de idéia e decidido lançá-la ao mar.

Uma grande mão caiu sobre seu ombro. Lachlan tinha vindo jogá-la ele mesmo.

— Eu não sei nadar —, ela deixou escapar e então praticamente arrancou sua língua por isso, desapontada por ter mostrado tal debilidade.



— Isso dificilmente importaria se eu fosse o homem que você acredita que eu seja, importaria?

Ele estava certo e ela sabia bem no fundo que ele nunca a lançaria ao mar, ou ela estava apenas enganando-se? Ela recusou-se a desafiá-lo. — Você ajudou no rapto de uma mulher com o intento de machucá-la.

— Eu exercitei meu direito de laird em exigir justiça entre os clãs.

— Eu não me importo como você justifica isso para si mesmo. O que você está fazendo determina que tipo de homem você é.

Seu suspiro foi alto e demorado. — Sua opinião a respeito de mim e de meu clã não importa, inglesa.

— Eu nunca pensei que importaria. — Mas suas palavras a feriram e aquilo foi tudo que ela pôde fazer para evitar dizê-lo. Sua opinião devia importar. A dele importaria para ela.

O horror a encheu ante o reconhecimento daquela verdade apavorante. Ela não devia se importar.

— Ainda assim você a expressou.

Ela deu de ombros, ou tentou com sua mão pesada ainda neles. — Importa para mim.

— Entendo.

— Eu duvido.

— Se você for me insultar novamente, eu lhe advirto... não faça isso. — Seu tom calmo foi mais letal do que se ele tivesse gritado a advertência.

Sua boca estalou fechada.

Ele rosnou. — Eu não gosto de conversar com as suas costas. Dê a volta.

— Não.

Mas ele já estava a erguendo para fazer aquilo ele mesmo.



Ela gritou quando foi erguida de sua cadeira completamente. — Não me deixe cair. Você não devia estar se movendo tanto. Você não percebe como o mar está bruto? Nós podíamos virar. — Ela balançou a cabeça, desejando que pudesse apelar por um senso de razão que ela temia que ele não tivesse.

O homem pensava que era indestrutível.

— A água está quase tão lisa como o vidro.

— Você brinca. Eu sei que o faz, mas isto não é assunto para piadas.

— Eu não estou brincando. — Ele a segurou perto contra seu peito, seus olhos cheios de negra intensidade que ela não pôde interpretar. — Nenhum mal acontecerá a você em minhas mãos, inglesa.

Ela quis zombar, mas não podia. Porque os Céus a ajudassem, ela acreditava nele. O que aquilo dizia de seus planos para Cait, então?

Ela não percebeu que fez a pergunta em voz alta até que ele a respondeu.

— É responsabilidade de Drustan convencer Cait de que ela quer ser mantida.

— E se ele não conseguir? — Emily perguntou, tentando ler o nível de sinceridade de Lachlan em seu olhar.

Um pequeno sorriso brincou em um canto de sua boca. — Ele vai conseguir. Ele é um Balmoral.

— Isso não o faz um mágico —, ela sussurrou, uma vez mais cedendo ao feitiço que aquele homem parecia lançar toda vez que voltava toda sua atenção para ela.

Ele a desceu no banco ao lado de Cait, mas desta vez Emily olhou para onde ele havia tomado o lugar de Ulf nos remos. O outro soldado agora ficava na proa do barco, afastado de todos eles, seu corpo rígido de ira.

Lachlan recolheu os remos e começou a remar em perfeita harmonia com os demais. — Ele é homem o bastante para fazer sua companheira desejá-lo... dormir com ela sem machucá-la nem ao bebê que ela leva.

Emily não podia acreditar que Lachlan tinha dito uma coisa assim para ela e o



ofego alto de Cait disse que ela também não apreciou sua candura. — Se ele estiver pensando que eu me submeterei, ele está errado —, ela disse, seu tom tão malvado quanto o de quaisquer dos guerreiros.

Drustan deu uma risada baixa que soou diabólica aos ouvidos de Emily. — Sim, você se submeterá, moça, e vai gostar.

Cait fez um som estrangulado e avançou. Emily girou sua cabeça na hora certa para ver a boca de Cait fechar-se na parte de atrás do ombro do homem provocando-a. Drustan não reagiu mais do que Lachlan reagiu quando Emily o mordeu.

— Eu vejo que você ensinou seus bárbaros costumes ingleses para a jovem Sinclair —, Lachlan falou lentamente, com um inexplicável divertimento em sua voz.

— Eu não sou uma bárbara —, Emily cuspiu.

Drustan fez um rápido trabalho em romper o contato de Cait com sua pele. Então ele a puxou em seu colo, sussurrou algo sobre ensiná-la coisas melhores para fazer com sua boca e a beijou.

Não foi um beijo brutal embora Cait o tentasse morder novamente. Ele simplesmente riu e beijou o canto de sua boca, seus olhos e suas têmporas antes de retornar aos seus lábios. Emily desviou o olhar, negando-se a testemunhar tal cena, mas não pôde evitar espiar novamente e viu que as lutas de sua amiga tinham cessado.

Ela tinha medo que Drustan a machucasse depois de tudo, mas Cait o estava beijando de volta, seu corpo virado em sua direção, não se retorcendo para escapar. Emily não conseguia não olhar. Ela nunca tinha visto qualquer coisa como aquilo. Seguramente aquela era o tipo de intimidade que devia ser guardada para o leito, mas nenhum dos outros soldados parecia no mínimo embaraçado por aquilo.

Cait não estava envergonhada também. Ela estava muito ocupada para reparar em mais alguém, Emily pensava.

Como seria ser beijada de tal maneira?

Ela gostaria? Seguramente aquele tipo de coisa acontecia na cama do casal, mas não era o rosto de Talorc que aparecia em sua mente quando ela tentou imaginar aquilo. Não, o rosto em sua fantasia perturbadora era de outro laird Highland, um homem que foi procurar por vingança com seu rosto pintado de azul e



montando em um cavalo que podia ser confundido com um dragão.

Capítulo 5

Depois de muitos minutos, o guerreiro finalmente ergueu sua boca da de Cait. Ela estava ofegante e tinha a expressão mais impressionada em seu rosto... mas ela não parecia mais brava. Ou nem um pouco assustada.

— Você irá me querer quando eu a tomar —, Drustan prometeu em uma voz que fez Emily sentir-se ridícula por desejar que tais palavras fossem ditas a ela. Mas não por ele.

Era perigoso... algum tipo de feitiçaria Highland que ela não entendia. Ela não era os selvagens dali... eram os magos Balmoral que podiam transformar os pensamentos de uma mulher num mingau.

Usando o canto de seu plaid, Drustan suavemente enxugou a tinta azul que tinha borrado o rosto de Cait pelo beijo. — Eu não a machucarei. Nunca duvide de mim novamente.

Cait virou o rosto, mas Drustan suavemente o apertou em seu peito, embalando-a perto como se ela fosse um tesouro precioso.

Por alguma razão, o ato trouxe lágrimas aos olhos de Emily.

— Você se desculpará agora —, Lachlan disse, atraindo sua atenção de volta para ele.

— Pelo o que? — Ela perguntou, fazendo um esforço valoroso para encontrar seu olhar de lobo.

Aqueles olhos eram tão misteriosos, ela sabia que os veria em seus sonhos.

Como sempre, quando o teimoso guerreiro não queria responder, ele não respondia. Ele simplesmente não tirava os olhos dela. Bem, ela podia ser teimosa, também. Ela apertou os lábios, determinada a não falar. Ela não tinha nada do que



se desculpar. Só porque Cait pareceu apreciar os beijos de Drustan não queria dizer que Lachlan estava certo na forma de vingança que tinha escolhido.

O silêncio entre eles esticou-se continuamente, quebrado só pelo som dos remos cortando a água e pelas ondas quebrando ao redor deles.

— Eu ganharei —, Lachlan prometeu calmamente, então a dispensou tão seguramente quanto se tivesse lhe dado as costas.

Inexplicavelmente magoada por sua rejeição, ela focalizou-se na paisagem do lado de fora do barco. Não foi mais confortante do que tinha sido da primeira vez que a olhou. A ilha a que eles obviamente estavam se dirigindo não parecia aproximar-se e a água se expandia numa extensão de escuras ondas cercand-os.

Drustan soltou Cait e a ajudou a voltar para sua cadeira ao lado de Emily antes de recolher seus remos novamente.

Sem a raiva para reforçar sua coragem, esta a abandonou e imagens horríveis do barco inclinando-se para um lado ou enormes e violentas ondas quebrando em cima dele e levando a ela e a Cait ao mar atormentaram a mente de Emily.

— Você vai tolerar o insulto da moça inglesa? — Ulf reclamou em um tom furioso, interrompendo seu pesadelo desperto.

— Ela se desculpará —, Lachlan falou devagar com absoluta certeza.

— Não, eu não irei. — Ela murmurou o desafio sem pensar e ficou surpresa que pudesse forçar as palavras para fora de sua garganta apertada depois.

Lachlan rosnou baixo em seu peito, o som tão distante do humano a fez estremecer e somou-se a uma sensação de maldição tomando conta de seus sentidos. Seu olhar voou para o dele e ela desejou não ter olhado. Os olhos dele estavam até menos humanos do que o habitual com o dourado quase cobrindo o marrom de suas íris. Ela só sabia que aquilo significava que ele estava lindo e verdadeiramente aborrecido com ela.

Se ela não tivesse passado da idade de acreditar em monstros como dragões e lobisomens, ela pensaria que ele era um dos dois. Um atávico calafrio agitou sua espinha e foi tudo que ela pôde fazer para não choramingar de terror.

— Você está admitindo que ela está certa, então? Que você é fraco e um covarde por tomar sua vingança em mulheres em vez de em homens?



Lachlan levantou e encarou o furioso soldado, seu próprio corpo vibrando com uma tensão mortal. — Você ousa me desafiar?

— Não sou eu quem o está desafiando. Ela o fez e você não faz nada para castigar sua insolência.

O barco oscilou e um grito travou-se na garganta de Emily, fazendo sua mandíbula doer com o esforço que levou para contê-lo. Ela fechou os olhos com força, tentando bloquear a realidade de seu ambiente, mas os sons do vento na água não a deixavam.

— Talvez ele pense que forçá-la a suportar sua companhia é castigo suficiente —, Cait provocou.

Havia uma briga acima de Emily e o barco balançava em declives alarmantes primeiro para um lado e então para o outro. Ela penetrava além e além no medo a dar voltas dentro dela. Seus olhos abriram de repente, seu olhar desesperador procurando pela pessoa mais forte no barco... Lachlan.

Ele estava de pé acima dela, segurando Ulf, como se o impedindo de avançar sobre a garganta de Emily.

Sua mão voou para protegê-la em um gesto totalmente fútil.

Os olhos de Ulf atiraram furiosas recriminações ao seu líder. — Eu não tolerarei tais insultos, mesmo que você os tolere.

— Você tolerará o que quer que eu diga que tolere. — O tom de voz de Lachlan foi o mais significativo que ela já tinha ouvido.

— Você escolheria seu inimigo acima de seu irmão?

Ulf era irmão de Lachlan? Emily supôs que existia uma leve semelhança familiar, mas eles pareciam muito diferentes.

— Guerreiros Balmoral não despojam mulheres.

— Ela nos insultou a todos! — Ele gritou, virando sua cabeça em direção a Emily.

— Ela é inglesa, e, portanto, ignorante de nossos costumes. Ela aprenderá.



Uma minúscula parte de sua mente estava ofendida pela declaração, mas ela estava muito preocupada com a perspectiva de morrer no mar para desenvolver qualquer raiva real.

O sol do verão não tinha se posto totalmente quando eles alcançaram a ilha dos Balmorals.

Emily estava respirando superficialmente, seus dedos enrolados como garras em torno da placa de madeira onde ela e Cait se sentavam. Sua natureza normalmente alegre tinha sido eclipsada pela tortura contínua de cruzar as águas encrespadas e por fazer isso sentada ao lado de Ulf, que a olhava como se a odiasse.

Lachlan tinha trocado de lugar com seu irmão momentos depois de sua breve discussão e ela passou o resto da viagem sendo encarada pelo furioso soldado. Ela queria virar-se, encarar as costas de Drustan, mas seu medo da água tinha tomado o controle novamente. Mover-se até uma polegada estava além dela... e continuava a estar.

A visão de terra tão perto foi tão bem-vinda, que lágrimas brotaram de seus olhos, mas ela não conseguia articular uma palavra.

O soldado de olhos castanhos com o cabelo vermelho, a quem Emily ouviu Lachlan referir-se como Angus, saltou para puxar o barco para a costa enquanto Ulf e o soldado loiro foram atender os cavalos. Levou menos que quinze minutos para trazer o barco e os cavalos até a praia. Drustan ergueu Cait até a terra firme e voltou-se para fazer o mesmo com Emily.

— Venha. — Ele estendeu a mão.

Ela a olhou fixamente. Ele esperava que ela ficasse de pé, ela sabia que sim, mas pela última hora ou mais, seu único apoio de segurança tinha sido seu aperto no banco embaixo dela. Ela fez força para seus dedos se soltarem, mas eles não se moveram.

— Qual é o problema? — Lachlan perguntou a Drustan.

— A moça inglesa está sendo teimosa sobre sair do barco.

Lachlan virou-se para ela, com um cruel cenho franzido. — Não teste minha paciência.



— Você não tem nenhuma —, ela murmurou.

— Se isso fosse verdade, eu não estaria esperando por minhas desculpas.

Ela não respondeu àquela pitada de arrogância. Ela não podia. Ela estava muito ocupada tentando fazer seus dedos a obedecerem.

— Venha aqui — ele latiu, seu olhar queimando-a.

Seu corpo sacudiu e seus dedos finalmente se desprenderam do assento. Ela levantou rapidamente, agradecida por sua brutalidade, mas sem nenhuma intenção de o dizê-lo.

A mão de Drustan ainda estava estendida, mas ela a ignorou, inclinando-se em direção a Lachlan. Ele alcançou o barco e a agarrou pela cintura com ambas as mãos, então a levantou como se ela não pesasse nada. Ele a deixou no chão, uma raiva frustrada emanando dele em ondas que esbofeteou suas exaustas emoções tão poderosamente quanto a água havia colidido contra a proa do barco.

Ela se afastou e sua atenção foi capturada pelos cavalos. Eles não pareciam nem um pouco piores por sua jornada a caminho do canal. Ela queria poder dizer o mesmo. Para retornar a propriedade de Sinclair, ela teria que voltar o mesmo caminho. Enjoada pelo pensamento, ela mal parou de rezar para que permanecesse cativa até o fim de seus dias.

— Qual a distância até a sua propriedade? — Ela perguntou a Lachlan sem olhar para ele.

Ela não obteve resposta e suspirou. — Eu sinto muito por ter sido difícil em sair do barco.

Quando também não recebeu resposta para aquilo, ela olhou para trás para ver se Lachlan ainda estava lá.

Ele estava, uma expressão estranha em seus olhos de bordas douradas. — Você é um desperdício com Talorc, inglesa.

Ela balançou a cabeça, não sabendo o que ele quis dizer.

— Sim, você é.

Cait fez um som de agonia, mas quando o olhar de Emily a encontrou, ela não



conseguia ver nenhuma razão para a interrupção de sua amiga.

— Minha casa é lá —, Lachlan disse, atraindo sua atenção de volta para ele.

Ele estava apontando e Emily seguiu a direção de seu dedo com os olhos, então ofegou pelo que viu. Um escarpado penhasco elevava-se a cinquenta pés no ar e em cima do penhasco estava um enorme castelo de pedra que parecia merecedor de um rei.

— É sólido —, Cait sussurrou, sua voz cheia de medo quando ela chegou ao lado de Emily. — As tropas do meu irmão nunca conseguirão entrar.

Emily tinha que concordar. Ela não achava que o rei da Inglaterra teria muita sorte em um cerco contra os Balmorals.

— O que nós temos nós mantemos —, Drustan arrogantemente disse, pondo uma mão proprietária no ombro de Cait.

— Exceto Susannah —, Cait assinalou.

— Tenha certeza, qualquer engano que levou a sua união com Magnus não será repetido com você.

— Eu devo esperar que não. Eu não tenho nenhuma vontade de me unir ao ferreiro de meu irmão —, Cait disse de modo implicante.

Drustan não sorriu ante a piada. Se ela não achasse que seria improvável, Emily diria que ele parecia severamente ofendido pela observação. Mas até mesmo um Highlander muito sério tinha que perceber que as palavras de Cait não podiam ser nada além de um gracejo.

Por nenhuma razão que ela podia discernir, ele voltou seu olhar de Cait para abranger Emily também.

— Quantos vivem dentro dos muros do castelo? — Emily perguntou, tentando mudar o assunto, sua mente ainda chocada pelo tamanho do castelo no topo do penhasco.

— Você acha que nós entregaríamos segredos assim ao nosso inimigo? — Ulf perguntou, seu desprezo a esfolando.

As emoções de Emily balançavam-se na beira de um abismo tão profundo



quanto seu medo de água. — Eu não sou inimiga de seu clã.

Ela falou em um sussurro que dificilmente era audível, mas Ulf riu com uma falsa alegria. — Você diz isso depois dos insultos que lançou contra nosso clã? Você é suficientemente nossa inimiga. Não só é a esposa do laird Sinclair, mas é inglesa. Isso faz de você duplamente nossa inimiga.

As palavras derramaram-se em cima dela como ácido, queimando e destruindo o que restava de bem-estar emocional.

Ela tinha recebido quase nada além de ódio desde que veio para os Highlands. As palavras de Ulf a diziam que ela seria até mais menosprezada entre seu clã do que tinha sido entre o Sinclair. Ela não podia agüentar enfrentar tal possibilidade.

No feudo de seu pai, ela era bem aceita pelos servos, ainda que não fosse estimada por sua família. Alguns, como sua velha ama-seca, até a amavam. Sua irmã Abigail certamente a amava.

Mas aqui, ela estava cercada por pessoas que acreditavam que ela estava abaixo de seu desprezo. Até Lachlan mostrou que a achava mais aborrecida do que qualquer outra coisa, e aquilo doía mais que todo o resto, embora ela não soubesse dizer por quê. Ela tinha acabado de conhecer o homem e ele não era exatamente uma companhia agradável.

Acima disso tudo, Cait pensava que fosse culpa de Emily que o laird pudesse tentar matar seu irmão. Emily não entendia o raciocínio de sua amiga, mas naquele momento, ela entendia muito pouco. Somente que ela não podia suportar mais uma cara feia apontada para ela simplesmente por ter nascido.

Ela deu a volta e começou a caminhar. Ela não sabia para onde estava indo, mas não importava. Ela não podia ir para aquele castelo, uma fortaleza impenetrável onde não encontraria nada além de mais rejeição e malícia. Ela estremeceu quando se lembrou da aparência da muralha de pedra e das torres elevando-se em cima dela.

Não haveria Cait ali, pronta para continuar uma irmã. Ela seria tirada de Emily... por Drustan. Tinha sido decretado.

Por um momento, seus pensamentos deixaram sua própria situação horrível e sua preocupação se concentrou em Cait. As mulheres do clã iriam evitá-la como as Sinclairs evitaram Emily, ou elas a aceitariam como as Sinclairs aceitaram Susannah? Ela esperava, para o bem de sua amiga que acontecesse o último, mas ela não iria



para as terras Balmoral.

Ela tinha sido evitada o suficiente.

De fato, ela não iria para qualquer lugar que outras pessoas a dissessem que tinha de ir. Nunca mais. Se ela desaparecesse na floresta, Talorc não poderia mandá-la para casa. Então Abigail estaria segura. Sim, aquele era o modo. Tão dura quanto a vida no feudo de seu pai fosse, seria mais fácil para Abigail do que enfrentar o preconceito repugnante que ela encararia no Highlands, e isso seria antes dos Highlanders descobrirem sua surdez.

Emily tropeçou em algo, mas conseguiu ficar de pé. Ela não conseguiu ver o que era através da umidade que revestia os seus olhos. Ela não estava chorando. Ela não choraria; era meramente porque ela estava com frio e seus olhos doíam por causa disto.

Havia vozes atrás dela. Cait e os soldados. Ela tinha que se afastar deles. Ela começou a caminhar mais rápido.

Uma mão caiu sobre seu ombro. — Pare, Lady Sinclair.

Era a voz do soldado loiro. Ela não sabia seu nome e não queria saber. Ela não queria saber nada mais sobre esta terra que era tão inóspita. Sua beleza escondia um terrível defeito.

Ela tentou continuar, mas a mão do soldado apertou, puxando-a para uma parada. — Você deve vir comigo.

— Não. — Ela sacudiu-se de seu aperto e começou a correr.

Ele a seguiu e ela correu mais rápido, batendo em seus olhos para assim poder enxergar. Sua túnica prendeu-se em um galho e ela a rasgou puxando com força, então segurou sua saia tão alta quanto pôde, correndo tão rápido quanto suas pernas agüentavam. Ela teve que escapar.

Ela não teve aviso antes do soldado agarrá-la novamente.

Ela não pensou no que fez depois, mas agiu no instinto de se proteger. Ela curvou-se e agarrou um pedaço de pau do chão, então o sacudiu para cima em um arco com toda sua força, atingindo o soldado onde seu pai tinha ensinado a todas as suas filhas que faria mais estrago.



O soldado uivou como um gato escaldado e agarrou-se entre as pernas, caindo de joelhos, seu rosto contorcido de agonia.

Emily estava muito perturbada para sentir remorso e começou a correr novamente, desta vez com a intenção de conseguir entrar na floresta antes que outro soldado tentasse pará-la. Se Ulf viesse atrás dela, ele provavelmente a machucaria, não importava o que Lachlan tinha dito sobre soldados Balmoral não machucarem mulheres.

Ulf a odiava... da mesma maneira que todos os Highlanders a odiavam. Exceto Cait. Ela esperava que Cait encontrasse felicidade com Drustan.

— Emily, pare!

Aquela era voz de Lachlan, mas ela não podia obedecer. Se ela o fizesse, ele a levaria para seu castelo feito de pedra e seu coração seria triturado até virar pó por mais ódio de seu clã.

— Emily!

Ela impulsionou-se para correr mais rápido, mas ela ainda estava a vários pés da extremidade da floresta quando um corpo pesado aterrissou contra o dela, golpeando-a ao chão. Ela lutou, mas ela não conseguiu desalojar seu peso. Ela continuou tentando, mas não importava o quanto forte ela tentasse tirar suas pernas debaixo, ela falhou. Finalmente, exausta pelos seus esforços, ela ficou quieta.

Lachlan saiu de cima dela e a girou de costas antes de levantar-se.

— Por que você fugiu? — Ele exigiu, sua voz apertada de fúria, sua expressão feita em pedra mais dura que seu castelo.

Ele a odiava, também? — Por favor, deixe-me ir.

— Para onde, sua mulher maluca? Você não tem para onde ir. Certamente você deve ver isso.

O cheiro do mar os cercou, lembrando-a que ela não podia voltar. — A floresta. Eu quero ir para a floresta.

— Você realmente ficou maluca então? Não há nada para você lá a não ser animais selvagens.



— Pelo menos eles não me odiarão. Por favor, Lachlan. Eu não posso ir para o castelo... eu não quero encontrar o seu povo.

— Você não tem escolha.

Ela se arrastou até ficar de joelhos e escapou dele.

— Se você correr novamente, eu a trancarei na torre. Sua porta só será aberta para servir suas refeições.

Emily saltou aos seus pés e correu. Ele a pegou antes dela ter dado quatro passos. Ela não esperava nada menos.

Ele a virou para que o encarasse, sua expressão boa e baixa. — Eu falei sério, moça.

— Sim. — As lágrimas estavam jorrando pelo seu rosto agora e ela não podia obstruir sua visão. — Encerre-me na torre e eu não terei que ver ninguém. Eu não terei que enfrentar seu ódio.

Era um plano muito melhor do que sua confusa idéia de esconder-se na floresta.

— Ódio? Ódio de quem?

— Do seu clã. As mulheres serão exatamente com as mulheres Sinclair... ou pior. Elas acreditarão que eu sujo o ar que respiram só porque eu sou inglesa e os soldados me olharão com raiva o tempo todo. Se eu fizer algo errado... eles me machucarão. Eu apenas esperava por isso antes e agora eu sei que acontecerá. Ulf já quer me machucar —, ela lembrou Lachlan daquele fato irrefutável antes de explodir em mais choros.

Ele a puxou rudemente contra ele, sua mão batendo levemente sem jeito em suas costas. — Eu não o deixarei.

— Você deixará. Você me odeia, também. Você tem que odiar. Eu sou sua inimiga. — Até quando ela disse as palavras, ela se apertava na segurança sólida de seu corpo.

De alguma maneira, isto tudo tinha que ser um pesadelo e então ela não estava agindo normalmente. Nada tinha que ser adequado ou fazer sentido em



sonhos.

Lachlan não podia agüentar o tom despojado de Emily e ter suas curvas suaves tão perto dele estava deixando-o tão maluco quanto ela soava. Mas ele não acreditava que ela estivesse louca. Só ferida, muito, muito ferida. Era verdade que a antipatia dos Highlander pelos ingleses era profundamente enraizada, mas os Sinclairs obviamente tinham levado isso a níveis muito além de algo que ele tenha visto antes.

— Os soldados Sinclair machucaram você?

— Ainda não, mas na certa isso ia acontecer. Você não vê?

— E Talorc?

— Ele me odeia mais do que tudo. Ele me chamou de sua inimiga e ninguém se importou, mas eles todos pensam que eu sou cruel porque eu disse que preferia me casar com um bode a me casar com ele.

— Isso foi antes ou depois do casamento? — Ele perguntou, sentindo sua primeira punção de empatia pelo laird Sinclair.

Ter sua noiva escolhida para ele teria sido insulto suficiente, mas tê-la a dizer na frente de testemunhas que preferia se casar com um bode teria sido realmente um tormento.

— Antes. — Ela soluçou em um pequeno choro e enterrou-se mais perto da sua rapidamente crescente excitação, mas ela não sabia.

Ela era muito inocente para perceber. Ele estava certo. E o conhecimento daquilo o atormentou.

— Eu não gosto de suas lágrimas.

— Eu sinto muito.

— Pare de chorar.

— Eu estou t-tentando...

Ele podia perceber que ela estava. Ela absorvia uma breve, vacilante respiração após outra.



Ele podia ouvir seu irmão fazendo comentários pejorativos e Cait estava chateada por ele estar segurando Emily tão perto. Ele franziu o cenho. Sua vida como laird contribuía para que tivesse muito pouca privacidade, mas naquele momento ele queria os curiosos olhos e orelhas dos seus companheiros lobisomens longe da mulher vulnerável em seus braços.

Ele a balançou contra seu peito e algo estranho causou uma dor dentro dele quando ela embalou os braços ao redor do seu pescoço e enterrou seu rosto na curva de sua garganta. Luxúria era tudo que era. Ele a queria e não podia tê-la. Não era nada além disso. Se ele pudesse levá-la para a cama algumas vezes para livrar-se aflição, aquilo o deixaria.

Ele a levou para a floresta, longe dos atentos olhos e da audição superior de seus soldados. Não era uma coisa esperta a se fazer. Ele estava levando o tempo que eles deveriam estar gastando em retornar para casa e em levar as mulheres para certa segurança.

Ainda que ele não conseguisse dar a volta e retornar para os seus soldados até que tivesse acalmado os medos de Emily.

Ele só parou quando não conseguia mais ouvir os outros. Ele se forçou a soltar a mulher, abaixando-a até seus pés cuidadosamente.

Ela levantou o olhar para ele, seus olhos ainda inundados. — Você decidiu me deixar na floresta então?

— Me diga por que você fugiu —, ele disse ao invés de responder a sua ridícula pergunta.

— Eu lhe disse. Eu não posso suportar mais ódio. — Ela suspirou, fazendo uma óbvia tentativa para obter o controle de suas emoções. — Eu olhei para o seu castelo e de repente tudo que eu conseguia pensar era sobre todas as pessoas que viviam lá... todos eles preparados para me repugnar porque eu sou inglesa. Ainda por cima, eu sou a esposa do laird Sinclair e eles me odiarão por isso porque ele é seu inimigo.

— Você acredita nisso por que... ?

— É verdade. Eu queria que não fosse, mas eu cheguei a aceitar isso. Os Highlanders odeiam os ingleses.

— Você contou que disse ao laird Sinclair que preferia se casar com um bode.



Você não acha que isso tem tanto a ver com a hostilidade do seu clã em relação a você quanto o fato de você ser inglesa?

— Cait disse isso, mas ninguém sorriu para mim em minha chegada tampouco. Ela deu uma respiração profunda e a liberou.

— Nós não sorrimos para estranhos. Esse é um costume inglês?

Ela pensou sobre isso por vários segundos enquanto piscava as últimas lágrimas de seus olhos. — Talvez não, mas eu deveria me casar com seu laird.

— Por decreto do rei.

— Bem, sim.

— Isso feriria o orgulho do clã. O laird deles é seu chefe, eles são leais a ele acima de seu rei.

— Mas você deveria ser leal ao seu rei acima de tudo.

— Na Inglaterra isso é verdade e talvez na Baixa Escócia, mas não aqui, moça.

— Mas isso está errado. É um pecado colocar um chefe de clã acima do rei de seu país.

— Por decreto de quem?

— A Igreja... eu estou certa que a Igreja tomou tal posição.

— Está?

— Isso não importa para você?

— Não.

Ela olhou fixamente para ele como se não pudesse imaginar tal coisa. — Você não está preocupado em ser sancionado pela Igreja?

— Não.

Quase valia a pena dizer aquilo só para ver sua reação. Ela parecia completamente escandalizada. — Mas isso é terrível.



— Você acha?

— Então, Cait estava certa... Drustan não se casará com ela com a bênção da Igreja.

— Eu não disse isso.

— Mas nenhum sacerdote viria a sua propriedade se você tem tais opiniões desrespeitosas.

— Nosso sacerdote não acha nossas visões aflitivas.

— Não?

— Não.

— Seu sacerdote? Ele vive entre seu clã então?

— Sim.

— Você me odeia, também? — Ela perguntou em uma voz baixa.

— Por que você me faz tal pergunta?

— Você agiu como se me odiasse.

— Quando?

— Quando você me tirou do barco.

— Você me incomodou. Eu estava bravo.

— Eu sinto muito.

— Você obviamente estava experimentando muitas emoções.

— Sim. — Ela tomou outra respiração profunda e esperou. Ele esperou pelo que ela planejava dizer depois. Finalmente, ela exalou um suspiro decepcionado. — Bem... você me odeia?

— Não.



— Eu também não o odeio.

Capítulo 6

Ele não entendeu o porquê, mas gostou de ouvir aquelas palavras. Apesar disso, disse, — Não importa.

— Não, eu não suponho que importe. Da mesma maneira que não lhe importa que eu ache que seja errado seqüestrar a Cait e a mim.

— Você está numa situação melhor com o meu clã do que com os Sinclairs.

Ela mordeu o lábio inferior, seus olhos questionando-o. — Eu não vejo como.

— Ninguém aqui odiará você, Emily.

— Ulf já odeia.

— Ulf está ofendido por sua fala sincera e por seus insultos.

— Ele é grosseiro.

Lachlan riu. — É bom que você perceba.

— Eu não estava o elogiando.

— Ele tomaria isso como tal.

— Vocês Highlanders são um tipo estranho.

— Você não tem idéia.

Ela olhou para ele com tal ar de inocência, que ele mal podia conter-se de tocá-la. — Seu marido não a levou para a cama ainda, levou?



Ela ofegou, sua pele pálida ficando vermelho-rosa. — Você não devia fazer tal pergunta!

— Mas eu estou certo.

Seu rubor se acentuou e ela desviou o olhar.

— Diga-me a verdade, inglesa.

— Não devia importar para você.

— Diga-me.

Ela se abraçou, como se tomando coragem. — Não, ele não me levou. — Ela olhou com raiva para ele. — Está feliz agora?

Ele supôs que ela fosse intocada, mas ouvi-la dizê-lo afetou sua libido com cruel intensidade. — Ele nem sequer a beijou, não é? — Ele perguntou, envergonhando-a ainda mais e atormentando a si mesmo, mas ele tinha que saber.

— Lachlan, por favor... não faça tais perguntas pessoais.

— Eu quero saber.

— Eu não quero lhe dizer.

— Eu podia beijá-la e descobrir.

— Seria errado beijar a esposa de outro homem.

Ele não respondeu, esperando para ver se ela cederia e lhe diria a verdade. Ela o olhava como se esperando que ele retirasse a pergunta. Não iria acontecer.

Ele moveu-se em direção a ela.

Ela recuou três passos ligeiros. — Não. Ele nunca me beijou. Está satisfeito? Ele me odeia. Eu lhe disse, mas a verdade é que... eu não quero que ele me toque.

Aquela admissão final sussurrada quase o deixou de joelhos porque ela não ligava para o toque dele. Seu corpo ainda pulsava em reação a sua aproximação de encontro a ele buscando conforto, mesmo que ela o tivesse visto como o inimigo.



Seus olhos violetas examinaram os seus durante vários segundos de silêncio que ele estava satisfeito em não romper. — Se seu povo me odiar, você me deixará ir?

— Eles não odiarão você. — Ele teria certeza disso. Ele sabia que os Sinclairs tinham mais razão que a maioria de menosprezar os ingleses, mas atirar sua raiva em uma mulher sensível como Emily estava errado.

— As mulheres serão amáveis com Cait como as mulheres Sinclair são com Susannah, ou elas a evitarão por ser sua inimiga?

— Drustan desafiaria qualquer homem cuja esposa ou filha evitassem sua companheira.

Ela assentiu, aparentemente satisfeita com aquilo. — É bom saber disso. Ele é um guerreiro forte. Poucos o desafiariam.

— Você tem razão nisso.

— Lachlan?

— Estou de pé bem aqui, moça.

— Você é casado?

Ele negou com a cabeça, perguntando-se por que ela fez a pergunta.

— Oh. Por que não?

— Eu não quero casar ainda.

— Oh. — Ela ficou muda, aparentemente entregue aos pensamentos.

O que ela tinha para pensar, ele não podia adivinhar. — Por que você pergunta?

— Por nenhuma razão particular. — Ela lambeu seus lábios, corando em um rosa claro e parecendo como se tivesse perdido o fio de seus pensamentos.

— Mas você estava curiosa?



— Era meramente uma curiosidade geral. Eu pessoalmente não me importo se você é casado —, ela enfatizou. — Eu sou um tipo de pessoa muito curiosa. Sybil sempre diz que minha curiosidade me colocará em dificuldade, mas eu pareço não conseguir consertar-me.

Mulheres eram estranhas. Particularmente fêmeas humanas, mas essa aqui era mais estranha que a maioria. E ainda mais difícil de entender era o fato de que ele gostava disso. Ele gostava dela.

— Se eu não fosse casada, você deixaria um de seus soldados me manter como Drustan está mantendo Cait? — Ela perguntou, sua expressão indo de preocupada a envergonhada.

— Não. Eu não deixaria nenhum outro homem possuir você.

— Cait acredita que você pretende matar seu irmão por causa de mim.

— É uma ação digna de ser considerada.

Emily empalideceu, todos os rastros de seu rubor se desvanecendo junto com sua cor natural.

— Mas eu não quero que você o mate!

Ela deveria, ou era muito bondosa para perceber aquilo? — Você não quer estar casada com ele.

— Isto não é razão para matá-lo.

— Mas você não deseja ser sua esposa. — Ele queria ouvi-la dizer isso, embora não pudesse entender por que precisava. Os desejos dela sobre o assunto faziam pouca diferença. Ainda assim ele estimulou —, Não é?

— Não, que Deus me perdoe.

— Então sua morte seria em seu favor.

— Você é de verdade tão frio? — Ela perguntou com uma voz abalada.

— Eu sou prático.

— Matar um homem não é prático. É errado.



Ele não entendia sua visão. — Seu pai é um guerreiro.

— Sim.

— Ele matou.

— Sim, mas só seus inimigos.

— Talorc é meu inimigo.

— Vocês estavam em guerra antes da mulher de seu clã casar-se com um homem do clã dele sem permissão?

— Não.

— Então ele não é seu inimigo. — Ela pareceu aliviada por sua conclusão. — Você não tem razão para odiá-lo... ou matá-lo no que diz respeito a este assunto. Estou certa que tudo pode se resolver se vocês dois se encontrarem... para conversar, eu quero dizer.

Ele não se incomodou de zombar de sua crença, mas era absurda. Ele e Talorc não conversariam se eles se encontrassem cara a cara. Eles lutariam.

— Pare de olhar assim.

— Assim como?

— Como se planejasse matá-lo.

— Talvez eu planeje.

— Você não pode. Talorc é irmão de Cait. Isso a angustiará. Você não vê? De acordo com você, em breve ela será uma das mulheres de seu clã, ela querendo ou não. Isso não significa que sua felicidade é sua responsabilidade? Você é o laird do clã afinal.

As idéias da mulher eram completamente malucas na ocasião e por que aquilo devia fazê-la ainda mais atraente, ele não conseguia compreender. — Cait já está angustiada.

— A angustiará mais.



Ele deu de ombros. — Ela se recuperaria disso.

— Ela odiaria você... e Drustan. Ela o odiaria até mais. Você não pode matar seu irmão.

A discussão estava alcançando-o, mas não do modo que ele estava certo que ela queria. O pensamento de matar Talorc e reclamar Emily como sua amante era extremamente tentador para a paz de espírito de Lachlan.

— Ele também é seu marido. Ele a machucou. Ele devia morrer. — Fazia perfeito sentido para ele, mas Emily parecia horrorizada.

— Você não pode matar o homem em meu nome! — Ela gritou. — Ele não me machucou, não mais que os meus sentimentos de qualquer maneira. E eu passei a acreditar que sentimentos não são muito importantes para vocês Highlanders. Ao menos, não para os guerreiros.

Ele encolheu os ombros novamente. Sentimentos não eram importantes, mas se ele escolhesse ser ofendido em seu nome, isso estava em seu direito. Ele era laird e líder do bando. Ele podia fazer o que quisesse.

— Você não devia querer. Eu não significo nada para você, mas por outro lado eu não suponho que isso impulsione a um de vocês, Highlanders, como um incentivo para começar a se matarem. — Ela marchou para longe dele, murmurando coisas que até sua audição não conseguia ver sentido. Finalmente, ela parou e o encarou a vários pés de distância. — Eu não sou a Lady Sinclair.

Ele ouviu as palavras, mas não conseguiu entendê-las. Ela não era a Lady Sinclair? Isso significava que ela não era casada com Talorc. — Você está dizendo que mentiu para mim? — Ele exigiu.

— Somente aquela vez. Eu queria salvar Cait e pensei que você acreditaria que como esposa dele eu era um sacrifício suficiente para o clã.

— Mas você não está casada com o Sinclair?

— Não. — Ela estava torcendo as mãos agora. — Nós deveríamos casar, mas ele me odeia. Eu não sei o que farei se ele mandar-me de volta a Inglaterra. Eu tenho que salvar minha irmã.

As palavras não faziam sentido, mas talvez nada fizesse naquele momento.



Tudo em que ele podia pensar era que não seria uma mancha em sua honra beijá-la. Agora mesmo.

Ele não poderia possuí-la, não uma humana... mas ele podia beijá-la e talvez mais. Ele sorriu. — Emily... venha aqui.

Seus olhos violetas brilharam cautelosamente. — Eu não acho que seja uma boa idéia.

As palavras mal saíram da boca de Emily antes de Lachlan cruzar a distância entre eles e agarrá-la com os dois braços. Ela ofegou em choque, tanto pelo seu toque quanto pelo fato de que ele tinha atravessado a distância muito depressa. Como ele fez isso?

Seus olhos deviam estar pregando peças nela. Ela pensou que estivesse mais afastada dele do que estava. Isso era tudo, mas ela não o viu mover-se tampouco. Só um borrão e aquilo também era estranho. Ela estava certa de que estava olhando. Só que ela deve ter olhado para outro lado.

Ele olhava para ela como se planejasse devorá-la.

Ele estava furioso por sua mentira? Tinha decidido matá-la em vez de Talorc? Ela pensou em mencionar que isso também angustiaría Cait, mas aquele argumento não influenciou Lachlan a respeito do irmão da outra mulher.

— Você não pertence a ele, então? — Lachlan perguntou, sua voz retumbante como um grunhido de predador.

Ela sacudiu a cabeça. — Eu sou sua prometida.

— Mas não sua esposa?

— Não, não sua esposa.

Lachlan a puxou mais perto até que nem mesmo uma respiração separava seus corpos. Ele era tão grande e quente, que seu calor a queimava através de seu vestido e de sua combinação. Ela nunca foi abraçada dessa forma. Era indecente, mas ela não conseguia forçar som de sua garganta seca para protestar. Ela mal podia respirar.

Os seios dela pressionavam contra o tórax dele e toda vez que ela puxava uma respiração superficial curta e rápida, eles moviam-se de um modo mais perturbador



que os fazia formigar e doer misteriosamente.

Os olhos de Lachlan estavam estreitados e fixos nela. Ele não parecia importunado pelas estranhas sensações de sua proximidade. — E você me disse a verdade antes, que ele não a tocou?

— Sim. — Ela mal pôde falar a palavra.

Ele não disse mais nada, mas sua cabeça desceu lentamente em direção a sua, seu olhar prendendo o seu o tempo inteiro.

Ele deixou sua boca pairando bem acima da sua, tão perto que ela podia sentir sua quente respiração em seus lábios. Um tipo estranho de temerosa excitação a percorreu. Ele iria beijá-la, então?

Ela não devia querê-lo. Era errado, mas ela queria.

Os lábios de Lachlan fecharam-se sobre os dela menos de um segundo após seu pensamento formar-se. Eles eram quentes e firmes, diferentemente de qualquer coisa que ela já tinha conhecido e ela esticou-se para cima, precisando sentir mais.

Ele fez um som baixo em sua garganta, sua boca moldando a dela. Isso extraiu uma resposta dela que era completamente instintiva e ela moveu seus lábios em uníssono com os dele. Era a experiência mais surpreendente que ela já conheceu. Suas entranhas estalavam e chiavam como um tronco coberto de fluido atirado ao fogo. Ela queria que ele nunca parasse de beijá-la.

Naquele momento, nada existia que pudesse machucá-la. Pais não dispensariam suas próprias filhas como se fossem descartáveis, nenhum bravo guerreiro Sinclair a mandaria de volta a sua casa só para forçar seus pais a enviar Abigail em seu lugar, nem guerreiros Balmoral esperando para levá-la ao seu castelo onde ela seria prisioneira.

Ela não era uma cativa neste momento, mas uma mulher. Ela nunca se sentiu tão livre e não achava que alguma vez sentiria tais sensações novamente. Certo ou errado, ela queria senti-las enquanto podia.

O corpo dele era tão firme contra o seu, tão diferente do seu próprio... grande e poderoso, emanando um aroma que enchia seus sentidos. Era picante e exclusivamente masculino. E ele chamava por algo bem no fundo que ela não podia nomear, fazendo-a se sentir oca e vazia. Não de um jeito ruim, entretanto, não



como uma verdadeira fome de comida. Não, isso parecia de todo muito bom, como se ela tivesse uma fome peculiar que só que este homem pudesse saciar. Calor e dor conectavam-se de algum modo misterioso para que aquele vazio pulsasse entre suas pernas.

Seus quadris moviam-se por sua própria vontade, roçando suas coxas duras e aumentando o redemoinho de emoções que a atacavam. Ela não entendeu o que estava acontecendo com ela. Assustou-a, mas também a encantava. Ela precisava ficar mais perto dele. Embora ela não soubesse como. Seus corpos estavam tão perto quanto dois seres podiam estar.

Não era o bastante.

Seus lábios se abriram, suavizando-se contra os dele e ela pôde sentir seu gosto. Seu sabor era mais doce que mel, o que era estranho porque o homem estava longe de ser doce, mas ela nunca conheceu nada tão delicioso quanto o beijo de Lachlan.

Desejando mais daquele sabor, ela tocou seus lábios com a ponta de sua língua. Ele rosnou como um lobo faminto, seu corpo inteiro vibrando com o som. Este estremeceu dentro dela, também, fazendo-a se sacudir e seus joelhos enfraquecerem, mas ela não queria interromper o beijo.

Longe de desejar que ele terminasse, ela queria fazer coisas devassas... tocá-lo e ser tocada por ele. Ela queria as mãos dele em seu rosto novamente, estendidas em suas bochechas enquanto a beijava.

Ela queria sentir a pele dele, imprimir seu cheiro e a sensação dele em sua mente para carregar com ela por toda a eternidade. Seus dedos coçavam para traçar o padrão da tatuagem que circulava seu bíceps e depois a do animal em suas costas. Ela queria correr os dedos por seus cabelos e pelas escuras ondulações espalhadas por cima dos músculos nitidamente definidos de seu tórax e torso.

Ela se permitiu apertar uma mão, aberta, contra a frente de seu peito do lado não coberto pelo seu plaid.

Todos os lugares em que sua pele tocava pele formigavam. Era a sensação mais estranha que ela já tinha sentido e alimentava o desejo queimando em seu interior. Parecia que ela tinha sido feita para fazer aquilo, como se tivesse nascido para ligar-se a esse homem somente.

Isso não podia ser verdade. Ele não era seu pretendido. Ela nunca poderia ser



sua noiva. Lágrimas escapavam por detrás de suas pálpebras da inexplicável dor pelo pensamento.

Ela devia empurrá-lo. Ela tinha que parar aquilo antes que ela perdesse seu coração e sua honra. A decência e a sanidade exigiam isso, mas seu coração gritava que essa era sua única chance de provar o desejo verdadeiro. Uma vez que ela estivesse casada com Talorc, ela nunca poderia experimentar algo como isso novamente. Ela não conseguiria. Não com ele. Talorc não cheirava assim... ele não teria esse gosto.

Provavelmente, ele nem a beijaria.

Ele a odiava.

Como ela podia pertencer a um homem que a odiava?

Mas seu cérebro insistia que esse beijo ainda era errado.

Finalmente, ela se forçou a escutar e tentou se desligar de Lachlan, mas ele respondeu movendo seu abraço para sua cintura e erguendo-a para um contato mais íntimo com seu grande corpo. O ápice de suas coxas encontrou um cume duro e com um gemido, ele a pressionou contra aquilo. O prazer a cobriu em uma onda de tal devastador deleite que ela gritou contra seus lábios.

— O que diabo vocês estão fazendo?

A voz rouca penetrou os pensamentos de Emily da mesma maneira que o aperto de Lachlan foi firme dentro do corte de seu vestido, em sua cintura.

Ele ergueu sua boca da dela. — Vá embora, Ulf.

— Guerreiros Balmoral não dormem com mulheres casadas —, Ulf disse, cuspiendo as palavras com repulsa suficiente para fazer o rosto de Emily queimar de vergonha.

Ela o enterrou no pescoço de Lachlan.

— Ela não é casada.

— Ela disse que era.

— Ela mentiu.



— E você só tem a palavra dela disso? — Ulf exigiu.

— Sim —, Lachlan rangeu os dentes enquanto baixava Emily até que ela ficasse em seus próprios pés novamente.

Ele girou para encarar seu irmão, afastando-se dela ao mesmo tempo. Gelada pela perda de seu toque, ela esfregou seus braços. Ele permaneceu entre ela e Ulf, mas ela não sentia como se ele estivesse com ela—apenas na frente dela. Ele era uma barreira, mas não um aliado.

A vergonha de que ela quisesse ficar com ele a encheu. Ela não era casada, mas estava prometida. Com um homem que diretamente se recusou a casar com você, seu cérebro a lembrou. Isso negava o noivado? Não poderia, enquanto o futuro de Abigail estivesse em jogo.

— Por que devíamos acreditar em você agora, inglesa? De uma forma ou de outra, você é uma mentirosa. — Ulf zombou dela.

— Eu não estou mentindo.

Ele abruptamente voltou sua atenção para seu irmão. — Que diabo você estava fazendo beijando-a, despreocupadamente? Ela é nossa inimiga.

— Ela não é nossa inimiga e você não a chamará dessa maneira novamente. — O tom de Lachlan foi tão áspero, que ela mal pôde acreditar que ele era o homem que a tinha beijado tão ternamente há apenas alguns instantes.

Ulf não pareceu impressionado pela ira de seu irmão, contudo. — Uma ova que não. Só porque você é controlado por aquela besta dentro de você não quer dizer que eu abandonarei a razão por tais impulsos básicos como a luxúria. É óbvio para os outros soldados também. Eles estão de volta à praia apostando se você já copulou ou não com ela.

Emily ofegou pela crua terminologia e pela implicação das palavras de Ulf. Os outros sabiam que Lachlan a queria? Eles pensavam que ele a estava tendo... naquele momento? Pelos santos, eles não perceberam que ela era uma moça casta e honrada?

Embora ela não tivesse agido como uma um momento atrás. Ela tocou o peito nu de um homem... e quis fazer mais.



Talvez ela fosse depravada.

— Eu não sou governado por minha besta, eu sou beneficiado por ela —, Lachlan disse em uma voz dura.

— Assim você diz.

O que era toda essa conversa sobre bestas? Estava Ulf tentando dizer que a luxúria era uma besta? Ela ouviu isso descrito dessa forma pelo padre que serviu a baronia de seu pai, mas Ulf não parecia um homem religioso que evitava os prazeres da carne. Ele queria assim indicar que não tinha a mesma besta furiosa nele mesmo, ou simplesmente que não sentia tal coisa por ela?

Ela suspeitava que fosse a última e não se sentiu nem um pouco ofendida por isso. Ficou mais aliviada.

O escárnio de Ulf estava agora dirigido completamente ao seu irmão. — Então prove sua superioridade em vez de fazer uma piada disso.

Lachlan suspirou. — Ela é inocente.

Emily estava confusa. Do que ela tinha sido acusada?

— Você a beijou para determinar se ela havia sido tocada ou não? — Ulf perguntou, soando marginalmente aprovador. — Para testar se ela disse a verdade ou não?

— Sim.

Emily olhou fixamente para os dois homens por vários segundos antes de compreender completamente o significado de sua conversa. Quando ela compreendeu, ela desejou que a terra se abrisse e a engolisse. Ela respondeu com um abandono lascivo a um teste que o odioso laird tinha armado para descobrir a veracidade de suas palavras. Enquanto ela tinha se perdido em algo bonito que tinha acreditado ter significado, ele tinha meramente tentado discernir se ela dizia a verdade ou não.

Isso era humilhante... e doía.

No entanto, ela estava chocada que ele tivesse extraído aquela conclusão, considerando o quanto ela havia incitado seu ardor de forma libertina.



— Ele pode ter se recusado a tocar uma esposa inglesa —, Ulf meditou.

— Nem mesmo por causa de seu orgulho um guerreiro Chrechte iria se recusar a tomar sua esposa. A honra exige que ele não toque em nenhuma outra. — Lachlan sacudiu a cabeça. — Não. Ela não é sua esposa e nós temos apenas sua palavra de que ela é sua noiva, embora eu esteja inclinado a acreditar nessa parte de sua história.

— Você está certo de sua inocência?

— Ele nem sequer a beijou.

Ulf olhou para Emily, sua expressão zombadora. — Ela é tão inexperiente assim?

— Ela é completamente intocada.

— Ela era —, Ulf disse com um sorriso afetado, agora obviamente pensando que as ações do seu irmão bordavam o heróico.

Por que ele não deveria? Ela tinha sido profundamente humilhada por sua resposta ao seu beijo. E isso tinha que ser óbvio pelo rubor queimando seu rosto e pescoço. Não havia dúvida que Ulf estava mais contente por tal circunstância, mas ela queria estrangular Lachlan.

Ele prometeu não machucá-la, mas uma vez mais ele mentiu... pois ele a machucou mais do que ela queria admitir, e não meramente seu orgulho. Ela se sentiu ferida, mas ela não daria a ele ou ao seu horrível irmão a satisfação de saber disso.

E ela nunca iria acreditar em outra palavra que Lachlan dissesse. Um homem que podia beijar como ele a beijou—mas que na verdade não queria dizer nada com aquilo—não podia ser confiável.

Quando eles voltaram até os outros, Emily se forçou a desculpar-se com o guerreiro que ela bateu com o pau. Suas palavras receberam um encolher dos ombros e então o homem virou-lhe as costas.

Ótimo. Ela não iria se ferir por sua rejeição. Era o que recebia por ser tão bondosa em companhia destes bárbaros. Ela tomou os sentimentos deles em direção a ela muito seriamente. Ela não viveu quase toda sua vida com seu pai e madrasta menosprezando-a como se ela fosse uma criada em sua casa?



A única pessoa no mundo que verdadeiramente a amava como parte da família devia ser sua irmã Abigail. E Emily estava no Highlands para poupar sua irmã do mesmo destino. Ela podia enfrentar qualquer coisa e qualquer pessoa por tal causa.

Ela não fugiria novamente... a menos que ela tivesse certeza de seu destino e que suas chances de uma fuga de fato fossem altas. Ela iria resistir e faria isto com um sorriso no rosto só para confundi-los. Ela mostraria a eles que ela não era uma criatura fraca, não importa o quanto tolamente ela tenha se comportado até agora.

Cait correu para seu lado e segurou os dois braços de Emily com os seus. — Você está bem?

Emily apertou os dedos de Cait. — Eu estou bem. Eu não sei por que eu corri. Foi ridículo.

— Suas emoções a subjugaram. Eu pude ver isso acontecendo, mas não podia fazer nada para ajudá-la. Não foi surpresa depois do tempo no barco. Você estava aterrorizada; eu podia cheirar o seu medo. Você o escondeu muito bem, mas eu estava bem ao seu lado —, Cait disse com óbvia admiração. Eu não sabia que huma... eu quero dizer, que ingleses tinham essa habilidade.

Emily sacudiu a cabeça. — Às vezes você diz as coisas mais estranhas. Você sabe disso? Só porque eu sou inglesa não significa que eu seja uma fraca.

Cait riu. — Eu diria, depois do modo que você lidou com aquele soldado que foi atrás de você. É óbvio para todo mundo aqui que você não é nenhuma fraca.

— Eu não lidei com Lachlan tão eficazmente.

— Naturalmente não. Ele é laird. Ele não seria se não fosse mais forte que todos os outros —, Cait replicou com palavras de consolo.

Era por isso que os seus beijos a giraram ao avesso? Se fosse verdade, então talvez Talorc fosse da mesma maneira poderoso, mas de algum modo ela não podia acreditar que esse era o caso.



Ela não ficou surpresa quando Lachlan ordenou que um dos outros soldados a levasse em seu cavalo no caminho para o castelo. Afinal, agora que ele tinha respostas para suas perguntas odiosas, ele não precisava tocá-la. Ela recusava-se a se incomodar com isso.

O guerreiro chamado Angus estendeu sua mão para ela e ela sorriu para ele quando a aceitou para montar. Ele pareceu confuso por seu sorriso direto e parou no meio do ato de colocá-la sobre o cavalo com uma expressão estupefata em seu rosto.

Ela simplesmente aguardou, espantando-se com o quanto aqueles soldados eram ingênuos, a fim de que seu pobre plano estivesse tendo tamanho sucesso tão depressa.

— Angus!

O comando de Lachlan tirou o soldado de seu devaneio e ele subiu Emily ao seu colo.

Ela sentou-se bem à frente, mas voltou-se para sorrir para ele mais uma vez.
— Obrigada do fundo do coração por permitir que eu monte com você.

— Ele não permite nada. Eu ordenei isso —, Lachlan rosnou.

Emily o ignorou, decidindo imediatamente que sua campanha para confundir os soldados com seu alegre semblante não se estenderia ao seu líder. Ela nunca mais queria falar com ele novamente.

Ela encarou o horizonte sem outra palavra. A viagem penhasco acima não foi tão angustiante quanto a travessia na água, mas ela agradeceu a Deus mais de uma vez que não tivesse medo de altura. A trilha em forma de ziguezague ao lado do penhasco era larga o suficiente somente para os enormes cavalos de guerra, seu lado direito apoiando-se numa superfície de pedra e o esquerdo numa escarpada queda penhasco abaixo.

A menos que houvesse outro caminho para alcançar o castelo no topo do penhasco, ela não podia imaginar que uma tropa de qualquer quantidade pudesse alguma vez surpreender os Balmorals com sua chegada, ou nem sequer conseguir



chegar ao castelo a não ser que os Balmorals quisessem que chegassem.

Cait estava certa. Não havia modo de seu irmão conseguir resgatá-las uma vez que estivessem dentro das muralhas do castelo.

Quando eles alcançaram o topo do penhasco, eles puderam ver a ponte levadiça abaixada e então eles seguiram direito pela muralha exterior antes de pararem e desmontarem. Homens e mulheres vestindo o plaid Balmoral olhavam com aberta curiosidade para Emily e Cait. Eles não olhavam de cara feia como os Sinclairs, embora Emily soubesse que seu vestido tivesse entregado sua origem inglesa.

Uma mulher mais velha com um rosto e olhos amáveis, muito parecidos com os de Angus até, avançou. — Quem é esta com você, filho?

— A cativa Balmoral. Ela é prometida de Sinclair.

— Então, nós capturamos duas em retaliação a Susannah, portanto? — O rosto da mulher enrugou-se em um sorriso satisfeito.

— Sim, capturamos.

Drustan deitou uma mão possessiva na sobressalente barriga de Cait. — Não, nós capturamos três.

Os olhos de Cait encheram-se de lágrimas e Emily quis bater nele.

Mas continuando com seu intento de confundi-los, ela sorriu ao invés disso. — Eu ainda digo que é um homem pobre aquele que obtém sua vingança através de mulheres e de uma criança.

Ela disse as palavras docemente, então a carranca de Drustan não se formou até dois batimentos cardíacos depois que ela falou. Quando ela surgiu, era feroz suficiente para derrubar o monstro lobisomem de quem a distante governanta de Emily contava a ela e a Abigail tantas histórias.

Cait, porém, não parecia mais prestes a chorar e isso era tudo que Emily queria. Ela estava sacudindo a cabeça, seus olhos questionando a sanidade de Emily.

Angus riu, entretanto.

— Você acha o insulto ao seu irmão divertido? — A mulher mais velha



censurou.

— Nosso laird disse que ela é inglesa e, portanto, terá que aprender nossos costumes para entendê-los. Eu estou propenso a concordar.

Sua mãe agitou a cabeça. — Um insulto é um insulto, Angus... até para uma mulher inglesa.

— Já basta desta conversa tola. — A voz dura de Lachlan veio diretamente detrás de Emily. — O padre espera por nós no castelo.

E isso foi quando ela descobriu que haveria um casamento entre Cait e Drustan. Imediatamente.

— Mas o sacramento do casamento é para ser realizado pela manhã —, Emily disse, escandalizada enquanto seguia os soldados ao castelo. Ela ainda tinha a intenção de ignorar Lachlan, então estava arengando com Drustan ao invés de com ele. — E Cait não pode ir ao seu casamento sem a oportunidade de preparar sua pessoa. Isso é selvagem demais até para vocês Balmorals.

— Você iria preferir que eu tomasse sua amiga em minha cama hoje à noite sem fazer dela minha esposa? — Ele perguntou numa fala preguiçosa que a fez querer gritar.

— Eu iria preferir que você esperasse até que ela tivesse tempo suficiente para se preparar.

— E quanto tempo seria isso, inglesa?

— Leva tempo organizar um casamento... dias, semanas até.

— Pelo contrário, o casamento já está arrumado. — A voz de Lachlan veio de sua esquerda, mas ela se recusou a olhá-lo.

— Drustan... por favor, você precisa reconsiderar.

— Meu laird ordenou que o casamento acontecesse agora. Deve ser feito.

Eles alcançaram o castelo e o pequeno grupo arrastou-se até o grande salão onde um padre realmente aguardava próximo à lareira. Ele usava as vestimentas apropriadas e sua expressão era amável, mas a imagem dele fez o coração do Emily bater forte.



Cait não parecia semelhantemente afetada. Sua expressão era estóica, mas isso era uma fachada longe de serena e Emily desejou que existisse algo que ela pudesse fazer para salvar sua amiga.

Ela estava até disposta a quebrar sua própria promessa de nunca falar com Lachlan novamente, se isso ajudasse. Virada para encará-lo, ela agarrou seu braço num apelo urgente.

— Por favor, não faça isso. Não hoje à noite. Dê-lhe tempo para...

— Para o que, inglesa? A espera não mudará seu destino.

— Mas ela nem sequer conhecia Drustan antes de hoje.

— Quantas vezes você se encontrou com Talorc antes de seu pai mandá-la aqui?

— Isso não é a mesma coisa. Isso não é por ordem do rei. E Talorc não forçou o casamento na minha chegada.

— Ele forçaria se quisesse levá-la para a cama.

Emily vacilou para trás pela brutal crueza das palavras, mas ela não podia se permitir ficar chateada. Ela tinha que continuar lutando pelo bem-estar de Cait. — No entanto—

— Basta —, ele disse, cortando-a. — Se você não cessar esta desgraça, eu a trancarei na torre antes do casamento ocorrer.

A boca de Emily fechou-se para outro argumento. Ela era a única amiga presente de Cait. Ela tinha que ficar. Com esse pensamento em mente, ela foi aguardar ao lado de Cait.

Cait não olhou para ela, mas apertou a mão de Emily como se a dissesse que estava feliz por ela estar lá. Então ela prendeu as próprias mãos à sua frente, sua boca fixa em uma firme linha. Drustan tomou seu lugar do outro lado de Cait e Lachlan moveu-se para ficar ao lado dele. Angus e a mulher mais velha que tinha falado ficaram próximos. Todos no salão estavam silenciosos.

O padre começou o sacramento do casamento com as palavras certas, mas Emily não pôde evitar sentir que era sacrílego falá-las à noite ao invés de pela



manhã. O casamento era válido se o procedimento ditado por Roma não fosse seguido ao pé da letra?

Ela rezou pela alma de sua amiga para que fosse.

Drustan fez os seus votos em uma voz firme, mas quando chegou sua vez, Cait permaneceu muda. O padre repetiu a pergunta, mas Cait agiu como se não tivesse ouvido.

Emily não a culpava. De fato, era um plano inteligente. De acordo com as leis da Igreja, um casamento podia ser anulado se ambas as partes não ingressassem nele consentindo.

Franzindo o cenho, Drustan segurou Cait pelos ombros e a girou para encará-lo. — Você será minha independente do que fizer aqui.

Desviando o rosto, Cait encolheu os ombros, mas Emily podia ver a tensão no corpo de sua amiga.

O padre olhou para Lachlan esperando instruções.

Lachlan olhou para Drustan. Drustan cruzou seus braços, sua intenção clara. Ele não se moveria de sua decisão.

Emily orgulhava-se da força de determinação de Cait, mas aquilo a preocupou. Melhor ser casada antes de ser tomada, ou assim Sybil sempre dizia. Emily não tinha o hábito de concordar com sua madrastra, mas nesse caso... ela concordava. E depois do beijo que ela testemunhou no barco entre Cait e Drustan, ela não tinha dúvida de onde exatamente Cait iria acabar dormindo essa noite.

Lachlan cruzou seus braços acima de seu largo peito, sua expressão entediada. — O padre dará a bênção a vocês ao meu comando.

O santo homem recuou, mas assentiu.

Cait não fez nada... não disse nada.

— Eu prefiro que ela pronuncie seus votos. Eu me contento em possuí-la sem o benefício do casamento até que ela faça isso.

— Não —, Emily ofegou, mas ninguém lhe prestou atenção.



Lachlan considerou Cait por vários longos minutos de silêncio. — Muito bem, até que você pronuncie seus votos para meu soldado e una-se a ele de boa vontade e para sempre, a inglesa irá aquecer minha cama.

A escuridão abateu-se sobre Emily e ela fez tudo o que pôde para permanecer de pé. — Você mentiu de novo —, ela sussurrou.

Mas ele a ouviu. Assim o fez todo mundo pela reação que ela recebeu, mas ela não se importou. Os soldados podiam olhar furiosos tanto quanto quisessem e o padre poderia também parar de aparentar como se ela tivesse falado uma blasfêmia. Lachlan de Balmoral não era nenhum deus para ser blasfemado, não importa o que o arrogante homem pudesse pensar.

— Minha paciência com seus insultos está acabando.

— E eu não tenho paciência alguma com todas suas mentiras —, ela disse, sua voz mais forte agora, embora seus joelhos ainda parecessem frouxos.

— Diga-me quando eu menti.

— Você disse que não permitiria a ninguém me possuir.

Ele teve a audácia de negar com a cabeça.

Ela o olhou com raiva e assentiu de volta. — Sim, você disse.

— Eu disse que não deixaria que um dos meus soldados a mantivesse.

— Mas—

— Eu não fiz nenhuma promessa de não mantê-la eu mesmo.

— Você não pode —, Cait disse, sua voz apertada pelo choque. Se você fizer, Talorc irá considerá-la emparelhada com você e se recusará a casar-se com ela.

— Ele já se recusou.

— Mas ele voltará a si.

Lachlan nem se incomodou de encolher os ombros, mas a desconsideração daquele argumento sem valor estava escrita em sua postura. Ele não se importava com seu futuro... só em conseguir as coisas ao seu modo. Ele queria sua vingança e



ele não seria negado.

— Emily, eu... — Cait parecia como se estivesse prestes a chorar novamente.

Emily a acalmou como melhor podia. — Não se preocupe comigo. Eu ficarei bem —, ela mentia com o que restava de sua coragem.

Mas Cait negou com a cabeça. — Não. Você será arruinada... você estará emparelhada com ele. Eles não vêem isso da mesma forma aqui... Susannah nos disse, mas os Sinclairs vêem. Eu estou certa que seu pai inglês também.

— Você quer dizer que se Drustan levá-la para sua cama, ele não se verá comprometido com você? — Emily perguntou.

— Claro que ele está comprometido com ela. Você acha que o padre é para quê? — Lachlan perguntou com óbvia irritação.

Emily virou-se para ele com fúria. — Ele disse que a levaria para cama sem levar isso em consideração.

— Ele quer que ela faça os votos.

— E você... tudo que quer é tudo do seu jeito.

Sua sobrancelha escura arqueou-se.

Emily abriu a boca, mas não soube o que dizer. Ela não queria ser a alavanca usada para forçar Cait a casar-se, mas também estava preocupada com a virtude de sua amiga. Desconsideradamente, ela não emprestaria sua voz aos outros para fazer pressão sobre ela.

Ela fechou sua boca e afastou-se.

— Eu pronunciarei os meus votos.

— Não por mim —, Emily disse impetuosamente, agarrando o braço de sua amiga.

Cait sacudiu a cabeça. — É um gesto sem importância para se recusar. — Ela suspirou, seus ombros caídos. — Como eu disse, meu clã vê o ato físico da união como um compromisso para toda a vida. Meu irmão irá me considerar emparelhada não importa as palavras que eu fale aqui.



— Mas você não quer prometer sua lealdade a Drustan, quer?

Ela finalmente entendeu por que Cait quis evitar proclamar seus votos independentemente da ameaça de Drustan.

— Não, mas ainda que eu não dissesse as palavras... eu pertencerei ao clã Balmoral ao amanhecer. De acordo com as leis do meu povo, eu pertencerei a Drustan.

Não era certo, mas era o modo do seu mundo. Só chocava Emily Cait alegar que o clã Balmoral não via isso como tal. Bem, sem o casamento... um homem inglês podia abandonar uma mulher que tinha comprometido também. Estava Cait dizendo que um Sinclair não podia?

Era tudo muito confuso, mas uma coisa era clara. Cait não estava muito feliz em pronunciar os seus votos.

Drustan não parecia muito feliz também. De fato, ele parecia absolutamente irado. Ele segurou os ombros de Cait e a virou para encará-lo novamente. — Tornar-se minha esposa não é um castigo.

— Eu sei —, Cait sussurrou, chocando Emily e fazendo Lachlan grunhir de aprovação.

O olhar esverdeado de Drustan suavizou-se. — Eu me importarei com você e protegerei você e sua criança.

Em menção ao bebê, Cait sacudiu a cabeça.

Drustan suspirou e a puxou mais perto. — Sim. Você aprenderá a confiar em mim, moça.

Então, antes de Cait poder discutir novamente, ele a beijou. Desta vez Emily não olhou. Ela virou a cabeça, mas não pôde evitar notar os minúsculos sons de prazer que sua amiga fez.

Depois do que parecia muito tempo, Drustan falou, — Repita os votos para minha companheira, Padre.

O padre os repetiu e Cait falou sua resposta em uma voz sonhadora que deu a Emily seu primeiro sorriso verdadeiro em um bom tempo. Cait não gostou de ter sua



decisão tomada por ela, mas não era avessa a casar-se com Drustan. Não realmente. E sinceramente, não era pior do que quando Talorc informou a Cait no dia de seu primeiro casamento que ela seria entregue a um de seus soldados. Aquele não foi um casamento só por amor pelo que Emily pôde perceber.

O fardo de uma mulher não era um fácil, mas Cait podia ter se dado pior do que ter que casar com um homem forte que não recorria à violência para conseguir o que queria.

Eles celebraram o casamento com um brinde antes de Lachlan instruir seu irmão a escoltar Emily até a torre leste.

— Ela não pode ficar conosco? — Cait implorou a Drustan, depois se virou para Lachlan. — Você não pode realmente pretender trancá-la em uma torre?

— Não questione seu laird —, Drustan disse antes de Lachlan ter uma chance de responder.

— Ele não é meu laird.

— Desde quinze minutos atrás, ele é.

— Mas—

— Há somente uma cama em nossos aposentos.

— Emily pode dormir nela comigo.

— Eu estarei nela com você e nós não estaremos dormindo —, Drustan disse em uma voz que fez Emily envergonhar-se de ouvi-la.

Cait olhou para Emily com um pedido de desculpas em seus olhos.

— Está tudo bem. Sinceramente. Eu estou feliz de ir para a torre. Você não deve se preocupar comigo.

A mulher mais velha que os havia abordado na muralha exterior do castelo avançou e pôs sua mão no braço de Cait, assentindo para seu filho. — Eu sou Moira, mãe de Drustan, Angus e Susannah. Bem-vinda à nossa família, criança. — Moira olhou para Emily então. — Você é inglesa.

— Sim.



— Noiva do Sinclair.

— Sim.

— Como pode ser?

— Por ordem de nossos dois reis.

— Ah. — Moira assentiu novamente. — Isso explica o mistério. Por que nosso laird está empenhado em trancá-la em uma torre? Você tem sido difícil?

— Talvez, um pouco.

Ulf grunhiu e agarrou seu braço. — Venha.

Emily girou para sua amiga e a abraçou forte com seu braço livre. — Tudo ficará bem, Cait. De verdade que ficará.

— Sim. — Então, parecendo saber o que deixava Emily mais preocupada, ela disse, — Ele não me machucará. Ele prometeu.

Emily tragou sua emoção e balançou a cabeça enquanto recuava. Então ela olhou para Drustan. — Seja gentil com ela. Se for para ela ser sua esposa, você deve entender que tem a obrigação de protegê-la de todo mal.

Em vez de ficar bravo, Drustan assentiu solenemente. — Eu sempre cumprirei minha obrigação.

Emily voltou-se para Ulf. — Por favor, solte o meu braço. Você está me machucando. Eu o seguirei sem reclamar.

Ele a ignorou e começou a arrastá-la em direção à entrada principal do grande salão. De repente, ele parou e sua pressão cedeu de seu braço.

Lachlan estava lá, seu rosto a polegadas do de Ulf. — Eu lhe dei uma ordem, e não incluía tocá-la. Não faça isso outra vez.

Ulf disse algo cruel, mas ele não tomou seu braço novamente. Ele a guiou através do grande salão até a entrada para uma escada na extremidade oriental. Eles recomeçaram a subir uma série de degraus em espiral em total silêncio. Ela manteve-se a vários passos atrás dele, com medo do que seu temperamento



poderia levá-lo a fazer. Os degraus pareciam não ter fim.

Ela e Ulf passaram por três andares em sua subida, mas não pararam em nenhum deles. Quando ele finalmente parou, foi em uma pequena passagem que tinha apenas uma porta. Ele empurrou para abri-la e ela andou para o lado de dentro, cuidadosa em não tocá-lo enquanto apertava-se no aposento.

A porta fechou-se atrás dela com um estrondo e o som inconfundível da tranca escorregando para o seu lugar a deixou saber que ela estava bem trancada.

Estremecendo, ela abraçou-se e olhou em volta de suas novas acomodações. A área circular era pequena e escassa. Tinha uma cama coberta com o plaid Balmoral, mas nenhuma cortina sobre a janela para afastar a luz ou o vento, nenhum revestimento nas frias paredes de pedra para aliviar sua monotonia, nenhuma lareira para um aquecimento extra, e nem mesmo uma cadeira para sentar-se. Havia uma mesa pequena com um jarro de madeira, uma tigela, uma taça e um lenço. Ela procurou por um urinol, mas ao invés disso viu um pequeno *toalete* com um buraco no chão e sem porta.

O quarto da torre parecia exatamente como era, um lugar projetado para abrigar prisioneiros.

Mas era limpo e podia ter sido pior.

Ela podia estar aquecendo a cama de Lachlan.

Cait permanecia de pé no meio da sua nova casa, seu interior sacudindo-se. Ela estava casada. De novo. Ela não queria estar.

Não, isso era uma mentira.

Parte dela queria muito ser uma companheira para a vida toda do lobisomem escorado contra a porta, seu grande corpo pulsando com energia negada por sua negligente postura. Agora mesmo, ela não podia imaginar sua vida sem ele. E isso a apavorava mais do que o fato de que tinha sido seqüestrada e forçada a um casamento nascido da necessidade do laird Balmoral de reparar um insulto.

Ela não devia sentir tanto. De fato, ela não devia sentir nada depois de um conhecimento tão curto.



Ela não se sentiu desse jeito com Sean, nem antes nem depois de casada. Ela tinha se casado com ele porque seu irmão o ordenou, mas nunca se apaixonou por ele. Ela temia muito que já estivesse na metade do caminho com Drustan. Ele tinha sido tão cuidadoso com ela, até quando ela tentou escapar. E quando ele a beijou, ela experimentou desejos que nunca tinha sabido que existiam, nem quando tinha entrado no cio e acasalado com Sean durante uma lua cheia.

— Você parece preocupada. — A voz dele enviou calafrios por cima de sua carne embora o ar não estivesse frio.

Ela respirou fundo e quase se engasgou ao expirar quando ele se afastou da porta... em direção a ela. Ela depressa se moveu na direção oposta. — Eu estou apenas me familiarizando com minha nova casa.

A moradia de Drustan era diretamente acima das moradias dos soldados, no lado oposto do lugar para onde Emily tinha sido levada. Não importa o quanto tentasse, Cait não podia ouvir nada de sua amiga. De fato, com a pesada porta fechada, ela não podia ouvir absolutamente nada do outro lado dela ou das espessas paredes de pedra. Isso proporcionava um nível de privacidade desconhecido entre os membros do bando Sinclair. Ela gostou disso.

O aposento que eles estavam não era um quarto, tendo uma mesa e cadeiras em um canto próximo a uma lareira, a qual era uma extravagância que ela nunca teria esperado em um aposento além do salão principal. Dois bancos se estendiam pela parede oposta próximos a uma grande arca. Havia uma porta aberta perto de um dos bancos que ela supôs que levasse a um quarto porque ela distintamente lembrou-se dele dizendo que tinha uma cama.

Ela escapou em torno da mesa conforme seu novo marido a perseguia. — Sua mãe parece muito boa. Ela me deu as boas-vindas à família.

— Como deveria. — Os olhos de Drustan ardiam com uma fome inconfundível. Só que parecia que comida era a última coisa em sua mente.

Seu coração bateu tão alto, que ela tinha certeza de que ele podia ouvi-lo. Ele deu um passo mais perto, dando a volta na mesa.

Ela recuou, em direção à parede. — Onde você dorme? — Ela perguntou em uma oferta para distraí-lo.

— Nós dormimos ali. — Ele indicou com a cabeça em direção à entrada que ela notou anteriormente, confirmando seu palpite de que era o quarto.



— Eu estava pensando que nós podíamos esperar.

— Para dormir? — Seus dentes brilharam brancos. — Sim, isso virá depois.

Oh, céus, como ele conseguia pôr uma promessa tão fortemente sensual em umas poucas palavras?

— Eu quis dizer antes de nós acasalarmos... eu gostaria de conhecê-lo melhor.

Ele chegou mais perto, seu cheiro ficando mais forte, deixando-a saber que estava excitado. Seu corpo reagiu a isso até quando sua mente lutava por razões lógicas de por que ele não devia reclamá-la.

Estendendo a mão, ele roçou as pontas dos dedos ao lado de seu rosto, fazendo-a estremecer. — Você tem a pele muito macia.

— Obrigada —, ela disse formalmente.

Ele sorriu como se suas palavras o divertissem. — O quanto bem você conheceu seu primeiro marido antes de acasalarem?

— Ele era um membro de meu clã. Eu o conhecia desde a infância.

— Conhecia? Ou conhecia seu rosto, seu nome... rumores sobre que tipo de soldado ele era?

— Eu não entendo. — Mas ela entendia. Ele estava querendo dizer que ela não conhecia seu primeiro marido no dia que se casaram melhor do que conhecia Drustan. E ele estava certo.

— Não?

O silêncio era a sua melhor defesa e ela fez uso dele.

Ele a tocou novamente, dessa vez esfregando seu polegar em seus lábios. — Seu primeiro marido a cortejou?

Ela quase riu daquilo, mas o toque de Drustan afogou seu humor em um desejo rapidamente crescente. Sean nem sequer correu com ela durante uma caçada antes de seu irmão decretar que os dois deviam se casar.



Apressando-se para trás, ela bateu seu ombro na parede, mudou o curso e aumentou a distância entre eles. — Não. Ele não me cortejou.

— Ele esperou para reclamá-la como dele até depois do casamento? — Drustan soou apenas ligeiramente curioso enquanto chegava mais perto, fazendo-a se sentir como uma presa pela primeira vez em sua vida.

Como uma loba-fêmea, ela tinha caçado, mas nunca tinha sido o prêmio a ser pego. Até quando ela entrou no cio a primeira vez, ela já tinha sido possuída e não houve nenhuma "caça" envolvida.

Ela negou para Drustan, incapaz de conversar porque, ao tentar o máximo que podia, ela não parecia conseguir alcançar a mesa entre eles outra vez. Ela estava ofegando numa combinação ancestral de medo e excitação.

Ele chegava mais perto a cada segundo, manobrando-a com a habilidade de um predador especialista até que ela estava contra a parede ao lado da entrada aberta para o quarto. Outro passo e ela estaria no quarto. Ele não parou até que seu corpo roçou contra o dela. Então, ele a prendeu com uma mão contra a parede em cada um dos lados dela.

Sua cabeça desceu até que seus lábios quase se tocaram. — Eu lhe faço esta promessa, Cait. Você me conhecerá muito bem pela manhã.

Então a boca dele cobriu a sua em um beijo que queimou sua resistência restante até as cinzas. Ela estava agarrada aos seus ombros com ambas as mãos quando ele ergueu a boca da sua.

O lobo de Drustan olhava para ela através de seus olhos, transformando-os em um verde escuro como esmeraldas. — Você pertence a mim, Caitriona. Você é minha companheira.

— Ainda não —, ela disse, chocando-se em como sua própria loba vinha à tona para desafiá-lo em um ritual de acasalamento tão antigo quanto o seu povo.

Apesar disso, ela não experimentou nenhum desejo de ceder a esse tipo de comportamento com Sean. Eles acasalaram como humanos. Tinha sido agradável, mas ela nunca almejou uma união física com ele como almejava agora com Drustan. Ela queria ter o corpo dele conectado intimamente com o seu, mas não conseguia simplesmente submeter-se e deixar acontecer. Ela precisava que provasse ser um companheiro forte e merecedor do modo mais primitivo. Essa necessidade a assustou, mas a excitou ainda mais.



O cheiro de sua excitação misturava-se ao da dele agora, deixando-o saber o que ela sentia sem que uma palavra fosse dita, nem sequer um leve movimento de sua parte.

Ele rosnou, o som primitivo da afirmação na resposta do seu corpo ao dele. — Eu quero você —, ele disse roucamente. — Eu a terei.

— Quer? — Ela lambeu os lábios, deslizando suas mãos para fora dos ombros dele. — Terá?

Os olhos dele se estreitaram. — Você me quer, também.

A cabeça dela inclinou-se para um lado. — Talvez. — Mas primeiro ele tinha que provar que era poderoso o suficiente para emparelhar-se com sua loba.

Ele esfregou-se nela, marcando-a com seu cheiro, mas com suas roupas postas, não era um reivindicação completa. Ela sorriu, soltando-se e mergulhando debaixo de seu braço antes de mover-se depressa para fora de seu alcance novamente.

Ela parou na porta, pronta para fugir, para forçá-lo a persegui-la como um lobo persegue sua companheira. — Mas por outro lado, talvez não.

Capítulo 8

Drustan girou para encará-la e sua expressão era satânica. — Eu não posso deixá-la correr, Cait.

Seu corpo inteiro retesou-se com a necessidade de fazer exatamente isso. — Você precisa.

— Não —, ele cerrou os dentes, como se cada palavra fosse difícil de sair. Ele queria a caça, também. Ela podia ver em seu rosto. Ele tomava uma rédea visível de seus desejos. — Eu prometi não machucá-la nem o bebê. Eu não posso deixá-la



fazer isso também.

Ela não queria machucar seu bebê, mas ela tinha que correr.

Com dois hábeis movimentos, ele removeu seu plaid. De repente o ar crepitou como fazia em uma tempestade e antes dela conseguir dar uma respiração, ele tomou a forma de lobo. Ele saltou para a porta, pulando e aterrissando contra ela. Ele deu a volta para enfrentá-la e rosnou, expondo seus dentes.

Ela esteve com lobisomens e lobas sua vida inteira, mas ela nunca havia conhecido o medo na presença de algum. Ela o conhecia agora... um medo primitivo que não tinha nada a ver com a preocupação que ele a machucaria. Era um medo sexual de ser dominada e ainda estava misturado à necessidade de justamente aquilo.

Ela não podia se transformar durante a gravidez, mas não sentia desvantagem alguma o enfrentando como mulher ao invés de loba.

Ela deu um passo em direção à porta. — Você não me machucará.

Mas ele não teve que machucá-la. Ele bloqueou a porta tão eficazmente quanto uma parede de pedra. Ele era enorme como lobo, quase tão alto de quatro quanto ela era de pé.

— Por quanto tempo você manterá sua forma de lobo? — Ela sorriu provocativamente. — Você não pode me reivindicar desse modo. — E então ela ganharia. O insulto travou-se, não dito, no ar entre eles.

Ele começou a persegui-la novamente, um grunhido feroz rugindo em seu peito, suas orelhas para trás, seu rabo levantado, seu enorme corpo animal gritando intimidação em cada movimento sinuoso. E apesar de si mesma, ela recuou e continuou se afastando da ameaça que seu cérebro dizia que não era uma ameaça. Seus instintos exigiam que ela evitasse contato com o lobo que a olhava com olhos que brilhavam com a inteligência de um homem... e com determinação.

Ele não tentaria reclamá-la como um lobo, não quando ela não podia se transformar. A mente dela lhe disse isso, mas o comportamento selvagem dele ridicularizava sua certeza. Então, ela continuou se movendo, não se importando mais se alcançava a porta ou não, só que mantivesse a distância entre eles. Ela não percebeu para onde ele a induzia até que entrou em um quarto escuro.

O quarto.



O ar tremeu novamente e então lá estava ele, um guerreiro erguendo-se em cima dela, seu corpo não menos intimidante do que era na forma de lobo... talvez muito mais porque ela sabia que como homem ele realmente a reclamaria no antigo ritual de acasalamento. Sua completamente excitada nudez exibia sua silhueta na entrada do quarto, que ainda estava iluminado pela luz da vela.

Seu olhar percorreu o corpo dele— ela não pôde evitar. E ela sorveu ar quando viu o tamanho de seu órgão masculino. Ele era maior que Sean. Muito maior. Escuras, inflamadas veias pulsavam na carne ereta de Drustan, lembrando-a de que ele vinha para ela como um lobisomem, não meramente como um homem.

Uma rápida resposta de umidade entre suas pernas lhe disse o que sua loba pensava de sua prontidão em acasalar com ela.

Ele deu um sorriso, seus olhos iluminados com arrogante certeza. Ele sabia que sua loba o queria. — Dispa-se, Cait. Reclame a mim como eu planejo reclamá-la.

Ela olhou para ele, uma emoção inexplicável enrolando-se dentro de seu coração. A reivindicação deveria ser mútua, mas freqüentemente não era. Lobisomens e homens freqüentemente viam da mesma forma suas esposas, como propriedades em lugar de verdadeiras companheiras. As palavras de Drustan diziam que ele pensava diferentemente, que ele reconhecia seu valor e sua força. Por sua própria vontade, suas mãos começaram a tirar sua roupa até que ela ficou à frente dele tão nua e orgulhosa quanto ele.

Sua barriga projetou-se, mas ela não estava envergonhada por isso. Lobas não engravidavam facilmente e carregar uma criança era a evidência do nível mais profundo de sua feminilidade, não algo para se envergonhar. As mudanças em seu corpo o faziam mais bonito. Qualquer lobo diria isso.

O olhar de Drustan, tão atento a ela, refletia concordância com aqueles pensamentos. — Eu nunca toquei em uma mulher grávida —, ele disse roucamente.

Ela agarrou sua mão e pôs sua palma em sua barriga. O calor desse simples toque seco a queimou e um tremor atravessou o grande corpo dele, mostrando que ele estava tão comovido quanto ela. Lágrimas que ela não entendia brotaram em seus olhos. Tudo era diferente com ele. Tudo.

Ele a puxou para seus braços e a levou para a cama, então a depositou nela, seu toque possessivo. — Eu não posso deixá-la correr de mim, mas eu provarei minha força para ser seu companheiro.



Ela olhou fixamente para ele, seu corpo inteiro tremendo de necessidade em sentir seu íntimo contato. — Como? — Ela perguntou em um reduzido sussurro.

— Você me implorará para tomá-la e desse modo eu provarei a justiça de nosso emparelhamento.

Ele pensava em fazê-la implorar? Uma loba nunca implorava. Nunca. — Você não pode fazer isso.

Ela não estava provocando-o, mas estava verdadeiramente preocupada. Ele estabeleceu para si mesmo uma tarefa impossível e ela não queria que seu emparelhamento fosse impossível.

— Você duvida da minha força?

— Eu sou uma loba —, ela o lembrou, evitando fazer um desafio direto.

— E eu farei você implorar. Acredite nisso. — Ele inalou profundamente e sorriu como um conquistador Viking. — O aroma da sua excitação é como um afrodisíaco para o meu sangue. Você irá implorar, você suplicará... você doerá para que eu a possua antes que eu a reclame.

Sean nunca a fez doer.

Ela percebeu que tinha dito as palavras em voz alta quando Drustan riu. — Ele não era um Balmoral.

— Ele foi lobo o suficiente para me engravidar —, ela rebateu de volta, pouco disposta a aceitar o implícito desprezo ao seu clã de nascimento.

Drustan não pareceu nem ligeiramente ofendido, apenas sorriu novamente... o sorriso de um predador que a fez estremecer. — Eu farei com que você deseje que o bebê fosse meu.

Então ele a tocou, as pontas dos seus dedos deslizando-se junto à sua pele, a carícia tão suave fez seus finos pêlos arrepiarem-se sucessivamente e pontos eretos formaram-se em sua pele. Ele usou a boca, as mãos e o corpo para marcar cada pedaço de sua carne exposta com seu cheiro e no processo trouxe sua excitação a um ponto de ebulição.

Ela arqueou-se na cama, seu corpo em uma agonia de prazer. — Drustan!



Ele riu baixo, o som outra impossível carícia. — Você me quer, pequena?

— Sim!

— O bastante para implorar? — Ele exigiu.

A boca dela cerrou-se e não pronunciou as palavras que ela queria dizer e depois abriu de novo, imediatamente em um ofego de prazer quando os dedos dele atravessaram sua carne mais íntima.

— Você está molhada e cheirosa.

Ela formou um som distorcido, incapaz de falar.

Ele pressionou os dedos fundo dentro dela, mas foi cuidadoso em não tocar a pequena saliência de seu prazer extremo. Ele brincou com ela, deslizando seus grandes dedos dentro, fora e ao redor de suas dobras inchadas.

Então ele pôs os dedos na boca e chupou. — Deliciosa.

Ela gemeu.

Ele abriu as coxas dela e então ergueu seus quadris com sua força de lobo antes de descer a boca para o coração exposto de seu desejo. Ele a beijou com os lábios fechados sobre toda sua sensibilizada carne. Então ele a beijou com sua língua numa intimidade chocante. Sean nunca tinha feito isso e ela não podia acreditar que fosse permitido, mas era maravilhoso demais para questionar.

Além disso, se ela abrisse sua boca para falar, ela temia que palavras entrecortadas de súplica fossem tudo que viriam à tona.

Ele a saboreou por vários minutos, retirando-se quando o corpo dela tremeu à beira do orgasmo. Ele fez isso inúmeras vezes até que ela estava contorcida debaixo dele, tentando conseguir aquele toque final que a mandaria além. Mas ele a tinha onde a queria e continuava a lhe dar prazer até que ela estava insensata de necessidade. Ele retirou a boca e sentou-se entre suas coxas abertas. Ela choramingou em protesto, só para gemer novamente quando os dedos dele afundaram-se dentro dela mais uma vez.

Ele os tirou e a visão de sua loba conseguiu ver sua brilhante umidade neles, até na sombria escuridão.



A expressão dele era sombria quando ele marcou primeiro seu pênis e depois bem em cima de seu peito com o cheiro íntimo dela. Ela cedeu, incapaz de conter suas palavras de necessidade por mais tempo, e clamou em guturais apelos que ele a tomasse.

Ele o fez com uma dura investida, juntando os seus corpos em completa unidade. Ele era grande e ela estava inchada pela excitação. Ela sentiu se estirar até o limite prazer-dor. Ele apertou-se contra ela da cabeça aos pés, cuidadoso em curvar-se acima do seu sobressalente abdômen, afetando a marca final de seus cheiros no corpo um do outro.

— Você é minha —, ele disse em uma antiga tradição.

— Eu sou sua —, ela respondeu, sua voz preenchida com uma emoção que ela não queria nomear.

Ele retirou-se até que só a ponta de seu grande membro descansava dentro nela e então esperou em silêncio, seu corpo rígido com a tensão de controlar o desejo de levá-los à satisfação.

— Você é meu —, ela disse em um dialeto ancestral que os celtas de seu clã não entendiam.

— Eu sou seu —, ele respondeu com gentileza e afundou-se até o punho.

Ela gritou, seu corpo arqueando-se com o prazer intenso da mútua reivindicação. Ele estabeleceu um ritmo que trouxe um prazer agonizante a cada estocada até que todo o seu ser apertou-se de necessidade, na beira de um precipício mais alto do que qualquer um que ela já conheceu. Ele esfregava os quadris nela, roçou seu ponto mais doce uma, duas vezes, e então ela explodiu, estrelas explodiram atrás de suas pálpebras fechadas e dentro dela até que tudo que ela percebia era a escuridão.

Quando ela gozou, ele a tinha embalada contra seu corpo e nenhuma luz de vela ardia no outro aposento.

Ela tocou em seu peito, bem onde ele havia se marcado com seu odor sexual.
— Nós somos um agora.

— Sim. — A palavra soou mais como um grunhido, mas ela o entendeu.



E ele estava certo mais cedo... naquele momento, ela desejava mais que tudo que o bebê dentro dela fosse dele. Porque o fato de que não fosse era a única coisa que poderia ter o poder para separá-los.

Não houve batida prévia antes de Emily ouvir a tranca deslizar do lado de fora de sua porta quando foi tirada do lugar. Ulf provavelmente era o soldado acompanhando a criada essa manhã. Ele era rude o bastante para não se incomodar com uma cortesia tão simples.

Na noite anterior, Angus tinha aparecido com a criada e ele não só tinha batido, mas tinha esperado pacientemente enquanto ela e a criada passavam um tempo juntas. A criada pelo menos não tinha sido grosseira com Emily, o que ergueu suas forças consideravelmente. Ela esteve tão ocupada conversando, de fato, que havia comido muito pouco e estava conseqüentemente faminta agora.

Ela estava acordada desde o amanhecer após conseguir dormir muito pouco na noite anterior preocupada com Cait. Ela fez tudo que podia para se ocupar, inclusive arrumar sua cama e usar a água do jarro e a pequena toalha para limpar seu quarto. Ela até tinha dado em seu cabelo umas cem escovadas com a escova que a criada Marta forneceu.

Então, ainda que fosse Ulf do outro lado daquela porta, ela deu boas-vindas à intrusão.

Mas quando a pesada porta de madeira se abriu, não foi o semblante irado de Ulf que ela viu, mas o de Lachlan. Ele não a olhava de cara feia contudo... não precisamente, mas ele não estava sorrindo tampouco.

Ela não estava prestes a sorrir para ele também, não depois de suas ameaças na noite anterior. Ela o ignorou completamente, saudando a criada. – Obrigada do fundo do coração pela comida, Marta. Eu me perguntava...

Ela fez uma pausa e deu a Lachlan um olhar de lado, incerta se seria melhor poupar seu pedido para uma hora quando não estivesse com a criada. Afinal, se a intenção de trancá-la na torre era para castigar, então dar-lhe algo para afastar o tédio e a preocupação seria a última coisa que ele permitiria.

— Sim, milady? — Marta estimulou quando Emily não voltou a falar.

E se Marta partisse e não retornasse novamente até o almoço? Emily não



podia suportar o pensamento de mais horas gastas fazendo nada além de pensar sobre que destino terrível poderia ter acontecido a sua amiga. Ela mordeu seu lábio inferior e então sorriu temporariamente. — Eu esperava que você pudesse ter alguma tarefa para eu fazer, para me ajudar a passar o tempo.

Marta olhou desconfortavelmente para Lachlan e ele deu uma sacudida leve com a cabeça.

— Eu sinto muito, milady, mas não tenho. — Apesar disso, seus olhos expressavam piedade pelo empenho de Emily.

Cheia de decepção, Emily recebeu as palavras da mulher com um aceno de cabeça. — Obrigada de todo modo.

Lachlan dispensou a criada com um estalo de dedos e ela partiu. Emily conteve um suspiro. Ela teria gostado de conversar com a outra mulher novamente, mas a presença dele faria aquilo difícil de qualquer maneira. Ela arrumou a cama recém-feita e perguntou-se quanto tempo ele planejava ficar lá olhando para ela.

— Seu mingau esfriará se você não comê-lo.

Naquele momento, o mingau esfriar era o menor de seus problemas. Ela encolheu os ombros, ocupando-se em dar escovadas desnecessárias em seu já brilhante cabelo com a escova.

— Emily. — A advertência estava lá em sua voz, mas ela escolheu ignorá-la, reorganizando os objetos na pequena mesa.

— Eu não gosto de ser ignorado, inglesa. — Ele disse isso como se acreditasse verdadeiramente que ela ainda não conseguia perceber aquela verdade.

Ele provavelmente era arrogante demais para entender o fato de que ela estava o importunando de propósito. Não que seu comportamento fosse mais que um desafio sem valor na melhor das hipóteses. Ele não ligava para sua opinião, então o fato de escolher ignorá-lo dificilmente era digno de sua atenção. Mas ele notou, ela lembrou a si mesma. Os lábios dela contorceram de satisfação.

Ela não gostou de ser seqüestrada, mas isso não o impediu de levá-la e ela não achava que devia educada consideração ao seu captor.

Ela não o ouviu mexer-se, mas de repente sua grande mão caiu sobre seu ombro. Ele virou o rosto dela para encará-lo, mas ela se recusou a olhá-lo e manteve



os olhos desviados.

Ele suspirou.

Ela considerou o que mais queria—irritá-lo mais ou perguntar sobre sua amiga. Sua preocupação com Cait venceu. — Você viu Cait esta manhã?

— Olhe para mim quando falar comigo.

Ela pensou a respeito e então endureceu sua espinha. — Não.

— Se você quiser que eu responda a sua pergunta, você olhará.

Notícias conclusivas sobre o bem-estar de sua amiga eram mais importantes que seu orgulho. Ela olhou. E desejou não ter olhado. Ele era tão bonito e a fazia sentir raiva que um homem tão bonito pudesse ter um coração tão negro.

— Não.

Ela o olhou fixamente, achando que devia ter ouvido errado. — Você não a viu?

— Não.

— Você me fez olhá-lo só para me dizer que não? — Ela perguntou, enraivecida.

— Não levante sua voz para mim.

— Você me enganou.

Ele encolheu os ombros. — Você não devia ter me negado.

— Por que, por favor, me diga?

— Eu sou seu laird.

— Eu não sou um membro deste clã. Eu sou sua prisioneira e eu não lhe devo lealdade.

— Você me deve respeito.



— Eu não lhe devo nada.

Ao invés de ficar mais bravo, ele sacudiu a cabeça com um estranho sorriso, fazendo-o parecer ainda mais atraente que o normal. — Meus guerreiros mais ferozes não falariam comigo desse jeito e ainda assim você, um mero deslize de uma mulher, desafia-me sem pausa.

— Eu não tenho medo de você.

— Não, você não tem. — Ele soou confuso por aquele fato. — Eu não espero ver Cait ou Drustan por um dia ou mais —, ele ofereceu sem uma incitação extra.

— Você não está falando sério?

— Estou.

— Mas isso é... — Ela parou, insegura do que chamar aquilo. Ela imaginava que um casal recém-casado poderia querer um tempo sozinho. Ela dificilmente poderia culpar isso, mas Cait e Drustan casaram-se sob qualquer coisa exceto sob circunstâncias habituais.

— É normal —, Lachlan disse em uma voz dura.

— É? — Ela perguntou, achando difícil de manter o rumo de sua conversa com ele estando tão perto.

— Sim.

— Eu não tenho experiência nesses assuntos. Não ainda de qualquer maneira. Mas eu estou preocupada com ela. Eu mal dormi ontem à noite pensando no que poderia estar acontecendo a ela.

Lachlan a encarou e ela corou, percebendo como suas palavras soaram.

— Eu não estava pensando nisso.

— Nisso o que? — Ele perguntou, um diabólico brilho em seus olhos escuros.

— Nisso... você sabe. Dormir juntos.

— O que mais você pensou que poderia acontecer a ela em sua noite de núpcias?



— Ela poderia tê-lo recusado.

— Ela não o recusou. Você viu como ela respondeu ao beijo dele no barco. A moça o queria.

A mão de Emily voou para cobrir a boca dele. — Não diga tais coisas. Não é decente.

Ele beijou sua palma e ela jogou sua mão para longe como se queimasse. Pior, ela se sentiu marcada... como se o beijo dele tivesse marcado sua palma com a impressão dos lábios.

Ele sorriu. — Você os observou. Você sabe que eu falo a verdade.

— Eu não observei —, ela mentiu.

— Você observou e isso a excitou.

— Não!

— Excitou e isso me fez arder.

— Arder? — Ela sacudiu a cabeça, incapaz de acreditar que eles estavam tendo essa conversa.

Ele assentiu. — Oh, sim. Seus lábios se abriram como se você estivesse pronta para ser beijada.

— Eu não fiz tal coisa.

— Você fez. E eu gostei.

— Você não devia ter reparado. Foi grosseiro.

— Você acha que eu sou um bárbaro.

— Um bárbaro que fala latim —, ela disse ironicamente.

— Eu tenho muitos interesses.

— Bem, eu estou interessada no bem-estar da minha amiga. Você me



permitirá visitá-la?

— Não há necessidade. Você confiará em mim quando eu disser que ela está satisfeita em estar com meu guerreiro e irá deixar de se preocupar. Drustan deu sua palavra que não a machucaria.

— Como você deu sua palavra que não me machucaria?

— Sim.

Então ela tinha muito com o que se preocupar.

A opinião deve ter se mostrado em seu rosto porque ele disse, — Você deixará de acreditar que minha escolha de reparação por um insulto é um terrível destino que se abateu sobre sua amiga. Cait está incólume.

Emily riu. Ela não pôde evitar. O homem era maluco. — É um destino horrível.

— Não muito mais do que o de qualquer outra mulher entregue em casamento.

— Ela não teve escolha!

— A maioria das mulheres tem pouca escolha sobre com quem se casam.

— Isso é diferente, você precisa ver isso.

— Como?

— Você escolheu por ela.

— E ela teve permissão para escolher seu primeiro marido? — Ele perguntou em um tom que implicava ser tal coisa altamente improvável. — Foi permitido a você escolher se seria ou não enviada para se casar com Talorc?

Não houve nenhuma escolha... não se ela quisesse livrar sua irmã. — Não. — Suspirando, Emily também se lembrou do que Cait lhe disse sobre seu primeiro casamento. — O irmão de Cait decidiu-se por seu primeiro marido.

— Ah —, Lachlan disse com satisfação. — Seu primeiro casamento foi arranjado por seu irmão que também era seu laird e agora seu novo laird escolheu seu segundo marido. Não é diferente.



— É muito diferente. — Como ele podia ser tão teimoso em ver isso? — Ela não escolheu ser um membro deste clã.

— Ela escolheu ser uma Sinclair?

— Ela nasceu uma Sinclair.

— E agora ela tornou-se uma Balmoral.

Significando que ambos não tinham sido escolha de sua amiga. Visto por aquela luz, ela podia entender o raciocínio dele, mas era falho. Só que ela não sabia como explicar aquele fato. — Você está tentando me confundir.

— Não. Eu só estou tentando fazer você ver a verdade.

— Que verdade?

— Que eu não fiz nada censurável ao mandar que esse casamento acontecesse.

— Você disse que minha opinião não importava.

— Eu mudei de idéia. Eu quero que você pare de pensar que eu sou algum tipo de monstro.

— Por quê?

Ele olhou com raiva para ela. — Você não comeu seu jantar ontem à noite, e esta manhã não tocou em seu mingau.

— O que isso tem haver com qualquer coisa?

— Você comerá. Eu ordeno.

— E se eu não comer... que ameaça você usará contra mim para me fazer obedecer? Você me levará como uma meretriz para sua cama? — Ela não podia acreditar que tinha perguntado isso, mas ele certamente não hesitava em discutir assuntos que eram melhor nem mencionar.

— Esquentar minha cama não faria de você uma meretriz —, ele rosnou.



— Não faria? Do que os Highlanders chamam mulheres que compartilham seus corpos com homens quem não são seus maridos?

— Prestadoras de serviços.

Emily ofegou, incapaz de acreditar no que ouviu. — Você não acabou de dizer isso.

— Eu disse. Eu não sou um inglês para dizer uma coisa e querer dizer outra.

— Como ousa?

— Eu ousa o que quiser. Eu sou o laird aqui. — E de acordo com ele, isso o tornava equivalente a um rei.

Bem, ele não era seu rei e assim era. Com um bufo, ela deu a volta.

— Se você quiser ver Cait, precisa comer.

— Então essa é a ameaça? — Não que ele precisasse ameaçá-la a comer. Ela só estava esperando que ele partisse antes de comer seu mingau, mas ele estava certo. Iria transforma-se em uma pedra fria se ela não o comesse logo.

— Se é preciso isso para fazê-la agir razoavelmente, então sim.

— Eu não sabia que era esperado que prisioneiros fossem razoáveis. — Porque ela queria de qualquer maneira, ela sentou-se na sua cama e começou a comer.

Ele moveu-se para ficar próximo a ela, escorando um pé na armação da cama. — Você não é uma prisioneira.

Ela tentou não olhar para a perna musculosa muito perto dela, mas não pôde evitar que seu olhar perambulasse por ela. Ingleses cobriam suas pernas, mas ela não achava que isso importaria se ele usasse meias e uma túnica longa. Lachlan era tão masculino que ele chamava por tudo que era feminino nela até quando ela estava brava suficiente para lançar seu mingau bem em sua cabeça.

— Então a porta não fica trancada pelo o outro lado quando as criadas partem? — Ela perguntou com uma débil gozação. — Eu devo ter imaginado ouvi-la deslizar para o seu lugar então.



— Eu lhe avisei que você seria trancafiada em uma torre se corresse de mim outra vez ontem. Você correu.

— E você prosseguiu com sua ameaça, mas você não me disse que iria me torturar de tédio.

Capítulo 9

Lachlan observou Emily comer, com pensamentos lascivos que a fariam correr se ela pudesse lê-los passando por sua mente. Ele queria aquela boca nele, não na colher. Quando ameaçou mantê-la em sua cama na noite passada, ele sabia que isso convenceria Cait a pronunciar seus votos. Não significava que ele não tivesse desejado um resultado contrário.

Ele não ansiava por mulheres, mas passou uma boa parte da noite acordado e dolorido. E tudo isso era devido àquela inglesa.

— Eu não estou torturando você.

Ela era a única torturando-o com sua necessidade de tocar e saborear quando não devia desejar nenhum dos dois.

Ela terminou seu café da manhã antes de dizer, — Eu vi você balançar a cabeça para Marta. Você quis que ela dissesse que não podia me dar algumas tarefas para fazer quando nós dois sabemos que deve haver dúzias em um castelo deste tamanho.

Ele não podia acreditar que ela estava bancando a ofendida por causa disso.
— Você não é uma criada em minha casa.

— Eu prefiro ser uma criada a ficar sentada o dia inteiro sem fazer nada.

— É por isso que suas mãos são rachadas de trabalho? Porque você não gostava de ficar sem fazer nada na casa de seu pai? — Ele notou aquilo ontem e se perguntou o motivo.



Ela estremeceu, enfiando as mãos nas dobras de sua saia. — Minhas mãos não são feias.

— Eu não disse que elas eram.

— Disse.

Ele suspirou. — Você discutirá sobre tudo que eu disser?

— Não é minha intenção.

— Então pare.

— Você me enfurece.

— Eu notei.

Ela lançou-lhe um olhar enfadado. — Então por que você não para?

— Eu sou laird.

— Essa é sua resposta para tudo? — Ela soou tão irada que ele teve que conter um sorriso.

— É minha resposta quando é a resposta apropriada.

— O que parece ser o tempo todo, em sua opinião —, ela resmungou.

Ele se afastou da cama. Ele alcançou seu propósito. Ela comeu. Agora, ele tinha outras responsabilidades mais importantes para tratar.

Ela ficou de pé de um salto e agarrou seu braço. — Por favor... não me deixe aqui novamente sem nada para ocupar meu tempo.

— O que teria você para me fazer? — Ele perguntou com curiosidade.

— Na propriedade Sinclair, eu ajudava Cait a supervisionar o andamento do castelo. Eu fazia o mesmo com minha madrastra na casa do meu pai, também acompanhando vários serviços. Estou acostumada a estar ocupada.

— Eu tenho uma governanta e mulheres para ajudá-la.



O rosto de Emily cedeu e sua pequena mão soltou-se do braço dele. — Muito bem. Eu não o afastarei mais de suas obrigações com meus problemas sem importância.

— Eles não são sem importância —, ele negou, embora tenha dito a si mesmo exatamente aquilo apenas um segundo antes. — Eu simplesmente não sei o que você teria que me fazer para resolvê-los. Eu não a tratarei como uma criada e você precisa esperar para ver sua amiga até que ela e Drustan saiam dos aposentos dele.

O que não queria dizer que Lachlan não pudesse pensar em algo para ocupar o tempo de Emily. Ele podia, muito facilmente, mas não tinha nada a ver com trabalho e tudo a ver com deixá-la nua. Ele não achava que ela apreciaria sua solução.

— Pelo menos me deixe ficar em um quarto que não é uma prisão.

— Você disse que preferia ficar longe do meu povo. — Ela foi inflexível naquele ponto.

— Eu estava exausta ontem. Eu não estava pensando claramente quando fugi de você.

— Por quê?

Ela olhou para ele como se não pudesse acreditar que ele precisasse perguntar. — Eu fui raptada, depois eu descobri que a única amiga que eu tenho no Highlands estava para ser forçada a casar-se para exigir vingança de seu irmão, então você me fez sentar naquele minúsculo barco para cruzar um mar tão fundo que provavelmente não tinha fim enquanto seu irmão me encarava como se eu fosse seu pior inimigo. Quando nós aportamos em terra firme, minhas emoções levaram vantagem.

— A água assustou você? — Ele perguntou, perguntando-se se ela lhe diria a verdade.

Conhecer os medos de um oponente o fazia vulnerável a você e ela não percebeu que ele conhecia os seus. Ele levou um choque quando ouviu Cait e ela conversarem sobre isso. Ele não sentiu o cheiro do medo de Emily no barco e deveria ter sentido. Humanos não eram treinados para disfarçar o seu cheiro.

— Sim.



— Por quê?

— Eu não quero morrer afogada.

— Um bom plano, mas isso não explica sua preocupação estando em um barco seguro.

— O barco podia ter virado. Uma onda podia chocar-se sobre a proa e me carregar para dentro d'água.

— Eu teria lhe tirado da água.

Ela olhou para ele, uma expressão estranha em seu rosto. Então ela suspirou.
— Eu não espero que você entenda, mas eu não gosto da água e o mar me apavora.

— Por quê?

Ela desviou o olhar, o rosto perito coberto por uma máscara impassível que o impressionava ainda mais que o fato de que suas feições normalmente fossem tão expressivas. — Não importa.

— Eu serei o juiz disso. Diga-me.

— Você é até mais exigente que meu pai.

— Seu pai incutiu o medo de água em você porque ele tinha medo que você se afogasse? — Não era uma prática tão incomum, mas uma bem tola. Melhor ensinar uma criança a nadar do que ensiná-la a ter medo.

Ela não respondeu e não se moveu. Havia uma qualidade em seu silêncio que o aborreceu. Era absoluto. Ela mal respirava.

— Emily?

Ela olhou para ele então e seus olhos violetas estavam cheios de uma agonia que ele não pôde suportar.

Sem considerar suas próximas ações, ele sentou-se ao lado dela na cama e então a puxou para seu colo. Foi uma resolução de seu tumulto interior o fato dela não lutar contra seu abraço, mas sim enterrar o rosto contra ele como se estivesse se escondendo dos seus próprios pensamentos.



O envergonhou que enquanto ela obviamente estava muito angustiada, seu corpo reagisse à sua aproximação com uma primitiva intensidade. Ele a desejava e seu sexo logo ficou duro pela necessidade de tomá-la.

Forçando seus pensamentos para outros caminhos, ele repetiu, — Diga-me.

Ela balançou a cabeça.

— Por que não?

— Foi há muito tempo.

— Mas lhe assombra como um fantasma da noite.

Ela estremeceu. — Sim.

— Diga-me e eu vencerei seu fantasma.

Emily se admirou de sua confiança. Ele realmente achava que era tão simples? — Você é um homem, não um mago.

— Eu sou um laird.

— Lá vem você novamente, pensando que essa é a resposta para tudo —, ela disse provocando, mas sua voz não estava tão clara quanto queria que estivesse.

— E é. — Sem dúvidas. Sem questões. Somente a certeza absoluta de seu próprio poder.

Ele estava certo? Poderia cauterizar o ferimento que sangrou dentro dela por tanto tempo contando a ele? Ela nunca disse a ninguém, nem mesmo a Abigail o porquê ela temia tão miseravelmente a água.

— Minha mãe morreu dando a luz a um menino que também morreu. — As lembranças enchiam sua mente e ela instintivamente enroscava-se mais na força e no calor de Lachlan. — Até então, meu pai me amava e me chamava de filha preciosa. Ele era gentil comigo e freqüentemente sorria. Ele amava minha mãe muito. Seu pesar com a sua morte foi terrível. E seu afeto por mim tornou-se ódio. Ele me culpava por ter nascido uma menina e pela morte de mamãe na tentativa de dar a ele um filho e herdeiro. Ele bebia garrafas de vinho nos primeiros meses depois que ela se foi.



Ela ainda podia se lembrar do cheiro forte de seu hálito, das suas roupas. Ela era uma criança pequena, ferida e assustada com a morte da mãe e com a ausência do pai.

— Uma noite, eu fui até ele... eu queria confortá-lo. Eu queria que ele me abraçasse e me chamasse de preciosa como fazia antes dela morrer. Mas ele não quis meu conforto e abominou meu toque. Ele começou a gritar comigo, a me dizer o quanto eu era inútil. Ele disse que quando animais dão à luz a uma criatura inútil, os bebês são afogados. Que eu devia ter sido afogada ao nascer, que eu era algo assim inútil.

Sua garganta convulsionou e ela teve que tomar várias respirações antes de continuar.

— Ele cambaleou ao ficar de pé e me agarrou. Ele me carregou como um saco de trigo, seu grande braço empurrando meu estômago. Doía. Eu estava chorando e implorando que ele me soltasse, mas ele agiu como se não me ouvisse. Ele continuou resmungando sobre afogar um filhote imprestável. Ele me levou para o lado de fora. Estava escuro e não havia alguém por perto. Ele me levou para o pequeno lago atrás da casa. A água estava escura e negra. Apavorante. Eu comecei a gritar, mas ninguém vinha. Ele deu um urro aflito e me jogou dentro.

Falar sobre isso trouxe de volta a sensação da água fria fechando-se em cima da sua cabeça, do terror quando ela percebeu que não podia respirar. Ela debateu-se dentro d'água, mas não podia nadar e sua cabeça irrompeu a superfície só uma vez. Ela teve certeza que iria morrer, entretanto a mão de seu pai estava lá, agarrando-a, puxando-a para o ar da noite fria.

Ela tossiu e cuspiu, vomitando água, soluçando tão forte que não conseguia respirar. Ele a segurou então, esfregou suas costas, dizendo-lhe inúmeras vezes o quanto estava arrependido. Ele a levou de volta ao castelo como se ela fosse um bebê, aconchegando-a junto ao seu peito, tentando confortá-la. Mas tudo que ela queria era escapar dele.

Quando eles alcançaram o castelo, a criada estava lá. Com uma força baseada no terror, Emily desvencilhou-se dos braços de seu pai e jogou-se nos da empregada. Ela enlaçou os braços ao redor das pernas da mulher e chorou e chorou.

— Meu pai disse a ela que me desse um banho e uma bebida quente. Então ele partiu. No dia seguinte, ele me achou em meu quarto e eu gritei quando o vi. Ele foi embora depois disso. Quando ele voltou para casa, trouxe minha madrastra Sybil com ele e minhas duas meio-irmãs.



Emily tinha precisado do amor de seu pai, mas não podia agüentar ficar perto suficiente dele para que a tocasse durante anos depois daquilo. Sybil finalizou o afastamento que sua ira bêbada havia começado, e quando Emily estava velha bastante para começar a entender a crueldade da dor e da bebedeira de seu pai, estava muito distanciada dele para aquilo fazer alguma diferença.

— Ele nunca bebeu mais uma gota de vinho desde então pelo que eu sei, até quando Sybil insistiu que ele brindasse o nascimento de seu primeiro filho. Ele bebeu água.

Ela olhou para Lachlan, perguntando-se o que ele pensava sobre sua terrível história. Os olhos dele estavam cheios de ira acumulada e de uma compaixão que a tocou em lugares que ela não podia se permitir ser tocada. Ela saiu de seu colo e ficou de pé. Ele não fez nenhum movimento para agarrá-la de volta, mas ela sentiu a necessidade de mais espaço entre eles, no entanto, e moveu-se para o outro lado do quarto.

Ela cruzou os braços de forma protetora acima do coração. — Agora você sabe.

— Ele estava louco pelo sofrimento.

— Sim.

— Mas não há desculpa para o que ele fez. Eu mataria um soldado que agisse da mesma forma.

Ela estremeceu, sabendo que ele falava sério. — Eu não o queria morto. Ele era meu pai.

— Ele nunca tocou em você de novo?

— Não.

— Mas você ficou marcada pela brutalidade dele.

— Pode-se dizer que sim. Meu medo de água não é geralmente um problema. Eu consigo escondê-lo na maioria das vezes. Tirando o seqüestro, eu nunca fui colocada à força em um barco.

Ele não sorriu ao seu pequeno gracejo. — Você ainda não consegue nadar?



A náusea pelo pensamento a varreu e ela não fez tentativa nenhuma de disfarçá-la. — Não.

— Eu consigo.

— Oh. — Ela não soube o que mais dizer.

— Viver em uma ilha e não ser capaz de nadar seria tolo.

— Eu acredito que sim.

— Eu lhe ensinarei a nadar também.

Horrorizada, ela sacudiu a cabeça veementemente e então disse, — Não —, para garantir.

— É necessário, tanto para sua segurança quanto para vencer seu fantasma.

— É uma lembrança, não um fantasma.

— Chame como quiser, mas eu prometi derrotá-lo e eu irei.

— Ensinando-me a nadar? — Ela perguntou com ceticismo.

— Sim.

— Você é louco. Eu quero ficar longe da água, não entrar nela.

Ele estava bem em frente a ela sem que ela soubesse como chegou lá novamente. Talvez o homem fosse um mago. — A maioria dos lairds não aceitaria bem ser chamado de louco —, ele lhe disse em uma voz suave.

Ela mordeu o lábio. Ele possivelmente estava certo.

Ele estendeu a mão e suavemente puxou seu lábio de seus dentes com seu polegar. — Não faça isso, você o fará sangrar.

Ela jogou-se para trás, seu toque mais perturbador que suas lembranças. — Eu sinto muito.

— Por morder seu lábio?



— Por sugerir que você é louco.

— Então você concorda em aprender a nadar?

Ela tragou, sua mente girando. — Você realmente acredita que fazendo isso irá afastar minhas lembranças?

— Se eu ensiná-la irá.

Claro que ele pensava que era o único que podia fazer alguma coisa importante. Ele era o laird afinal. Ela teve que conter uma risadinha histérica. Não havia nada de engraçado naquela situação. Mas e se ele estivesse certo? Ela odiava seu medo de água, mas odiava mais o medo de seu pai. Ela provavelmente nunca mais o veria de novo, mas se ela o visse... ela gostaria de poder tocá-lo sem encolher-se.

Havia também o fato de que se ela não conquistasse seu medo da água, se nunca achasse uma maneira de escapar, ela não teria a habilidade de entendê-lo. Ela fez a travessia de barco até a ilha porque não teve escolha. Ela foi fisicamente forçada a entrar no barco. Ela não achava que tivesse a coragem de se forçar a fazer a viagem de volta.

— As lições irão impedir que fique entediada —, ele disse com persuasão dissimulada.

— Vai fazer com que me afogue.

Ele balançou a cabeça. — Você tem muita pouca fé em mim.

Ela não devia ter fé nele mesmo, e por que ela tinha era um mistério que não conseguia desvendar.

— Eu não posso confiar em você —, ela lembrou a si mesma tanto quanto a ele.

Ela se perguntou se as palavras soaram tão falsas aos ouvidos dele como soaram aos seus. Porque contra seu melhor julgamento, ela não podia negar que lá no fundo, confiava nele. E saber daquilo a deixava furiosa consigo mesma.

— Claro que pode.



— Você quebrou sua promessa. — Ela devia ter se lembrado daquela verdade antes de contar suas lembranças mais secretas para ele.

O que era aquilo naquele homem que mandava seus pensamentos mais lógicos aos quatro ventos? Como estar com ele a fazia se sentir segura quando ele tinha provado que estava qualquer coisa menos segura em sua companhia?

Ele parecia mortalmente ofendido. — Eu não quebrei.

— Quebrou.

— Como?

— Você prometeu não me machucar, mas machucou... muito —, ela acrescentou.

— De que diabos você está falando? Eu não lhe fiz mal de maneira alguma. — Sua voz saiu mais como um rosnado.

O homem era muito animalesco às vezes. Deve ser um traço Highlander porque ela não tinha visto nada assim entre os soldados do seu pai. Não importa o quanto ferozes fossem eles nunca invocavam imagens de bestas predatórias.

— Como você pode dizer que não me fez mal? Você me seqüestrou! Antes de eu lhe dizer que era casada com Talorc, você iria me deixar na floresta para ser devorada por um animal selvagem. Você me forçou a cruzar o mar em um barco. Você me beijou só para ver se eu estava mentindo. Então você disse ao seu irmão que eu era tão inepta naquilo, que certamente era inocente. — Sua raiva cresceu conforme ela enumerava seus pecados.

— O seqüestro lhe salvou de ter que casar-se com Talorc. Isso é um presente e você bem sabe disso.

— Isso é completamente fora de propósito, desde que sua intenção foi me fazer mal, e o fato de que suas ações indiretamente me beneficiaram um pouco não nega seus vários outros pecados.

— Eu estou surpreso que seu pai não tenha lhe metido em um convento. Você fala como uma madre superiora.

— Como você saberia isso? — Ela perguntou com escárnio.



— Conhecer o mundo é necessário para manter meu clã seguro, então eu o conheço.

— Tolice!

Suas sobrancelhas arquearam ao ouvir aquilo e então aquele brilho tentador estava de volta em seus olhos de lobo. — Eu não teria permitido que você fosse devorada por animais selvagens.

— E como você teria impedido isso? Você pretendia que eu retornasse ao castelo sozinha.

— Meus soldados protegeriam você.

— Uma história provável. Quando você me desceu de seu cavalo com a intenção de me mandar de volta a Talorc como mensageira, seus soldados estavam indo com você.

— Eu deixei para trás dois guerreiros que você nunca viu.

— O que? Por quê?

— Eles estão vigiando os Sinclairs.

— Você deixou espiões para trás?

— Sim.

— E você esperava que eles me protegessem quando eu viajasse de volta ao castelo Sinclair?

— Sim.

— Oh. — Então, ela não tinha sido um peão dispensável. Ela não tinha certeza do por que, mas saber daquilo a fez se sentir muito melhor.

— Você ainda me forçou a cruzar a água em seu pequeno barco.

— É uma embarcação muito robusta e eu não sabia de seu medo de água quando eu decidi levá-la.

— Teria importado?



Ele encolheu os ombros. — Eu poderia tê-la deixado inconsciente então você não ficaria angustiada sem necessidade.

— Você pensa que me bater teria sido uma ajuda? — Ela perguntou ultrajada.

— Mais do que você passar mais de uma hora encerrada em pavor, sim.

Ela sacudiu a cabeça, incapaz de pensar em uma única coisa para dizer sobre aquele atrevido comentário.

— Eu mantive minha promessa e você admitirá isso. Agora, inglesa —, ele adicionou quando ela não disse nada.

— Você me machucou... com seu beijo. — Muito mais do que a seqüestrando de um clã ao qual ela não queria pertencer.

— Não. Eu fui gentil. — Sua voz sugeriu que ele tinha feito uma importante concessão.

Ela não se lembrava de muita gentileza... só de calor e prazer e depois de uma vergonha terrível. — Você me humilhou... e na frente de seu irmão, também.

— Eu não a humilhei.

— Você precisa discordar de tudo que eu digo?

— Se você estiver errada, sim.

— Mas você me humilhou. Você me fez gostar daquilo. Você me fez responder ao seu beijo, mas tudo que estava fazendo era me testando. — Ele realmente não podia compreender o quanto aquilo seria para uma mulher, acreditar que a queriam e descobrir com atraso, depois de expor seu próprio inapropriado desejo, que aquilo tudo era um estratagema? — Eu agi como uma devassa e aquilo não foi nada além de um horrível, podre teste de sua parte —, ela sussurrou, sua cabeça baixa porque não podia agüentar olhar em seu rosto enquanto dizia aquilo.

— Você está chateada por ter respondido a mim?

Todos os homens eram tão ignorantes sobre o modo de pensar de uma mulher, ou só aquele?



— Sim.

— Então não é minha culpa que você esteja envergonhada, mas sua própria.

Ela levantou o olhar, incapaz de acreditar que ele tenha dito algo tão cruel.

— Minha culpa? Eu não pedi seu beijo.

— Você mentiu para mim. Eu não tive escolha a não ser testar a veracidade de suas alegações. E por sua própria admissão, não foi meu beijo que lhe causou sofrimento, mas sua resposta a ele. — Ele soava como se estivesse terrivelmente orgulhoso daquela lógica.

Ela estava atordoada porque ele estava certo, claro. Oh, ele a tinha magoado completamente, mas ela podia enxergar onde seu raciocínio masculino o levava a acreditar que aquela era a única conclusão. Tivesse ela não respondido ao seu beijo, Emily só teria ficado furiosa por seu comportamento rude, não humilhada. Foi seu próprio comportamento débil que a machucou mais.

Um nó formou-se em sua garganta. Por que a vida tinha que ser tão dolorosa? Ela podia olhar para trás e ver um padrão que retalhava as profundidades de sua alma. Foi sua reação à visita de seu pai no dia depois que ele tentou afogá-la que o mandou ao encontro de Sybil. Foi sua inabilidade em entusiasmar sua madrasta e ser a lady que Sybil queria que ela fosse que manteve um amor de mãe longe do alcance de Emily.

Ela tinha arruinado suas próprias chances com Talorc respondendo com temperamento em vez de entender sua impaciência e comportamento rude. Ela arruinou suas chances de efetuar um resgate para Cait levando-se seqüestrada também com suas mentiras, e tinha semeado as sementes de sua própria humilhação quando respondeu ao beijo de Lachlan.

Uma pequena voz em sua cabeça disse que ela estava pintando um retrato muito negro, mas naquele momento ela não podia ver além de sua dor. Ela parecia convidar a rejeição como a uma velha amiga onde quer que fosse e em qualquer coisa que fizesse.

Um soluço escapou antes que ela pressionasse a mão em sua boca para impedir que outro som escapasse.

— Emily? — Lachlan soou preocupado.



Ele provavelmente pensava que ela iria sucumbir a outro ataque de mau humor novamente, mas ela não era tão fraca. Indizivelmente tola às vezes, mas não desesperadamente fraca.

Ela cortou suas lágrimas. — Eu tenho c-certeza que v-você está certo. — Ela odiou o modo que sua voz vacilou, mas ela não pôde evitar.

Porém, suas lágrimas não significavam que fosse perder o controle novamente.

— Não chore. Eu proíbo.

— Eu não estou... — Ela sorveu o ar, assim podia conversar sem gaguejar. — Eu não estou chorando.

Ele disse uma palavra que ela não reconheceu. Não souu Gaélico, mas poderia ter sido. Ela não era totalmente fluente, especialmente quando eram maldições e coisas do gênero.

— Responder ao meu beijo não devia envergonhá-la —, ele a informou.

Ela quase riu daquilo, mas estava muito ocupada tentando controlar as lágrimas que tinha negado. — Eu não devia ter culpado você pela minha falha. Eu não sou melhor do que uma prostituta —, ela admitiu.

— Prostitutas têm muito mais experiência.

— Isso deveria me confortar? — Ela perguntou, olhando-o furiosamente. Era ruim o suficiente se comportar como uma mulher de má fama, mas ter ele lhe dizendo que ela não era muito boa naquilo era dificilmente um elogio.

— Você quer que eu a console? — Ele perguntou, parecendo levemente surpreso àquela possibilidade.

— Por que não? Não há mais ninguém aqui para fazer isso. — Embora ela tivesse passado a maior parte de sua vida sem alguém para confortá-la. Abigail tentou, mas Emily sempre tinha sido cuidadosa em não depositar suas preocupações em sua irmã mais nova.

A menina já tinha o suficiente para ter que ouvir suas aflições.

— Eu sou um laird, não uma ama-seca.



— Eu não teria percebido se você não tivesse me dito. — Ela tinha planejado que as palavras saíssem zombadoras, mas elas terminaram em um soluço e ela virou as costas a ele, desesperadamente querendo manter seus sentimentos sob controle.

Ele a puxou de volta em um abraço que devia ter sido desajeitado, mas não foi. Pareceu tão natural que ela teve que lembrar a si mesma que ele era o inimigo. Ela se encaixava nele como se seus corpos tivessem sido feitos para se unirem em tal molde e os braços dele davam a sensação de segurança ao seu redor.

Era conforto quando ela mais precisava e ela não podia se afastar, embora sua mente lógica lhe dissesse que devia.

Ela já não estava provando sua fraqueza a ele novamente?

A mão dele acariciava suas costas. — Me diga por que você está tão angustiada. Eu não entendo.

— Você me beijou e eu gostei. — Ela suspirou. — Eu pensei que você tinha gostado, também, entretanto eu percebi que você não gostou... que foi simplesmente um teste. Você não foi afetado pelo nosso abraço, mas eu fui. Isso deve significar que eu sou uma verdadeira devassa. Até quando você se afastou, eu não quis que você parasse.

Ele lhe sorriu, seus olhos quentes com algo que ela não entendia. — Você não é nenhuma devassa.

— Eu sou. Eu sei disso, embora eu aprecie que você tente me confortar. — Ela suspirou. — Talvez o casamento com Talorc não seja tão ruim afinal.

Lachlan ficou totalmente rígido e a mão que roçava suas costas agora agarrava seu ombro com uma força que machucava. — Do que diabos você está falando?

Ela não tinha idéia do por que ele estava tão chateado. Seguramente ela era a única que devia se sentir mal humorada por ser forçada a ver um lado de sua natureza que ela preferia desconhecer. — Se eu sou devassa, eu encontrarei algum consolo no leito nupcial.

— Você não é uma devassa. Sua resposta foi para mim, não para o outro laird. — Ele parecia pronto para partir para a violência.



Mas ela não sentiu qualquer medo dentro do círculo de seus braços. Porém, ela tinha lhe permitido a liberdade de abraçá-la tempo suficiente. Ela precisava começar a agir como uma lady se queria acreditar que era uma. Ela nunca estaria à altura dos severos padrões de Sybil, mas Emily possuía seu próprio código de honra e não iria comprometê-lo ainda mais.

Ela se afastou de seus braços e indicou a porta com um movimento da mão.
— Você tem outros assuntos mais importantes para se ocupar, eu tenho certeza.

— Você não dispensa seu laird. Você espera que ele a dispense —, ele rosnou, como se instruindo a uma criança maneiras básicas.

Ela rolou os olhos. — Eu não posso ir a lugar algum, então eu não posso ser dispensada.

— O que significa que você espera que eu parta.

Ela conteve outro suspiro frustrado. Sem dúvida ele estava certo, mas ela queria que ele partisse agora. — Eu desejo um momento de privacidade.

— Você ousa me ordenar?

— Eu não estou tentando ofendê-lo. Eu não ordenei nada, se você lembrar... mas meramente falei minha opinião. Isso é permitido, certamente?

— Eu não pedi sua opinião.

— Eu sempre devo esperar até que peça?

Sua mandíbula parecia talhada em granito e ela se perguntou sobre sua raiva aparente.

— Lachlan? — Ela estimulou em uma voz suave.

— Você não tem que esperar que eu peça sua opinião para dá-la... em particular —, ele disse como se fazendo uma grande concessão.

— Obrigada —, ela respondeu, embora pessoalmente pensasse que não deveria precisar de sua permissão para fazer isso. Ela era esperta o suficiente para impedir-se de dizê-lo, porém. Sem dúvida Sybil teria concordado com ele. Ela certamente nunca encorajou que Emily falasse o que viesse à sua mente. — Bem...



— O que?

— Você vai partir agora? — Ela perguntou, tentando não soar veemente demais e ofendê-lo novamente.

— Ainda não.

— Por que não?

— Há algo que eu preciso fazer primeiro.

Capítulo 10

— O que? — Emily perguntou.

Seus olhos estavam arregalados de choque quando os lábios de Lachlan fecharam-se em cima dos seus. O que teria sido prazeroso se ele não estivesse morrendo por tê-la ouvido dizer o quanto apreciava os seus beijos. A moça realmente não esperava que ele tomasse os seus lábios depois daquilo?

Mas dizer quase que imediatamente depois que achava que responderia a Talorc da mesma maneira trouxe a enorme besta de Lachlan à superfície com mais do que desejo abastecendo seu sangue. Ele quis rasgar a garganta do outro laird pela simples idéia de Emily compartilhando seu corpo e sua paixão com o outro homem.

A boca dela estava aberta em um arfar e Lachlan tomou vantagem imediata, aprofundando-se com a língua para sorver o néctar que esperava por ele ali. Como ela podia acreditar que ele não gostou de beijá-la? Ele precisou testá-la ontem para ver se ela era tão inocente quanto alegava, mas ele nunca disse que não tinha gostado.

Ela não lutou, mas se pendurou em seu abraço enquanto ele provava sua boca e imprimia seus sentidos de lobo em seu sabor e em seu aroma feminino.



Ele afastou a boca da dela apenas o suficiente para falar. — Não há vergonha alguma nisso, Emily. Eu quero que você responda. Eu desejo isso.

— É outro teste? — Ela perguntou, a vulnerabilidade brilhando em seus olhos violetas.

— Não.

— Então por quê?

— Porque eu quero. Porque eu quero você.

— Oh. Mas eu não quero ser uma devassa.

— Eu não a deixarei tornar-se uma —, ele prometeu.

Ele uniu suas bocas novamente, o júbilo rugindo em seu corpo quando ela fez um pequeno som e fundiu-se a ele.

Ele era um tolo por beijá-la novamente, por tentar sua besta assim como também seu desejo de homem.

Mas havia algo tão perfeito naquela mulher. Ela estava destinada ao seu rival, mas ela cheirava bem, sentia-se bem, e tinha gosto de ambrosia. Sua besta uivava com a necessidade de sair e reclamá-la. Seus ossos doíam com o desejo de se transformar, de mostrar a ela seu poder. Era insano e ele não podia ceder a isso, mas seu corpo estremeceu de desejo e um rosnado que seu ouvido humano jamais poderia ouvir rugiu em seu peito.

Se ele não fizesse algo rápido, ele iria deitá-la em sua cama, despir suas roupas e fazer amor com ela até que nenhum dos dois pudesse andar. Não somente ela era muito frágil para tal tratamento, mas era humana e era inglesa. Ela acreditaria que se ele a tomasse completamente significaria que eles tinham que casar. Inferno... até o Sinclair Chrechte via o emparelhamento deste modo.

Ele a empurrou para longe e então a agarrou novamente antes que ela caísse sentada. — Nós teremos nossa primeira aula de natação agora.

Ele só esperava que a água fria do lago restaurasse um pouco de seu autocontrole.

Emily oscilou em seu abraço e piscou para ele, seu olhar violeta confuso pela paixão. — Eu realmente sou uma prostituta.



Ele a encarou. — Gostar dos meus beijos não faz de você uma meretriz.

— Faz se eu estiver prometida a outro.

— Não, não faz.

— Existem aqueles na Igreja que ensinam que a mulher é má, uma sedutora. Eu me sinto como uma sedutora agora. — Ela piscou os olhos, seus lábios separados, seus seios subindo e descendo com cada respiração apressada que dava, seus mamilos inchados apertando-se contra seu espartilho. — Eu quero que você me beije de novo. Certamente significa que eu sou depravada.

— Significa que eu despertei sua paixão, é bom saber. — Ele colocou a ponta do dedo em cima da rápida pulsação em seu pescoço. Seu sangue corria por ele e por ninguém mais. Isso não a fazia uma devassa; tornava-a mais sedutora que qualquer outra mulher que ele conhecia. — Eu sou tentado por sua doce inocência, mas isso não faz de você uma sedutora. Eu a beijei, inglesa, não o contrário.

— Isso é verdade. Isso quer dizer que você é o sedutor?

— Você ainda não foi seduzida.

— Não?

— Eu estou enterrado entre suas coxas?

Ela ofegou. — Não!

— Então você não foi seduzida.

— Oh... — Ela mordeu o lábio inferior.

— Você não responderia tão facilmente a outro homem.

— Você tem certeza disso?

— Sim.

— Você é muito arrogante —, ela disse especulativamente. — Talvez seja só a arrogância falando agora.



Ela não tinha idéia do que a secura dela dirigida a outro homem fazia a ele, o quanto o deixava furioso. Mas ele podia dizer pelo modo que ela falou que ela não estava tentando deixá-lo com ciúmes. Ela estava genuinamente preocupada com a sua moralidade.

Teria sido cruelmente divertido se ela não parecesse tão chateada.

— Você já quis tocar um dos soldados de seu pai? — Ele perguntou, convencido de que a resposta tinha que ser uma negativa para ela ser tão completamente inocente quanto era.

— Não. — Ela apertou as mãos, como se contente por aquela lembrança. — E eles não eram todos homens grosseiros. Alguns eram bem agradáveis de olhar, mas eu não senti as coisas que eu sinto quando estou perto de você. — Então sua expressão tomou uma feição preocupada novamente. — Claro que eu não passei muito tempo com eles. Não teria sido adequado.

— Você montou no cavalo de Angus com ele. A aproximação dele afetou você do modo que a minha afeta? Você sorriu para ele —, ele lembrou-a. Aquilo irritou, aquele sorriso. Pois ela deu aos seus soldados vários olhares daqueles enquanto o ignorava completamente a noite passada.

— Isso foi para confundi-lo, mas não... eu não quis ficar mais perto dele como eu quis quando montei com você.

Tudo que ela fazia confundia Lachlan, mas ele não iria admitir aquela patética verdade. A mulher era um quebra-cabeça, mas um bem atraente. — Você está certa de que não teve nenhum desejo de que Ulf a beijasse, ou algum dos meus outros soldados? — Ele provocou, sabendo a resposta para aquela pergunta com certeza.

Ela fez careta, desgostosa pelo pensamento escrito em todo o seu expressivo rosto. — Claro que não.

— Então como você pode acreditar que é uma mulher de moralidade extraviada?

— Não é com minha moralidade que eu estou preocupada, mas com meus desejos. É você —, ela declarou com convicção. — Eu devo me afastar de você. Você desperta o pior em mim.

Ele não concordava. — Eu desperto a mulher em você.



— Eu deveria ser uma lady, mas você me dá pensamentos impuros. É errado.

Ele a puxou para perto de seu corpo assim ela podia sentir a evidência de seu desejo, o resultado de seus próprios pensamentos pelos quais ela se preocupava. — É quente.

— Quente? — Ela perguntou, sua voz chiando alarmada.

— Muito quente. — Ele se esfregou contra ela e gemeu. — E agora, a menos que você queira que eu ponha em prática aqueles pensamentos impuros, nós precisamos nos esfriar.

— Como você pode pôr em prática meus pensamentos? Você não os conhece.

— Não?

— Você quer dizer que tem os mesmos?

Aquilo fez ele sorrir. — Você é muito inocente para ter os meus pensamentos.

— Mas você disse—

— Está na hora da sua aula de natação.

— Eu não vou tirar minha túnica. Não seria decente. — Ela não podia acreditar que ele tinha sugerido semelhante coisa.

— Você não pode aprender a nadar usando-a.

— Com meu espartilho seria a mesma coisa se ele molhasse.

— Então não o use na água. — Ele fez aquela sugestão descarada sem piscar um olho.

— Eu não posso fazer isso!

— Por que não?

— Você não está falando sério.



— Explique esta aversão que você tem a se despir.

— Eu não me importo em me despir. — Mas até dizer a palavra a fazia corar. — Na privacidade do meu quarto, por mim mesma —, ela enfatizou, — mas eu não vou fazer isso na sua frente.

— Eu admito que fazê-lo não vai ter um efeito calmante em meu sexo como eu queria, mas a nudez é melhor na natação.

Ela sabia que os Highlanders viam as coisas diferentemente, mas isso era totalmente ultrajante. — Você não pode está querendo dizer que homens e mulheres nadam desnudos juntos.

Ele encolheu os ombros. — Balmorals aprendem a nadar quando ainda são bebês. É como são as coisas aqui.

— Eu não sou uma criança.

— Não. Você não é.

— Você disse que é melhor nadar sem suas roupas. — Ela pausou, achando difícil articular a pergunta que o comentário pedia. — Você quer dizer que pretende tirar seu plaid também?

Ele lhe deu um sorriso diabólico e ela soube que ele estava apreciando extremamente seu desconforto. — Sim.

— Você é maluco! Se seus beijos já não fossem ruins o suficiente, você possivelmente não pode esperar que eu faça como sugere.

— Eu lhe disse que louco não é um jeito educado de se chamar um laird.

— É muito mais rude você exigir que eu tire minhas roupas.

— Eu não exigi isso. Eu sugeri.

— Então eu posso mantê-las postas?

— Não se você quiser evitar afundar para o fundo do lago.

Ela ficou gelada pelo pensamento e sentiu seu rosto perder a cor. — Essa



coisa de natação é uma má idéia. Nós teremos que aceitar que eu não sei nadar e deixar isso como está.

Ele sacudiu a cabeça. — Você está ficando exaltada demais com isso. Eu não estou sugerindo que você tire suas roupas na frente dos meus soldados.

— Só na sua.

— Você vai se despir para mim de uma forma ou de outra, Emily. Você não acha meus beijos maus de todo... eles a deixam quente, e apenas estar perto o suficiente para tocar em você me deixa mais quente que o inferno no verão. Eu tentarei preservar a sua virgindade, mas eu vou vê-la nua, acariciá-la e aprender os segredos do seu corpo.

O corpo dela inteiro se cobriu com um calor por suas palavras e não foi vergonhoso. Ele a deixava quente como disse, mas isso não mudava nada. Ela não podia entregar-se a ele. — Não.

— Sim.

— Eu estou prometida a Talorc.

— Isso não é algo que você deveria me lembrar freqüentemente. Faz a besta em mim querer reivindicá-la como minha.

Ele realmente considerava sua luxúria uma besta distinta dentro dele? Talvez ela fosse. Ela certamente sentia desejos que não vinham de nenhum lugar dentro dela mesma que ela reconhecesse. Era como se houvesse outra Emily quando estava na companhia dele... uma mulher que desejava coisas que ladies não deviam sequer pensar.

— Por que ele é seu inimigo?

— Porque seu lugar não é com ele.

— Você tem tanta certeza?

— Se você reagisse a ele do modo que faz comigo, você não teria visto o seqüestro como um adiamento.

— Eu devo me casar com ele. Eu não tenho escolha.



— Você podia ficar com os Balmorals.

— Você me daria abrigo?

— Sim.

Mas ele não disse nada sobre querer mantê-la para si. De fato, apesar do tanto que a queria, ele tinha sido cuidadoso de não fazer promessas para o futuro. Ele não estava procurando uma esposa, mas uma mulher que saciasse a luxúria que se enfurecia como uma besta dentro dele. Ela devia ficar ofendida, mortificada e muitas outras coisas que sua madrasta teria berrado para ela, mas tudo que Emily sentiu foi desejo.

Apesar disso, ela suspirou e disse, — Eu não posso ficar.

— Me diga por que.

Então ela lhe contou sobre Abigail e sobre o seu medo de que sua irmã fosse mandada em seu lugar.

Ele não disse nada, mas sua expressão tornou-se pensativa. — Você queria trazer sua irmã para viver aqui nas Highlands.

— Sim.

— Talorc não a receberá de braços abertos.

— Eu esperava fazê-lo mudar de idéia.

— Chamando-o de bode?

Ela corou com a lembrança. — Eu me desculpei.

— Desculpou-se?

— Sim.

— E a minha desculpa?

— Você quer se desculpar comigo? — Ela perguntou alegremente.

Seu olhar dizia que ele não apreciou o seu humor. — Você me dirá que sente



muito pelos seus insultos a mim e ao meu clã. Eu esperei por tempo suficiente, inglesa.

— E se eu me desculpar você desistirá desta idéia de me ensinar a nadar?

— Não.

— Então eu não vejo por que eu deveria me desculpar.

— Porque você estava errada.

— Talvez... — Ela interrompeu-se e então disse, — Por outro lado, talvez não.

Ele sacudiu a cabeça. — Você espera me enfurecer o bastante para esquecer a sua aula?

Ele era inteligente demais para o seu gosto. Era um truque que tinha funcionado com sua madrasta e com seu pai mais de uma vez. — Talvez —, ela admitiu, — mas sinceramente... Lachlan você não pode esperar que eu me dispa na sua frente. Sem mencionar a possibilidade de outra pessoa aparecer.

— Eu ouviria sua aproximação antes que alguém pudesse chegar perto o bastante para vê-la.

Ele realmente tinha uma visão exagerada de suas habilidades. — Eu acho que não.

— Venha aqui, inglesa.

— Por quê? — Ele planejava despi-la ele mesmo? Ela devia ser mesmo depravada porque a possibilidade era tão excitante quanto chocante.

— Eu quero beijar você.

— Oh. — Ela gostou dos seus beijos até aquele ponto. Muito. Mais do que deveria, se ela quisesse admitir a verdade. — Mas eu não acho que você devia continuar me beijando. Eu estou prometida a Talorc.

O músculo na mandíbula de Lachlan tensionou. — Esta é a última vez que nós discutiremos isso. Eu não quero ouvir falar nele de novo dos seus lábios. Entendido?

Lachlan rudemente interrompeu, — O Sinclair disse na frente de testemunhas



que ele não se casaria com você.

— E?

— Até que ele se retrate dessa declaração, você não está noiva dele.

— Mas os nossos reis—

— Eu lhe disse, moça, nós, lairds Highland, fazemos nossas próprias leis. Nós cooperamos com o rei da Escócia quando nos convém. E só nesse caso.

— Quer dizer que todos vocês são desse jeito?

— Sim. Até os lairds que são simples humanos ainda são celtas. Eles nunca se submeterão ao controle absoluto de outrem.

— Você acha que é mais que um simples humano? — Ela perguntou, divertida por sua arrogância e secretamente aliviada por sua interpretação dos acontecimentos.

Se ela não pertencesse a Talorc, então sua honra não estava comprometida pelos sentimentos que Lachlan mexia em seu corpo e em seu coração.

— Venha aqui e me deixe beijá-la e então você pode me dizer sua opinião sobre o assunto.

Ela estremeceu até as profundezas do seu ser pela promessa em sua voz. — Eu acho que você planeja fazer mais do que me beijar.

Ele queria vê-la nua. Ele queria tocá-la. Pelos santos, ela desejava aquele toque mais do que ela tinha ansiado por aceitação em sua própria família.

— Talvez... mas por outro lado, talvez não —, ele disse, zombando dela com suas próprias palavras.

— E talvez eu deixe que faça —, ela disse com mais ousadia do que juízo.

Ela encontrava verdadeira alegria em seus braços e um prazer que era inimaginável. Uma vez que deixasse os Balmorals, ela nunca saberia se conheceria aquilo de novo. Ela decidiu naquele momento experimentar inteiramente tudo que Lachlan lhe desse.



Ele prometeu não tirar a sua virgindade e ela confiaria que ele mantivesse aquela promessa. Ela não era tão ingênua em acreditar que mulheres não eram iniciadas no tipo de toque que ele falava fora do laço matrimonial. Jolenta contou a Emily e a Abigail histórias do que acontecia na Corte. Aquelas histórias tinham chocado e às vezes revirado seu estômago, mas ela não se sentia nem um pouco doente ante a perspectiva de fazer qualquer uma e todas as coisas que Jolenta contou e insinuou com Lachlan.

Se aquilo a tornava devassa, então que assim seja, ela seria devassa. Porque no fundo do seu coração ela sabia que sempre seria assim somente com aquele homem... um homem que pensava ser mais que um simples humano. E olhando para ele com seus olhos de lobo e com poder irradiando como uma presença palpável, ela achava que só poderia concordar.

Tendo tomado a decisão, ela não quis esperar que ele agisse, mas precisou fazer o primeiro movimento ela mesma. Ela se aproximou mais dele, segurou seu rosto com as mãos e subiu nas pontas dos pés para beijá-lo.

Fazendo um som selvagem, ele mergulhou a cabeça e tomou posse de sua boca com uma intensidade avassaladora. Ele a beijou como se quisesse devorá-la, devorando seus lábios, a língua enrolando-se com a dela e impregnando sua boca com seu sabor picante.

Os joelhos dela enfraqueceram. Ela vacilou e caiu em cima dele, confiante que ele a manteria em pé e segura. Suas grandes mãos se apertaram em sua cintura e a ergueram acima do chão.

Ela embalou os braços ao redor do seu pescoço e o beijou de volta com toda a força da paixão que tanto tinha tentado suprimir até agora. O abraço dele mudou, um braço envolvendo suas costas, os dedos roçando a lateral do seu seio através do tecido de seu espartilho e túnica. Sua outra mão envolveu sua nádega, massageando-a com uma erótica suavidade que lançou umidade à união de suas coxas.

Assim era como os homens tocavam as mulheres com quem queriam acasalar. Era incrivelmente íntimo e ainda não era o suficiente. Ela queria mais, mas não tinha experiência com aquilo para determinar o que mais poderia ser. As coisas que ele a fazia sentir eram tão singulares para ela que ela ficava tonta pelas variadas sensações. E era uma coisa boa que ele estivesse segurando-a tão forte, pois ela estava longe de ficar ereta, mesmo apoiando-se nele.

O que os rodeava deixou de existir para ela e ela só sentia o gosto e a



sensação dos seus lábios... o toque possessivo das suas mãos. Nada mais importava. Nem o seu futuro, seu passado e nem mesmo o presente, exceto aquele homem naquele momento.

Ela não soube como aconteceu, mas apenas com algumas separações de suas bocas, ela se encontrou tão nua quanto ele prometeu que ela ficaria. E ela não estava envergonhada. Ela não sentiu vergonha alguma em permitir que ele a visse, que a tocasse... que a conhecesse como ninguém jamais conheceu.

Ela pertencia a ele naquele momento e ela se recusou a considerar qualquer outra coisa.

O sol do verão esquentou sua pele, mas nem de perto como o calor de seu olhar. Os olhos castanhos coroados de ouro a queimaram com um fogo primário enquanto seu próprio olhar prendeu-se na parte dele que o declarava completamente macho. Ele tinha tirado seu plaid e mantinha-se orgulhoso e glorioso em sua própria nudez. Seu sexo masculino estava inchado e duro como um mastro, apontando para um ângulo impetuoso em direção ao céu.

Nossa. — Eu nunca pensei que isso seria tão grande —, ela sussurrou.

— Isso? — Ele perguntou com uma risada abafada em seu tom.

Ela apontou para o seu membro. — Aquilo.

— Aquilo?

— Seu pênis —, ela disse desafiadora.

Mas ele apenas sorriu. Ela gostou do seu sorriso. Aquecia seu ser de um modo que até seu toque não conseguia.

— Você passou muito tempo pensando no assunto? — Ele perguntou.

— Só nos últimos dias.

Os olhos dele arderam com satisfação masculina. — Desde que me conheceu?

— Talvez —, ela restringiu.

— Um homem é grande... uma mulher pequena. O ajuste perfeito.



Mas, de acordo com ele, aquele "ajuste" era um prazer que ela não conheceria em sua companhia. Ela não disse nada, simplesmente o encarou e tentou controlar o desejo de estender a mão e tocá-lo. Ela nunca teria imaginado que desejaria isso, mas ela mal podia se conter.

— Você quer senti-lo? — Ele perguntou, como se lendo sua mente.

— Sim.

— Então sinta.

Seu olhar voou para o dele, mas não havia uma zombaria evidente. Ele falava sério. Ele se pôs à sua disposição e sua paixão e curiosidade exigiam que ela aceitasse o convite.

Ela se aproximou mais e então baixou a mão para roçar a ponta do dedo pelo seu membro. Este se mexeu e ela afastou a mão.

Ele riu. — Está tudo bem.

— Mas...

— Eu gosto da sua mão em mim.

Ela olhou para os seus olhos e viu uma fome que combinava com a sua queimando em suas profundezas. Uma sensação de júbilo a fez querer rir, mas não de graça... de absoluta alegria. Ela não tinha experiência com homens, não era a filha protegida na casa de seu pai, mas ela podia afetar o poderoso laird Balmoral tanto que seu corpo tremia de necessidade por ela.

Incrível.

Lachlan assistiu a sensação do surgimento do poder sensual feminino no olhar violeta de Emily e teve que lutar contra o desejo de derrubá-la de costas e enterrar-se na umidade sedosa que ele sabia que o esperava entre suas pernas. Não havia cálculo em sua expressão, só pura felicidade.

Ela gostou de afetá-lo tão fortemente. Era uma reação sincera, uma merecedora de uma loba, embora ela não fosse mais que uma humana.

Ele devia lembrar-se daquela verdade, não importa o quanto ela o encantava. Ele não reivindicaria seu corpo completamente, ele não derramaria sua semente em



seu útero. Ele prometeu que não violaria a sua virgindade e ele manteria aquela promessa. Igualmente importante, tomar uma virgem implicaria no desejo de unir-se por toda vida, e ele não tinha tal intenção.

Não importa quanto ele pudesse querer aquela mulher humana, ele não tomaria o caminho que seu pai tomou. Ele estava carregado de perigo para sua espécie.

Emily enrolou os dedos ao redor do seu sexo como se tivesse feito isso mil vezes antes e esfregou de cima abaixo. — Você é tão suave.

— Suave? — Ele perguntou em uma risada sufocada. — Eu acho que não.

— Sua pele —, ela respondeu com muita seriedade. — Você já tocou em seda?

— Não.

— Nós temos tapeçarias de seda em nosso grande salão... ou melhor, meu pai tinha. Sybil insistiu. Elas pareciam como o ar contra sua pele, tão finas e macias.

— Você está dizendo que eu não sou mais substancial que o ar?

— Oh, não. Você é bastante substancial, laird. Mas tão macio aqui em cima da dureza. — Ela o acariciou em seu comprimento novamente, desta vez demorando o dobro de tempo para fazer a jornada da base à ponta.

Se ele não fizesse algo, ele iria gozar e seu orgulho não o deixaria fazer isso sem lhe dar prazer primeiro. Só que ele não podia confiar em si mesmo para dar-lhe prazer agora mesmo sem tomá-la. Ele nunca tinha estado tão carente de controle, mas nem mesmo o seu orgulho podia fingir que sua mente governava seu corpo naquele momento.

Ele a pegou nos braços e a beijou para abafar qualquer protesto que pudesse fazer. Ela imediatamente começou a beijá-lo de volta com uma paixão que ameaçava sua sanidade.

Usando a última porção de autodisciplina que tinha, ele se forçou a caminhar em direção à água e não parar até que estivesse nas frias profundidades até a cintura. O choque do frio pouco fez para conter sua excitação e ele se sacudiu com a necessidade de abaixar seus quadris e posicioná-la para tomá-lo dentro de si. Ele andou em direção à água mais funda. Ele estava coberto até o peito e o corpo



inteiro dela estava praticamente submerso antes dele romper o beijo.

— Você está pronta para sua primeira aula de natação? — As palavras saíram fortes, mas seu corpo estava fraco de desejo.

Ela olhou fixamente para ele como se não entendesse o que ele estava dizendo e então seus olhos alargaram-se e ela deu um pequeno grito. — Eu estou dentro d'água. E está frio! — Ela extraiu a última palavra com um lamento.

Ele sacudiu a cabeça. — Não frio o bastante. Nem perto disso.

Capítulo 11

— Não? — Emily parecia considerar chamar Lachlan de louco novamente.

— Não.

— Mas eu estou congelando.

Ele olhou para o seu corpo e viu que ela realmente estava toda arrepiada. Ele não desejava nada além de tirar aquela rigidez de seus poros com uma carícia quente após outra. — Nós começaremos com boiar.

— B-boiar? — Ela estava fria, mas ele pensou que a gagueira era um resultado do medo em seus olhos.

— Eu não deixarei você afundar, Emily.

Os olhos dela se encheram de determinação. — Eu não quero ter medo.

— Você derrotará seu medo.

— Eu quero, mas eu não sei se consigo. — Ela não soou feliz com aquele fato, mas resignada.



— Você consegue. — Ele estava impressionado por ela não ter insistido que ele a tirasse da água.

Quanto mais eles ficassem lá, mais rígida ela ficaria quando o terror, que era tão grande que até mascarava o aroma de sua excitação, a submetesse. Algo mudou dentro dele quando ele viu isso acontecer. Ele odiava vê-la com medo e estava determinado a ajudá-la. Até seu desejo sexual tomou um papel secundário diante daquela determinação.

— Se você me soltar, temo que eu afundarei em um abismo escuro, que a água me segurará lá embaixo até que todo meu ar vá embora, até que eu morra... eu... eu sinto como se o lago não tivesse fundo, que eu estarei perdida para sempre. Prometa-me, você não me soltará.

Ele estava impressionado por ela ter a coragem de verbalizar seus medos. — Eu já fiz esta promessa.

— Diga-a novamente.

— Eu prometo que eu não deixarei você afundar.

Ela sorriu com gratidão, embora fosse uma pobre tentativa. Sua boca tremia e ela estava da cor de um pergaminho. — Obrigada.

— O lago tampouco é sem fundo, moça.

— Eu sei, mas...

— Eu estou de pé no fundo dele agora e ele não cobrirá a minha cabeça por uma dúzia ou mais de pés adentro.

— Eu gostaria de aprender a nadar aqui então.

Ele beijou suavemente seus lábios parcialmente separados. — Certo, doçura.

Um rubor se apossou de suas bochechas pelo carinho e ele fez tudo que pôde para não beijá-la novamente. Ela era extremamente preciosa. E ela o fazia sorrir. Ele tem sido laird por uma década, desde que seu pai morreu em batalha, assumindo as responsabilidades logo após sua voz mudar. Ele aprendeu a moderação cedo. Ele também aprendeu que o dever era mais importante que o prazer e passou os últimos dez anos provando isso.



Este rebento de mulher o fazia ansiar o prazer. Ela era perigosa, mas também era irresistível.

Ela ofegou e agarrou seus ombros na primeira vez que ele tentou soltá-la. Ele se achou quase se esquecendo de sua nudez compartilhada em sua busca por ajudá-la a superar seu terror da água. Levou uma hora para conseguir que ela boiasse com sua mão apenas tocando levemente suas costas, mas ele estava tão orgulhoso dela por ter conseguido aquele progresso que ele estava dando risada quando ouviu um soldado aproximar-se.

Ele olhou para seu adorável corpo exposto ao seu olhar e ao sol do verão e pela primeira vez em uma hora a viu como o soldado que se aproximava poderia vê-la. Seus seios, barriga e coxas flutuavam acima da água, enquanto o resto dela era revelado através das profundidades cristalinas. Ele nadou desnudo com lobas antes, e até fez sexo com elas depois, mas nunca tinha sentido o sentimento de posse que sentia em relação a Emily naquele momento.

Ela não era sua mulher, mas ele não queria que ninguém a visse deste modo. Seus mamilos túrgidos estavam adornados pela água fria, e os cachos castanho-dourados em seu montículo feminino brilhavam com gotas de umidade. Suas coxas estavam separadas apenas o bastante para sua mão deslizar entre elas e tocar em suas dobras delicadas se ele quisesse.

Sua mão coçava para fazer exatamente aquilo, mas seus sentidos lhe diziam que o soldado estaria ali em breve.

Ele suspirou profundamente e então falou. — Alguém vem vindo.

Ela tinha boiado com os olhos fechados por instrução dele, mas agora eles abriram de repente e ela tentou se sentar. Por estar na água, começou a afundar ao invés disso, claro, e ele teve que segurá-la para impedir que seu rosto afundasse.

Ela balbuciou e se agarrou aos seus ombros com dedos urgentes. — Onde? Quem? — Ela freneticamente procurava em volta da clareira. — Eu não vejo ninguém.

— Ele estará aqui em alguns segundos.

— Eu suponho que você possa ouvi-lo —, ela disse sarcasticamente.

— Sim.



Ela franziu as sobrancelhas e sacudiu a cabeça. — Isso não faz sentido e eu não sei por que, mas eu acredito em você.

— Eu não minto.

— Eu preciso das minhas roupas. — Quando ele não se moveu rápido o bastante para satisfazê-la, ela tentou sacudi-lo. — Agora, antes que ele chegue aqui.

Ele estava de completo acordo, mas ainda levou um momento para forçar seus músculos a obedecer ao comando para deixar a água. Agora que ele não estava focado em ensiná-la a nadar, sua necessidade por ela estava tomando preferência sobre seu bom senso. Seu lobo queria tocá-la e saborear suas deliciosas curvas nuas.

— Lachlan!

O lobo teria que esperar junto com a sua necessidade completamente humana. Usando a velocidade de sua besta interior, ele a levou até a beira do lago, e então lançou seu plaid ao redor dela como um cobertor. O soldado aproximava-se correndo e atravessaria as árvores em poucos segundos. Ela agarrou as extremidades do plaid, tendo certeza que a cobria. Não era um plaid de mulher e embora ele fosse muito maior do que ela, uma boa porção de suas pernas ainda estava exposta.

Ele empurrou seu espartilho e túnica para ela. — Vá ali e se vista. — Ele apontou para uma densa moita de arbustos que a esconderia até de um olhar de lobisomem, embora o homem que se aproximasse fosse apenas humano.

Lachlan não precisou estar em forma de lobo para captar o cheiro de Ulf àquela distância. Seus sentidos eram superiores até em seu corpo humano, mas não tão bons quanto eram quando se transformava.

Emily agarrou suas roupas e desapareceu atrás dos arbustos. — Você vai encontrar seu soldado desnudo? — Ela perguntou.

— É meu irmão.

Seu plaid caiu sobre o chão a mais ou menos um pé dos arbustos. — Cubra-se.

— Uma prisioneira não dá ordens a um laird —, ele a instruiu.

— Esta aqui dá.



Ele quase riu de sua impudência. Ele não conhecia outra mulher como ela... loba ou humana. Ele tinha acabado de pegar o plaid quando Ulf entrou na clareira.

Ele estava de cara feia. Não havia nada de novo naquilo. Seu irmão sorria com menos frequência do que ele, mas o olhar de acusação em seus olhos irritou Lachlan. Ulf acreditava que sua posição familiar lhe dava o direito de questionar seu laird, e Lachlan muitas vezes fazia sua vontade. Não era culpa de seu irmão que ele não tivesse nascido lobisomem.

Ele teve pena de seu irmão mais velho desde o ano que viria a primeira mudança de Ulf e ela não aconteceu. Seu pai tinha ficado desapontado; sua mãe aliviada, e Ulf aprendeu que diferentemente do que acreditava desde a infância, ele não lideraria os Balmorals um dia. Existiram sinais de que o seu irmão era completamente humano desde o princípio, mas seu pai os ignorou, insistindo que seus dois filhos eram lobos.

Ele estava errado. Só um carregava a habilidade de mudar e tinha sido Lachlan. A partir da semana depois de sua primeira lua cheia como um lobisomem, ele foi treinado para assumir o comando do clã um dia. Ulf nunca protestou. Teria sido inútil. Um humano não podia sobreviver a um desafio com um lobisomem e Lachlan teria desafiado a liderança de Ulf se ele tivesse tentado declará-la. Pelo bem do clã.

Sua vida inteira tinha sido vivida em direção àquele bem maior e ele não iria esquecer suas responsabilidades agora.

— Onde ela está? — Ulf exigiu como forma de cumprimento.

Lachlan pôde ouvir Emily interromper-se em sua luta para vestir a roupa. Ela também tinha parado de respirar, como se esperando ouvir como Lachlan responderia.

Ele cabeceou em direção aos arbustos enquanto fechava seu plaid.

A cara feia de Ulf se pronunciou mais. — O que ela está fazendo ali? Você está molhado. Você estava nu quando eu cheguei. Você deu para usar as sobras de seu inimigo na água? Eu achava que você só se entregasse a esse tipo de coisa com lobas.

Lachlan derrubou seu irmão no chão com um empurrão firme. — Controle sua língua.



Ulf teve a graça de parecer decepcionado quando percebeu o que disse. Emily não era mais ciente do que a maior parte dos humanos nas Highlands da natureza lupina que habitava algumas das pessoas de seus clãs. Ulf conhecia a penalidade de revelar os segredos dos Chrechte aqueles que não deviam conhecê-los.

Morte. E ser o irmão do laird não o salvaria.

Lachlan não sabia o que Emily faria se soubesse do segredo do bando, mas ela era humana e isso significava que eles não arriscariam.

Então, para cobrir o erro estúpido de Ulf e sua própria correção, ele disse, — Ela não é sobra de ninguém, como eu já lhe disse.

Emily murmurou algo sobre homens arrogantes metendo seus narizes em assuntos que não eram seus e ele não teve dúvida de que ela podia ouvir cada palavra que ele e seu irmão falavam.

Ulf não mostrou evidência de ouvir seu resmungo baixo enquanto se punha de pé. — Ainda assim ela pertence ao seu inimigo.

— Ele a recusou. — Lachlan estava mortalmente cansado de discutir sobre o laird Sinclair.

— E você planeja mantê-la em seu lugar? — Ulf perguntou com uma ponta de ironia.

— Não. — Lachlan não entendeu o escárnio de seu irmão.

Emily era humana, mas também o era Ulf. Ela não era a sobra do outro laird e se Lachlan escolhesse mantê-la, ele não conseguia ver que objeção Ulf poderia levantar. A menos que ele, também, estivesse preocupado que os filhos de Lachlan nascessem lobos.

Ulf, melhor que ninguém, sabia o preço pago quando uma criança nascida de um Chrechte e de um humano fosse humana em vez de loba. Sua raça não se reproduz facilmente, mas fazer isso e não transmitir os dons do Chrechte era uma tragédia.

— Você está fazendo uma grande imitação de um homem governado por sua luxúria ao invés de por sua cabeça. — A crítica de Ulf doeu porque estava muito perto da verdade.



Lachlan era muito orgulhoso para admitir tal coisa, entretanto. — Eu cansei de sua insistência, irmão. Você soa como uma velha histérica.

— Melhor do que como um homem à mercê de sua besta.

Lachlan normalmente deixava comentários como aquele passarem, mas já era o bastante. Seu irmão precisava de rédeas. — Tome cuidado para eu não soltar minha besta em você —, ele disse com uma pontada assustadora.

Ulf recuou, mas rapidamente controlou suas feições. Sua força mesmo em face de uma ameaça de um Chrechte impressionava Lachlan. Ele sempre admirou seu irmão humano ao mesmo tempo em que lamentava a inabilidade de Ulf para se transformar, ele nunca cometeria o engano de pensar que o irmão mais velho era fraco por ser o que era.

Não querendo arriscar que Emily ouvisse qualquer coisa mais que pudesse revelar seus segredos, ele levou seu irmão para longe dos arbustos que ela agora usava apenas para se esconder. Ela tinha terminado de se vestir, mas não saiu, e ele não sabia se era porque ela estava envergonhada ou porque ela não gostava de seu irmão, ou os dois.

Ele parou a uns trinta pés de distância. — Diga o que veio aqui dizer.

As mãos se fecharam aos lados do corpo. — Primeiro me diga honestamente se você tem planos de se casar com a mulher.

— Você devia ser capaz de responder a isso. Eu não me casarei com uma humana.

— Nem mesmo com uma mulher do clã? — Ulf perguntou.

— Não.

— Você se preocupa que os segredos dos Chrechte sejam revelados.

— Isso é parte de minhas preocupações. — A união entre raças sempre trazia tal risco. Houve um tempo em que isso tinha sido expressamente proibido, mas foi antes dos Chrechte se juntarem aos clãs Célticos. Muitos mantiveram os velhos costumes, contudo.

Seu pai não.



— Você tem medo que toda a sua prole seja como eu, ao invés de apenas um, não é? — Ulf perguntou, soando amargo.

— É a responsabilidade de todo Chrechte, mas especialmente dos líderes, garantir que nossa raça não desapareça.

— Eu não sou menos guerreiro Chrechte do que você porque não tenho uma besta a sujeitar minha lógica humana.

Lachlan não concordava, mas ele não podia explicar ao seu irmão, que não era um lobo, o que significava saber que a besta que vivia dentro dele lhe dava força e habilidades superiores. Longe de diminuir sua habilidade de pensar logicamente, sua besta acrescentava uma perspicácia animal aos seus pensamentos que nenhum humano poderia imitar.

— Não há necessidade para esse argumento. Eu lhe disse que não pretendo manter a mulher inglesa. O porquê não importa.

— Para você, talvez.

— Para você também. Minhas decisões não estão sujeitas a sua aprovação, nem meus pensamentos.

— Você é muito arrogante.

— Emily acha que isso é uma característica Highland.

Ulf não riu da brincadeira. — Ela tem uma opinião negativa de nós todos.

— Que você não fez nada para corrigir.

— Por que eu deveria? Eu não me importo com o que meu inimigo pensa de mim.

— Ela não é sua inimiga.

— Eu não ignoro a verdade em favor dos desejos do meu pau. Ela é inglesa e está prometida ao laird Sinclair. Isso faz dela minha inimiga.

— Ela é uma cativa Balmoral, o que a coloca sob minha proteção. Leve isso em conta da próxima vez que ficar tentado a tratá-la como sua inimiga —, Lachlan disse



em um claro aviso.

— Eu vim para lhe dizer que Duncan está aqui para dar o seu relatório. — A falta de urgência no modo de Ulf indicava que o relatório do espião não iria dizê-los que os Sinclair juntaram suas tropas e estavam agora cruzando o mar para sitiar o castelo.

— Eu retornarei ao castelo imediatamente.

Ulf assentiu, sua boca se fechou em uma apertada, amarga linha, e partiu.

Lachlan podia ter ordenado ao soldado que escoltasse Emily de volta ao castelo e então sair mais cedo, mas ele se preocupou que Ulf machucasse seus delicados sentimentos. Quando ele começou a se preocupar sobre tais assuntos sem importância, ele não sabia, mas ele se recusou a deixá-la com seu irmão pouco compassivo.

Emily andava de um lado para o outro no quarto, suas emoções e pensamentos em tumulto. Ela fez e sentiu tantas coisas chocantes que ela não conseguia decidir qual delas era a mais espantosa.

Ela expôs seu medo mais profundo e contou a Lachlan seu segredo mais secreto. Ele não zombou dos seus medos nem indicou que existisse algo faltando nela que justificasse ao seu pai fazer tal coisa. Ela sempre se preocupou que se tivesse sido mais amável seu pai nunca poderia rejeitá-la tão completamente, mas se Lachlan via as coisas desse modo, não disse.

Ela ainda lutava para aceitar o fato de que tinha confiado nele tão absolutamente.

Por outro lado, ele produzia uma resposta sem igual nela de mais maneiras do que qualquer um. Ela não achava sua boca ou seu toque estranhos, mas diabolicamente tentadores. Ela devolveu seus beijos com uma ardência com a qual ela nunca havia sonhado que uma lady pudesse ser capaz. Então, ela o deixou despi-la e quando ele removeu suas próprias roupas, longe de correr, como qualquer outra senhorita teria feito, ela o tocou. Intimamente.

Ela ficou toda quente ao lembrar a sensação de sua dureza em sua mão. Ele tinha gostado de suas carícias e em vez de envergonhá-la, isso a fez sentir orgulho. Mas ele não se aproveitou de seu atrevimento para usá-la como Ulf insinuou.



Lachlan usou sua distração para colocá-la na água.

Ela mal conseguia aceitar que a lembrança de que ela estava no lago era real e não um sonho. Ela boiou. Certo... com o apoio dele, mas para uma mulher que se recusava a tomar banho com a água acima dos joelhos, essa era uma façanha incrível.

E ele não riu de seu nervosismo ainda que fosse óbvio que estivesse muito confortável com a água ele mesmo. Ele também não a expôs ao escárnio de seu irmão, mas mandou o soldado de volta ao castelo antes de chamá-la de trás do arbusto, assim ele pôde escoltá-la de volta. Sua consideração a deixou tão sem fôlego quanto quando seus lábios estavam nos seus.

Lachlan caminhou ao seu lado durante todo o caminho até o quarto na torre e a deixou ali. Mas ele não trancou a porta. Ela prestou atenção se ouvia o som da tranca escorregando para o seu lugar, mas ele não veio. Isso significava que ela tinha a liberdade de sair do quarto se desejasse?

Apesar de sua explosão emocional da véspera, ela não tinha vontade de se esconder do seu clã. Ela não era tão boba. Se ela conseguiu enfrentar Sybil todos os dias de sua vida desde quando tinha oito anos até ter partido para as Highlands, ela conseguia enfrentar algumas escocesas possivelmente hostis.

Ela podia ter perguntado a Lachlan qual era sua posição se ele tivesse ficado mais alguns minutos, mas ele não ficou. Ele a viu entrar em seu quarto, disse-lhe que eles repetiriam a lição de natação no dia seguinte e partiu sem olhar para trás. Exigiu todo seu autocontrole não estender a mão e tocá-lo enquanto partia. Ela queria que ele ficasse e agora sentia sua falta como se estivesse acostumada a vê-lo a cada momento do dia—uma coisa estranha de se sentir por um homem que ela tinha conhecido na véspera.

Ela pegou a escova da mesa, com a intenção de levá-la ao cabelo, mas ela ficou quieta ante aquele último pensamento.

Ela o conhecia há dois dias e ela tinha compartilhado mais de si mesma com ele do que com qualquer outra pessoa em sua vida inteira. Ela lembrou-se de ler um poema sobre amor à primeira vista, mas o achou bastante tolo na época. Ela não podia imaginar tal coisa. Agora ela podia.

Ela sentou-se com um baque em sua cama e começou a escovar os nós molhados de seu cabelo. Como ela podia ser tão estúpida? Se ela amasse alguém, devia ser Talorc. Ela teria que se casar com ele. Ela não tinha escolha. Como seu



coração pôde tê-la traído desse modo? Ou seus sentimentos não eram nada mais do que uma confiança instintiva em um homem forte e uma poderosa luxúria que ela não tinha experiência em controlar?

Ela só esperava que fosse o último, porque se ela amasse o laird, ela estava destinada a ter seu coração partido.

Amor ou desejo, ela não agiu como uma lady com Lachlan, mas ela não conseguia se arrepender. Não importa o quanto chocantes foram os acontecimentos da manhã, Emily não teria desfeito nenhum deles. E ela estaria pronta para sua aula de natação na manhã seguinte com Lachlan, também. Se ele a beijasse, ela o beijaria de volta. Se ele a tocasse, ela descobriria o prazer por sua mão e não lamentaria isso.

Ela apreciou cada momento em sua companhia... exceto quando ela o ouviu dizer a Ulf que não a manteria. Aquilo machucou, mas não deveria. Não era como se sua posição fosse uma grande surpresa. Ele lhe disse a mesma coisa, apenas usando palavras diferentes. Ele não queria um futuro com ela, mas isso não devia importar porque um futuro estava fora de cogitação, afinal.

Ela não o amaria. Só um bobo amava quando o pesar obviamente seguiria e ela não era boba. Ela apreciaria este tempo como cativa como um adiamento da vida que estava comprometida a viver, mas quando chegasse o momento de retornar, ela retornaria.

Os guerreiros Highland não eram os únicos que conheciam seu dever.

Cait estava aninhada no corpo de Drustan, o seu próprio corpo uma massa mole de prazer saciado. Ela nunca soube que fazer amor podia ser como foi entre eles. Certamente não foi assim em seu primeiro casamento, mas ela não disse isso a Drustan. O lobisomem já era arrogante o suficiente sem aquilo.

E ele a fez implorar.

Ela não tinha vergonha daquele fato. Ela estava impressionada com sua força.

Tinha sido uma noite de emparelhamento cheia de incrível prazer e quando eles despertaram aquela manhã, ele tinha renovado sua intimidade. Ela ficou escondida nas cobertas quando um criado lhes trouxe o café da manhã e só



protestou debilmente quando ele tomou aquilo como um convite para explorar ainda mais o desejo entre eles. Ela não estava certa agora do por que havia protestado.

A mão dele alisou a lateral de seu corpo de cima a baixo. — Você é uma loba apaixonada, Cait. Será um prazer tê-la em minha cama pelos próximos anos.

Ela não sabia de onde ele conseguia tirar energia para falar. Tudo que ela pôde fazer foi beijar o seu peito onde seu rosto repousava em reconhecimento à suas palavras.

Um ruído de prazer girou dentro dele.

Ela estava ponderando se realmente devia tentar sair da cama quando uma batida soou na porta. Era muito cedo para o almoço, mas tarde o bastante para que ela ficasse envergonhada de ser pega preguiçosamente na cama. Ela normalmente levantava com o sol e ele tinha levantado horas atrás.

— Você tem obrigações para hoje? — Ela perguntou, tentando desenvolver alguma culpa para afastá-lo da cama e não tendo sucesso.

Tinha sido idéia dele fazer amor de novo, afinal. Não dela.

— Não. É provavelmente minha mãe que veio saber o que nós descobrimos sobre o apuro de Susannah. Ela mostrou grande moderação não fazendo uma dúzia de perguntas ontem à noite.

Aquilo despertou Cait como um balde de água fria não teria conseguido e ela sentou-se reta na cama. — Sua mãe?

— Sim.

Ela pulou fora da cama e começou a procurar por roupas. — Susannah não está em apuros, ela está casada e feliz. Eu não posso acreditar que sua mãe está aqui para nos visitar e nós estamos nus na cama. — Ela cheirou a si mesma. — Eu cheiro como você... eu cheiro a sexo. Ela vai saber o que nós temos feito.

— Até os membros do meu clã que não vêm nos visitar esta manhã vão saber o que nós fizemos. Nós estamos casados e ontem à noite foi a reivindicação, embora os humanos a chamem de noite de núpcias.

Ela o olhou com raiva. — Esse conhecimento geral não é o mesmo do que ser



pega na cama por sua mãe.

Drustan saiu da cama e tomou-lhe seu plaid de suas mãos. — Você vai vestir as cores Balmoral a partir de agora, ele disse com gentil censura, indicando um plaid belamente dobrado em cima da pequena arca ao lado da cama. Ele se debruçou e a beijou. — Leve um tempo para se lavar e se recompor. Eu abrirei a porta para minha mãe e conversarei com ela enquanto você faz isso.

Cait lançou a ele um olhar agradecido antes dele sair do quarto levando seu plaid, que ela sinceramente esperava que ele planejasse vestir antes de deixar sua mãe entrar. Ele fechou a porta atrás dele, mas não era tão densa quanto a porta do quarto e ela pôde ouvi-lo abrir a porta para sua mãe dentro de pouco tempo depois.

Cait se lavou, não porque ela pensasse que poderia se libertar de seu cheiro—o que ela não queria—mas porque ela estava pegajosa pelo suor e umidade secos entre suas pernas.

Foi bom se sentir limpa, mas ela teria preferido nadar. Seus músculos e a carne suave entre suas pernas doíam. Ela se sentia marcada por Drustan por dentro e por fora.

Era uma nova sensação, mas não desagradável.

Ela apressou sua lavagem, escutando só parte da conversa de Moira e Drustan. Sua mãe perguntou sobre Susannah e se Drustan a tinha visto. Ele disse a ela que não, mas que ele a tinha escutado e que ela parecia feliz. Cait gelou ao pensar que os soldados Balmoral conseguiam chegar tão perto assim sem serem descobertos pelos lobos Sinclair.

Ela supôs que existiam lobos no bando que eram peritos em ocultar seu cheiro, mas ela nunca teve oportunidade de saber isso. Ela certamente não era. Seu irmão podia ser. Aquilo significava que ele poderia romper a segurança da fortaleza Balmoral? Se ele o pudesse a levaria embora?

Um medo desconhecido caiu sobre ela.

Como uma loba ficava impedida de transformar-se devido a sua gravidez, ela tinha poucas opções de se proteger. O bebê tinha que ficar seguro a qualquer preço. Ela quase tinha esquecido disso ontem quando lutou por sua liberdade como uma desvairada, mas ela não esqueceria novamente. A responsabilidade de se reproduzir era um sacramento que os Chrechte continuavam a honrar.



Não importa o quanto difícil fosse a tarefa.

Ela só esperava que Drustan fosse bom em protegê-la como tinha sido em tomá-la... e que ele não matasse seu irmão no processo. Tão grosseiro quanto Talorc pudesse ser, ela o amava. Ele não viria por ela, mas pelo bebê. Ele vivia do modo antigo e isso significava que ele respeitaria seu laço com Drustan; contudo, ele não iria tolerar a perda de um futuro guerreiro Chrechte de seu clã, nem iria tolerar o insulto de seu seqüestro sem retaliação.

Ele e Lachlan eram muito parecidos naquilo.

De todo modo, ele exigiria o retorno do bebê às terras Sinclair. Se ela escolhesse ir com ele e viver como uma viúva, ele permitiria, mas ela tinha pouca esperança que ele permitisse que o clã Balmoral ficasse com seu filho. Especialmente se ela desse à luz a um menino. Havia também a possibilidade muito real de que ele declarasse guerra pelo insulto de seu seqüestro bem antes do nascimento do bebê.

Com o coração pesado e a mente dando voltas com as possíveis conseqüências de sua situação, ela terminou de se vestir. Escovou o cabelo com vários golpes rápidos antes de entrar no quarto exterior.

— Susannah está feliz com Magnus —, ela disse como saudação, desejando que aquela verdade pudesse fazer uma diferença, mas com receio de que não faria. — Ela descobriu muitos amigos entre os Sinclairs.

Drustan e sua nova mãe por casamento olharam em sua direção. Moira sentava-se em um banco e ele em outro. Ele acenou para ela se aproximar e se sentar ao seu lado. Ela foi, mas pareceu estranho. Sean nunca tinha sido tão possessivo.

— Você a viu? — Moira perguntou, com a esperança acesa nos olhos verdes como os do filho.

— Sim. — Cait estendeu a mão e apertou a da mulher mais velha. — Magnus vive em uma pequena casa na muralha. Ele é o ferreiro de nosso clã e muito bom nisso, também. Meu irmão confia nele. Você gostaria dele, eu tenho certeza.

— Por que ele levou minha filha?

Cait sabia que suas respostas iam enfurecer Drustan, mas ela não podia mentir. — Magnus não a levou. Não exatamente. Ele acasalou com ela como lobo e



então, de acordo com o costume do nosso bando, insistiu que ela retornasse ao nosso clã como sua esposa. Isso aconteceu em terras Sinclair.

Aquela era a parte que ela sabia que Drustan não gostaria. Ela mesma não entendia por que Susannah estava em suas terras, mas ela sabia que o ferreiro de seu irmão não mentia. — Susannah disse a ele que tinha a permissão de seu laird para caçar fora da ilha durante a lua cheia. Ela disse que ainda não estava pronta para tomar um companheiro permanente.

O olhar de Moira nublou. — Ela não estava. Ela entrou no cio e sabia que se corresse com o bando durante a lua cheia acabaria acasalando como loba.

Cait podia imaginar os pensamentos da menina. Todo lobisomem e loba sabiam que se uma fêmea sem companheiro corresse com os machos do bando quando estivesse no cio, suas naturezas lupinas assumiriam o controle. Os machos desemparelhados lutariam pelo privilégio de acasalar com ela, ainda que eles não se gostassem como humanos. O vencedor então cortejaria a loba e eles acabariam acasalando. Era inevitável. O que a mente da loba lhe dizia em sua forma humana não teria força em sua forma animal, e a maioria era esperta o bastante para perceber isso e agir de acordo.

Susannah pensou que estava protegendo sua independência caçando sozinha. Entretanto, em épocas antigas, ela não teria permissão para fazer isso, não importa quais fossem seus desejos. Nem todas as lobas entravam no cio, mas a maioria entrava. E quando entravam, era esperado que acasalassem e tivessem filhos para aumentar os números dos bandos.

A maioria dos bandos ainda aderiu àquela tradição, tanto quanto pais humanos insistiam que suas filhas casassem quando atingiam a idade. Ela já tinha sido emparelhada na primeira vez que entrou no cio, mas ela sabia que seu irmão teria insistido que ela tomasse um companheiro naquela época se não tivesse tomado.

— Eu pensei que os lobos entre os Balmoral não consideravam a união física um compromisso para vida inteira. — Aquela atitude causou a Susannah e Magnus um pouco de conflito no princípio e Cait tinha imaginado por que a menina escolheu caçar sozinha se aquele era o caso.

Ela não teria ficado mais segura correndo com seu próprio bando?

Moira suspirou. — Acasalar em forma de lobo quando uma loba está no cio normalmente resulta em gravidez. Susannah sabia disso. Em nosso bando, gerar um



filhote juntos significa um laço vitalício que não pode ser quebrado de forma alguma.

Aquilo fazia sentido. O Balmoral não era o único clã que tinha um bando onde se praticava o acasalamento sem laços pra toda a vida. Desde que o ato de ligação física era o gatilho para tantos lobisomens ganharem o controle de sua mudança depois que chegam à idade, alguns bandos acreditavam que isso devia ser praticado sem conseqüências vitalícias. Para o modo de pensar de Cait, isso era entregar-se demais às suas naturezas lupinas.

Mas ela não iria entrar em uma discussão sobre moralidade com seu novo marido e sogra agora. Porém a desgraça aconteceria a qualquer lobisomem que acasalasse com uma filha sua sem um compromisso eterno. Ela cortaria sua garganta e Drustan teria que aprender a viver com isso.

Ela não iria permitir que um costume bárbaro assim machucasse uma filha sua.

— Por que Susannah foi encorajada a caçar em terra Sinclair? — Cait perguntou, ainda confusa quanto aquilo.

Não fazia sentido levando em conta o que Susannah tinha tentado fazer... permanecer solteira. Sendo o lobo Sinclair ou Balmoral, a loba ia acabar emparelhada uma vez que seu aroma do cio fosse captado. O que foi exatamente o que aconteceu.

— Ela não foi —, Drustan disse severamente.

Ela virou-se para o seu novo marido, insegura em como tomar essa mudança em seu comportamento, mas não estava prestes a voltar atrás. — Sua irmã disse a Magnus que foi instruída sobre onde caçar durante a lua cheia. Ela não sabia que aquele era o território de caça Sinclair, mas você não pode me dizer que os machos de seu bando eram tão ignorantes. É uma coisa que os lairds tomam cuidado em aprender um sobre o outro.

Deveria ser um segredo, mas os bandos espionavam uns aos outros e sabiam muito mais do que admitiam. Houve uma época em que todos Chrechte eram um bando sob um rei comum, mas não era dessa forma que viviam agora. Não desde a traição de MacAlpin. Mesmo assim, eles não guerreavam tanto uns com os outros como faziam com os clãs inteiramente humanos ou com aqueles do Sul. Havia leis não ditas que todos eles seguiam, e elas diziam que o acasalamento com uma loba de outro clã era algo do mais sagrado. Mas elas não foram violadas pelas razões que



Drustan pensava.

O irmão de Cait respeitava a tradição antiga, muito. Ele nunca teria permitido que Magnus mantivesse Susannah sem um pedido formal ao laird Balmoral. Se o pedido fosse negado, ele não teria ordenado que seu ferreiro a devolvesse ao seu clã original. Aquilo era dirigido por leis ainda mais antigas de acasalamentos válidos, mas nada disso importou.

Talorc não fez o pedido formal porque ele considerou a presença de Susannah nos territórios de caça Sinclair o resultado de vergonhosa negligência com a segurança da loba pelo seu laird e família. Soldados tão especialistas em mascarar seu cheiro como os lobos Balmoral saberiam mais que a maioria. Eles teriam sabido que a terra que enviaram Susannah era território de caça do clã Sinclair. Era inconcebível que não soubessem.

— Claro que nós sabemos onde o bando Sinclair caça —, Drustan rosnou, confirmando seus pensamentos. — Nem Lachlan nem eu teríamos instruído que fosse caçar lá, sozinha ou não.

— Mas ela disse que vocês instruíram.

— Susannah não disse que eu lhe dei essas instruções —, Drustan disse em uma voz que a desafiava a discordar... por sua conta e risco.

— Eu não sei quem ela alegou tê-la instruído nesse assunto. Eu nunca perguntei. Eu apenas presumi que fosse seu laird.

— Sua suposição teria sido correta... se ela tivesse falado com um de nós. Ela teria pedido permissão para tal coisa a mim ou a Lachlan. — A raiva chiava no ar ao redor de Drustan, e Cait nunca teria dito que eles tinham passado tantas horas imersos em paixão pelo modo que ele olhava para ela agora se ela não tivesse suas próprias lembranças para confirmar. — Ela não veio a nenhum de nós e se tivesse vindo, nós não a teríamos instruído a caçar onde ela provavelmente acasalaria contra sua vontade.

Cait repousou a mão em seu antebraço em súplica. — Ela não acasalou contra a vontade. Não funciona dessa forma e você sabe disso.

Ele livrou-se do seu toque, magoando-a. — Mas ela não queria se emparelhar ainda —, ele cuspiu.

— Mas ela está feliz por estar casada com Magnus agora. De verdade. Ela



está. Você diz que a ouviu... você sabe que ela está contente em ser sua esposa. Eles ficam bem juntos. Ele é muito carinhoso com ela —, ela disse com melancolia, pensando no quanto Magnus falava gentilmente com Susannah, enquanto Drustan praticamente estava gritando com ela. — Eles se amam agora.

— Ela está grávida? — Moira perguntou.

— Sim. E eles estão muito felizes com a vinda do bebê. — Ela esfregou sua própria barriga sobressalente enquanto seu bebê chutava. — É um acontecimento abençoado.

Os olhos de Moira se encheram de lágrimas. — Eu nunca verei meu neto.

— Talorc lhe dará permissão para visitá-lo. Tenho certeza. Mas se você está preocupada, eu poderia pedir por você.

— Você não verá seu irmão.

Ela tentou ignorar o tom cortante na voz de seu marido, mas foi difícil. Ele obviamente não estava tão contente quanto Magnus com o seu casamento nascido do desastre de Susannah ter caçado sozinha durante a última lua cheia.

— Você precisa ver que existe um mal-entendido que deve ser tratado. Meu irmão não ignorou as leis antigas por capricho. Ele e Magnus acreditaram que seu clã tinha falhado em sua obrigação de proteger Susannah. É por isso que o pedido formal pela mão dela nunca foi feito a você ou a Lachlan. Estou certa de que se eu conversar com ele e explicar, a situação pode ser resolvida.

— Você não vai a lugar algum perto da terra Sinclair.

Cait sabia que ele tomaria aquela postura, mas ainda doía. Ele nem mesmo agiu como se tivesse acreditado que ela falava a verdade sobre Susannah, e ela não sabia como convencê-lo. Presumivelmente, Susannah não era conhecida como uma mentirosa e assim, ele pensava que Cait estava mentindo sobre o que sua irmã disse.

Depois da noite e da manhã que eles passaram juntos, ela precisava que ele confiasse nela. Ela deu a ele mais de si mesma do que já tinha dado a Sean, mas aparentemente isso não era o bastante para merecer crença em sua integridade. O que tinha sido um cataclismo emocional para ela, não tinha passado de luxúria para Drustan... e talvez a concretização de sua obrigação com o seu clã.



Ela era sua esposa por decreto de seu laird. Ele não a escolheu e era melhor que ela lembrasse daquilo antes de entregar seu coração para ser pisoteado. Ela não era nada além da cativa com quem ele se casou, não uma esposa que ele valorizava ou confiava.

Ela levantou-se. — A senhora gostaria de algo para se refrescar? — Ela perguntou a Moira. — Um copo d'água, um pouco de vinho? — Seus olhos faziam um inventário do que havia em cima das prateleiras e da mesa à medida que falava.

— Não, obrigada, criança.

Cait assentiu. — Drustan?

— Água.

Ela encheu um copo para ele e um para si própria. Ela lhe entregou o seu antes de se sentar à mesa e tomar um comprido gole da sua bebida. Sua garganta de repente estava muito seca e apertada. — Eu gostaria de ver Emily.

Ele franziu as sobrancelhas. — Ela está em confinamento na torre. Eu não sei se Lachlan permitirá que ela receba visitas.

— Eu não acho que nosso laird a considere uma prisioneira —, Moira ofereceu, uma expressão preocupada em suas feições bondosas enquanto olhava para Cait, mas ela falou com seu filho.

— Por quê? — Drustan perguntou.

— Ele a levou para nadar no lago e pessoalmente a escoltou de volta ao seu quarto não menos de trinta minutos depois.

— Ele a levou para nadar? — Cait perguntou, o medo por sua amiga arranhando seu interior. Emily tinha pavor à água. O laird a tinha torturado?

Ela não pensava que Lachlan fosse tão cruel, mas Emily nunca teria ido nadar por vontade própria. Depois da travessia de barco na véspera, Cait estava absolutamente certa disso. Então outro pensamento a atingiu com a força de uma bigorna. Emily não poderia ter entrado na água de vestido.

Ela saltou da mesa quando o significado daquela verdade queimou sua mente. — Eu vou ver Emily agora mesmo.



Ela apressou-se porta afora e estava na metade dos degraus que levavam ao grande salão, usando uma das poucas forças de loba que lhe restavam em sua gravidez (sua velocidade), quando a grande mão de Drustan se fechou sobre o seu cotovelo.

Ele a arrastou para um canto. — O que você pensa que está fazendo?

— Eu lhe disse. Eu vou ver minha amiga. — Ela puxou o braço, mas seu aperto não cedeu.

— Você não pediu a minha permissão, nem mesmo teve a cortesia de dizer adeus a minha mãe ou agradecê-la pela visita. Acima de tudo, você está correndo em uma velocidade que promete machucar você ou o bebê se cair. Você não tem juízo algum?

— Eu não estava correndo risco de cair. — Moira estava logo atrás deles e Cait girou o corpo em direção a ela, desejando que pudesse liberar-se da presença de seu marido tão facilmente como ela fez da visão dele. Mas o aperto em seu cotovelo fazia tal coisa impossível. — Perdão. Obrigada pela visita. Eu adoraria conversar mais outra vez.

Moira assentiu, sua expressão exibindo preocupação, não aborrecimento. — Eu estou certa que acharemos um tempo.

Para as orelhas sensíveis de Cait, as palavras eram mais ameaça que cortesia, embora ela tivesse certeza que queria que elas soassem daquele modo. Elas lembraram a Cait que ela estava presa aos Balmorals. Ela pensou que tinha aceitado seu destino na noite anterior quando fez os seus votos, mas isso foi antes dela perceber que seu marido queria afastá-la de seu irmão completamente.

Ela sabia que alguns clãs eram assim. Realmente, Talorc se tornou cada vez mais cauteloso com o contato externo desde a traição de seu clã por sua madrastra inglesa. Contudo, ela não esperava que os Balmorals fossem tão isolados dos outros. Uma conclusão bastante óbvia ela percebia agora. Afinal, eles viviam em uma ilha e tinham um castelo que manteria do lado de fora todos os intrusos. Ela nunca tinha visto nada como aquilo.

Apesar de estar em pé numa escadaria e do choque de seus pensamentos, Cait conseguiu fazer uma medida acreditável em direção a Moira. — Eu estou ansiosa por muitas visitas mais.

Não era uma mentira. Ela estava ansiosa para chegar a conhecer a mulher



mais velha melhor e ela sabia que Moira iria querer mais detalhes sobre a vida de Susannah. Especialmente se seu laird se recusasse a deixá-la visitar sua filha. Mas isso teria que esperar. Agora, Cait precisava se assegurar que Emily estava bem. Ela não sabia o que faria se ela descobrisse o contrário, mas ela ajudaria a doce inglesa de algum modo.

Moira movimentou a cabeça e então ficou nas pontas dos pés para beijar a bochecha de Drustan. — Eu partirei agora. Traga Cait para o almoço amanhã.

Cait viu Drustan assentir pelo canto do olho. Moira partiu, passando agilmente ao redor deles.

Cait virou-se para o seu marido, retirando toda a cordialidade de sua expressão. Ela não se sentia nem remotamente bondosa em relação a ele no momento. — Você me soltará agora? Eu desejo ir até Emily.

— Você ainda tem que pedir a minha permissão para fazê-lo.

— Eu posso, por favor, ir visitar Emily agora? — Ela rangeu.

— Eu perguntarei a Lachlan. Se ele concordar, então você pode ir.

Cait quis gritar, mas ao invés disso, ela perguntou, — Você perguntará a ele agora?

— Eu prefiro voltar ao nosso quarto.

— Eu prefiro que você encontre seu laird e lhe peça permissão para eu ver Emily —, ela disse com teimosia.

— Você sabe o perigo de me desafiar.

— Sei? O que mais você pode fazer a mim, Drustan dos Balmorals? Você me tirou de meu clã, forçou-me a casar e decretou que eu devo permanecer afastada de minha família pelo resto de minha vida. Eu não vejo como você pode me fazer mais mal, a menos que você deseje me bater... mas nós dois sabemos que você não fará isso enquanto eu estiver esperando uma criança Chrechte.

Capítulo 12



O olhar de Drustan era quente o bastante para queimar uma rocha, mas ele não disse nada. Simplesmente agarrou-a em seus braços e subiu os degraus de volta, o corpo rígido de fúria. Embora seu abraço fosse apertado, não era dolorido.

Ele chutou a porta para fechá-la atrás deles e a colocou de pé.

Nenhum dos dois falou por vários segundos compridos, então ele suspirou. — Você está preocupada com a inglesa e por conta disso eu não levarei em consideração.

— Isso o satisfaz?

— Eu não bateria em você, grávida ou não. Nunca.

Ela deu de ombros. Ela já sabia daquilo. Um guerreiro Chrechte teria vergonha de bater em uma mulher. Ela não ia se desculpar pelo insulto, entretanto. Ela estava muito brava com ele.

Surpreendentemente, Drustan sorriu. — Você é muito teimosa, esposa. — Quando ela não disse nada em resposta, ele acrescentou. — Nós veremos Lachlan no almoço e eu perguntarei sobre sua visita a Emily então.

Ele esperava sua gratidão pela concessão? Ele não a teria. A preocupação de Cait por Emily era tão grande, que fez seu estômago revirar de náusea. Fazê-la esperar mais duas horas para descobrir se ainda teria permissão para visitar a outra mulher era cruel, mas ela não era a única loba teimosa no aposento. Ela percebeu que nenhuma quantia de argumento de sua parte o faria mudar de idéia. Então, ela nem se incomodou de tentar.

Ela deu a volta e viu seu copo meio cheio de água na mesa. Esvaziou-o antes de falar. — Eu gostaria de explorar a propriedade e o castelo. Eu tenho sua permissão para fazer isso?

— Eu posso pensar em uma maneira melhor de passar o tempo até o almoço —, ele disse em uma voz cheia de promessa masculina.

O pulso dela saltou em imediata resposta, mas ela sacudiu a cabeça sem se dignar a olhar em sua direção. — Obrigada, mas eu não estou com humor para



copular com você novamente. Se der no mesmo para você, eu prefiro ver o resto da minha nova casa.

— Não dá no mesmo para mim —, ele disse roucamente e então a virou com mãos implacáveis para encará-lo. Ela quis irritá-lo, mas não antecipou a fúria que explodiu nos seus olhos verdes e que fazia seu corpo endurecer com a rigidez de quem está pronto para a batalha. — Nós não copulamos ontem à noite.

— Como você chamaria aquilo? Não há amor entre nós, então não pode ser chamado de “fazer amor”. Não foi uma ligação de almas. Você reivindicou meu corpo com o seu. Você me marcou com seu cheiro e com sua semente. Nós copulamos —, ela disse novamente, não entendendo por que sentia essa necessidade de atacá-lo tanto.

Suas mãos saíram de seus ombros como se ele não pudesse suportar tocá-la por mais tempo. — Você está dizendo que conheceu algo melhor com o seu primeiro marido? Você amava o homem que seu irmão escolheu para você? Ele a fez gritar de êxtase e chorar por mais?

Havia algo mais do que raiva nos olhos de Drustan e ela soube instintivamente que poderia feri-lo com sua resposta. Ela devia querer machucá-lo como ele a machucou com sua falta de confiança e de preocupação com seus sentimentos, mas ela não queria. O simples conhecimento de que podia machucá-lo amenizava algumas partes rudes dentro dela.

Mas isso não fez sua raiva pelo seu tratamento desdenhoso ir embora. — Não. Eu não estava apaixonada por Sean, nem ele por mim, mas ele não me tratava como um cão preso aos seus calcanhares tampouco.

— Eu não fiz isso.

— Fez. Você indicou que eu tenho de ter sua permissão para ver meus amigos. Você me criticou na frente da sua mãe. Sean nunca fingiu me amar, mas ele nunca teria feito isso. Ele tratava minhas preocupações com respeito e procurava aliviar minhas preocupações quando podia. — Aquelas que ela tinha compartilhado com ele. Eles não tinham sido próximos, mas isso não tinha a ver com o assunto. — E ele não exigia que eu pedisse a sua permissão antes de dar um passo.

— Você ofendeu minha mãe.

— Eu ofendi você. Ela entendeu minhas preocupações ainda que seu filho seja muito cruel para fazer o mesmo. Não estenda os seus pecados à porta da sua mãe.



— Eu não sou cruel.

— Você me faria tolerar o seu toque enquanto minha mente e meu coração estão consumidos de preocupação com a minha amiga, em lugar de fazer algo para aliviar essa preocupação. Por outro lado, o que importam os meus sentimentos? Eu não sou nada mais que um meio para alcançar os seus objetivos.

A expressão de Drustan esfriou mais que a lua no inverno. — Eu não iria querer que você tolerasse o meu toque. Eu encontrarei Lachlan agora e pedirei sua permissão em seu nome. Isto aparentemente é tudo que você quer de mim.

Ele partiu de seus aposentos antes dela ter tempo para responder. Não que ela soubesse o que teria dito. Ela queria ver Emily. Desesperadamente.

Mas depois que ele partiu e ela sentiu que era mais fácil respirar, teve que admitir que ela também queria uma chance para fazer as pazes com sua resposta devastadora a Drustan. Sua falta de fé a machucou, mas o fato de que secretamente desejava retornar a sua cama quase tanto quanto queria ver se sua amiga estava bem, apavorava-a.

Ela não queria amar um homem que tinha se casado com ela apenas por um ato de vingança e que não ligava para os seus sentimentos.

Emily estava ponderando testar os limites de seu cativeiro deixando o quarto quando uma batida soou na porta. Ela correu adiante e a abriu para encontrar Cait do outro lado. Vestindo um plaid Balmoral e com uma expressão de profunda ansiedade, ela estava lá parada sozinha.

Emily puxou Cait para dentro do quarto com uma mão em seu braço. — Você está bem? Você parece aflita. Você está?

— Não.

— Bom. — Emily puxou Cait para se sentar na cama. — Lachlan disse que eu não a veria hoje, eu estou tão feliz por ele estar errado. Ele estava certo de que, como recém-casados, você e Drustan não se aventurariam para fora de seus aposentos por uns dois dias pelo menos. Lachlan pensa que sabe tudo, você notou isso? Eu suponho que Drustan tenha a mesma inclinação. Ele é um Highlander, afinal.



Cait concordou com a cabeça, sua expressão ansiosa transformada em uma confusa.

— Mas até ele pode estar incorreto em suas suposições, não é? Eu quero dizer que Lachlan pode estar errado —, Emily disse com satisfação quando se sentou ao lado de Cait, muito, muito contente em vê-la. Renovada, e não só porque ela não saboreava a solidão absoluta do quarto na torre.

Um pouco da ansiedade voltou aos aveludados olhos castanhos de Cait. Ela olhava Emily muito atentamente. — Eu estava preocupada com você.

— Eu estava preocupada com você, também. — Emily estudou Cait procurando uma evidência de que ela tinha passado por alguma provação, mas não conseguiu ver nenhum sinal disso. — Diga-me sinceramente. Como você está? Aquilo foi terrível?

— Aquilo? — Cait perguntou com um débil sorriso.

— A noite de núpcias —, Emily esclareceu revirando os olhos. Como se sua amiga não soubesse ao que ela se referia.

Cait deu uma olhada ao seu redor como se buscando respostas para a pergunta nas lisas paredes de pedra do quarto circular. Seu olhar pareceu capturado pela porta aberta e ela se levantou para fechá-la antes de voltar a se sentar ao lado de Emily.

— Bem? — Emily iniciou quando ela ainda não dizia nada.

— A noite passada foi a noite mais surpreendente da minha vida. — Havia tons tristes na voz de Cait que iam totalmente contra tal declaração.

— Você não soa feliz com isso. — Mas Emily estava sentindo muito alívio no lugar de sua amiga.

— Eu não estou. Não foi o mesmo para ele. Eu estou certa disso.

— Ele lhe disse isso? — Emily perguntou, escandalizada que até um arrogante guerreiro fosse insensível o bastante para dizer algo tão duro.

— Não. Não em tantas palavras, mas ele não acreditou que Susannah disse que tinha permissão para caçar em terras Sinclair.



— Por que uma mulher iria caçar sozinha? Essa é a tarefa dos soldados certamente? — Tudo era tão diferente aqui e ela realmente não estava certa do que isso tinha a ver com Drustan estar tão comovido quanto Cait por sua intimidade.

Cait mordeu seu lábio, sua dor sofrida. — Não é habitual, mas ela tinha permissão e ela o fez. E por causa disso ela aca—encontrou Magnus e eles acabaram casados. Só Drustan ainda está convencido de que Magnus veio até a ilha e levou Susannah.

— Isto é ridículo. Como é que um único soldado cruzaria o mar e seqüestraria uma mulher sem ser descoberto? Se Susannah estivesse dentro das paredes do castelo, ela não poderia ter sido levada de modo algum. Eles estão achando que ela estava passeando pela praia e foi seqüestrada?

— Não. Oh, isso é tão difícil.

— O que?

— Tentar explicar.

— Eu sinto muito. Eu não devia interromper.

— Não, não é isso. É só que...você não sabe de tudo.

— E você não pode me dizer? — Emily perguntou, magoada que sua amiga não sentisse que podia confiar a ela os segredos do clã.

— Eu queria poder.

— Não se preocupe. Por favor, só me diga o que puder.

— Bem, você sabe que eu fui levada em retaliação ao que aconteceu com Susannah. De acordo com a lei do clã, Magnus ou meu irmão deveriam ter solicitado a permissão ou de Lachlan ou de Drustan para manter Susannah no clã Sinclair.

— E nenhum deles solicitou.

— Não. Eles sentiram que o clã Balmoral falhou em sua responsabilidade em protegê-la e então não mereciam a cortesia.

— Entendo. Highlanders são pessoas muito orgulhosas não são?



— E os Chrechte ainda mais.

— Chrechte? Eu ouvi Lachlan chamar-se disso. O que quer dizer? Não é uma palavra que eu conheça.

Cait a encarou. — Lachlan disse isso... na sua frente?

— Sim. Eu não acabei de dizer isso?

— Estou surpresa, mas eu suponho que não faria mal você saber um pouco de nosso passado. Até mais ou menos cem anos atrás, havia um povo no Highlands que se denominava Chrechte; os Romanos nos chamavam de Picts.

— Nos?

— Eu também sou Chrechte.

— Oh. Eu lembro de ouvir falar dos Picts. Eles tinham tatuagens... como aquelas no braço e nas costas de Lachlan —, ela disse com entendimento quando fez a ligação. — Talorc também as tem?

— Sim, mas a faixa em seu braço é diferente da Balmoral.

— Os Picts não tinham seu próprio rei até MacAlpin juntar-se aos clãs do Highlands e das terras baixas governados por um rei escocês?

— Sim. Quando ele se declarou rei e usou uma mentira para assassinar o resto da família real Chrechte, nosso povo ficou devastado. Depois de muita discussão e discórdia, finalmente foi decidido em um conselho que nos uniríamos aos clãs Celtas. Embora tenha sido há um século, os Chrechte nunca esqueceram a traição de MacAlpin.

— Entendo. Assim, embora o rei que agora governa a Escócia não perpetrar a traição original, os Chrechte não se submetem completamente a ele.

— Nenhum Highlander se submeteria completamente a qualquer regra que não seja a do chefe do clã. O rei atual é mais inglês que escocês de qualquer maneira. Ele transformará a Escócia em uma base militar Normanda se o povo deixar.

Emily não ficou incomodada pelos sentimentos de Cait. Ela os entendia. A Escócia não era a Inglaterra e, portanto, não devia ter um rei que tentasse tanto



imitar o estilo de vida inglês. Havia muitos na Inglaterra que estavam semelhantemente enraivecidos com a maneira que a corte real Inglesa seguia tão de perto as tradições estabelecidas na França.

— Eu acho que entendo melhor o comportamento do seu irmão. Eu posso imaginar que ele ficou verdadeiramente ofendido de ter um rei que ele segue a contragosto a ditar sua escolha de esposa.

— Ofendido é uma palavra suave para descrever o modo como todo o clã se sentiu.

— Exceto você.

Cait deu uma risadinha. — Oh, eu estava ofendida também... até conhecê-la. Eu gostei de você imediatamente, Emily.

Lágrimas picavam os seus olhos e Emily as afastou. Ela estava sendo sentimental e isso era tolo. — Eu fico feliz. Eu gostei de você, também.

Cait apertou sua mão. — Ainda que você não se case com meu irmão, eu sempre a considerarei minha irmã.

Uma das lágrimas se derramou e Emily apressadamente a secou depois de devolver o gesto carinhoso. — Obrigada. Eu sinto o mesmo.

— Emily...

— Sim?

— Eu estava preocupada com você por uma razão.

— Porque Lachlan me trancou em uma torre? Eu aprecio sua preocupação, mas você não devia se preocupar. Eu estou bem, como você pode ver, e a porta não fica mais trancada.

— Sinceramente, essa era só uma parte da preocupação. — Cait pausou e parecia como se estivesse tentando encontrar palavras. — Moira disse que Lachlan a levou para nadar esta manhã.

Emily sorriu, lembrando seu triunfo de quase boiar sozinha. — Sim. Foi maravilhoso. Ele está me ensinando a nadar assim eu não terei mais medo da água.



— Está? — Cait perguntou como se tal coisa fosse muito espantosa para ser crível. — Então você não terá medo?

— Oh, sim. E ele é um professor muito paciente. Você não pensaria isso pelo modo como ele age o resto do tempo, mas ele não gritou comigo nenhuma vez.

— Entendo... eu acho. — Cait franziu o cenho e suspirou. — Na verdade, eu não entendo nada.

— O que quer dizer?

— Sua paciência e a generosidade em ensiná-la a nadar... isso não combina com o que eu estava pensando sobre ele.

— O que você estava pensando? — Emily perguntou, não surpreendida por Cait estar confusa com aquele lado de Lachlan.

Ela também estava. O homem podia ordenar o seqüestro de duas mulheres inocentes para acalmar seu orgulho e então sair de seu caminho para ajudá-la a vencer um medo de toda uma vida. Ela leu sobre uma criatura que mudava de cor de acordo com o ambiente e se perguntava se Lachlan não era um pouco assim.

— Bem, eu não acredito que Susannah mentiu. Ela é realmente muito doce para ter feito isso —, Cait disse como se tentando convencer Emily. — Além disso, por que ela mentiria? A menos que ela tivesse medo que Magnus a desmerecesse. Sim, isso é possível, talvez até provável. Só que eu estava me convencendo de que Lachlan era o único que mentia, você entende.

— O que? Por que Lachlan mentiria?

— Porque ele quer guerra com nosso clã e não quer que seu clã o culpe por começá-la, então ele enviou Susannah sozinha e fingiu ultraje quando a inevitável união aconteceu.

— Eu não vejo como ele poderia pensar que uma mulher saindo para caçar ia acabar casada.

— Confie em mim, nesse caso, ele teria tido certeza.

— Hmm... Ainda que esse seja o caso, você está atribuindo pensamentos terrivelmente desvirtuados a Lachlan e eu não acho que ele seja desse jeito.



— Você não acha que ele é capaz de enganar?

— Não exatamente, mas eu acho que ele é arrogante demais para acreditar que isso seja necessário. Se ele quisesse guerrear com seu clã, ele declararia guerra e teria terminado com isso. Nunca ocorreria a um homem de seu temperamento que ele precisasse enganar seu próprio povo assim. Meu pai é muito parecido com ele, muito arrogante.

— Verdade? — Cait perguntou, o olhar desviado.

— Oh, sim. Eu estou nesta confusão por causa de sua arrogância. Ele gosta de culpar minha madrasta porque ela fez a sugestão, mas ele só faz o que quer.

— O que ele fez?

— O rei emitiu uma exigência de soldados e meu pai enviou um número mínimo inferior ao acordo feito entre senhor e vassalo. Sua mesquinharia irritou o nosso rei e em vingança, ele decretou que meu pai tinha que enviar uma de suas filhas ao norte para se casar com o seu irmão.

— Ele acreditava que o casamento com meu irmão era uma punição? — Cait perguntou, ofendida.

— Perder sua filha em um casamento que não poderia beneficiá-lo de nenhuma forma era a punição —, Emily acalmou. — Um laird Highland dificilmente é passível de se tornar um aliado do barão, ainda que ele esteja casado com sua filha.

— Oh, entendo. — Cait pareceu um pouco aliviada. — Você disse uma de suas filhas. Você tem irmãs?

— Três. Duas são minhas irmãs por parte de madrasta e Margery, o bebê, é minha meio irmã. Eu também tenho dois meio irmãos.

Cait franziu o cenho. — Você tem uma madrasta?

— Sim e ela é irritante, mas ela não trairia meu pai como a sua e de Talorc traiu seu clã. Sybil ama meu pai, mas é um amor muito ciumento.

— Deve ter sido difícil para você... viver com ela.

Emily assentiu. — Mas eu amava minhas irmãs e irmãos. Especialmente



Abigail. Ela é a razão pela qual eu não posso retornar à casa do meu pai. — E ela explicou seu medo pela sua irmã e por que ela tinha que ficar para se casar com Talorc, não importava o que ela queria.

— E você quer outra coisa? — Cait perguntou quando Emily terminou.

Ela sentiu que corava embora Cait não tivesse dito nada embaraçoso.

A outra mulher sorriu. — Você sente atração por Lachlan.

— Como você sabia? É tão óbvio? Eu não devia sentir. Ele é rude, irritado e impaciente, exceto quando me ensina a nadar. Eu não achava que meus sentimentos em relação a ele fossem tão fáceis de ver. — Afinal, na maioria das vezes ela sentia vontade de estrangular o homem, mas aqui Cait estava dizendo que achava que Emily se sentia atraída por ele.

O que ela sentia, mas mesmo assim... isso não devia ser evidente.

— Você não pode aprender a nadar com um vestido —, Cait disse secamente.

— Oh. Um, não, não pode.

— Se ele a convenceu a tirá-lo, ele deve ter sido muito persuasivo, realmente.

— Ele foi.

Cait voltava a parecer preocupada. — Talorc não casará com você se Lachlan a tomou.

— Lachlan disse que não violaria a minha virgindade.

— Oh, Deus. — Cait se abanou.

Emily endireitou os ombros. — Eu estou decidida a permitir que ele me ensine a nadar e a... e a outras coisas se ele estiver inclinado.

— Os ingleses e os Highlanders são diferentes. Talorc teria rasgado minha garganta por fazer algo parecido.

Emily estremeceu ante a horrível idéia. — Meu pai sem dúvida me bateria, mas ele não está aqui e eu sim e quando eu estou com Lachlan assim... eu fico feliz. Eu quero saborear a felicidade antes de me submeter ao dever.



Os olhos de Cait encheram-se de compreensão. — Você ama Lachlan?

— Espero que não.

Cait sorriu com tristeza. — Eu entendo. Machucaria demais, não é?

— Sim —, Emily sussurrou.

Entretanto, ela achava que Cait entendia muito bem. Se sua noite de núpcias tinha sido tão especial para ela e ela estava segura que não tinha sido para Drustan, a dor de quem se importava já estava em seu coração. Emily podia apenas esperar que o soldado Balmoral rapidamente percebesse que tesouro ele tinha em Cait.

Uma batida decisiva soou na porta e então ela abriu. Drustan estava de pé na abertura, sua expressão vazia de emoção. — É hora de descer para o almoço.

— Emily também vai? — Cait perguntou.

— Sim.

O alívio trouxe um sorriso ao rosto de Emily. Então, ela estava livre para deixar seu quarto. Aquelas eram notícias muito boas. Ela também veria Lachlan. Seu coração acelerou pelo pensamento.

Lachlan estava sentando na cadeira do centro em uma mesa longa na outra extremidade do salão quando Emily, Drustan e Cait entraram. Todos os outros lugares estavam ocupados em sua mesa com exceção de dois à sua direita. Nenhuma dúvida para quem aqueles eram: Drustan e Cait.

Emily procurou um lugar para se sentar e viu um vazio na mesa onde Angus se sentava. Ulf também estava na mesa, mas isso não podia ser evitado. Ela conheceria pelo menos uma pessoa.

Ela disse a Cait para onde estava indo e traçou seu caminho em direção à mesa de Angus. O soldado a viu quando ela se aproximou e movimentou a cabeça em saudação. Ela acenou de volta e ele bateu no homem ao seu lado, forçando-o a se mover no banco para que o lugar vazio ficasse ao lado de Angus.

Emily sorriu em gratidão, mas antes dela poder se sentar uma estranha



expressão surgiu nas feições de Angus e o sangue escapou de seu rosto. Dois dos outros soldados à mesa ergueram os olhos também, suas faces expressando choque. Todos os três soldados olhavam em direção a Lachlan. Ele parecia furioso, o que não era de fato novidade, mas ele não estava assim quando ela entrou no grande salão.

Angus saltou do banco. — Eu acredito que o laird deseja que sente em sua mesa, Senhorita Emily.

— Estou certa que não. Não há um lugar para mim naquela mesa.

— Acredito que ele acabou de instruir a um soldado que se deslocasse para uma mesa diferente.

Ela sacudiu a cabeça. — Tenho certeza que está enganado.

— Não. Não estou. Eu acabei de ouvi-lo.

— Você possivelmente não poderia ouvir seu laird acima deste barulho. — Havia pelo menos setenta e cinco soldados comendo no salão e o barulho era suficiente para mascarar até uma conversa em voz alta.

Emily agarrou o braço de Angus, assim poderia andar pelo banco e tomar seu lugar sem cair.

O soldado ficou absolutamente quieto. — Por favor, Senhorita Emily, não me toque. Eu gosto da minha garganta do jeito que está.

Emily não entendeu o comentário de Angus sobre sua garganta, mas ela tirou a mão de cima dele. Sua ação tinha sido considerada ousada? Nenhum dos soldados de seu pai teria achado, mas aquela não era a propriedade de seu pai e estes homens pouco se assemelhavam aos soldados ingleses.

— Eu sinto muito. Eu não pretendia—

— O laird gostaria que se juntasse a ele —, Angus disse urgentemente.

Ela não conseguia entender o que havia de errado com o soldado, mas ela virou-se gentilmente, assim podia ver Lachlan novamente. Como foi previsto, o lugar à sua esquerda estava vazio agora e ele curvou seu dedo para ela. Ela observou, insegura do que fazer. Sua intimação e a atenção que ela estava recebendo dos outros no salão a embaraçaram. Pelo canto de seu olho, ela notou sua amiga



parecer preocupada novamente, mas seu olhar não estava em Emily. Estava em Lachlan. O que o laird fez para chatear Cait?

— Senhorita Emily? — Angus chamou, soando perturbado.

— Sim?

— Gostaria que eu a acompanhasse à mesa do laird?

— Isso seria ótimo, obrigada, Angus.

O soldado movimentou a cabeça e tomou caminho, seus movimentos engraçados, como se estivesse nervoso. Quando eles alcançaram a cabeceira da mesa, ele a deixou ao lado de Lachlan com uma rápida despedida.

Lachlan não estava olhando para ela. Ele estava conversando com Drustan, então correu ao redor dos dois homens para se debruçar e sussurrar no ouvido de Cait, — Você está bem? Você parece novamente preocupada.

— Nós falaremos sobre isso mais tarde... no quarto da torre. Mas eu acho que seria melhor você se sentar, Emily.

Emily fez como sua amiga sugeriu e depois ficou surpresa em descobrir Lachlan servindo-a. Era realmente muito estranho. Seu pai nunca teria servido ninguém exceto Sybil, nem o convidado mais importante e especialmente nenhuma mulher.

Emily não conseguia entender por que Lachlan fez questão de tê-la sentada ao seu lado porque ele a ignorou a maior parte da refeição. Ela estava muito tímida para falar com alguém a princípio, mas o padre estava acomodado do outro lado da mesa e ele era bastante amigável. Ela também achou o soldado ao seu lado esquerdo muito agradável e quando ela comeu e bebeu um copo de vinho, ela estava se sentindo muito mais confortável em participar da conversa.

Ela se debruçou sobre a mesa, não querendo que sua voz fosse ouvida e disse, — Padre?

— Sim?

— Eu estava pensando em uma coisa sobre o sacramento matrimonial de ontem à noite.



— Em que, criança?

— A Igreja não estipula que o Sacramento deve ser feito pela manhã?

— Esta é a tradição de Roma, sim.

— Mas você o fez ontem à noite, ela enfatizou.

— Essa foi a vontade do meu laird.

— Mas é válido, então?

O padre olhou para ela como se ela tivesse perdido o juízo. — Você está querendo saber se a cerimônia de casamento que eu realizei ontem é válida? — Ele perguntou, sem fazer esforço para manter a voz baixa.

A conversa ao redor deles parou e de repente, Emily era o foco de todos os olhos. Ela sentiu o calor subir ao seu rosto e fervorosamente desejou que tivesse guardado a pergunta para outra ocasião. Mas como não havia guardado, ela também poderia expor sua opinião agora.

— Eu estou preocupada com a situação da minha amiga diante de Deus e da Igreja. Seguramente o senhor entende por que. Se seu Sacramento não for válido, seu casamento não é. — Ela quis que Lachlan tivesse pensado naquilo antes de ordenar que o santo homem fizesse sua obrigação de um modo tão fora do normal.

— Eu lhe asseguro que o casamento é válido.

— Reconhecido pela Igreja? — Emily pressionou.

— Sim.

— Oh. — Ela ainda não estava convencida.

— O casamento é válido —, Lachlan disse, falando com ela pela primeira vez desde que ela tinha se sentado.

Ela franziu o cenho para ele ante sua arrogância. — Você está insinuando que não está somente acima do rei quando acha necessário, mas do Papa também?

— Você pensa tentar dar a minha esposa uma desculpa para fugir de mim? — Drustan perguntou com uma voz áspera antes que seu laird pudesse responder ao



seu atrevimento.

Emily sacudiu a cabeça veementemente. — Oh, não. Isso não seria o melhor para ela depois de bem... depois. Se você entende o que eu quero dizer. É outro dia, afinal. Eu estou meramente preocupada com sua situação perante a Igreja, mas se o padre não está preocupado, então eu entendo que eu também não deveria ficar.

— O Sacramento matrimonial não é menos santo falado à noite do que é pela manhã —, o padre rapidamente interveio. — Existem dispensas para circunstâncias incomuns para quase todas as tradições romanas.

— Existem?

— Especialmente aqui no Highlands —, Lachlan disse em uma voz altiva.

— Por que especialmente aqui?

— Porque foi o rei que escolheu seguir os ditames de Roma, não os lairds.

— Mas os lairds devem seguir os ditames de seu rei. Ainda que eles lamentem seu lugar no poder.

— Devemos?

— Isso é traição.

— Não, é a pura verdade.

Os outros ao redor deles movimentaram a cabeça em acordo. Até Cait. E Emily abafou o desejo de discutir mais. Os Highlanders viam o mundo diferentemente e isso era fato.

Uma coisa era certa. Todos eles acreditavam que Cait estava bem e validamente casada.

Graças a Deus.

Capítulo 13



Depois do almoço, Emily estava insegura se era esperado que ela voltasse a sua torre ou não. Lachlan partiu antes de ela ter uma chance de perguntar, o que pode ter sido o melhor. Desde que ele não tinha expressamente ordenado que ela voltasse, ela podia dizer a ele mais tarde—se o assunto surgisse—que ela tinha presumido que seu silêncio significava que estava tudo bem ela ficar no grande salão. Ela não planejava fazer nada de mau mesmo, só encontrar algo para mantê-la ocupada.

E realmente, ela não poderia assumir que ele queria lhe permitir a liberdade uma vez que não a negou expressamente? Ele era, afinal, um homem que não mastigava as palavras.

— Emily, Drustan disse que tudo bem se você e eu explorarmos a área do castelo. — Cait falou detrás dela e Emily virou-se para encarar sua amiga.

— Oh, isso seria adorável. Eu vi um pouco dele, caminhando para o lago e tudo, mas honestamente minha cabeça estava muito ocupada com outras coisas para captar a paisagem.

E sua coragem não se estendia tanto a fazer tal exploração sozinha sem permissão expressa. Ela não queria acabar trancada na torre outra vez.

Elas começaram passeando pela muralha superior e inferior. Havia um pequeno curtidor, uma ferragem e uma área onde as mulheres da propriedade lavavam, incluindo um bosque de lilases e arbustos nos quais secavam as roupas, assim elas cheirariam doce. O estábulo era grande, com mais de uma dúzia de cavalos tão grandes quanto aqueles que ela montou no dia anterior.

A casinha do padre era atrás da capela e as duas mulheres pararam para conversar brevemente com ele quando o viram sentando do lado de fora de sua porta, apreciando um pouco de sol.

— Você está preocupada com a validade de seu casamento, moça? — O padre Paul perguntou a Cait.

Cait sorriu e negou com a cabeça.

— Estou contente. — Ele bateu levemente no ombro de Emily. — É bom



demonstrar tal preocupação genuína pelo bem-estar espiritual de sua amiga. Alegria meu coração ver isso.

Emily corou pelo elogio. — Não é mais do que ela faria por mim, Padre.

Elas recusaram sua oferta para tomarem algo e continuaram o seu passeio. Quando elas tinham explorado toda a muralha superior e inferior, Cait pediu a Emily para lhe mostrar o caminho para o lago. Não ficava dentro das muralhas do castelo, mas quando Cait explicou que elas tinham a permissão de Drustan, deixaram-nas passar pelo portão sobre a ponte levadiça.

O lago ficava só a dez minutos de caminhada do castelo e mais casinhas pontilhavam a paisagem ao longo do caminho. Elas encontraram várias mulheres Balmoral que pareciam felizes em se apresentarem a nova esposa do primeiro soldado no comando do laird e a sua amiga inglesa. Algumas também tinham visto Emily passar aquela manhã com Lachlan e estavam curiosas sobre a mulher que ele escolheu com quem passar um tempo sozinho.

— Este clã é certamente mais amigável que o Sinclair —, Emily observou e então desejou que tivesse mantido a boca fechada. Sua amiga podia ser uma Balmoral agora, mas ela tinha nascido Sinclair.

Cait suspirou, seus olhos tristes. — O clã do meu irmão teria dado boas-vindas a você com mais prazer em circunstâncias diferentes. Você precisa acreditar em mim, Emily.

— Eu acredito —, Emily se apressou em assegurar. — Eu entendo melhor desde nossa conversa esta manhã. Eu não quis ofendê-la com minha observação.

— Você não ofendeu.

— Tem certeza?

Cait riu. — Sim. As mulheres saíam de seu caminho para fazer você se sentir como uma estranha e eu não sou facilmente insultada, confie em mim.

— Seu irmão é. Imagine ficar tão furioso em ser comparado a um bode —, Emily brincou.

— Bem, é melhor do que a um traseiro de cavalo.

As duas estavam rindo quando entraram na clareira à beira da água.



— Oh, é magnífico aqui —, Cait exclamou.

Emily olhou para o lago reluzindo ao sol e não pôde acreditar que tinha ido longe o suficiente para que a água alcançasse o peito de Lachlan e acima da sua cabeça. O presente que ele tinha lhe dado naquela manhã era maior que qualquer um ela conhecia. Lachlan podia ser severo e ele certamente era mandão, mas ele também era gentil e apaixonado com ela. E ele se importava o bastante para ajudá-la. Isso o fazia um herói aos seus olhos, ainda que fosse um arrogante.

Pensando alto, ela disse, — Eu tenho outra aula de natação amanhã de manhã.

— Com Lachlan? — Cait perguntou com uma voz estranha.

— Sim, quem mais?

— Mas eu estou certa que você não estará só. Haverá outros soldados por perto.

— Se havia esta manhã, eu não os notei. Ele realmente tem uma audição superior e ouviu o irmão se aproximar antes dele passar pelas árvores.

— Ainda assim, eu tenho certeza que Lachlan tinha guardas consigo. — Havia uma urgência estranha na voz de Cait e Emily não entendia aquilo.

— Não, realmente. Eu não acho. Ele está tão seguro de si mesmo, que ele provavelmente não acha que precisa de guardas. Especialmente em terra Balmoral.

Cait fez um som de angústia, seu olhar focado em algo do outro lado do lago.

Emily se virou para olhar e viu um lobo cinza enorme. Ele estava muito longe para saltar sobre elas claro, estando do outro lado da água, mas a aura de perigo ao redor dele era suficiente para fazê-la estremecer. Ele não tinha o olhar de um animal desesperado, faminto, entretanto, e ela duvidava que o lobo tentasse machucá-las. Eles eram criaturas tímidas desde que não estivessem com fome... ou estabelecendo território.

— Eu estou casada agora —, Cait estava dizendo. — O casamento foi ontem à noite... e a reivindicação.

— Sim, eu sei —, Emily respondeu, achando aquele um tópico estranho de se



abordar quando elas estavam encarando um animal selvagem.

— Houve um mal-entendido. Susannah não tinha a permissão do laird para caçar sozinha. Seu irmão insiste que ela foi levada da ilha Balmoral.

— Assim você disse. — Cait tocou o braço da amiga. — Você está bem?

— O laird Balmoral está esperando um pedido de desculpas.

O lobo sacudiu sua cabeça para elas e rangeu, mostrando seus dentes afiados. Emily saltou para trás embora um lago inteiro os separasse.

— Por favor, eu não quero guerra entre nossos clãs —, Cait pleiteou.

— Bem, eu também não quero, mas eu não sei o que você espera que eu faça a respeito disso.

O lobo voltou-se e desapareceu dentro da floresta no outro lado do lago.

Emily virou-se para Cait. — Essa foi por um triz.

— Você nem imagina. — E lágrimas caíam pelas bochechas de Cait. — Emily, você não deve vir amanhã de manhã para sua aula de natação.

— Mas eu quero aprender a nadar agora.

— Não é seguro.

— Eu teria concordado com você esta manhã, mas Cait, Lachlan está me ajudando a vencer meu medo.

— Por favor, Emily. Você não deve vir!

Algo muito perturbador estava acontecendo com a sua amiga. — Diga-me por que.

— Eu não posso. Não aqui. Apenas aceite que não é seguro. Eu acho que Lachlan planeja seduzi-la.

— Eu já sei o que Lachlan quer fazer comigo, e eu quero. Eu sinto muito se você não entende, Cait. Eu não queria desapontá-la. Sua opinião importa muito para mim. Você é minha única amiga aqui e tão querida para mim quanto Abigail, mas eu



quero esse pequeno pedaço de felicidade em minha vida. Eu preciso disso. Para todos os anos solitários pela frente.

— Talorc a rejeitará se acreditar que Lachlan acasalou com você. Ainda que não seja verdade.

— Talorc já me rejeitou.

— Ele a mandará de volta a Inglaterra desonrada.

— Ele possivelmente não pode saber sobre minhas aulas de natação com Lachlan.

Cait não respondeu, mas começou a arrastar Emily de volta ao caminho em que vieram. Ela se recusou a responder quaisquer perguntas ou a diminuir a velocidade até que elas estivessem dentro do quarto de Emily na torre com a porta firmemente fechada.

— Você certamente se move depressa para uma mulher grávida —, Emily disse, ofegando pelo esforço de subir os degraus quase correndo.

— Lobas são assim.

— Lob... o que?

— Existe algo que eu tenho que lhe contar, Emily. Então você entenderá. — Cait a rodeou, sua expressão desesperada.

— Então você pode me ajudar a evitar uma guerra e a morte do meu irmão ou de Lachlan.

— O quê?

— Você lembra quando eu lhe contei sobre o povo Chrechte? — Cait perguntou.

— Sim, claro. Foi esta manhã. Eu sou inglesa, não desmemoriada.

Sua brincadeira murchou quando a agitação de Cait só parecia aumentar. — Você também é humana e eu não sou. Não completamente.

A preocupação por sua amiga fez Emily se levantar e empurrá-la em direção à



cama. — Você está confusa. Foi um dia cheio de acontecimentos para você e você está grávida. Deixe-me pegar um copo d'água para ajudar a clarear a sua mente.

— Minha mente já está clara. Acredite em mim, Emily. Você precisa acreditar em mim —, Cait disse com um olhar selvagem nos olhos. — Sente-se e escute. Por favor.

Emily não pôde ignorar o apelo da sua amiga e sentou-se.

— Os Chrechte mudam de forma.

— Mudam de forma? — Emily fracamente perguntou.

— Eles possuem mais de uma forma, a animal e a humana.

Oh, não. Ontem à noite tinha sido uma provação e sua amiga estava devastada, só Emily tinha sido muito cega para enxergar. Ela olhou fixamente para Cait, insegura do que dizer para ajudar. Se houvesse alguma coisa a dizer.

— Você já ouviu histórias de lobisomens? — Cait perguntou.

— Sim —, Emily sussurrou, seu coração partido.

Ela não conseguia suportar ver sua amiga desse jeito e naquele momento, se Lachlan ou Drustan estivessem lá, ela os teria atacado com sua faca de comer. Eles fizeram isso com Cait. Maldita seja sua natureza de se vingar usando o amor.

— É o que os Chrechte são, uma raça de lobisomens e lobas. Aquele lobo cinza que nós vimos ao lado da água era meu irmão Talorc. — Inconsciente dos pensamentos atormentados de Emily, Cait continuou em um tom urgente que pedia para ser crível. E embora ela soubesse que tudo era uma fantasia, Emily quase acreditou. Cait estava tão séria. — Alguns lobos não podem controlar a mudança assim até que acasalem, mas eles tem a habilidade de fazer isso desde a sua primeira lua cheia em forma lupina. Eu tenho, também. Nossa mãe era uma loba branca e ela nos legou essa habilidade.

— Lobos brancos podem controlar sua mudança? — Ela perguntou por falta de qualquer coisa melhor para dizer enquanto sua mente pensava em como reagir às palavras de Cait.

— Sim.



— Entendo.

Cait cerrou as mãos, seu rosto contorcido de desespero. — Você não acredita em mim, não é?

Os olhos de Emily se encheram de lágrimas quando ela sacudiu a cabeça. — Como eu posso? Você está falando sobre contos de fadas para crianças, não da realidade. Por favor, Cait, pare e pense. O que você está dizendo é impossível.

Cait sacudiu a cabeça. — Não é. Por favor, não chore, Emily. Eu tenho provas.

— Provas?

— Sim. Eu não posso fazer a mudança agora mesmo porque estou grávida, mas eu quero que você pense em algumas coisas.

— Certo.

— Lembra-se na floresta ontem, quando eu ouvi coisas que você não ouvia e como Lachlan ouviu a aproximação do soldado hoje cedo e você não?

— Sim.

— Esse é um traço dos lobisomens.

— Audição superior? — Não, não podia ser, mas nos dois casos eles tinham ouvido coisas que ela não tinha e ela sabia que sua audição era boa.

Ela estava apenas tentando acreditar no insondável porque a alternativa, que sua amiga tinha enlouquecido, era muito aterradora para aceitar?

— Isso não é tudo —, Cait sinceramente disse. — Nós somos mais fortes e mais rápidos que os humanos, também.

Sem aviso prévio, Cait se levantou da cama. Emily piscou, viu um borrão de movimento, e então a outra mulher estava do outro lado do quarto.

— Vê? — Cait perguntou.

Emily balançou a cabeça. Não podia ser verdade, mas Lachlan não tinha feito esse truque, também? E de acordo com Lachlan e Cait, ele era Chrechte. Era demais



para entender. Talvez fosse ela quem ia ficar maluca.

Cait fez aquilo de novo e estava na frente do armário de roupas sem que Emily visse como chegou lá, exceto um borrão cortando o quarto. Ela esfregou os olhos.

Cait riu, o som carente de qualquer divertimento. — Você não está vendo coisas. Nós nos movemos rápido assim. Eu não deveria estar correndo assim agora. Isso enfurece Drustan. Ele acha que eu poderia machucar o bebê se eu caísse.

— Poderia? — Emily perguntou estupidamente, sua mente se recusando a aceitar a evidência que seus olhos viam.

— Sim, eu suponho. Se eu caísse, mas eu não planejo cair. — Cait voltou para perto de Emily e se sentou novamente, tomando o braço de Emily num aperto forte. — Você precisa acreditar em mim. Aquele lobo que nós vimos era Talorc. Você não o viu sacudir a cabeça quando eu lhe disse que Lachlan queria uma desculpa? Ele não gostou de ouvir aquilo. Mas ele ouviu tudo o que nós dissemos, também. Ele ouviu sobre o plano de Lachlan de levá-la para nadar de manhã. Sozinho. Você não pode ir, Emily. Talorc desafiará Lachlan e então um deles acabará morto.

— Como Talorc pode estar na ilha sem Lachlan saber?

— Ele nadou até aqui em sua forma de lobo e ele é bom em mascarar seu cheiro. Muito melhor do que eu suspeitava e muito melhor do que eu sou nisso.

— Isso é impossível —, ela disse novamente, mas parte dela estava começando a acreditar. Não importa o quanto improvável aquilo tudo parecia, ela viu ou ouviu tantas coisas inexplicáveis desde que chegou ao Highlands e aquelas estranhas afirmações que Cait fazia explicariam a maior parte delas.

— Eu sei que parece ser, mas não é. Os Chrechte tem existido desde o princípio da humanidade, mas nós sempre nos mantivemos escondidos.

— Por quê? E como MacAlpin poderia ter traído os Picts... Chrechte, eu quero dizer, se eles fossem tão mais fortes que os humanos normais?

— Força não é tudo. MacAlpin era Chrechte, mas não mudava de forma. Acontece às vezes quando um homem acasala com alguém que muda. A mãe dele era uma loba, mas seu pai era um Scott⁵. Ele tinha a astúcia animal, mas não todas as outras características dos Chrechte. Ele também tinha lobos ao seu lado, aqueles

⁵ Escocês.



que estavam dispostos a trair o seu povo pelo poder que ele representava. Por centenas de anos, a guerra foi a única vida que nós conhecemos, mas ela tomou um preço alto demais dos nossos números. A traição de MacAlpin dizimou o que restava dos Chrechte. Quando nós nos juntamos aos clãs Celtas, nós estávamos protegendo o futuro do nosso povo. Era nossa única esperança.

— Mas você está dizendo que nem todos os clãs têm lobisomens entre eles?

— Não. Nem de perto. Nossos números subiram, mas menos de um em dez membros do clã é Chrechte. Quando um bando existe dentro de um clã, você pode ter certeza que o laird é Chrechte. Nós não toleramos ser liderados por um que não seja.

— Isso é tudo tão fantástico. — Mas a objetividade da história de Cait a fazia de alguma maneira mais crível.

— Você precisa acreditar em mim. — Cait ajoelhou-se em frente a Emily, aquele orgulho Chrechte que ela tinha falado anteriormente humilhado e aquilo era tão convincente para Emily quanto qualquer coisa que Cait tinha dito até então. — Eu lhe imploro. Você tem que manter o Balmoral longe do lago amanhã.

— Eu não posso —, Emily sussurrou, sentindo-se como a pior amiga do mundo. — Eu tentei hoje e ele não tomaria um não como resposta. Ele é incrivelmente arrogante e muito bom em conseguir o que quer.

— Mas você precisa. — Cait bateu no chão coberto de ladrilhos com a mão fechada. — Eu sei que você pode fazer isso, Emily. Ele quer você. Ele expressou sua posse sobre você. Isso tem que significar algo. Ele a ouvirá. Ele tem que ouvir —, ela disse freneticamente.

— Venha, volte a se sentar na cama. Esse esforço não pode ser bom para o bebê —, Emily disse, erguendo Cait do chão. — Você precisa recuperar a sua calma.

— Eu sei que você está certa, mas eu estou tão assustada, Emily. Eu amo meu irmão. Eu não quero guerra entre meu novo clã e meu clã de nascimento.

— Nem eu. — Emily mordeu o lábio, tentando pensar, mas era difícil com tantas novas idéias competindo por atenção em sua mente. — Você disse que Lachlan expressou sua posse. O que você quis dizer?

— Ele fez isso no almoço. Ele rosnou. Você não pôde ouvir. O som foi enviado aos lobisomens do bando. Para Angus, porque você estava tocando-o. E então



Lachlan insistiu que você se sentasse ao lado dele à mesa. Você não pode achar que isso é algo normal entre uma cativa e um laird.

— Eu pensei que era uma particularidade Highland —, Emily admitiu. Ela tinha atribuído muitas coisas como específicas dos Highlanders quando de fato elas podiam muito bem estar relacionadas à história fantástica que Cait lhe contava.

Cait sacudiu a cabeça.

— Eu não entendo essa reivindicação. Ele me ignorou durante toda a refeição.

— Eu não acho que ele esteja feliz por desejá-la, mas ele deixou claro que nenhum outro lobo a terá.

— Porque estou prometida a Talorc?

— Isso não importaria caso ele quisesse mantê-la.

— Mas ele não quer.

— Não. Eu acho que não quer.

Emily sabia que ele não queria. — Ele jurou que nenhum outro soldado poderia me possuir. Talvez esse negócio do rosnando foi o seu modo de ter certeza que os outros saberiam disso.

Cait balançou a cabeça. — Tudo que ele teria que fazer seria decretar isso e nenhum de seus soldados ousaria desafiá-lo. Um chefe de clã permanece chefe por ser mais forte que todos os outros guerreiros e eles sabem disso.

— Eu não entendo.

— Eu não compreendo completamente —, Cait disse, soando calma pela primeira vez desde que elas tinham visto o lobo do outro lado do lago. — O bando Balmoral faz coisas de forma diferente do que eu estou acostumada. Por exemplo, uma união física não traz consigo um compromisso para a vida inteira, a menos que resulte em gravidez.

— Eu posso ficar grávida dele?

— Se vocês forem companheiros verdadeiros, sim.



— O que isso quer dizer?

— Quando um que muda de forma e um humano acasalam, se eles forem companheiros de verdade ou companheiros consagrados, eles podem, às vezes, ouvir a voz do outro em suas mentes e a união resulta em uma criança.

Eles podiam ouvir vozes em suas mentes? Ela tinha ouvido falar de mágicos alegando tal coisa, mas Sybil sempre os classificava como charlatões. Entretanto, Emily acreditava que a habilidade de ouvir a voz de alguém em sua cabeça não era mais incrível do que a idéia de que humanos realmente podiam se transformar em lobos. — E os lobisomens?

— Se um lobo e uma loba acasalam quando ela está no cio, quase sempre há uma gravidez. De fato, eu nunca ouvi falar de alguma vez que isso não tenha acontecido. O problema é que lobas não entram no cio muito frequentemente e nós somos independentes por natureza. Antes de se juntarem aos clãs, as fêmeas Chrechte algumas vezes passavam suas vidas inteiras sem acasalar.

Aquilo era interessante. Não é de se estranhar que os Chrechte acharam tão difícil sobreviver. — Mas lobisomens não precisam ser companheiros de verdade para fazer bebês?

— Não, mas eles podem ser e se forem, eles podem falar telepaticamente, também. Eles também sofrem a outra consequência de uma união verdadeira.

— Qual é?

— Quando o Chrechte encontra seu verdadeiro companheiro, eles são incapazes de acasalar com qualquer outro até que o companheiro morra.

— Incapazes?

— Sim, você sabe... — Cait mordeu o lábio e então continuou em um quase sussurro, — Os machos não podem alcançar a ereção com ninguém a não ser com sua verdadeira companheira e o corpo de uma loba não aceitará a penetração de outra pessoa também.

— E o humano em uma união verdadeira?

— Eles são humanos. Eles podem se falar por telepatia, mas quanto ao resto, eu não acho que eles sejam tão limitados, mas eu posso não estar completamente correta. Eu nunca perguntei a minha mãe quando ela explicou sobre o laço entre



companheiros verdadeiros.

— Eu não acredito nisso. — Mas até quando ela dizia as palavras, ela percebia que elas não eram totalmente verdade. As alegações de Cait estavam se tornando cada vez mais plausíveis a cada minuto.

— Telepatia é estranho —, Cait disse como se aquele fosse o único elemento daquela conversa que era ligeiramente estranho. — Eu nunca experimentei. Meus pais não eram verdadeiros companheiros, tampouco. Eu ouvi falar de membros da família que podiam ouvir um ao outro, também, mas eu não podia ouvir Talorc nem ele podia me ouvir. Eu não pude sequer sentir o seu cheiro até que ele o revelou brevemente no lago. Ele estava me mandando uma mensagem.

— Que ele está aqui para salvá-la?

— Não a mim. Ele respeita muito as leis da união para ignorar a reivindicação de Drustan sobre mim, mas ele podia estar procurando por guerra, embora suas ações não sugiram isso ao menos. Eu acho que ele quer meu bebê. Outro guerreiro Chrechte para seu clã.

— Mas isso é bárbaro. Ele não pode levar seu bebê de você.

— Não até que ele nasça.

— Nem depois.

— Eu não sei o que acontecerá depois. Eu não posso suportar abrir mão do bebê. Eu já o amo, mas ele pode muito bem guerrear pela criança se não for por causa do nosso seqüestro.

— E se for uma menina, ele será menos insistente que ela retorne aos Sinclairs?

— Não, mulheres são estimadas pela sua habilidade de ter mais guerreiros Chrechte e homens pela sua habilidade de lutar.

— É o mesmo com humanos. — Meu Deus, ela estava realmente pronta para aceitar aquela história fantástica?

Cait parecia tão séria, tão certa de seus fatos. Se ela não estivesse dizendo a verdade, ela estava fazendo um admirável trabalho de representação sã e honesta.



— Até certo ponto, sim —, Cait tristemente concordou.

— O que nós vamos fazer?

— Eu não sei, mas eu também não quero que um dos lairds morra.

— Você acha que Talorc estava lá mais cedo esta manhã? — O pensamento de que o laird Sinclair a tinha visto nua com Lachlan enviou ondas de repulsa e mortificação dentro de Emily.

— Ele pode ter estado. Ele teria esperado para desafiar Lachlan até que soubesse onde eu estava e o que tinha acontecido comigo.

— Agora ele sabe.

— Sim.

— Você tem certeza que ele irá ao lago amanhã de manhã?

— Não, mas é altamente provável. Se ele puder matar o Balmoral, o clã pensaria duas vezes em ficar com o meu bebê.

— Isso é brutal.

— É como são as coisas aqui.

Emily estremeceu. — Por que tem que ser tão difícil?

Cait suspirou, mas não respondeu.

Emily mordeu o lábio e furiosamente pensou. — Talvez eu possa manter Lachlan longe da água me oferecendo a ele.

Cait sacudiu a cabeça. — Oh, não. Você não pode fazer isso. Eu sei que eu disse para usar o seu desejo por você, mas não é justo. Foi muito errado de minha parte sugerir isso.

— Você não entende. Eu quero seu desejo. Eu passei minha vida inteira vivendo nas sombras da nova família do meu pai. Quando eu estou com Lachlan eu sinto como se estivesse no centro. Isso não durará. Eu sei. Não pode, por muitas razões, mas eu quero experimentar o quanto eu puder dessa recém-descoberta paixão. Você acha que eu sou horrível por me sentir desse jeito?



— Não. Eu acho que você é valente, mas Lachlan poderia se casar com você, se ele quisesse.

— De acordo com o que você disse, existiria o risco de eu não ter filhos. Nenhum homem abraçaria tal futuro de boa vontade, especialmente um laird.

Cait tristemente concordou. — Eu acho que você está certa. Muitos Chrechte desencorajam uniões com humanos por causa disso e da possibilidade de ter uma prole humana ao invés de lupina.

— Você quer dizer que pode acontecer?

— Sim. A mãe de Lachlan deve ter sido humana porque Ulf o é.

— Ulf não é Chrechte?

— Ele não tem um lobo. Eu estou certa disso.

— Oh, mas como você pode estar certa de que era sua mãe que era humana?

— Porque o pai deles era laird e ele não seria se fosse humano.

— Então nenhum clã Chrechte tem lairds humanos?

— Nenhum que eu conheça. Eu creio que seja possível, mas eu não posso imaginar isso.

Emily não sabia o que pensar. — Você irá ao lago e tentará conversar com Talorc amanhã?

— Não. Eu não tenho certeza do por que ele está aqui. Talvez ele esteja só vendo como eu estou, mas eu tenho medo que ele me leve de volta até que receba um pedido formal por minha mão ou que o bebê nasça e então os Balmoral declarem guerra. Talvez Talorc queira declarar guerra. Talvez ele não respeite o laço matrimonial nessa circunstância. Eu não sei. — Cait soava progressivamente aflita com cada possibilidade que ela listava. — Eu não deveria esconder a notícia de sua presença de Drustan, mas eu não posso trair meu irmão—especialmente quando eu não estou certa de seus motivos.

Emily entendia o dilema de Cait e se condeu. — Se eu puder manter Lachlan longe do lago amanhã então você não tem com o que se preocupar. Sua pequena



omissão não machucará ninguém.

— Você acha que isso tudo é verdade?

— Sim.

— Significa que você acredita em mim agora?

— Eu não estou certa —, Emily honestamente admitiu, — mas é impossível ignorar tudo o que você disse e eu acredito que você acredita nisso. O que é meio caminho para que eu acredite, realmente. — Ela suspirou. — Eu sei que você está apavorada e eu quero fazer o que puder para impedir essa aflição.

Os olhos de Cait se encheram de lágrimas. — Obrigada.

— Eu farei tudo que eu puder para afastar Lachlan do lago amanhã.

Cait assentiu. — Há uma coisa.

— O que é?

— Por favor, não deixe ninguém saber que você está ciente da verdadeira natureza dos Chrechte.

— Por quê?

— Poucos humanos dentro dos clãs sabem e os que sabem guardam o segredo com suas vidas. Se eles o traírem, o castigo é a morte.

Emily sentiu o rosto perder a cor. — Entendo —, ela disse frouxamente.

— Como seu noivo, Talorc tem o direito de lhe contar, mas eu não.

— Você quer dizer que poderia ser morta por me contar?

Cait segurou sua mão e a apertou. — Eu não acho que resultaria nisso visto que você está noiva de Talorc.

— Mas você não tem certeza. Você arriscou sua vida ao me contar isso.

— Eu não sabia mais o que fazer.



— Eu não a trairei, Cait.

Sua amiga lhe deu um trêmulo sorriso. — Eu sei.

Cait saiu pouco tempo depois que um criado veio lhe dizer que seu marido desejava que retornasse aos seus aposentos.

Capítulo 14

Os pensamentos de Emily zuniam dentro da sua cabeça como uma colméia de abelhas chateadas por alguém tentar lhe colher o mel.

Havia tantas delas que ela não podia distinguir sequer uma. Imagens e palavras se enroscavam em uma massa incompreensível, mais amedrontadora que o seu primeiro professor de Latim. Ela queria que a madre superiora estivesse ali para ajudá-la a decifrar sua situação atual como tinha ajudado Emily a entender a língua da Igreja.

As paredes de pedra do seu quarto pareciam se aproximar e ela pulou de pé. Ela precisava sair da propriedade, para respirar algum ar fresco. Seus pensamentos começavam a se esclarecer enquanto era forçada a focar-se em seus passos, para não tropeçar descendo os degraus circulares.

De todas as coisas, a primeira imagem real a qual ela podia se agarrar era a dos monstros lobisomens que a governanta do seu pai tinha lhe falado tantas noites ao lado do fogo da cozinha. A escocesa tinha usado palavras para descrever os monstros em detalhes vívidos para o seu público, até que em algumas noites, Emily tinha sonhado com eles. E quando era pequena, lembrava de desejar que pudesse ser tão poderosa quanto as criaturas das fábulas, assim não ficaria mais com medo.

Nem da água. Nem do seu pai. Nem da desaprovação de Sybil. Nem do monstro Morte, que havia reclamado sua amada mãe. De nada.

Mas nunca em suas fantasias mais loucas havia sonhado que encontraria alguém que afirmasse ser um. Só que Cait afirmava ser uma loba. Ela disse que Lachlan era um lobo. Os pequenos cabelos na nuca de Emily se arrepiaram seguidos



pelos pêlos dos seus braços ante o pensamento.

Ela encontrou um prazer cortante em seus beijos e ansiava por mais do seu toque, mas se as alegações de Cait fossem verdade... Emily desejava as carícias de um animal. Aquilo a tornava depravada? Mas ele não era um animal... não completamente. Ele era um homem que podia tomar a forma de um animal. Isso não era o mesmo, era? Cait não agia como um animal; ela agia como uma mulher e Emily estava certa de que sua amiga não era depravada, contudo obviamente estava contente na cama do seu marido. Claro, ela era parte animal, também.

Em outra explosão de confusão, Emily alcançou o pé da escada. Ela ficou feliz em descobrir que a porta que levava ao lado de fora não estava trancada. Era pesada e quando tinha tentado abri-la naquele dia mais cedo, Cait suavemente a tinha empurrado de lado para abri-la ela mesma. Emily tinha pensado no momento que existia um truque para abri-la que ela não sabia. Agora ela teve que se perguntar se tinha sido mais fácil para sua amiga fazê-lo por causa da força lupina de Cait.

Com aquele pensamento perturbador, Emily acenou para um grupo de soldados que subia os degraus. Ela os olhou com atenção, tentando adivinhar quais eram lobisomens e quais eram humanos. Ela não conseguia ver quaisquer diferenças aparentes. Havia um modo de dizer? Como Cait tinha determinado que Ulf era humano? Os soldados a deram alguns olhares estranhos enquanto passavam e ela teve que impedir um rubor quando percebeu que parecia que estava olhando-os com cobiça.

Sybil teria tido um ataque se Emily tivesse feito qualquer coisa parecida com os soldados do seu pai.

Ela desviou os olhos, mas logo estava estudando todos ao seu redor com mais do que o seu interesse habitual novamente. Cait disse que só uma pequena porção do clã era dos que mudavam de forma, mas Emily não via qualquer modo de dizer quem era e quem não era. Isso significava que todos eles eram humanos? Ainda que essa fosse a conclusão mais lógica, Emily estava longe de estar convencida de que era o caso.

Lachlan tinha dito tantas coisas que implicavam que ele se via como mais que um humano, e se ele era um lobisomem, aquilo fazia sentido. Ele era naturalmente arrogante, mas mesmo assim... sua atitude e ações pareciam implicar que era mais do que a mera prepotência do poderoso líder de um clã. Ele não tinha se referido a sua besta interior mais de uma vez? Mais ainda, sua audição era surpreendente. Para não falar do seu olfato.



Ela parou e conversou com algumas crianças brincando próximo às cozinhas. Tentando como podia, ela não conseguia ver diferença entre elas. Elas estavam todas curiosas sobre a Inglaterra, entretanto, e ficaram deleitadas que ela falasse Gaélico.

— Então, existem monstros na Inglaterra que comem crianças más? — Uma pequena menina perguntou.

Emily riu. — Eu acredito que alguns pais dizem que existem aos seus filhos, mas eu nunca vi um.

— Você era má quando criança? — Um menininho perguntou.

— Não com frequência.

— Então, você não os teria visto, não é? — Ele perguntou com uma lógica irrefutável de criança.

— O filho do nosso cozinheiro certamente era mau. Ele gostava de saltar fora de cantos escuros e assustar as pessoas, especialmente crianças menores que ele. Ele nunca foi comido por um monstro.

— Talvez o cozinheiro tenha feito alguma outra coisa para o monstro comer.

Emily riu. — Existem monstros aqui nos Highlands?

A pequena menina enrugou o nariz. — Eu acho que há serpentes gigantes nos lagos, mas mamãe diz que não existem. Ela diz que eu não devia ter medo de tomar banho neles por temer ser devorada.

Emily curvou-se e tocou a bochecha da pequenina. — Eu penso que sua mãe está certa.

— Nós temos muitos animais selvagens e eles são tão assustadores quanto os monstros —, um garoto se gabou.

— Sim. Nossos lobos são maiores do que qualquer um que você vá achar em outro lugar e os javalis podem matar até um guerreiro com seus grandes dentes de marfim.

Emily deu um exagerado calafrio. — Eu devo evitá-los a todo custo, então.



As crianças riram e um dos meninos disse, — Você não precisa se preocupar, Senhora inglesa, nossos guerreiros protegem o clã e ninguém pode superar um guerreiro Balmoral.

— Você será um algum dia, não é? — Ela perguntou com um sorriso.

O menino assentiu cheio de si. — Eu nunca deixarei uma serpente devorar minha irmã mais nova.

A menina pequena que primeiro tinha verbalizado aquele medo observava com temor e adoração e Emily não pôde esconder seu próprio sorriso em resposta. — Estou certa que não deixará.

— Eu ainda digo que há monstros na Inglaterra. Eles não têm nenhum Chrechte para matá-los.

— Chrechte? — Emily perguntou, seu fôlego prendendo-se no peito.

— Nossos guerreiros mais ferozes.

— Meu papai é um bom guerreiro e ele não é Chrechte —, outro menino disse.

Parecia que uma briga iria irromper e Emily interveio. — Eu tenho certeza que os pais dos dois são ferozes.

O menino Chrechte assentiu, mas havia uma expressão em seus olhos que dizia que ele sabia de algo que os outros não sabiam. Talvez fosse tudo sua imaginação, mas parecia a Emily que ele carregava em si mesmo uma arrogância extrema como a de Lachlan.

Sua mente girava quando as crianças voltaram às suas brincadeiras. A certeza delas de que uma criatura não tinha que ser vista para existir a lembrou de que muitas coisas na vida tinham que ser atribuídas à fé. Ela nunca tinha visto o rei pessoalmente, mas ela sabia que ele era um homem de verdade. Porque seu pai e outros o viram e disseram a ela. Ela nunca veria Deus, mas ela não duvidava de sua existência. Ela se contradizia depressa.

Não, ela sabia que o seu Criador era real. Ela sabia que seu rei era real e sabia que sua mãe esperava no Céu para reunir-se a ela um dia. Cait tinha dito a Emily que lobisomens eram reais e ela podia aceitar aquilo pela fé, ou continuar a duvidar até



que tivesse uma prova irrefutável. Ela já tinha alguma evidência, se escolhesse interpretar o comportamento estranho dos Highlanders de certo modo.

Sua confiança em sua querida amiga era suficiente para convencê-la de uma impossível verdade?

Não certa da resposta, ela entrou nas cozinhas e perguntou se poderia ajudar com alguma coisa, só para ser enxotada novamente, mas não até que Emily tivesse se apresentado às outras mulheres que ajudavam com a culinária. Elas não eram excessivamente amigáveis, mas também não eram indelicadas e elas pareciam contentes que ela tivesse feito esforço para aprender seus nomes e elogiá-las pelo almoço.

Ela avistou o padre de longe quando saiu, mas ele não a notou. Ela queria perguntá-lo se existiam lobisomens no clã. Ela tinha certeza que ele sabia, mas não podia arriscar expor Cait à censura. A possibilidade de que compartilhar os segredos do clã tinha posto a escocesa em risco fazia o estômago de Emily se contorcer de preocupação.

Ela não podia suportar a possibilidade de algo de ruim acontecendo com a sua amiga. Assim devia ser como Cait se sentia com o seu irmão. A verdade era que embora ele fosse grosseiro, provavelmente não era mais irritantemente arrogante que Lachlan. Só que ela não tinha sentido com Talorc os estranhos sentimentos eróticos que sentia com o laird Balmoral. Cait amava Talorc, contudo, e devia estar de sua parte preocupada com o seu destino.

Quaisquer que fossem suas dúvidas a respeito dos lobisomens do clã, Emily devia manter sua promessa de fazer tudo o que pudesse para prevenir Lachlan de ir ao lago no dia seguinte. Com esse pensamento firmemente em mente, ela ajudou algumas crianças a pegarem água do poço na muralha mais baixa antes de voltar para o castelo com a intenção de se limpar antes do jantar.

Cait se sentou em um dos bancos, escovando seu cabelo e esperando pelo retorno de Drustan aos seus aposentos.

Ela pensou que quando ele tinha solicitado a sua presença mais cedo ele pudesse ter a intenção de fazer amor novamente. Agora que ela sabia que Emily estava relativamente segura e incólume, não era avessa à idéia. Ela tinha ansiado pela proximidade que eles compartilharam na noite anterior, especialmente em face de seu conhecimento de que Talorc estava perto e possivelmente desejava



descarregar sua raiva.

Só que ela chegou e encontrou um marido friamente implacável e a criada esperando por ela. Ele tinha informado a Cait que suas novas obrigações incluíam supervisionar o correr das tarefas domésticas do castelo, uma vez que o laird não tinha uma esposa. Ele então a apresentou a criada e partiu.

Marta deu a Cait uma excursão pelo castelo da torre até o porão. Era maior que duas vezes o tamanho do de seu irmão, o que ela achou desconcertante. Não só duas dúzias de soldados tinham seus quartos no quartel debaixo do quarto dela e de Drustan, mas a criada, seu marido e seus dois filhos viviam em quartos fora do grande salão. Os aposentos do laird ficavam acima do grande salão junto com um solar que a volúvel Marta informou a Cait que nunca era usado. Não desde a morte da mãe do laird.

Uma imagem tinha subido à mente de Cait, de Emily e ela no solar, cercadas por crianças. Pareceu tão real, que ela teve que piscar os olhos para dispersá-la antes de se ocupar do que Marta tinha dito. Mas a imagem voltou para assombrá-la repetidamente e não podia impedir-se de se perguntar se Deus tinha trazido Emily para os Highlands, não para seu irmão... mas para o laird Balmoral.

Era provavelmente um pensamento sonhador, mas sonhou com ele quando se deitou para um cochilo depois que a criada deixou Cait outra vez em seus próprios aposentos. Ela tinha conseguido dormir muito pouco na noite anterior e sua gravidez ditava que ela precisava de mais descanso que o habitual de qualquer modo. Ela tinha acordado há um tempo atrás, transtornada e intrigada por seus sonhos.

Drustan ainda não tinha retornado.

Emily tinha observado que Lachlan havia dito que não esperava ver Drustan por uns dias, o que significava que o seu marido tinha sido liberado de suas responsabilidades por muito tempo, ao menos para comemorar seu casamento. Aparentemente, ele tinha decidido depois da falta de entusiasmo que ela mostrou em ficar em sua companhia que tal dispensa de suas obrigações era desnecessária. Por que aquela verdade fazia seus olhos se encherem de lágrimas ela não imaginava, mas ela fez o seu melhor para pensar em outra coisa.

Deus sabia que ela tinha preocupações suficientes para ocupar sua mente. A maior delas era o fato de que ela tinha contado a uma humana os segredos do clã sem pedir a permissão de seu laird. Ela devia dizer a Lachlan o que tinha feito? Se ele fosse Talorc, ela diria, não importa o quanto ela soubesse que ele poderia urrar.



Mas ela confiava em seu irmão. Ela tinha, todavia, que sentir a mesma confiança por seu novo laird.

Mas ela devia dizer a Drustan de qualquer modo? Se ela dissesse, ele sem dúvida contaria ao seu laird. Ela devia informar o seu marido sobre seu irmão pelo menos? Seu coração se retorcia com a possibilidade. A lealdade ao seu novo clã exigia que ela fizesse exatamente isso, mas ela não podia. Se ela expusesse a presença de Talorc na ilha, os guerreiros do bando iriam procurá-lo. Se eles o encontrassem em terra Balmoral, o matariam.

E se ela dissesse a Drustan sobre suas revelações a Emily, Cait teria que mentir sobre o motivo de tê-las feito.

Mentir era pior que reter informações? Ela não queria fazer nada disso com seu novo marido e ainda assim sentia que não tinha escolha.

Ela estava tão atenta aos seus caóticos pensamentos que o primeiro indício que teve da presença de Drustan foi quando seus olhos enfocaram-se o bastante para perceber que ele estava de pé bem à sua frente.

Ela pulou pelo choque e seu olhar viajou ao dele. — Oh. Você retornou.

Ele pôs as mãos em seus ombros, seus polegares roçando suas clavículas, suas sobrelombas vermelho escuras juntas de preocupação. Os olhos verdes a sondavam como dedos afundando-se em sua alma. — Você está bem?

— Estou bem —, ela apressou-se, apavorada de que ele pudesse de alguma maneira ler seus pensamentos. — Por que você pensaria o contrário?

— Você não me ouviu entrar.

— Como você sabe?

A boca dele entortou-se ironicamente, mas ele não respondeu. Claro que era óbvio que ela não o ouviu entrar. Ela tinha agido como um gato escaldado quando percebeu que ele estava na sua frente. Um pouco surpreendente foi ele perguntar se tinha algo errado. Ele não leu sua mente, não que pudesse. Ainda que eles fossem verdadeiros companheiros, telepatia não incluía ser capaz de ver os pensamentos da pessoa, só uma habilidade de ouvi-los quando aqueles pensamentos eram dirigidos a você.

E sem levar em consideração que ela e Drustan não eram verdadeiros



companheiros. Ela era sua esposa pela vingança. Nada mais.

— Eu... — Sua voz desvaneceu quando ela notou um corte sangrento em seu peito, uma contusão em seu braço e manchas de sujeira no resto dele. Ela pulou de pé, chocando-se com suas mãos em seus ombros. — O que aconteceu? Houve uma luta?

Eles tinham encontrado Talorc? Sua garganta se fechou quando o terror apertava seus interiores.

Uma perplexidade enrugou as feições dele, como se ele não pudesse entender sua reação a ferimentos tão insignificantes. — Eu estava praticando com os soldados.

— Oh. — O alívio a inundou, rapidamente seguido pela preocupação. — Eu pegarei um pano úmido e limparei seus ferimentos.

— Ferimento. Há apenas um corte, mas você pode lavar o resto de mim se achar necessário. — A entonação sensual em sua voz fez os seus nervos se agitarem.

Sua provocação e preocupação era uma grande melhora em comparação à sua frieza de antes.

Ela o rodeou para atravessar o quarto até o vaso de água fresca. Ela estava molhando o pano desajeitadamente, espirrando água enquanto a derramava na enorme bacia. — Eu teria prazer em lavá-lo... se você quiser.

— Teria? Talvez seja menos molesto sofrer me tocando do que sofrer sentindo o meu toque?

Ela ofegou e se aproximou para enfrentá-lo. Nenhuma expressão se mostrava em seu rosto, mas seus olhos estavam vivos com algo que a fez derreter no fundo do coração.

Seu olhar atou-se ao dele. — Eu não quis sugerir esta manhã que não gosto do seu toque.

— Você não sugeriu nada. Você disse exatamente isso. — Cruzando os braços acima dos músculos salientes de seu peito, ele se apoiou de costas contra a parede, sua postura relaxada.

— Mas eu não quis dizer desse modo.



Uma sobrancelha ergue-se em preguiçosa interrogação. — De que outro modo você poderia dizer?

Ela cruzou o quarto para ficar a sua frente e limpou uma mancha de sujeira em uma de suas bochechas. Seu corpo reagiu imediatamente à sua aproximação, mas ela continuou o que estava fazendo. — Eu estava preocupada com minha amiga, ferida que você não se importasse com o quanto eu estava preocupada, que você estava mais interessado em encontrar prazer em meu corpo do que em me ajudar a acalmar os meus medos.

— Você considera minha responsabilidade acalmar seus medos?

— Quando você puder... sim. — Ela mordeu o lábio quando tocou de leve o corte em seu peito. Não era fundo e o sangue já tinha secado.

— Sean era tão considerado com os seus sentimentos?

— Eu raramente compartilhava meus medos com ele. A situação não exigia.

— Você quer me dizer que esse é o ideal de virtude marital e que vocês não eram tão próximos quanto você sugeriu esta manhã?

— Não.

— Então vocês não eram verdadeiros companheiros?

Ela terminou de limpar seu peito e começou a limpar a sujeira em seus braços. — Não.

— Estranho. Eu tive a impressão esta manhã que ele era um ideal impossível de se alcançar.

— Você é um lobo Balmoral. Você não acredita que qualquer homem seja assim.

— Não?

Ela riu, o som rouco e forçado pelos sentimentos em ebulição dentro dela enquanto tocava o seu corpo com o que deveria ter sido pura inocência. — Não, não acredita. Você é até mais arrogante que meu irmão.



Ele descruzou seus braços e pousou as mãos em sua cintura. — Isso é uma reclamação?

Ela lambeu os lábios, sua mão quieta em sua tarefa. — Não.

— Eu não pretendi envergonhá-la na frente de minha mãe.

— Eu sei que nosso casamento aconteceu por causa de circunstâncias incomuns, mas ainda é um casamento e é importante para mim que ela goste de mim.

— Ela já acha que você é maravilhosa.

Cait não estava certa de que era verdade, mas foi muito gentil da parte dele dizer. — Obrigada.

— Magoou você quando eu disse que queria voltar para a cama esta manhã?

— Sim.

— Eu não ignorei suas preocupações. Eu lhe disse que Lachlan não faria mal à inglesa.

E ele tinha esperado que acreditasse nele sem mais uma palavra sobre o assunto. Ela suspirou. — Eu precisava de mais. Eu precisava vê-la, me assegurar de que era o caso.

— E quando você a viu, Emily estava bem?

— Sim. Muito bem. Lachlan está mesmo ensinando-a a nadar.

— Seus medos eram infundados. Você devia ter confiado em mim.

— Como eu podia saber?

— Eu sou seu marido.

— O que isso significa? Eu não significo nada para você... não pessoalmente. Eu sou apenas um meio para um fim. Seu laird queria vingança para um insulto visível e me manter foi a forma que ele escolheu de alcançá-la. — Ela tentou sair do abraço de Drustan, mas ele não a deixaria escapar.



— Eu sou o único a mantê-la e eu tenho tanto direito a me vingar dos Sinclairs quanto Lachlan.

— O que faz de você meu captor, não meu marido, e eu não sou nada além de seu instrumento de vingança, assim como do laird.

— Eu sou seu marido —, Drustan rangeu para ela.

Ela suspirou, sabendo que ele falava a verdade. Para o bem ou para o mal, ele era o homem a quem ela estaria ligada por toda a vida. — Sim, você é meu marido. Pelas leis da Igreja —, ela não pôde resistir de acrescentar.

— Por sua própria promessa e admissão ontem à noite.

Ela se recusava a admitir aquele golpe. — Mas eu não sou alguém com quem você se importa, sou?

— Você quer que eu me importe com você?

— Que mulher não iria querer? Eu sou sua esposa, apesar de tudo. Nós temos muitos anos para ficarmos juntos.

— Você não confiava seus segredos a Sean, mas ele se importava com você?

Ela realmente não sabia. Se ele tinha se importado, nunca tinha dito. — Ele tinha consideração comigo.

— E eu não?

— Você ignorou minhas preocupações com Emily como se elas não importassem.

— Eu lhe disse que elas eram infundadas. Mesmo sabendo disso, eu concordei em falar com Lachlan no almoço quando a princípio eu tinha planejado não deixar os nossos aposentos até amanhã, no mínimo. Isso não é ignorar suas preocupações.

— Mas—

— Você não tem paciência.

— Eu temia por Emily, você não pode entender isso?



— Se você confiasse em mim, não teria medo.

— Como eu posso confiar em você?

— Eu sou seu marido —, ele repetiu, como se aquele único fato isolado devesse apaziguar todos os seus medos.

— Por causa de uma vingança.

— Importa o motivo pelo qual nos casamos? Você agora é minha esposa. Não uma mulher que aquece minha cama quando a ocasião me agrada. Você dará à luz aos meus filhos e será minha companheira até nossa velhice.

— Eu quero confiar em você —, ela admitiu. Seria tão mais fácil se ela pudesse ter certeza de que seus sentimentos e desejos importavam para ele, que ele agiria em seu benefício.

— Então confie.

— Não é tão fácil.

— É se você deixar ser.

— Você pode acabar matando meu irmão.

— Só se ele declarar guerra ou tentar levá-la de mim.

O que não era nenhum conforto. As duas circunstâncias eram muito prováveis. — E o meu bebê?

Uma das mãos de Drustan deslizou ao redor da sua barriga e parou possessivamente em cima do bebê. — O que tem ele?

— Talorc o desejará para os Sinclairs.

O rosto de Drustan se entortou com repugnância. — É errado separar uma mãe de sua criança.

— Ele não se importará. — Ela amava o seu irmão, mas Talorc podia ser obcecado com uma coisa a ponto de doer às vezes. — Sean era Chrechte, o bebê será Chrechte.



— Eu não deixarei Talorc levar a criança.

Ela estava igualmente confortada e apavorada pela promessa. — Eu não quero guerra.

— É o costume do nosso povo.

— E nós quase nos extinguimos por causa disso. Não é o jeito certo, Drustan.

— Você iria querer que eu ignorasse um insulto? Prefere que eu entregue o bebê ao seu irmão? Você só ficará contente quando os Balmorals estiverem esmagados sob os pés dos Sinclairs?

— Não!

Então, o que diabos você quer, maldição?

Cait ouviu as palavras em um grito alto o suficiente para derrubar um pinheiro, mas os lábios de Drustan não tinham se movido.

Você acabou de falar em minha mente? Ela perguntou com seus pensamentos dirigidos a ele.

Seus olhos verdes se alargaram e então se estreitaram. Não intencionalmente. O que você ouviu?

— Eu o ouvi gritar, Então, o que diabos você quer, maldição? — Ela disse em voz alta. — Só que foi dentro da minha cabeça.

A mão dele ergueu-se para tocar em seu rosto quase com reverência. — Nós somos companheiros verdadeiros.

Cait sacudiu a cabeça, incapaz de acreditar naquilo. Eles não podiam ser companheiros verdadeiros. Não depois de só uma noite... não quando seu casamento tinha sido o resultado do desejo dele de vingança contra o seu clã original. Um frio a agarrou e ela estremeceu, sentindo um mal estar. O quarto ficou muito escuro e o rosto de Drustan flutuava diante de seus olhos.

Ela despertou deitada em sua cama com Drustan inclinado sobre ela.

Ele sorriu, mas seu olhar estava estreito de preocupação. — Eu não acredito que tenha ouvido falar de uma loba que desmaiasse pela notícia de que seu marido



fosse seu companheiro sagrado antes.

Seu coração apertou pelo uso do antigo termo. — Mas... não é impossível? — Tinha que ser impossível.

— Por quê? Porque você é uma Sinclair e eu sou um Balmoral? Nós dois somos Chrechte.

Ela sempre tinha pensado que ser um companheiro verdadeiro incluiria amar o seu parceiro. Incluía? Seus sentimentos quando ele estava preocupado a confundiam. E ele... Drustan sentia mais do que luxúria por ela? Ele disse que queria sua confiança. Aquela era uma mera postura masculina, ou a expressão de uma necessidade mais profunda que ele ainda não tinha colocado em palavras? Ou a união verdadeira era tão básica quanto entrar no cio? Uma coisa muito física que ela sempre tinha acreditado ser mais que isso.

— Eu não sei —, ela finalmente disse.

— Você não era companheira verdadeira de Sean. — Ele soou muito contente por aquele fato.

— Não, claro que não. Eu já lhe disse, mas como eu poderia ser dele e ser sua também?

Ele retirou o cabelo do rosto dela. — Eu ouvi falar de Chrechtes sendo abençoados com mais de um companheiro verdadeiro em suas vidas.

— É uma bênção... para você?

— Sim. Não importa que motivo nos uniu, eu quero que nosso casamento seja forte. Eu quero que você seja feliz, Cait.

— Quer? — Sean tinha desejado que ela fosse feliz? Ela sempre tinha tido a impressão de que a satisfação do seu irmão era mais importante que a sua própria para o seu primeiro marido.

— Sim.

— Oh. Que bom.

Drustan sorriu. — Você ainda está um pouco confusa pelo seu desmaio, não está? Deve ser uma coisa da gravidez.



— Eu suponho.

— E eu?

— O que tem você?

— Você quer que eu seja feliz, também?

Sua felicidade não devia importar para ela. Ela não tinha se casado com ele por escolha ou por obrigação, mas por coerção. Era por isso que ela achava tão peculiar que ele quisesse que ela fosse feliz em seu casamento. Seus sentimentos importavam para ele, ao menos um pouco, mas ela não entendia por que.

A menos que fosse seu dever como marido o estimulando a ser solícito.

Sem levar em consideração o porquê ele se sentia assim, ela, também, importava-se se ele estava satisfeito com ela como sua companheira. Muito. — Sim, eu quero que você seja feliz.

— Então nós seremos.

— Eu não serei feliz se você matar meu irmão —, ela advertiu.

Seu olhar estava feroz o suficiente para fazê-la vacilar. — Não tente usar nosso laço para me manipular. Eu farei o que eu tiver que fazer como guerreiro.

— Então, você mentiu? — Ela perguntou, tentando escapar do círculo de seus braços sem sucesso. — Você só quer que eu seja feliz se isso significar você fazendo o que quer?

— Um guerreiro nem sempre tem o luxo de fazer o que quer... ele faz o que deve.

— Mas se vocês só conversassem com Talorc, em vez de lutar com ele... vocês descobririam que não há razão para uma guerra entre nossos clãs.

— Eu não penso que ele concordaria.

— O bebê não nasceu ainda. Se Deus quiser, nós teremos chegado a um acordo que não arrancará meu coração antes disso, mas isso não é o problema imediato.



Drustan suspirou e rolou de costas. — Lachlan nunca teria dado a Susannah permissão para caçar sozinha e minha irmã não mentiria. Nunca.

Perversamente, ela sentiu falta do seu calor ao redor, mas a implicação de suas palavras era ainda fria. — Então, você está dizendo que eu estou mentindo? — Eu não estou, ela gritou em sua mente.

Ele rolou de volta em direção a ela e a puxou para perto. — Eu não desejo discutir isso agora.

Ela evitou seus lábios apesar de sua própria ânsia pelo contato. Mas isto era muito importante para ignorar com necessidade física. — Porque você não quer admitir que está errado, mas apenas pare e pense. E se Susannah atravessou a água acreditando que era melhor para ela esperar para fazer isso na lua cheia sem estar emparelhada? Então ela acaba emparelhada com Magnus e ela não quer que ele pense que ela é desleal ou desobediente, então ela...

— Mentiu? Minha irmã não é uma mulher tão fraca.

— Por favor, Drustan, só considere a possibilidade.

Ele sacudiu a cabeça e a beijou, mas ela se recusou a responder. Foi difícil. Mais difícil que qualquer coisa que ela já tinha feito, mas ela não podia se entregar a um homem que pensava que ela era uma mentirosa.

— Qual é o problema? — Ele exigiu, erguendo a cabeça.

— Você pensa que eu sou uma mentirosa.

Ele respirou fundo, seu peito se enchendo e os músculos duros pressionando do seu lado. — Eu não acho que você é uma mentirosa.

— Mas você acha. Ou Susannah está mentindo, ou eu estou. — Ou Lachlan, embora ela pensasse que o ponto de vista de Emily sobre aquilo era legítimo. O homem era arrogante demais para pensar que precisava mentir.

— Eu conheço Susannah por toda vida. Ela não mente.

— E você só me conhece há dois dias e uma noite, mas eu também não minto. — Seu coração estava rachando em seu peito e ela não sabia por quê. Ela devia ficar ofendida por sua falta de confiança, não ferida. Qual era o problema com ela?



— Talvez Magnus convenceu minha irmã a contar a história.

— Com que propósito? Ele não é tão tímido que teria hesitado em pedir sua mão e desde que havia chances que ela estivesse grávida, aquele pedido teria sido concedido... não importa como ela veio parar em sua propriedade.

— Mas se ele a levou, Lachlan ainda poderia ter declarado guerra.

— E convencendo-a a contar essa mentira ao nosso povo não teria impedido isso. Não, ele não tinha razão para pedir uma coisa assim a ela.

— Então, você quer que eu denuncie minha irmã como uma mentirosa?

— Não. Eu quero que você fale com ela... fale com Talorc. Por favor.

— Como você propõe que eu faça isso?

— Você podia ir ao castelo Sinclair para negociar.

— E eu suponho que você espera que eu a leve junto?

— Ele poderia me escutar com mais vontade do que a você, mas não... não se você não acha que seja o melhor. — Ela tinha lidado com soldados espinhosos toda sua vida. Sabia quando pressionar e quando retroceder.

— E se eu me recusar, você planeja me negar acesso ao seu corpo?

— Não.

— Prove.

Ela o fez, liberando todas as suas preocupações e abraçando o prazer que encontrava em seus braços. Emily pensava que ela não entendia sua decisão em permitir que Lachlan a tocasse, mas Cait entendia. Muito bem. Ela precisava da intimidade de dois corpos unindo-se com o seu marido. Ela precisava sentir-se conectada a ele, ainda que fosse uma ilusão.

Mas o quanto seria de uma ilusão... quando eles eram companheiros sagrados?



Capítulo 15

Mais uma vez, Lachlan insistiu que Emily sentasse ao seu lado durante o jantar. Cait e Drustan estavam ausentes, então Ulf sentou-se do outro lado do laird e monopolizou a atenção de Lachlan. Emily não podia estar certa de que o soldado a excluía da conversa de propósito, mas suspeitava que esse fosse o caso. Ulf realmente não gostava dela.

Ele podia ser irmão de Lachlan, mas ela também não era muito fã dele.

Ela beliscou sua comida, sua atenção nos guerreiros do salão. Angus era Chrechte. Assim como Lachlan, mas ela não sabia sobre os outros. Era mais fácil observar Angus e procurar por diferenças em seu comportamento do que observar o laird ao seu lado, mas Emily tentou fazer aquilo disfarçadamente.

— Por que você continua olhando para o meu soldado, inglesa?

Quanta sutileza. — Eu estava?

— Talvez ela prefira a companhia dele —, Ulf disse do outro lado de Lachlan.

Emily olhou para ele com o cenho franzido. O homem era um criador de caso e isso era fato.

Lachlan olhou para ela. — É verdade? Você prefere sentar-se em sua mesa? — Ele não soou particularmente preocupado com a possibilidade, mas parecia surpreso.

— Importaria se eu sentasse? — Ele certamente não havia hesitado em insistir que ela deixasse a mesa de Angus para unir-se a ele no almoço.

— Não.

Exatamente como ela tinha pensado. — Então, por que se incomoda em perguntar?

— Eu quero saber.



Ulf fez som depreciativo.

Emily se debruçou ao redor de Lachlan para dar ao seu irmão uma boa encarada. — Você sempre precisa ser tão rude?

Ele se pôs de pé e o olhar que deu a ela e depois ao seu irmão fez a carranca de Emily parecer um sorriso. — Eu suponho que você espera que eu tolere este insulto também?

— Se você considera a verdade um insulto, talvez devesse mudar seu comportamento, assim não poderia ser chamado a responder por isso —, ela disse antes que Lachlan pudesse abrir sua boca.

— Todas as mulheres inglesas tem as línguas tão venenosas? — Lachlan perguntou enquanto seu irmão balbuciava mais descontentamento.

O rosto de Emily esquentou, envergonhado pela acusação inerente em suas palavras. — Não. Minha madrastra ficaria chocada com minha sinceridade. — Mas o que a aborrecia mais era saber que Lachlan tinha a mesma opinião. Quanto tempo antes dele começar a vê-la como um incômodo da mesma maneira que Sybil tinha feito? Ou ele já tinha começado? Ela suspirou e encontrou o olhar irritado de Ulf. — Eu sinto muito que minhas palavras lhe causaram ofensa.

Ele não reconheceu suas desculpas, mas retornou a sua cadeira e voltou a comer com gosto.

Chateada pela confrontação, Emily desistiu de tentar comer. Ela deixou seu olhar passear ao redor do grande salão, pousando primeiro em um soldado, e então em outro. O único lugar que ela não permitia que ele pousasse era no homem ao seu lado. Ela não queria ver o mesmo olhar de desgosto em seu rosto que tantas vezes marcou o semblante de Sybil quando falava com Emily. Tão doloroso seria ver que ele estava ignorando-a completamente.

Não olhando para ele, ela podia evitar as duas possibilidades.

— Se eu não a conhecesse mais, eu pensaria que você estava espionando os meus homens com a intenção de informar o Sinclair. — O divertimento cobria a voz de Lachlan.

Emily não pôde trazer à tona um sorriso semelhante quando se forçou a encontrar seu olhar. — Eu sou uma cativa, não uma espiã.



— Certamente você consideraria informar suas descobertas a Talorc um grande desafio.

Pensando que seria muito fácil voltar ao lago e conversar com o lobo como Cait tinha feito, Emily se engasgou com o vinho que estava tentando beber.

Os olhos de Lachlan se estreitaram quando o homem à esquerda de Emily começou a bater em suas costas. Ela tossiu e então ofegou uma respiração forte antes de se virar e agradecer ao soldado.

Ela se voltou para Lachlan para encontrá-lo olhando-a fixamente de forma especulativa. — Você é inocente. Você não acasalou com ele, eu estou certo disso. Não pode ser sua espiã.

— Nós temos que ter essa discussão aqui?

— Você é volúvel para uma mulher com uma língua tão afiada.

— Eu posso não ser tão lady quanto minha madrastra teria gostado que eu fosse, mas eu não sou totalmente carente de decoro. E eu não desejo discutir meus assuntos mais pessoais na frente dos seus soldados.

— Qual é o seu interesse em meus soldados? — Ele exigiu.

Ela dificilmente podia dizer a ele que estava tentando descobrir se alguns deles realmente eram lobisomens. — Eu estou curiosa sobre o povo Balmoral. Isso é tudo.

— Você passou bastante tempo na muralha exterior hoje.

Ela não ficou surpresa que ele soubesse como ela tinha passado seu dia. Ele era o tipo de homem que ficaria de olho em todas as coisas que tivessem a ver com sua propriedade, mas especialmente com uma cativa inglesa. — Foi um prazer conhecer tantas pessoas do clã. Você estava certo. Ninguém com exceção de Ulf me trata como o inimigo.

— Ele é um protetor fervoroso do clã.

— E eu o insultei.

— Sim.



— Oh. — Ela não podia se desculpar quando ainda pensava que era errado eles buscarem sua vingança seqüestrando uma mulher inocente. Ela e Ulf simplesmente não estavam destinados a serem amigos, mas pelo menos o resto do clã era bom com ela.

— Angus não usa minhas palavras contra mim.

Lachlan franziu o cenho. — Você tem uma ótima opinião acerca do meu soldado.

Ela encolheu os ombros. — Ele tem sido amável.

— Como você sente que Ulf e eu não temos sido.

— Eu não quis dizer isso. Realmente, seu desejo em me ensinar a nadar é amável por si só.

— Eu não sou um homem amável, inglesa.

Ela não concordava, mas viu que se concordasse, ele seria insultado. Homem contraditório. Primeiro insultou-se porque ela achava que Angus era amável e ele não, e então o incomodava que ela acreditasse que fosse compassivo. — Eu aprecio sua generosidade do mesmo modo.

— Você não teve medo quando foi ao lago com Cait?

Aquela não era uma parte de seu dia que ela queria discutir. — Não, mas ficar perto da água não é o que me assusta. Eu só nunca vou muito fundo... ou eu não ia antes desta manhã.

— Por que você foi? Eu não dei permissão para vocês duas se aventurarem do lado de fora das muralhas do castelo.

— Você nos deu permissão para explorar a propriedade... ela se estende além das muralhas. E Cait queria ver o lago.

Ele lhe deu um olhar estranho. — Não é seguro vocês irem ao lago desacompanhadas.

— Cait e eu estávamos juntas.



— Sem nenhum guerreiro para protegê-las.

— Mas nós não precisamos de um. O lago é perto de muitas casas.

— Assim como vocês não precisaram de um guarda quando se aventuraram do lado de fora do castelo Sinclair?

— Nós tínhamos um guarda, mas seus guerreiros o dominaram.

— Eu não seria tão fácil de dominar.

Ela não duvidava disso. — Mas desde que nós já fomos seqüestradas, o que mais poderia nos acontecer? — Ela logicamente perguntou.

— Existem animais selvagens e, grávida, Cait não tem defesa alguma contra eles.

— Animais se-selvagens? — Ela perguntou, pensando em Talorc e esperando que isso não aparecesse em seu rosto.

— Javalis... e lobos. — Ele estava olhando para ela de forma mais penetrante quando disse aquela palavra? Ou aquilo era sua imaginação?

— Oh.

— Eu não quero você indo ao lago sem mim novamente.

— Tudo bem.

As sobrancelhas dele se juntaram em óbvia surpresa. — Eu esperava um argumento.

— Esperava?

— Sim.

— Talvez eu não seja tão difícil quanto acredita.

— Talvez você tenha outra razão para ser tão condescendente. Você já concluiu que eu estou certo.

Ou ela não queria discutir e denunciar o que tinha visto.



— Você viu alguns animais selvagens enquanto estava no lago hoje? — Ele perguntou, seu olhar escuro sondando.

— Só se você considerar um laird um animal selvagem —, ela tirou o corpo fora, não querendo mentir e esperando que ele assumisse que ela estava falando dele.

— Às vezes isto é exatamente o que um laird é.

Depois das revelações de Cait, as palavras de Lachlan atingiram Emily com a força de uma bofetada. Ela ficaria louca tentando determinar se tudo que ele disse tinha mais de um significado, mas ela não pôde ignorar sua intensidade quando pronunciou aquelas palavras.

Ulf exigiu a atenção de Lachlan novamente e logo Emily pediu licença para voltar à torre. Ela havia tido um dia exaustivo e pretendia ir dormir cedo, mas estranhamente se viu alerta depois de escovar seu cabelo e de cuidar de seus outros rituais de higiene noturnos. Era como se o ar crepitasse com energia mágica e ela não pudesse se acalmar para dormir.

Vestindo suas roupas novamente, ela decidiu voltar ao grande salão. A noite tinha ficado fria e talvez um fogo tivesse sido aceso. Ela sempre tinha julgado que fitar o fogo lhe deixava sonolenta. No mínimo, subir e descer a comprida escadaria em espiral de novo deveria deixá-la suficientemente extenuada para deitar-se.

Quando ela alcançou o grande salão ele estava vazio, a não ser por Ulf e Lachlan. Eles estavam discutindo e não a notaram. Ela não queria interrompê-los, mas também não queria voltar para cima tão cedo.

Talvez se ela esperasse nas sombras, eles partiriam e ela podia se sentar ao lado do fogo que de fato tinha sido aceso na enorme lareira do outro lado do salão. Ela a olhava ansiosamente como se o frio da parede de pedra onde estava apoiada penetrasse seus ossos.

Estremecendo, ela deslizou de lado, esperando chegar até a lareira sem ser notada. Ela ficou nas sombras e tão quieta quanto possível. Não que os dois bravos homens fossem notá-la.

— Você não acredita que o Sinclair não pretenda fazer nada em retaliação? — Ulf perguntou com desdém.



Se ela fosse Lachlan, teria ficado muito aborrecida com o modo com que seu irmão sempre o questionava e o fazia tão provocativamente.

— Você não acha que ele acredita que eu esteja certo em recompensar através de sua irmã? — Lachlan indulgentemente perguntou.

— Não. Ele planeja guerra. Eu estou certo disso.

— Mas nossos espiões não viram nenhuma evidência disso.

— Ele é esperto.

— E você não acha que eu seja igualmente esperto? — Lachlan perguntou.

— Não se você é tão facilmente enganado.

— E se eu não estiver enganado?

Ulf fez aquele irritante barulho bufante dele e Emily parou de se aproximar do fogo para encará-lo. Ele, claro, não notou. Ele sequer sabia que ela estava lá.

— Eu digo, ataque antes de nós sermos atacados.

As palavras apavoraram Emily e ela fez tudo o que pôde para não gritar uma recusa. O homem verdadeiramente não se importava com quantos Balmorals ou Sinclairs morreriam por esse assunto?

Lachlan olhou acima de Ulf, e Emily sentiu como se ele estivesse olhando diretamente para ela. Mas isso não podia ser possível. Ela estava em um canto muito escuro atrás de um dos arcos de pedra que sustentavam o teto do salão.

Ele disse, — Eu escolhi uma forma diferente de retribuição à guerra.

— Não é suficiente. Nós devíamos pegar Susannah de volta e matar o ferreiro.

A mão de Emily voou para sua boca.

Lachlan franziu o cenho. — Você é sedento de sangue, Ulf.

— Eu sou o filho de meu pai... o mesmo pode ser dito de você?

Em vez de ficar furioso, como Emily teria esperado, Lachlan pareceu



exasperado. — O que você quer que eu faça? Cercar o castelo?

— Lidere uma invasão além das muralhas. Realize sua vingança e parta.

— Eu rejeitei essa sugestão a primeira vez que você a fez.

— Porque você prefere evitar derramamento de sangue? — Ulf cuspiu.

— Porque essa é uma forma estúpida de vingança e eu gostei mais do meu plano. — Dessa vez sua voz era fria e Emily pensou que a paciência de Lachlan finalmente tinha se esgotado.

Ela continuou em sua jornada em direção à lareira, mas percebeu que não podia ficar tão perto dela como queria sem se revelar. Ainda assim, um pouco de seu calor a alcançou onde ela permanecia, nas sombras.

— Você ousa me chamar de estúpido?

— Foi o seu plano que chamei de estúpido, mas eu pergunto a você agora... você ousa me desafiar?

A mandíbula de Ulf trincou, mas ele não respondeu.

O ar dentro do grande salão crepitou e ferveu com potencial violência.

Emily encolheu-se de volta em seu esconderijo, esperando que Ulf não fosse tão estúpido. Ela concordava com Lachlan; a sugestão do seu irmão de vingança era estúpida e horrível. Não levaria a nada além de dor para um clã ou outro. Ouvir a outra opção deixou Emily contente de que Lachlan tivesse escolhido o caminho que tomou.

Percebendo a alternativa, ela finalmente pôde ver que sua escolha em usar Cait para conseguir reparação não era uma questão de atirar sua raiva em uma mulher inocente. Era, de fato, sua solução para um problema que, caso contrário, teria resultado em matança e muito sofrimento.

Cait e ela estavam em uma melhor situação entre os Balmoral. Emily conseguia admitir isso. Cait estava muito perto de estar, ou já estava, apaixonada por seu marido, e Emily ficou nauseada em pensar em permitir que Talorc a tocasse do modo como Lachlan tinha feito. Pelo que Cait disse, Susannah estava muito feliz com Magnus. Ela ficaria devastada se ele fosse morto pelo seu clã original.



Lachlan tinha feito uma escolha que abraçava a vida em lugar de desprezá-la. Ela não sabia se seu próprio pai teria sido tão sábio. Ulf certamente não era.

Nem ele nem Lachlan tinham se movido nos últimos segundos. Emily prendeu a respiração em antecipação do que viria em seguida.

As mãos de Lachlan repousavam em seus quadris e ele parecia elevar-se sobre seu irmão embora eles fossem próximos em altura. — Mostre a garganta ou pegue sua espada.

— Lobos mostram a garganta; eu sou humano.

Emily mordeu o lábio.

— Você é Chrechte. Você é meu irmão.

Ulf deu uma única sacudida em sua cabeça e então a inclinou para o lado, expondo sua garganta.

Lachlan disse algo que Emily não entendeu. Não soava Gaélico para ela. Ulf respondeu, suas palavras do mesmo modo incompreensíveis, virou-se em seus calcanhares e deixou o grande salão.

Emily silenciosamente soltou o fôlego que tinha prendido e percebeu que estava tremendo violentamente.

Lachlan olhou em direção a onde ela se escondia. — Venha aqui, inglesa.

E naquele momento ela soube que Cait tinha dito a verdade, sobre tudo. Ulf não soube que ela estava ali, ela estava certa disso, mas Lachlan sabia, embora ele tivesse fingido não notar. Quando ela tinha pensado que ele estava olhando para ela, ele estava. Mas o mais convincente de tudo foi sua exigência de que Ulf mostrasse a garganta. Não era uma tradição humana e ainda assim o tinha aplacado em face à terrível fúria.

Seu pai teria exigido que um soldado se ajoelhasse aos seus pés. Mesmo assim, ele poderia ter batido nele por sua insubordinação.

Sabendo que não tinha esperança de esconder-se, ela andou até o calor lançado pelas velas iluminando o salão. — Por que você não disse algo?



— A situação era volátil o suficiente. Você revela o pior de meu irmão. Eu não o queria me desafiando por orgulho ferido.

— Eu não tenho intenção de revelar o pior.

— Eu não a culpo.

— Não? Embora eu tenha uma língua afiada?

— Eu gosto de sua língua afiada, mas Ulf não é tão tolerante.

— Oh. — Ela lambeu os lábios. — Então, eu posso ser franca com você e você não ficará ofendido?

— Se você me ofender, eu buscarei vingança, mas não do tipo que meu irmão gostaria de dar.

Por alguma razão, aquela promessa a fez querer ofendê-lo ao invés de temer fazê-lo.

Ele sorriu como se soubesse.

Ela tragou. — Você não quer matar seu irmão.

— Isso é uma surpresa e tanto para você, ou os ingleses não hesitam de matar sua família? — Ele cruzou os braços acima do peito, a expressão relaxada, mas havia uma tensão nele que a pose e expressão tranquilas não conseguiam esconder.

— Eu pensei que você não se importasse em se machucar, contanto que conseguisse o que quer.

— Pensou?

Ela lambeu os lábios. — Eu estava errada.

Ele lhe deu um olhar interrogativo.

— Sobre a vingança... você poderia ter feito muito pior do que tomar Cait e vê-la casada com seu primeiro homem no comando.

— Você acha?



Irresistivelmente atraída pela intensidade que emanava dele, ela andou mais perto até que eles estavam quase se tocando. — Sim, eu acho. Eu também acho que se você quisesse ferir o orgulho de Talorc e se fosse tão descuidado com os sentimentos dos outros como eu o acusei de ser, você teria me usado e então me descartado. Mas você não fez isso.

Na verdade, ele não a tinha feito mal de qualquer forma.

— Só um homem fraco tem que recorrer a usar uma mulher.

— Eu não penso que Ulf concordaria, mas é por isso que você estava tão certo que Drustan não machucaria Cait, não é?

— Ele não é fraco.

— E nem você.

— Ulf pensa que eu sou.

— Ulf é genioso e sanguinário. Ele verdadeiramente não parece ligar para quem se machuca ou acaba morto se seu orgulho estiver satisfeito. Eu não penso que ele daria um bom líder. Seu clã constantemente estaria em guerra.

— Eu concordo.

— É uma bênção você ter nascido primeiro, então. — O desejo de tocá-lo crescia a cada respiração.

— Eu não nasci. Ele nasceu dois anos antes de mim.

— Mas você é o laird.

— Ele não me desafiou quando eu segui o lugar de meu pai após sua morte.

— Porque ele sabia que não podia ganhar de você.

— Sim. Se ele fosse realmente estúpido, isso não teria importado. Ele teria me desafiado de qualquer maneira.

— Você o admira.

— De muitas formas.



— Machuca você que ele critique suas escolhas.

— Um guerreiro não é tão facilmente afetado.

Incapaz de conter o desejo por mais tempo, ela estendeu a mão e a pousou sobre seu peito, bem acima de seu coração. — Eu penso que um guerreiro é afetado, mas não demonstra isso.

Seu corpo sacudiu em reconhecimento àquela frágil conexão, e aquele lugar secreto entre suas pernas, que só ele parecia afetar, doía por algo que ela não conseguia nomear. Também ficou úmido e ela apertou as pernas em particular embaraço tentando suavizar a dor.

As narinas de Lachlan se alargaram e ela podia jurar que ele sabia da reação do seu corpo a estar tão próximo a ele. — Eu não sou tão fraco.

— Meu pai também não era, mas quando ele perdeu minha mãe, ele perdeu parte dele mesmo. Guerreiros sentem, até quando não querem.

— Seu pai foi um bastardo com você.

— Ele nunca me machucou novamente depois daquela vez na lagoa.

— Fisicamente talvez, mas ele machucou seu coração mole.

— Como você pode saber? — Ela perguntou em um sussurro.

— Ele a mandou para casar com um laird Highland de quem ele não sabia nada. Ele estava disposto a deixar você partir e pagar por seu próprio erro. Ele não a estimava como um pai deveria estimar sua filha.

— Eu disse a você, eu pedi para ser enviada.

— Porque você estava apavorada que eles mandassem sua irmã surda.

— Sim.

— Ele a forçou.

— Sybil me forçou.



— Você estava errada sobre mais coisas que o meu caráter, você sabe.

— Sobre o que mais eu estava errada? — Ela perguntou com um sorriso. Sua arrogância estava começando a encantá-la.

— Abigail não teria sido infeliz aqui.

— Eu acho que você tem razão. Com o tempo, eu penso que até Talorc teria se entusiasmado com ela. Ela é muito doce.

— Então vocês duas devem ter muita coisa em comum.

Emily não soube o que dizer àquilo e olhou fixamente os olhos escuros de Lachlan com suas intrigantes margens douradas por vários minutos em silêncio.

Ele correu a ponta do dedo por cima dos seus lábios, fazendo-a estremecer. — Você é uma boa amiga para Cait.

— Eu gosto dela.

— Ela gosta de você, também.

— Sim.

— Muito. Ela ofendeu Drustan insistindo que tivesse permissão para ver como você estava.

— Ele pensou que ela devia ter confiado nele de que eu estava incólume? — Ela conjecturou. Estava começando a entender aqueles guerreiros Highland.

— Sim.

— Vocês dois são muito arrogantes.

— Mas não cruéis?

— Não. Eu não acho que você seja cruel.

— E Angus?

Confusa, ela perguntou, — O que tem Angus? Eu nunca pensei que ele fosse cruel, exceto talvez por associação.



Lachlan não pareceu satisfeito por aquela parte das novidades. — Você mostra uma preferência por sua companhia.

— Não mais do que pela sua. Eu não poderia.

— Não?

— Não. Seria impossível mostrar uma preferência pela companhia dele porque eu prefiro a sua companhia acima de todas as outras. — Talvez ela não devesse ter dito a ele, mas parte dela precisava deixá-lo saber o quanto importante tinha se tornado.

Algo se moveu em seu olhar. Se ela não o conhecesse, pensaria que era alívio. — É bom saber disso.

— É?

— Não devia ser.

Ela não perguntou por que. Ela podia adivinhar e não queria pensar sobre o quanto seria impossível um futuro entre eles. — Eu posso ficar devassa com você, mas eu não sou uma devassa. Eu não sinto por qualquer outro homem o que eu sinto por você.

— E Talorc?

— Eu pedirei que ele não me mande para casa, mas eu não posso me casar com ele agora. Eu não acho que ele se importará. — Como um lobo, ele teria ainda menos desejo de se casar com Emily do que Lachlan tinha, pois nenhuma chama de desejo ardia entre eles.

— Porque eu a toquei?

— Sim —, ela sussurrou, não acrescentando que ela não desejava as carícias de nenhum outro homem. Ela tinha revelado o suficiente.

— Você está preocupada que ele a considere suja pelo meu toque?

— Não.

— Você não quer que ele toque em você de maneira alguma.



Ele enxergava demais, mas ela se recusou a responder.

— Eu mal comecei a tocá-la, Emily. Existe muito mais prazer para se ter entre nós sem a violação da sua virgindade. Mais intimidade do que você pode imaginar.

Às vezes ele era tão cru e mesmo assim não a ofendia, meramente a envergonhava porque ela não podia esperar estar compatível com a sua honestidade neste assunto. Não ainda. — Eu estava nua com você —, ela o lembrou. Quanto mais de intimidade se poderia conseguir?

— Aprendendo a nadar. — Sem aviso ele a ergueu nos braços. — E agora é hora de eu lhe ensinar outra coisa.

Ele a levou para uma cadeira ao lado do fogo e se sentou.

— Aqui? — Ela perguntou, chocada por ele não a levar pra um lugar mais privado.

O grande salão estava vazio, mas poderia não continuar assim.

— Se eu levá-la de volta ao seu quarto, eu me enterrarei dentro de você e danem-se as conseqüências —, ele admitiu em uma voz gutural que revelava uma profundidade de sentimento que sua postura e conversa não insinuavam.

— E você não pode fazer isso.

— Não.

Ela sabia que aquele era o caso. Ela até entendia por que, mas machucava. Terrivelmente. Porque lobo ou não, ela amava o orgulhoso e forte, porém compassivo laird. Não importava se o sentimento fazia sentido; estava lá e ela sabia nas profundezas de sua alma que daquele ponto em diante, sempre estaria. Ele possuía seu coração, mas tudo que ele queria era seu corpo.

Ela o daria a ele, livremente e sem condições, pelos longos e solitários anos pela frente. Ela ao menos teria isso.

Ela pôs suas mãos em cada lado de seu rosto e o beijou, então falou contra seus lábios. — Faça-me esquecer.

— Esquecer o que?



— Tudo.

E ele fez.

A partir do momento que a boca dele tocou a sua, Emily parou de pensar em qualquer coisa que não fosse Lachlan. Ela sentou-se em seu colo, mas eles não se tocaram efetivamente em qualquer outro lugar, exceto em seus lábios. Ele se movia contra ela com perícia sensual, mas poderia ter se sentado lá, completamente quieto, só pressionando sua boca na dela, e ela ainda estaria se afogando na necessidade que ele evocava nela.

Só tocá-lo a fazia almejar tudo que ele daria a ela.

Capítulo 16

Moldando os lábios dele com os seus, ela imitou seus movimentos e inalou o cheiro de sua absoluta masculinidade. Este homem podia ser parte lobo, mas ele era todo macho, tudo que ela já pôde imaginar querer. Seu recém-descoberto amor desabrochou e consumiu seu coração até que ele se transformou em uma dor, contudo bonita, a queimar em seu peito.

Ela abriu a boca para a sua língua, mas ele puxou sua cabeça para trás com uma maldição. — Nós temos que parar.

— Por quê? — Ela perguntou em uma voz confusa que ela mal reconheceu como a sua própria. Ela não queria parar. Eles mal tinham começado.

— Eu pensei que podia tocá-la... dar-lhe prazer, mas meu controle está muito instável neste momento.

— Eu não entendo.

— O confronto com meu irmão deixou uma emoção que eu preciso aliviar, mas se eu aliviá-la do modo que quero, eu quebrarei a promessa que fiz a você.



— Eu não me importo se você quebrar —, ela admitiu, sua voz quase implorando.

Ele estremeceu. — Eu me importaria —, ele severamente disse.

Ela ficou ereta, tão longe dele quanto pôde ficar, enquanto ainda estava sentada em suas duras coxas. Havia outra dureza lá, também, uma que se movia debaixo de seu plaid, e ela sabia que ele não estava distorcendo a verdade quando disse que seu controle era precário. Mas isso não a fez sentir-se melhor a respeito de sua rejeição.

— Porque você se sentiria comprometido comigo e você não quer isso? — Ela dolorosamente perguntou.

— Sim. Você é uma virgem.

— E se eu lhe oferecer a minha virgindade?

— Você a oferece porque eu a estimulei a sentir coisas que você não está acostumada a sentir, porque é lua cheia, porque eu estou perto de minha... muito perto de você. Eu não devia ter começado isso esta noite, mas você me faz perder a cabeça.

— Então você acha que nós dois estamos fora de controle?

— Sim.

— Mas eu não tenho emoção de sobra que precise libertar de meu corpo. — A menos que eles estivessem falando de amor e eles não estavam. — Se eu me ofereço, eu sei o que estou fazendo.

— Você não sabe. Existem coisas sobre esta noite que você não entende. Coisas que você não sabe.

— E estas coisas querem dizer que eu não conheço minha própria mente?

— Sim.

— Por que isso importa tanto?

— Eu não deixarei de manter minha palavra a você. Eu não vou me aproveitar de minha besta.



Agora que ela sabia o que sabia, ela entendeu que ele não estava usando besta como um eufemismo para luxúria. Ele queria dizer o lobo dentro dele, ela estava certa disso, mas não compreendia como ele ser um lobisomem tinha alguma coisa a ver com o seu oferecimento. Embora não importasse. Não realmente.

Ela não imploraria. Não precisava entender seu raciocínio para perceber que se ele a quisesse como ela o queria, ele teria aceitado sua oferta. Com entusiasmo. Poderia machucar admitir a verdade, mas era óbvio que mesmo que o sentimento pudesse ser mútuo, não era mutuamente intenso. Entretanto, quanto de seu desejo estava ligado ao amor que ela sentia por ele? Ele gostava de tocá-la, mas ele não a amava.

Não existia nenhuma comparação entre a necessidade gerada pelas duas coisas.

Piscando as lágrimas para contê-las e engolindo sua dor, ela traçou o padrão azul que circulava seus bíceps. Aquilo era uma característica Chrechte, ou pelo menos uma delas. O outro estava em suas costas. Ela percebia agora que a besta simplista em suas costas provavelmente representava um lobo, mas a faixa tatuada em seu braço era diferente. Nenhum dos outros guerreiros a tinham.

— Isso é para marcá-lo como chefe do clã? — Ela perguntou, querendo se distrair dos pensamentos de amor.

Ele deu um estranho tipo de estremecimento e gentilmente afastou sua mão.
— Sim.

— É bonita —, ela disse enquanto as marcas azuis borravam ante seus olhos úmidos. Ele não permitiria nem que ela o tocasse desse modo inocente.

— Se Deus quiser, meu filho terá a mesma marca um dia.

Ela piscou furiosamente. — Seu filho?

— Eu devo ter filhos.

— E filhas?

— Eu daria boas-vindas a filhas, também.

Só não as dela... porque ainda que fosse possível, embora improvável, ainda



haveria o risco que suas crianças nascessem humanas ao invés de capazes de mudar de forma. — Por que você não casou?

— Eu mal tinha engrossado a voz quando assumi o comando do clã. Muitos me pressionaram a me casar então, mas eu não quis. Eu era muito selvagem e faltava muito para aprender como ser um bom chefe de clã. Agora é uma questão de tirar um tempo para selecionar uma esposa. Minha posição consome cada hora.

— Não agora. Não esta manhã quando você estava me ensinando a nadar.

— Você me faz esquecer minhas obrigações.

Tendo ganhado o controle de suas lágrimas, ela conseguia encontrar seu escuro olhar sem vacilar. — Isso é uma coisa boa ou uma coisa ruim?

Ele a olhou por um longo momento, os círculos dourados ao redor de suas íris escuras quase engolindo o castanho. Eles nunca tinham se parecido mais como olhos de lobo para ela.

Ele roçou um beijo pelos seus lábios imóveis antes de se afastar novamente. — É uma coisa preciosa.

Ela estava errada? Ela significava algo para ele, ainda que eles não pudessem ter um futuro? — O que eu sinto com você é precioso para mim, também.

Ele ficou de pé, empurrando-a de seu colo. — É apenas luxúria.

Ela se balançou como se atingida. — Para você, talvez.

— Não me ame, inglesa.

Isso estava além de qualquer coisa. Era ruim o suficiente que ele pensasse que pudesse ditar tudo o mais. Ele não podia mandar em seus sentimentos. — Eu o amarei se eu quiser. Se meu coração acabar partido por causa disso, é problema meu.

Ela queria correr de raiva, mas no último segundo ela lembrou-se de sua promessa a Cait. Embora quase não tivesse esperança de que seu plano de sedução fosse um sucesso, ela perguntou, — Você virá até mim amanhã, ao meu quarto, antes da aula de natação?

— Talvez você deva ter Cait ensinando-a a nadar. Você está certa. Eu já



negligenciei meus deveres demais a favor de passar tempo com você.

Ela não tinha dito aquilo, mas obviamente era o que ele acreditava. Preciosa? Provavelmente não. Ela quase deu um bufo digno de Ulf, mas se conteve. O importante era afastá-lo do lago, ela tinha que se lembrar. Não ela superar seu medo de água.

— Como você desejar. — Ela girou e começou a ir embora.

— Maldição, Emily.

Ela o ignorou e continuou andando.

Com sua mão pesada em seu ombro, ele a parou nas sombras entre uma arcada e a parede. Nenhum dos dois disse algo por várias batidas de coração.

Finalmente ela perguntou, — Havia algo que você queria?

Ele a virou para encará-lo, sua expressão uma máscara impenetrável na escuridão fora do alcance das luzes das velas. — Você não pediu permissão para me deixar.

— Eu não acredito nisso. — Ela cerrou as mãos e as colocou em seus quadris de uma forma que Sybil deplorava. — Eu não sou um dos membros do seu clã. Eu sou apenas uma cativa. Eu não lhe devo essa cortesia, ou qualquer outra no que diz respeito a esse assunto.

— Primeiro você fala em me amar e então declara que eu não sou merecedor de seu respeito. É isso ou aquilo inglesa? — Ele perguntou com uma voz zombeteira que a enfureceu.

— Eu não disse que o amava, meramente que amaria se eu quisesse. Você não pode ditar tudo, laird. Eu precisaria ser uma mulher muito estúpida para me apaixonar por um homem que vê cada momento passado em sua companhia como uma perda de tempo.

— Eu não disse isso.

— Você disse.

Ele suspirou, concedendo derrota da única forma que sabia... com silêncio. Depois de uma pausa prolongada ele disse, — Eu não queria magoá-la.



— Eu não disse que você me magoou e é horrivelmente arrogante de sua parte presumir que o fez.

— Não é prepotência notar o modo como seu lábio treme quando você está tentando não chorar, ou o fato que você não ver a hora de ser liberada de minha companhia porque eu lhe disse algumas verdades desagradáveis.

— Sua verdade, como você chama, não é nada que eu já não sabia. Você não precisa se preocupar e se meu lábio tremeu, provavelmente é porque eu queria beijá-lo novamente. Mais do que me enganar. Aparentemente a luxúria não tem limites, até para uma mulher inteligente.

— Ou um homem inteligente —, ele murmurou. — Desde que é o que nós dois desejamos, talvez eu devesse beijá-la de novo.

— Você acha que pode ceder tempo?

Sua resposta foi um beijo tão carnal que seu corpo travou-se em choque. Ele forçou sua língua a passar por seus apenas parcialmente separados lábios e tomou o controle do interior de sua boca como o saqueador que ele era. Onde antes tudo tinha sido um prazer preguiçoso, agora ele não se continha. Suas mãos estavam em toda parte, tocando em seu corpo com intimidade impossível através de suas roupas, e ela não protestou, mas implorou por mais com pequenos gemidos, arqueando-se em direção aos seus dedos.

Isso era o que ela queria. Isso era o que ansiava.

Ela sentiu-se erguida e pressionada contra a fria parede de pedra, mas ela não sentia frio. Estava tão quente que sua pele ardia. Ele apertou seu corpo grande e duro no seu, a protuberância que ela tinha sentido antes se esfregava contra o ápice de suas coxas, por cima de seu vestido. Ela estremeceu de prazer e pressionou de volta, buscando um alívio para a agonia de prazer que a atravessava.

Ele puxou suas saias para cima, expondo suas pernas, e ela as embalou ao redor de seus quadris com uma sensualidade instintiva que não questionou. Dessa vez, quando ela se esfregou contra sua carne endurecida debaixo de seu plaid, flechas de um doce prazer a perfuraram em cada pequeno movimento. Ele ondeou-se contra ela, aumentando seu prazer além do que ela pensava que seu corpo pudesse agüentar.

Então, tão repentinamente como havia começado, ele parou e arrancou a



boca da dela.

— Lachlan? — Ela chamou, seu tom pedinte e ela nem se importou.

— Nós não estamos mais sós —, ele sussurrou bem próximo à sua orelha antes de lentamente desenrolar suas pernas de seu corpo e descê-la até o chão.

Ela ficou de pé, inclinada à sua frente. E se passaram vários segundos antes que suas palavras fizessem sentido para ela. Eventualmente, os outros barulhos no salão além da sua própria respiração difícil e da rápida batida do coração penetraram sua consciência. Embora ela não pudesse vê-los, ela podia ouvir um grupo de soldados que tinha se reunido ao redor lareira. Pelos seus comentários era óbvio que eles estavam esperando que Lachlan se juntasse a eles.

Lágrimas de frustração brotaram e se derramaram.

Lachlan disse algo que ela não entendeu, agarrou-a e beijou-a novamente. Sua mão desceu pelo seu corpo e ondeou debaixo de sua saia, e então ele tocou em seu doce ponto, uma vez... duas vezes e tudo dentro dela explodiu. Seu corpo se arqueava contra o dele e ele continuou com sua mão onde estava, aumentando o prazer até que ela desmoronou contra ele, suas pernas muito fracas para segurá-la.

Ele finalmente rompeu o beijo e então a ergueu em seus braços como se ela fosse realmente um tesouro precioso. Ele não disse nada enquanto a carregava toda a distância escadaria acima até seu quarto. Ele parou do lado de fora da porta e a desceu, ajudando-a a se apoiar contra a parede para ter um suporte necessário.

— Eu não quero que você deixe este quarto pelo resto da noite.

— Você vai me trancar aqui dentro? — Ela perguntou com uma voz que soava inarticulada como se por excesso de vinho.

— Eu preciso?

— Não.

— Prometa-me, não saia por nenhuma razão.

— Eu prometo. — Ela se virou e tropeçou para dentro do quarto, fechando a porta atrás dela.

Ela mal se despiu de sua túnica e de seu espartilho antes de entrar debaixo



das cobertas e se esparramar em um monte sem ossos. A luz da lua cheia entrando pelas janelas altas na parede iluminava sua câmara quase tão claramente quanto a luz do dia. Lobisomens não se transformavam na lua cheia?

Seus pensamentos estavam lentos pela incrível experiência que Lachlan tinha lhe dado, mas as perguntas apimentaram sua mente até que ela estava mais desperta do que queria estar.

Era por isso que ele tinha dito que seu controle não era tão forte quanto queria? Seus instintos animais tornavam mais difícil para ele controlar coisas como a luxúria, próximo a uma lua cheia? Ela supôs que sim. Estava o seu lobisomem ainda agora em sua forma e caçando, como Cait chamava, sob a lua cheia? Ele iria até o lago?

Certamente Talorc teria sido esperto o suficiente para deixar a ilha naquele caso. Ou lobisomens podiam dizer se outro lobo era um lobisomem e não só apenas uma fera selvagem? Ela obviamente não tinha sido capaz de dizer a diferença entre humanos e lobisomens em sua forma humana.

Ela virou-se de lado e seu corpo pulsou ao recordar o prazer. O que Lachlan tinha lhe feito? Ele a tinha tocado e agora que ela não estava embriagada pelo prazer que ele lhe dava, a lembrança do modo que havia respondido a envergonhava. Ela tinha feito ruídos. Até com os lábios dele pressionados firmemente nos seus, seus gemidos tinham sido audíveis.

Especialmente aos ouvidos de lobisomens, e ela de alguma maneira achava que aqueles soldados que tinha estado no grande salão provavelmente eram exatamente isso. Eles vieram se juntar a Lachlan para caçar? Havia tantas coisas que ela queria saber, tantas perguntas que tinha para Cait. Mas, apesar do motivo dos homens terem estado no salão, eles tinham estado lá e mesmo sabendo disso ela não tinha feito nada para impedir Lachlan de tocá-la tão intimamente. Ela tinha necessitado terrivelmente de suas carícias.

Mas ele não tinha encontrado o mesmo prazer em seus braços. Tinha? Na verdade, ela não tinha meios de saber, mas ele certamente não havia ficado débil como ela. E aquela dureza que fazia seu plaid se projetar ainda estava lá quando ele a carregou escada acima.

Ela mastigou interminavelmente seus pensamentos até que finalmente, estava tão cansada, que não podia manter seus olhos abertos por mais tempo. Quando ela finalmente deslizou para dentro do sono, ouviu um solitário uivo de um lobo, e algo dentro dela insistiu que era Lachlan em forma de fera sob a luz fria da



lua.

Lachlan podia ver a torre do castelo de sua posição próxima ao lago. Ela estava na torre. Sua companheira.

Ele sacudiu sua grande cabeça de lobo... o homem dentro dele negando que ela pudesse ser algo assim, mas seu lobo gritava por ela. Ele queria ir até ela, queria vê-la pelos seus olhos de lobo, não só pelos de um humano. Ele queria cheirá-la, esfregar seu pêlo contra a pele dela e marcá-la com o seu cheiro. Nunca em sua vida ele teve sua força de vontade sendo mais dolorosamente desafiada do que naquela noite. Deixar Emily do lado de fora de sua câmara tinha tomado toda a sua força. Se ele tivesse entrado com ela... teria lhe feito amor. Inúmeras vezes. Sua necessidade de se transformar teria sido suplantada pela satisfação sexual.

Mas ele não tinha se permitido aquela liberação. Ele e o resto de seu bando tinham caçado esta noite e tinham comido a caça, compartilhando com os outros lobos em tradições tão antigas quando os votos do casamento e outras celebrações humanas. Mas o bando há muito tempo tinha se dispersado. Um par de lobas tinha tentado atraí-lo para correr com elas, mas ele tinha rosnado e mostrado os dentes até que elas recuaram com os rabos entre as pernas. Ele estava sozinho agora.

Teria corrido com Drustan se o outro lobisomem não estivesse de volta aos seus aposentos... com sua companheira. Ele tinha saído somente pela caçada. Levaria parte da caça para Cait para ela cozinhá-la e comê-la, também. Ela não poderia se transformar até que o bebê nascesse, mas Drustan não tinha parecido se importar em retornar ao castelo mais cedo. Ele sabia que sua companheira lhe daria boas-vindas em casa. Inferno, por que Lachlan tinha esperado tanto para se emparelhar?

Se ele fosse casado não teria esta luta profana entre o que desejava e o que sabia ser o melhor para o bando.

Uma imagem do belo corpo brando e rosado de Emily se elevou em sua mente para atormentá-lo. Ela seria a companheira perfeita se fosse uma loba. Era corajosa, compassiva e ferozmente leal. Mas ela também era humana e ele não arriscaria uma união entre um lobo e uma humana. Ele devia mais do que isso ao



seu bando.

Por vontade própria, sua cabeça se levantou em direção à lua e ele soltou um uivo triste que não dissipou a sensação de desolação que ele sentia em saber que não tinha escolha a não ser deixar Emily partir. Só uma vez ele a veria em forma de lobo.

Ele não podia marcá-la com seu cheiro como ansiava, mas ele podia olhar.

Correu de volta em direção ao castelo, mudando para a forma humana bem antes de alcançar a ponte levadiça. Quando alcançou o quarto de Emily, a porta abriu silenciosamente sob seu cuidadoso empurrão.

Ela estava enroscada de lado, de frente para ele. Seus longos cachos castanhos e dourados brilhavam ao seu redor e o plaid Balmoral a cobria. Era o certo.

Sem pensar, ele se transformou e olhou para ela através dos olhos de seu lobo. Ela parecia a mesma, mas diferente. Sua visão era melhor em forma de lobo e ele podia ver cada cílio tocar suas bochechas debaixo de suas pálpebras fechadas. Seu cheiro era diferente, também, era mais feminino e mais verdadeiro. Ele podia sentir o cheiro de lilases e se lembrou que ela tinha visitado as lavadeiras. Ela tinha se encantado com elas ajudando-as a recolher as roupas que tinham secado nos arbustos.

Ele também podia sentir o cheiro que era só dela. Não era um cheiro de loba. Era mais suave, menos picante, menos pungente, mas não menos sedutor aos seus sentidos lupinos. Nenhuma fêmea, humana ou loba, tinha cheirado tão bem para ele. Ele andou mais para perto quando outro cheiro se tornou conhecido aos seus sentidos. Ela tinha ido dormir ainda excitada.

Ele tinha lhe dado um clímax, mas não tinha sido suficiente. Ela precisava da conclusão do ato tão intensamente quando ele, mas ele duvidava que ela entendesse isso. Ela era muito inocente. Mesmo depois desta noite... mal tinha sido tocada. Sua besta rosnava pela necessidade de marcá-la como sua, de declarar aquela inocência como sua e somente sua.

Ele não pôde resistir ao desejo de beijar sua bochecha com uma delicada lambida. Ela franziu o nariz e ele mostrou seus dentes em um sorriso lupino que murchou tão rápido quanto tinha aparecido. Em breve, as coisas teriam que ser resolvidas com o Sinclair. Emily voltaria para a outra propriedade.



Lachlan não queria deixá-la partir, mas cada dia que ela permanecia com ele colocava seu dever em risco. Ele tinha oferecido abrigo, mas estava contente por ela tê-lo recusado. Se ela ficasse, ele a manteria. Era inevitável. E isso não seria justo com seu bando nem com o seu clã. A necessidade de se fundirem em completa unidade, de plantar sua semente em seu corpo (ainda que não germinasse) aumentava a cada minuto que ficava em sua companhia.

Agora mesmo ele queria puxar o cobertor para longe com seus dentes e cobrir seu corpo com sua fera, aquecê-la e a perfumá-la e quando ela acordasse, ficar em cima dela de forma que pudesse possuí-la. Ele compartilharia todos os seus segredos com ela e lhe ensinaria os costumes dos Chrechte. O desejo era tão forte que o corpo do seu lobo tremia pelo esforço de não completar seus pensamentos.

Forçando-se a partir, ele lambeu sua mão e ela gemeu em seu sono, então sussurrou seu nome.

Seus sonhos eram com ele. Eles eram sensuais, ou ela sonhava com sua hora no lago, ou talvez com coisas que nunca poderiam ser?

Ele precisava sair agora, ou estaria ali quando ela despertasse de manhã. Ele deu a volta e caminhou em direção à porta.

— Lachlan? — Ela disse sonolenta quando ele alcançou a porta.

Ele parou e se voltou para encará-la.

Ela não parecia com medo por encontrar um lobo gigante em seu quarto. Seus olhos piscaram sonolentos, mas não havia terror em suas profundezas violetas. Talvez ela pensasse que estava sonhando.

Ela sentou-se, os cobertores descendo até sua cintura e revelando o rosa escuro de seus mamilos e a perfeita curva dos seus seios. O desejo físico o inundou até que ele sentia como se estivesse afogando-se.

Os olhos dela se iluminaram com admiração e uma alegria que ele não entendia. — É você, não é? Eu não estou sonhando. Você é um lobo e está aqui.

Ele não se moveu. Ele mal respirava.

— Eu posso tocar em você?

As palavras se registraram em seu cérebro, mas ele não compreendeu o



sentido delas a princípio. Ela queria tocá-lo? Em sua forma de lobo? Ela era humana, não loba. Ele lembrava da maneira com que sua mãe se escondia da natureza ferina de seu pai. Ela não o tocaria ou conversaria com ele enquanto ele fosse um lobo, fingindo que ele não era mais que um homem.

Ela tinha ficado aliviada quando Ulf não passou pela mudança. Tinha morrido de uma febre no ano seguinte, depois de expressar a esperança de que nenhum de seus filhos tivessem natureza lupina. A mudança de Lachlan tinha vindo cedo... na primeira lua cheia após a sua morte. Nada tinha sido o mesmo desde então.

Mas suas lembranças lhe diziam que mulheres humanas não abraçavam a besta em seus companheiros lobisomens.

— Por favor —, Emily disse suavemente, sua mão estendida.

Ele ansiava a sensação de seus dedos em seu pelo e ele não pôde impedir-se de voltar até ela, sua besta liberando um baixo lamento de necessidade que ele duvidava que ela entendesse. Seu pai tinha se sentido assim? O quanto tinha sido difícil para ele manter suas duas naturezas tão separadas?

Emily esticou a mão e tocou a cabeça de Lachlan. — Você é lindo. — Ela arrastou os dedos pelo pêlo de seu pescoço e de suas costas. — E seu pelo, é suave. Oh, Lachlan... que coisa tão fantástica você é.

Um som ruidoso veio de seu peito. Não era um som que ele já tinha feito antes. Entretanto ele nunca tinha conhecido esse prazer. Estava além da união física... era uma felicidade dentro de si que sua companheira o aceitasse e aprovasse tudo que ele era. Mas ela não era sua companheira. Ele teve que lembrar.

O ruído parou, mas a sensação de prazer não.

Ele a lambeu, bem entre seus seios. Ele queria lambê-la inteira, prová-la com seus sentidos elevados de lobo e imprimir tudo que ela era em sua memória para sempre.

Ela ofegou, suas mãos quietas.

Ele enterrou sua cabeça em seu colo para que não fizesse outra vez e a repugnasse. Seu cheiro feminino o alcançou através dos cobertores e o atormentou com o desejo de se transformar e reclamá-la para si.

— Eu deveria me sentir desse jeito? — Ela perguntou com uma voz baixa,



vacilante.

Ele levantou a cabeça para olhar dentro dos seus olhos, pedindo que ela explicasse, porque ele não podia falar nem arriscar se transformar para perguntar o que ela queria dizer.

— Parece mágica... eu não sei como explicar. Como um calor, mas não era quente... como algo chiando pela minha pele. Você sabe quando a água espumante de algumas fontes espirra em sua boca como gotas de uma cachoeira? Oh, eu estou fazendo uma confusão com isso. Mas quando você me lambeu, eu senti algo mais que sua língua em minha pele.

Ele não sabia do que ela estava falando, mas entendeu uma coisa. Ela não estava com nojo de sua ação.

Ele tocou-a com o nariz em agradecimento.

— Está tudo bem eu gostar disso?

Ele ergueu a cabeça e assentiu, então assentiu outra vez, para ter certeza que ela entendeu sua aprovação.

Dessa vez ela gemeu e foi ainda mais difícil forçar sua cabeça em seu colo uma segunda vez, mas ele não podia permitir-se fazer o que ele tão desesperadamente queria. Além disso, ela poderia tolerar uma lambida, mas poderia aceitar mais? Ela era humana e ele não podia esquecer aquele importante fato.

Ela coçou atrás de suas orelhas, sua aprovação muda um incrível presente. Que mulher humana não gritaria em pavor por ter um lobo tão perto? Mas não Emily. Ela gostava do lobo de Lachlan. Talorc tinha lhe contado os segredos dos Chrechte? Mais provável que tenha sido Cait. Ele perguntaria a Drustan, mas Emily estava muito longe da aceitação de um humano que nada sabia sobre seu povo. Ela estava aceitando muito bem para uma humana de qualquer maneira. Não fazia sentido, especialmente para seu cérebro de lobo.

— Se eu me deitar... — Ela parou, sua hesitação palpável.

O que ela ia dizer? Ela queria que ele partisse?

— Você se deitará ao meu lado e dividirá sua mágica só por esta noite? Por favor, Lachlan. Só esta vez?



A cabeça sacudiu. Ele não podia acreditar no que ela tinha perguntado. Era o que seu lobo ansiava, ele descobriu, até mais do que acasalar... a proximidade de compartilhar. Ao menos somente por uma noite.

O sorriso dela era agri-doce. — Você é incrível. Eu nunca mais experimentarei algo igual ao que eu sinto com você agora. Eu sei que meu tempo com seu clã é limitado e eu provavelmente nunca o verei nesta forma de novo depois desta noite. Você ficará comigo até eu dormir, de maneira que pela manhã eu acreditarei que isto foi um sonho e não desejarei o que eu nunca poderei ter?

Mesmo se ele estivesse em sua forma humana, ele não teria sido capaz de falar. Ela disse que ele era incrível, mas era ela quem era incrível.

Ele assentiu devagar.

Ela sorriu, os olhos brilhando de emoção. — Obrigada.

Deitando-se, ela puxou o plaid outra vez para cima para cobri-la modestamente. Então, ela afastou-se para trás em direção à parede, abrindo espaço possível na pequena cama para o imenso corpo do seu lobo da forma que podia. Ele saltou sobre a cama e deitou-se ao lado dela, seu focinho descansando nas patas dianteiras.

Ela dobrou um braço em cima de seu pescoço e o cheirou. Ele nunca tinha conhecido tal contentamento, nem com a luxúria insatisfeita fazendo seu sangue ficar mais quente do que lava.

— Você não cheira como um cachorro. Eu teria pensado que um lobo cheiraria como um cão —, ela disse sonolenta alguns minutos depois. — Mas você cheira como si mesmo. É uma fragrância que eu nunca esquecerei.

Ela adormeceu momentos depois.

Não fazendo esforço algum para dormir, Lachlan ficou deitado ouvindo sua respiração e inalando sua doce fragrância. O braço dela permanecia enrolado ao seu redor como se ela quisesse segurar-se a ele, até em seu sono. A tentação de ficar era tão forte, que ele quase cedeu a ela, mas quando o sol subiu, ele se arrastou da cama. Foi cuidadoso de não acordá-la, sabendo que se ela pedisse qualquer coisa com aquela voz docemente rouca, ele provavelmente lhe daria.

Alguns minutos depois ele tinha mudado para sua forma humana na descida e então correu até seu quarto a toda velocidade para não ser visto. A cama que tinha



sido sua por mais de dez anos parecia solitária pela primeira vez quando ele caiu por cima das peles que a cobriam.

Por mais cansado que estivesse, não adormeceu imediatamente. A dureza de pedra de sua ereção não deixava. Pensar no inocente rosto de Emily em repouso não ajudava e quando ele finalmente dormiu, ele sonhou com ela... grávida com sua criança, sorrindo e rindo enquanto nadava no lago, sem medo em qualquer lugar de seu rosto.

Ele despertou do sonho com uma dor nas proximidades de seu coração, algumas horas mais tarde.

Ele ignorou aquela dor juntamente com o desejo de vê-la. Tinha trabalho a fazer, relatórios a ouvir, treinamento de soldados para supervisionar, e ele precisava falar com Drustan. Antes do jantar da noite passada, uma das lobas tinha relatado que tinha localizado um estranho lobo cinza próximo ao lago na véspera. Lachlan tinha certeza que era Talorc, ou algum de seus bem treinados soldados de elite.

Lachlan não tinha sentido cheiro algum quando tinha ido ao lago com Emily. Ou o lobo não tinha estado lá, ou ele era muito bom em mascarar seu cheiro. Se fosse Talorc, ele estava espionando... mas com que propósito? Para checar o bem-estar de sua irmã, ou tentar levá-la de volta? Se ele quisesse falar com Cait, ele teria se revelado quando ela e Emily foram ao lago. A menos que ele não confiasse a Emily o conhecimento de sua presença.

Ou ele confiava? Na noite passada, quando Lachlan tinha perguntado a Emily se ela tinha visto um animal selvagem, ela disse que só se ele considerasse um laird tal coisa. Talorc também era um laird e Emily sabia da natureza lupina de ambos. Ela tinha tentado evitar responder sua pergunta com uma inteligente tática, ou não tinha visto nada, como ele tinha assumido?

Lachlan precisava falar com Drustan e então ele iria atrás de Emily e descobriria a verdade sobre o assunto ele mesmo.

Capítulo 17



Emily sovava a grande massa de farinha enquanto escutava as ajudantes de cozinha fofocarem. Ela acordou cedo, sozinha em sua cama, mas o cheiro de Lachlan tinha se aderido ao plaid. Ainda sem isso, ela não teria sido capaz de se convencer que havia sido um sonho. Tão irreais quanto os acontecimentos da noite deviam ter sido, suas lembranças a respeito daquilo eram tão sólidas quanto as que ela tinha de sua família.

E ela tinha o inevitável sentimento que ele agora era tão parte dela quanto elas.

Ela podia deixar o clã Balmoral, mas ela nunca o deixaria para trás completamente. Ele viveria em seu coração pela eternidade. Quão menos complicada sua vida teria sido se ela tivesse se sentido dessa forma com Talorc à primeira vista, em vez da profunda certeza de que seu lugar não era com ele.

Que confusão.

Por que Lachlan veio até ela, como um lobo? Ela vinha se perguntando isso inúmeras vezes a manhã inteira e ainda não conseguia apresentar uma única resposta razoável. A não ser que talvez os instintos do seu lobo o haviam levado lá por causa do que tinha acontecido entre eles justo antes dela ir para a cama. Mesmo que aquele fosse o caso, tal ação exibia um nível de confiança que ela sabia que o homem não podia ter por ela.

Ainda assim, ele tinha vindo até ela como um lobo. Tinha a deixado tocá-lo, acariciá-lo, e ele a havia beijado como um lobo beija. Então ele tinha se deitado ao lado dela até que ela dormisse. Provavelmente por mais tempo.

Ela ainda não entendia o que tinha sentido quando sua língua acariciou sua pele, mas tinha sido extraordinário. Uma experiência tão singular quanto a explosão de prazer que ele tinha provocado em seu corpo mais cedo, porém bem diferente disso também. Não tinha sido sexual... ou pelo menos não completamente assim. Tinha sido bom, mas também tinha sido... estranho.

Como se parte da força vital dele estivesse se misturando a sua própria.

E ainda assim, da mesma forma que ele disse que não iria... ele não tinha vindo buscá-la para a aula de natação. Era como se a noite passada não tivesse importado para ele de forma alguma. Talvez ele não tenha sentido a conexão que ela sentiu.

— Eu acho que a massa está pronta, moça —, uma das mulheres mais velhas



disse para Emily.

Ela ouviu e olhou para baixo. A massa branca realmente parecia suficientemente homogênea. Ela a espalhou na fôrma e deixou-a de lado antes de pegar outra bola de massa e colocá-la no espaço à sua frente. Ela esmurrava com mais força do que a necessária.

Ela não o entendia, nem um pouquinho. Primeiro ele disse que ela não significava nada para ele e insinuou que ela era um incômodo, então ele a tocou como um amante. Ele tinha sido tão cuidadoso com ela quando a carregou para cima depois de dar-lhe o ultimato em prazer. Como se ela importasse... só que ele disse que ela não importava.

Então... então ... ele tinha vindo até ela como um lobo. Essa era a coisa mais inexplicável de todas. Ela socou a bola de massa novamente com a mão cerrada embora tudo que precisava era descansar alguns minutos.

— Eu disse a Marta para não lhe atribuir tarefas domésticas.

Emily fez careta para a bola de massa e resmungou sobre lairds autoritários antes de levantar a vista. Lachlan a estava observando, sua expressão nem um pouco satisfeita, seu grande corpo de guerreiro fazendo a cozinha parecer uma pequena área de uma forma que ela e as várias ajudantes juntas não conseguiam.

— Ela não atribuiu.

Sua escura sobrancelha arqueou-se como a de um falcão em uma muda exigência de esclarecimento.

— Cait foi encarregada dos assuntos domésticos do castelo. Ela me instruiu a ajudar a fazer o pão.

— Ela a instruiu? — Ele perguntou com uma suave voz mortal que ela não entendia.

— É muito justo. Eu a instruí a tirar um cochilo depois que terminamos de avaliar o conteúdo do depósito.

— Por que você estava fazendo suas tarefas com ela?

— Ela aprecia minha companhia. Ela não pensa que eu sou uma chateação.



— Até você lhe dizer que tirasse um cochilo —, ele disse, seu rosto solene.

— Ela não me considerou uma chateação, então, apenas aborrecida, e ela não me disse para ajudar a fazer o pão em vingança. Ela sabe que eu gosto de me manter ocupada.

— Assim como ela, eu tenho certeza.

— Ela precisava cochilar.

Suas sobrancelhas se ergueram ante seu tom repreensivo. — Eu indiquei que ela não precisasse?

— Não —, ela disse com raiva. — Uma mulher grávida precisa descansar mais de qualquer maneira, mas ela estava bocejando muito. Eu não acho que ela conseguiu dormir muito ontem à noite.

De fato, ela estava certa disso.

Emily tinha inundado Cait com perguntas até que ela entendesse o ritual de caça da lua cheia e tudo aquilo que ele requeria.

Ela tinha aprendido que embora Cait não tivesse caçado com os outros lobos, ela tinha ficado acordada até tarde para partilhar uma refeição com Drustan. Ela tinha corado ao contar e Emily assumiu que uma refeição não era tudo que ela tinha partilhado com seu marido.

Emily não tinha contado a Cait sobre Lachlan ir até o seu quarto. Pareceu uma coisa muito particular para dividir, até com uma amiga tão íntima quanto uma irmã.

— Ela tem sorte por você importar-se com ela assim.

— Eu também sou abençoada com a sua amizade.

Pelos olhares de lado que ela e Lachlan continuavam ganhando das outras mulheres na área da cozinha, ela achou que sua conversa com o seu laird era muito intrigante para elas.

Lachlan olhou para as outras mulheres e então de novo para Emily. — Eu quero falar com você.



Ela dobrou a massa e então a apertou firmemente. — Eu estou quase acabando de sovar esta.

— Isso pode esperar.

— Não, não pode.

Duas das mulheres à mesa ofegaram e uma encarou Emily com os olhos esbugalhados, não fazendo mais de conta que não estava escutando. Emily fingiu não perceber e continuou com o que estava fazendo.

— Você ousa me rechaçar? — Ele perguntou, soando cruel.

Ela fez careta. — Você disse que gostava da minha sinceridade.

— Eu não disse que gostava de desobediência.

Ela não era uma criança para obedecer sem questionar, embora ela soubesse que muitos homens viam as mulheres desse modo. Tão arrogante quanto ele era, ela não acreditava que Lachlan era tão limitado, mas ela levantaria aquilo com ele depois. — Eu não desobedeci. Eu apenas lhe disse a verdade. Se eu não terminar de sovar a massa agora, ela não crescerá adequadamente. As outras mulheres estão todas ocupadas com suas próprias tarefas. Você deixaria a minha inacabada porque não tem a paciência de esperar mais um minuto?

— Você tem os requisitos de uma megera, sabe disso, inglesa? Você me lembra a minha avó.

— Mãe do seu pai ou da sua mãe? — Ela perguntou enquanto continuava a sovar.

— Do meu pai.

Ela lembrava a ele uma loba naquele momento. Isso era interessante, não era? — Você a chamava de megera?

— Acha que eu sou um tolo?

Ela sacudiu a cabeça. — Longe de um tolo.

— Bom. Nossa discussão será mais fácil se você não cometer o engano de acreditar que eu sou estúpido.



— Isso soa ameaçador.

— Eu me pergunto por que, a menos que você tenha segredos que procura esconder?

Ele sabia sobre Talorc? Cait tinha contado a Drustan, afinal? Ela não tinha dito nada, mas Emily dificilmente tinha lhe dado a chance, esteve muito ocupada fazendo perguntas sobre os Chrechte. Então elas ficaram perto de outras pessoas e se forçaram a discutir tópicos menos sensíveis.

— Todo mundo tem segredos, laird.

— Talvez. Eu saberei os seus, inglesa.

— E você me dirá os seus? — Ela perguntou, encontrando diretamente seu olhar pela primeira vez desde que ele entrou na cozinha.

— Eu já disse —, ele disse suavemente.

Uma sensação estranha pousou em sua barriga com o seu olhar e ela tragou. Ele não ia fingir que a noite passada tinha sido um sonho. Ele não negaria que veio até ela. Talvez ele até explicasse por que tinha ido. O dia de repente ficou muito mais brilhante.

Ela fez uma bola com a massa e a cobriu com um leve pano. — Veja, está pronta. A espera não foi tão ruim, foi, laird?

— Não.

Encorajada pelos seus modos menos grosseiros, ela apressadamente lavou e secou suas mãos antes de virar para encará-lo mais uma vez. — Vamos?

Ele não respondeu, mas apenas girou para partir. Ela o seguia. Ele a levou de volta ao castelo e dentro do grande salão, mas ele não parou lá como ela esperava. Ele continuou subindo um conjunto de degraus de madeira até uma área que era muito parecida com a do castelo de seu pai. Além dela havia um solar, mas ele também não parou lá. Ele a conduziu até um dormitório dominado por uma cama gigante coberta com peles e com um plaid.

— Por que nós estamos aqui? — Ela perguntou com um chiado.



Ele fechou a porta com uma pancada ressoante que pareceu ecoar pela câmara, embora seus ouvidos lhe dissessem que não tinha ecoado. — Privacidade.

— Lobos podem ouvir o que humanos não podem.

— Sim, mas eu estou me perguntando como você sabe disso.

Ela olhou fixamente para ele, muda. Ela não podia trair a confiança de Cait.

— Na verdade, não estou. Você poderia saber somente de duas maneiras. Ou Talorc lhe contou, ou Cait. Eu estou supondo que não foi o laird. Tem que ter sido sua irmã. Ela deposita muita confiança em você.

— Nós somos como irmãs —, Emily sussurrou, rezando para que ele não punisse Cait por contá-la. — Talorc devia ter me dito.

— Ele se recusou a casar com você. Não havia necessidade.

— Mas Cait estava no seu direito de me contar.

— Porque vocês são como irmãs?

— Sim.

— Ela pôs sua vida, as vidas do seu bando, em suas mãos.

— Eu não a trairei, nem a você.

— Eu sei, mas me impressiona ela ter contado. Eu não contaria a outro guerreiro, nem um a que chamasse de amigo.

— Mas você contaria ao seu irmão.

— Sim.

— Então, você entende.

— Eu entendo que você e Cait tem muita sorte em sua amizade.

— Eu concordo. — Mas ela gostou de ouvir que ele tivesse tão em conta sua irmã de coração. Ela lambeu os lábios. — Eu pensei que você fosse tentar fingir que não tinha vindo até mim ontem à noite.



— Eu pensei que você planeasse dizer a si mesma que era um sonho.

— Não funcionou. Você deixou seu cheiro para trás e... você não me abandona em meus sonhos. — Ela não tinha desejado admitir isso, mas não se arrependeu de fazê-lo. Seus sentimentos seriam coisas sem valor se ela tivesse vergonha de admitir suas existências.

Ele suspirou, seus olhos cheios de emoções que ela não conseguia decifrar. — Eu não posso manter você, Emily.

— Porque eu sou humana.

— Eu tenho um dever com meu clã e com meu bando.

— Seu pai se casou com uma humana.

— E teve uma criança humana.

— Ulf.

— Sim. Nós conhecemos nossa própria espécie.

Ela enrugou o nariz em consternação. — Eu não consigo dizer a diferença.

— Porque você não é uma de nós.

As palavras tiveram um impacto assustador em seus sentidos. — Não, eu não sou uma de vocês.

— Inferno, Emily. Eu não quero magoá-la, mas isso é como é. — Ele parecia bravo, mas ela não conseguia entender por que.

Ela não tinha pedido nada.

— Eu sei. Sinceramente, eu sei, Lachlan. — Recusando-se a ceder à covardia, ela disse, — Eu ainda quero você.

Uma expressão que era quase horripilante em sua intensidade surgiu em seu rosto. — Eu quero você, também, mas eu não posso tomá-la.

— Por quê? Cait disse que vocês não praticam as mesmas leis de



acasalamento que o clã dela.

— Seu clã agora é o Balmoral.

— Você sabe o que eu quero dizer. Se você me tomar, nós não estaremos casados como os Sinclairs.

— E nunca o laird Sinclair se casaria com você, então.

— Você quer que ele case? — Ela perguntou, incerta do que faria se ele respondesse afirmativo.

— Não! — Ele rosnou e não foi um som humano que sua garganta fez.

Ela estremeceu, mas não se importou com sua reação feroz. Aquilo pelo menos era alguma coisa. — Eu já lhe disse que eu não posso me entregar a ele. E ele não me quer de qualquer forma.

Além disso, o outro laird já pensava que ela tinha se entregado completamente a Lachlan. Ela tinha estado nua com ele e agora estava convencida de que Talorc estava ciente disso.

— Você é uma virgem, Emily.

— E você não é. — Ele estava pensando que ela não tinha a experiência para lhe dar prazer como ele tinha dado a ela?

Ela não podia discutir aquele ponto, mas certamente estava disposta a tentar. Ávida até. Mas ela não estava tão desesperada para que dissesse isso. Ela tinha que manter alguma imagem de orgulho ali.

Ele riu. — Não. Eu não sou virgem. É preciso o ato físico da união para dar a um membro do nosso bando controle sobre a mudança. Como disse, nossos costumes não são os dos Sinclairs. Nós permitimos acasalamentos sem compromisso para facilitar os interesses do bando.

— Então por que você não faz amor comigo?

— Você não é uma loba.

— Você está dizendo que lobos Balmoral nunca fazem sexo com mulheres humanas sem o benefício do casamento?



— Não, mas existe o risco que nós sejamos ligados.

— E você não quer estar ligado a mim.

Ele suspirou, entretanto sua expressão se tornou desesperadamente amarga.
— Não.

Ela se afastou, a dor daquela única palavra tão ruim quanto quando seu pai a tinha empurrado e a chamado de menina inútil que havia causado a morte de sua mãe. O pai tinha desejado um filho e ela tinha sido uma decepção para ele por força de seu nascimento. Ela não era boa o suficiente para Lachlan, também.

Ela não tinha nascido loba e, portanto, ela não tinha um valor duradouro para ele.

— Todas as nossas crianças poderiam ser humanas, não apenas uma. Você não entende? Toda vez que um Chrechte e um humano acasalam, eles se arriscam a não passar a natureza lupina adiante.

— E isso é tão importante? — Ela perguntou, mas sabia que era.

Assim como ela sabia que ser ela mesma nunca tinha sido suficiente para seu pai, para Sybil ou até para seus outros irmãos. Abigail era a única que tinha amado Emily por quem ela era.

— Como você pode duvidar disso? — Lachlan exigiu em um tom feroz. — Nós somos uma raça especial e perder esta raça porque não nos importamos o suficiente para passar adiante nossas naturezas completas seria errado.

Ela queria chorar, mas não iria. As lágrimas não faziam nada além de aliviar um pouco da dor, e naquele momento, ela sabia que elas nem isso fariam. Ele não estava lhe dizendo nada surpreendente, apenas doloroso, e aquela dor não a deixaria por muito tempo, se alguma vez a deixasse. Não existia ainda um cantinho do seu coração que desejava o amor do seu pai?

Ela podia nunca ter isso também, mas não significava que tinha que desistir de tudo. Não era um pequeno gosto de alegria melhor do que nada? — Você disse que havia prazer que poderia me mostrar sem romper minha virgindade.

— Sim. — Sua voz soou estrangulada.



Ela girou para encará-lo, mas não encontrou seus olhos. — Eu quero isso. E eu quero que você me mostre como lhe dar o mesmo tipo de prazer que você me deu ontem à noite.

Ele fez um som selvagem. — Emily...

— O que? — Ela encontrou seus olhos então, procurando ela não sabia o que. Certamente ela não acharia amor lá, nem mesmo aceitação incondicional, mas talvez paixão. — Você não quer nem isso comigo?

Uma chama reluziu em seu escuro olhar. — Sim. Maldição. Eu quero.

Então, pelo menos existia a paixão. Ela estava contente porque tinha a intenção de usar isso para se esconder da dor despedaçando seu interior. Ela nunca tinha se permitido se esconder da verdade, mas agora planejava fazer exatamente isso. Ela planejava fingir, só por um momento, que sua paixão era amor.

Ele nunca saberia e isso não poderia magoá-lo, mas ela precisava se sentir amada só dessa vez. Ela viveria o resto de sua vida com essas lembranças como tinha se agarrado às lembranças da bondade do seu pai antes da morte da sua mãe por todos os anos enquanto crescia.

Cada toque seria motivado por amor e por um desejo que combinava com o seu próprio, cada som seria um de aceitação dela como sua amante, cada resposta que evocava do ser amado. Ela entoou a prece repetidas vezes em sua cabeça enquanto esperava que ele a beijasse.

Mas ele não beijou.

Ele estendeu a mão e correu seus dedos por seus cabelos, seu toque tão gentil que ela mal conseguia senti-lo. — É tão suave, tão bonito. Meu lobo quis enterrar seu focinho nele ontem à noite.

Ela tragou, guardando as palavras amorosas em seu coração como um tesouro que ninguém mais poderia levar dela, nem mesmo Lachlan. — Ele pode fazer isso agora se quiser.

— Você não se importa?

Ela sacudiu a cabeça, então observou com fascinação enquanto ele lentamente se despia de seu plaid, revelando-se para ela com uma sensualidade de tirar o fôlego. Ele ficou na frente dela em toda sua glória desnuda. Sua



masculinidade era enorme e ela sentiu uma sensação de alívio de que eles não fossem fazer amor completamente.

Não importa o que ele pensava, eles nunca se encaixariam, ela tinha certeza disso.

— Você gosta do que vê? — Ele perguntou.

Ela assentiu, em silêncio.

— Mas você ainda quer ver meu lobo? — Uma inexplicável vulnerabilidade à sua rejeição brilhou em seus olhos de bordas douradas.

— Sim.

Então, tão rápido que ela não teve idéia de como aconteceu, Lachlan, o homem, tornou-se Lachlan, o lobo.

Ela nunca tinha visto algo tão fantástico, nem em sua imaginação. Não passar tal habilidade aos seus descendentes seria uma tragédia. Ela lembrou-se de seu espanto na primeira vez que tinha visto uma estrela cadente, mas isso era ainda mais glorioso. O quanto era incrível aquele Deus que tinha criado um povo capaz de tal feito.

Ela se sentiu privilegiada por ter testemunhado o milagre secreto. Lachlan tinha lhe dado outro presente sem igual e ela se lembraria disso para sempre.

Como um homem, ele era tudo que uma mulher podia desejar. Como um lobo, ele era absolutamente lindo. Sua pele era negra brilhante. Ela tinha achado isso na noite passada, mas a luz do luar não era confiável para desvendar a cor. Ele também era enorme, quase tão alto quanto ela nas quatro patas. Seus olhos eram os mesmos castanhos com dourado ao redor da íris, mas eles pareciam mais penetrantes.

Sua cabeça era grande, como o resto dele, e ele se mantinha em um porte real que a lembrava Lachlan, o homem. Da mesma maneira que ele sempre tinha parecido mais que um homem, ele agora parecia mais que uma fera. Inteligência humana ardia nos olhos do seu lobo.

Ele a observou atentamente com aqueles olhos, como se esperando por algo.

Ela não podia imaginar o que, a princípio, entretanto lhe ocorreu que ele



poderia estar esperando que ela mostrasse que não tinha medo. Ele estava esperando seu convite para tocá-la? Decidindo que devia ser isso, ela se pôs de joelhos e estendeu a mão, dando-lhe as boas-vindas para que viesse até ela.

Ele caminhou pelo chão, o estranho barulho que ele tinha feito a noite anterior retumbando em seu peito. Ele parou a poucas polegadas de distância. Ela inclinou a cabeça para trás e ele abaixou a dele para que seus olhos se encontrassem.

Ele falava mensagens secretas ao seu coração que ela classificou como amor e uma diminuta onda de alegria empurrou um pouco da dor para longe de seu ser. Ele lambeu sua bochecha delicadamente e só então ela percebeu que tinha permitido que uma lágrima desgarrada escapasse.

A mesma sensação de conexão como a da noite anterior tremulou entre eles e ela a classificou como amor, empurrando outro pedaço de dor no fundo dos vãos de seu coração.

Ele bateu em seu ombro gentilmente como se pedindo algo. Ela alisou seu focinho e o topo de sua cabeça. Ele ficou quieto, deixando-a acariciá-lo até que, com um pequeno sorriso, ela repousou a mão ao lado de seu pescoço.

— Você gosta de ser tocado.

Ele assentiu com a cabeça de seu grande lobo e então sentou em seus quadris em um único gracioso movimento.

— Eu gosto, também —, ela admitiu. — Quando é você quem toca.

Os lobos sorriam? Ela achava que ele sorria porque quando ele mostrou os dentes, ela não sentiu ameaça vinda dele. Então ele fez o que disse que tinha desejado fazer, enterrando seu focinho em seu cabelo e inalando profundamente. O ruído em seu peito ficou mais alto. Ela cavou os dedos em seu pelo e massageou suas costas. Ele deu um baixo latido de aprovação que a fez sorrir.

Eles ficaram assim por muito tempo, ele cheirando seu cabelo e pescoço e ela o acariciando e deleitando-se com o incrível milagre de seu corpo de lobo. Ela disse a ele o quanto que ela o achava bonito e maravilhoso. O ruído em seu peito ficou mais alto até que vibrou pelo seu corpo como se ele estivesse compartilhando seu prazer com ela.

Ela não era uma loba, mas se sentia como se estivesse dentro dele e ele



dentro dela.

Sem aviso, ele se transformou novamente e estava de joelhos a encarando, seus braços ao redor dela e seus lábios trilhando um caminho de beijos ardentes de sua têmpora à sua boca.

Quando ele a alcançou, ele a beijou com tanta doçura, que lágrimas picaram seus olhos. — Obrigado por aceitar minha fera, Emily.

— Como eu não poderia? — Ela perguntou num atordoamento genuíno. — Ela é uma parte especial e admirável sua.

Ele a beijou novamente, sua boca mais dura e mais insistente até que ela estava derretendo contra ele. Ele retirou sua boca da dela, mas ela ainda podia sentir sua respiração em seus lábios. — Eu penso que você é a admirável.

— Mas não especial o suficiente para dar à luz aos seus filhos.

Eles dois ficaram quietos. Ela não tinha desejado falar aquilo. Era uma realidade que ameaçava rachar a frágil concha de fantasia onde ela tinha se alojado. Ela não podia permitir aquilo. Ela não queria desistir desse gosto de alegria e prazer por uma realidade que não podia ser mudada... por uma realidade que ela tinha conhecido por tanto tempo.

— Por favor, esqueça que eu disse isso.

— Eu sinto muito.

Ela sabia que ele era sincero; ela também sabia que ele não tinha mudado de idéia. — Está tudo bem. Beije-me novamente. Eu quero sentir seus lábios nos meus. — Ela queria esquecer a verdade do relacionamento deles e ela sabia, como sabia na noite anterior, que ele podia lhe dar aquela fuga.

— Com prazer. — E ele a beijou, o beijo indo de tenro a carnal no espaço de algumas batidas de coração.

O que quer que ele não sentisse por ela, ele a queria tanto quanto ela o queria e ela tirou proveito daquele conhecimento, alimentando seu coração no jogo que jogou consigo mesma até que a dor estava quase completamente eclipsada pelo prazer.

Ele afastou-se, respirando duramente. — Eu quero você nua, Emily.



Ela não tinha objeção. Eles estavam juntos de pé em harmonia e então se afastaram alguns passos. Ela não perdeu tempo em tirar sua túnica e depois seu espartilho, expondo seu corpo para seu olhar abrasador.

Em um daqueles movimentos rápidos de raio que ainda a assustavam, ele cruzou a distância entre eles, pegou-a nos braços e a levou para a cama. Ele arrancou o seu plaid e a deitou de costas em cima das peles. A suavidade pareceu incrivelmente boa contra sua pele e ela gemeu.

Ele sorriu maldosamente e começou a beijá-la novamente. Ele usou sua língua dessa vez e ela amou. Seu grande corpo esfregava contra ela, elevando sua paixão para uma febre e ele nem tinha lhe tocado como nas ocasiões anteriores.

Quando ela estava gemendo sem parar e movendo-se embaixo dele, ele começou a beijar seu rosto abaixo, parando na pulsação batendo freneticamente em seu pescoço e chupando ali.

Um calor líquido se fundiu entre suas pernas. — Lachlan.

— Eu estou marcando você —, ele disse numa voz gutural. — Quando outros virem esta mordida de amor, eles saberão que você é minha.

Ela estava tão dentro do seu jogo de faz de conta que ela não tinha certeza se ele realmente disse aquelas palavras ou se ela as inventou em sua mente, mas ela não ligava. Ele a tinha marcado e estava esfregando seu corpo todo em cima do seu de um modo que parecia estranho, mas que a excitava, também.

Sua boca viajou para o seu peito e ele a lambeu aonde seu lobo tinha beijado a noite passada. As sensações que o seu toque produziam não eram as mesmas, entretanto. Dessa vez tudo que ela sentiu foi prazer sexual puro e ela choramingou de necessidade.

Ele massageou seus seios com sábios movimentos até que seus mamilos estavam inchados e doloridos. Sua boca quente fechou-se sobre um e ele começou a sugar, dando leve batidas na ponta com sua língua. Ela gritou e arqueou em direção a ele. Ele beliscou seu outro mamilo e então começou a rodá-lo entre seu polegar e indicador com atormentadora lentidão. Foi tão bom que lágrimas de alegria vazaram de suas pálpebras firmemente fechadas.

Suas pernas se abriram por vontade própria e ergueu sua pélvis para esfregar-se contra ele, mas ela não conseguiu encontrar o alívio que ela buscava. Ela



precisava do seu toque lá, como na outra noite. Sem pensar, em seu prazer, ela exigiu isso em uma voz grossa de desejo.

Ele tirou a boca de seu mamilo com um estalo e riu, o som diabólico. Mas ela não sentiu nenhum frisson de medo ante a ameaça implícita, só antecipação do que ele faria em seguida.

Sua mão deslizou pelo seu corpo até que a ponta do seu dedo estava bem acima de onde ela mais precisava que estivesse. — Eu tocarei você ali em baixo, minha doce companheira, mas não como eu toquei ontem à noite.

Sua boca forjou uma descendente trilha ardente em seu corpo até que seu rosto estava entre suas coxas. Ela estava além do embaraço e não conseguia fazer mais do que expressar sua necessidade com gritos guturais. Ele suavemente separou sua tenra e inchada carne com seus dedos e então pressionou sua boca contra seu mais doce ponto em um beijo de admiração antes de lambê-la com uma comprida lambida.

Ela perdeu todo o sentido de quem ela era ou do que ele estava fazendo naquele momento. Tudo se tornou sensação após sensação. Os sentimentos dentro dela giraram cada vez mais rápido enquanto ele fazia coisas com seus lábios, dentes e língua que faziam seu corpo sacudir e tremer. Ela clamou seu amor por ele quando a tempestade de paixão uivou dentro dela, elevando seu corpo em um arco.

De repente, tudo em seu interior apertou-se em um momento cristalino de excruciante prazer. Então seu corpo se agitou repetidamente em uma série de fortes convulsões progressivas até que ela não pôde agüentar. Ainda assim ela também não conseguia parar de mover-se contra sua boca.

Era muito. Muito maravilhoso. Muito surpreendente. Muito intenso. Como o prazer indescritível girando para um cume de absoluta perfeição, ela perdeu o último fio que a conectava a essa nova realidade de ser a amante de um guerreiro Chrechte.

Capítulo 18



Quando as ondas de prazer recuaram e ela ficou ciente do que a rodeava mais uma vez, Lachlan estava debruçado em cima dela, seus olhos quase incandescendo ouro puro. Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo. — Bom?

— Inacreditável, ela grasnou e percebeu que sua garganta estava rouca de gritar.

— Durma e depois eu lhe mostrarei como me dar prazer.

— Eu não quero dormir. Eu quero lhe dar prazer agora. — Ela precisava vê-lo enlouquecer por ela para que sua fantasia fosse completa.

— Eu preciso de tempo para recuperar meu controle.

— Eu não o quero controlado.

— Você espera me provocar para tomá-la, Emily? — Ele quietamente perguntou. — Provavelmente isso funcionaria. Eu nunca estive tão fora de controle com uma mulher como eu estou com você.

A admissão a tocou bem no fundo, mas a acusação ferrou, ameaçando trazer de volta a dor. — Eu não quero enganá-lo em qualquer coisa. Eu quero lhe dar prazer. Por favor, acredite em mim, Lachlan.

Ele suspirou. — Eu sei.

— Se você diz que devemos esperar, então nós esperamos.

Ele fechou seus brilhantes olhos, seu rosto se torcendo em uma espécie de agonia que ela agora compreendida. A necessidade sexual tinha seu corpo em sua mão. — Coloque sua mão em mim.

— Você tem certeza?

— Sim. Você me dando prazer será o suficiente. — Ele disse isso como se dissesse tanto a si mesmo quanto a ela.

Ela estava determinada a fazer das palavras verdade. Ela lhe satisfaria, pois nada mais satisfaria a ela. — Deite-se de costas primeiro.

Seus olhos abriram-se de repente. — Por quê?



Ela não estava certa. Só parecia certo. — Eu quero você à minha mercê como eu estava à sua —, ela disse e percebeu que aquilo soava certo, também.

— A menos que você me amarre à cama, eu nunca estarei à sua mercê.

— Eu considerarei isso em alguma ocasião no futuro. — Entretanto, o quanto de um futuro eles teriam ela se recusava a especular no momento.

Ele riu em voz alta e rolou sobre as costas. Sua ereção esticava-se para cima, quase paralela à sua musculosa barriga. Ela enrolou seus dedos ao redor dela. Eles não a tocavam totalmente, mas ele não parecia se importar. Ele suspirou em felicidade, pôs sua mão em cima da dela e prosseguiu em mostrá-la como lhe agradar.

Ele estava empurrando-se para cima no túnel criado por suas duas mãos quando ela teve a idéia de beijá-lo do modo que ele a tinha beijado. Debruçando-se, ela roçou seu cabelo contra suas coxas. Isso o deixou louco e ele começou a empurrar contra sua mão tão rápido que ela mal conseguia ver o movimento. — Pare —, ela comandou.

Ele a ignorou.

Ela o liberou e exigiu novamente, — Pare, Lachlan.

Ele a olhou com raiva, seu corpo rígido pela tensão.

Ela enrolou uma mão ao redor dele novamente e o acariciou da ponta a base. — Eu quero beijar você.

Ela tinha obtido sucesso em chocá-lo. — Você não tem que fazer —, ele disse entrecortado.

— Eu quero. Há alguma coisa especial que eu deva fazer?

Ele sacudiu a cabeça. — O que você quiser.

— E você gostará disso tanto quanto eu gostei?

— Mais.

Ela gostou de ouvir aquilo e sorriu. Então ela se inclinou e beijou a fenda na ponta de sua vara. Ele rosnou. Ela o lambeu, uma única lambida que capturou seu



gosto... uma doçura salgada que deu a ela enorme prazer. Ela tomou a larga ponta em sua boca e serpeou sua língua ao redor. Os quadris dele se moveram em movimentos curtos e sacudidos, mas ele não começou a empurrar novamente e ela o explorou com sua língua e lábios tão a fundo quanto ele a tinha explorado.

Ele estremeceu. — Chupe, por favor, Emily, chupe-me.

Ela chupou tanto dele quanto pôde dentro de sua boca e embrulhou as duas mãos ao redor de sua rigidez abaixo de seus lábios. Ele pulsou contra seus dedos, sua pele tão quente que quase a queimou.

De repente ele agarrou seu cabelo e puxou sua cabeça para trás. — Já chega.

Seu aperto nele aumentou convulsivamente e ele empurrou para cima com um grito ensurdecido, então um grosso fluido branco irrompeu de seu membro enquanto ele se sacudia em suas mãos. Ela não soube o que fazer para prolongar o prazer como ele tinha feito com ela, então ela apenas o segurou quando seus quadris empurram para cima e para baixo e ele jorrou várias outras vezes, mas nenhuma delas durou tanto quando a primeira.

Finalmente, ele caiu de costas contra a cama, seus olhos fechados, seu rosto para variar destituído de quaisquer linhas severas e seu corpo completamente relaxado. Ela se forçou a sair da cama com pernas instáveis.

— Onde você está indo? — Ele perguntou com os olhos fechados.

— Minhas mãos estão sujas... eu quero lavá-las.

Ele não disse nada àquilo e ela fez como tinha dito que queria, então procurou em um baú contra a parede por um pano e agradecidamente encontrou um. Ela tropeçou de volta para a cama e ele permitiu que ela limpasse a evidência de seu prazer sem nem mesmo um murmúrio. Algo sobre sua passiva aceitação a tocou profundamente. Talvez porque sua ministração agora parecesse tão íntima quanto o que eles tinham acabado de fazer.

Quando ela terminou, soltou o pano no chão, agarrou o plaid e o puxou acima dos dois enquanto se estabelecia ao seu lado, a cabeça em seu peito. — Eu gostei disso.

— Eu gostei, também, querida. — Suas palavras tinham pronúncia indistinta e mal foram compreensíveis. Ele disse algo mais, mas ela não entendeu e finalmente desejou saber se aquele idioma era Chrechte.



Ela perguntou e ele disse que sim, mas não ofereceu uma tradução. Ele soou extremamente cansado para dar uma e ela não se importava. Ela o tinha satisfeito até o ponto da exaustão e ela estava muito, muito orgulhosa disso. Percebendo que estava um pouco cansada, ela deixou seus olhos se fecharem.

Lachlan sorriu quando o corpo de Emily relaxou dentro do sono. Ela parecia tão bem próxima a ele com sua pequena mão sobre seu coração. Ele nunca tinha conhecido tal sensação de paz como naquele momento.

Ele arrastou as sedosas mechas de seu cabelo para longe de seu rosto. Ela era tão adorável, tão perfeita para ele em todos os sentidos, exceto em um. Ela não era Chrechte, mas era tão corajosa quanto uma loba e aceitava sua fera completamente. Ele nunca tinha se transformado na frente de uma mulher humana, nem mesmo da sua própria mãe, mas ele não tinha sentido nenhuma inibição em se transformar na frente de Emily.

Ela tinha tocado o corpo do seu lobo com óbvio deleite e afeto. Até seu prolongado orgasmo lupino não a tinha repugnado como ele tinha ouvido que repugnava algumas mulheres humanas. De fato, sua paixão era tão desinibida quanto a de qualquer loba.

Seus impulsos tinham sido tão perfeitos que ele até tinha lhe chamado de sua companheira no calor do momento. Ela não tinha parecido notar, ou talvez não tivesse ciência do significado de tal declaração. Mas da mesma maneira que ele não tinha sido capaz de conter-se de marcar seu corpo com seu cheiro e sua garganta com sua mordida de amor, ele também tinha feito a declaração verbal.

Se ela fosse uma loba, esperaria casamento. Corretamente, desde que ele tinha feito a reivindicação, ele deveria oferecer de todo modo.

Qual dever ditava mais fortemente sua honra? Aquele para com o seu clã de se casar com uma Chrechte, ou aquele para com a sua integridade de cumprir com a promessa verbal que ele tinha feito? Dizer a si mesmo que desde que ela não soubesse que tinha sido uma declaração de intenção, ele não estava preso a ela, não diminuía seu sentimento de obrigação. Ele sabia o que significava e ele tinha mesmo dito as palavras.

Ela não o tinha ludibriado com seu corpo; ele tinha caído na armadilha ele mesmo por uma necessidade que ele tinha sido incapaz de suprimir.

Foi como seu pai veio a se casar com uma mulher humana? Era algo que



Lachlan só tinha perguntado ao seu pai uma vez e o rígido guerreiro tinha dito que quando o destino bate em você na cabeça, você o escuta ou paga o preço por sua arrogância. Lachlan não tinha entendido as palavras do seu pai na época, mas posteriormente ele achou que o seu pai quis dizer que tinha feito sexo com uma mulher e se descobriu verdadeiramente unido. Lachlan tinha estado determinado a nunca cometer aquele engano.

Mas ele se perguntava se ele meramente tinha estado a fugir de seu destino.

Ele tinha passado da idade onde devia ter tomado uma esposa, e Emily foi a primeira mulher com quem ele tinha ao menos considerado passar o resto de sua vida. Ele tinha dado desculpas para aquela realidade, mas a verdade era que... ele conhecia as lobas de seu clã e embora ele gostasse e admirasse muitas delas, nenhuma o atraía como uma futura companheira.

Tinha considerado Susannah, mas meramente porque ela era irmã de seu primeiro homem no comando e porque Lachlan gostava dela. Ele nunca tinha sentido a intensa paixão em sua presença como fazia quando estava com Emily. Ele sabia que Susannah estava no cio na última lua cheia e assumiu que eles acabariam acasalando quando ela corresse com o bando. A natureza do seu lobo ditaria que ele lutasse por ela e nenhum outro lobo podia esperar superá-lo.

Porém, uma das razões das sugestões de Ulf de vingança tinha sido tão repugnante para ele que Lachlan tinha ficado aliviado em descobrir que ela tinha se unido a outro. Ele dificilmente conseguiria guerrear sobre uma situação da qual ele se beneficiava, ainda que não quisesse admitir tal coisa para seu bando, ou até para si mesmo.

Ele poderia ir ao outro clã e procurar por uma esposa. Ele tinha considerado aquele plano muitas vezes, mas ele nunca tinha passado da intenção. Agora, ele não conseguia imaginar encontrar uma mulher tão perfeita para ele quanto aquela dormindo tão seguramente em seus braços. Ainda que ela não tivesse nenhuma fera dentro de si para combinar com a sua própria.

E ela o amava.

Talvez estivesse na hora dele parar de correr do seu destino e aceitar que somente Deus pode determinar o futuro dos Chrechte. Fazer amor com Emily completamente determinaria se ela era sua verdadeira companheira. Se ela fosse, quem era ele, um mero mortal, para contrariar a providência divina?



Emily despertou com a sensação de seu corpo nu sendo acariciado pelo sol.

Seus olhos vacilaram quando abriram.

Lachlan estava observando-a com os olhos do seu lobo, suas mãos o sol contra sua sensível pele. — Boa tarde, querida.

Ela delicadamente bocejou, arqueando-se nas deliciosas sensações que ele evocava. — Eu adormeci.

— Eu também. — Ele soou confuso com aquele fato.

Ela sentiu sua dureza ondear contra sua coxa. — Você não está adormecido agora.

— Longe disso.

Ela sorriu, seu óbvio desejo por ela e os lindos sonhos dos quais ela tinha despertado a deixaram com um ótimo humor.

Ela tinha sonhado que estava na água, e de todas as coisas não havia terror. Lachlan tinha terminado de ensiná-la a nadar e então eles tinham feito amor. Partes do sonho eram vagas e fora de foco como se até sua mente adormecida não pudesse imaginar como realizar tal façanha dentro d'água, mas o prazer recordado de suas carícias ainda palpitava pelo seu corpo.

Era fácil deslizar de volta para a fantasia que seu toque e afeto sustentavam sentimentos mais profundos que luxúria. Ela não tinha arrependimento de ter permitido a ele tais liberdades com seu corpo ou de ter tomado liberdades igualmente ardentes com o seu. Se aquilo a fazia mais uma libertina do que uma lady, que assim fosse. Ela pelo menos estava feliz por esse breve momento.

Ela passou a mão no seu flanco desnudo, amando a sensação do pelo encrespado da pele em cima de músculos tão sólidos como uma pedra. — Você é tão duro.

— Sim. — Ele empurrou contra seu quadril. — Muito duro.

Dando uma risadinha, ela beliscou seu traseiro, que era tão sólido quanto o resto dele. — Eu falei do seu corpo, seu homem perverso.



— Eu também, mas talvez cada um de nós tenha mencionado uma parte diferente do meu corpo.

— Você sabe que sim. — Ela moveu a mão até sua masculinidade, acariciando seu comprimento. — Entretanto esta provavelmente é a parte mais dura de todas e está dizendo algo.

— No momento é.

Ela riu e ele a beijou, sua boca engolindo sua expressão de alegria.

Diferente de antes de seu cochilo, quando tudo tinha sido uma paixão devastadora e um rude prazer carnal, eles se acariciaram languidamente, aprendendo os segredos do corpo um do outro enquanto a tensão entre eles crescia. Ele a tocou em todos os lugares e ao fazer isso lhe deu a permissão para fazer o mesmo. Com sua própria excitação em ponto de ebulição, ela o fez rolar sobre o estômago, assim poderia explorar suas costas.

Empurrando seu longo cabelo preto do seu pescoço e ombros com uma mão, ela roçou as pontas dos dedos em sua nuca com a outra. Ele estremeceu embaixo dela.

— Você gosta disso? — Ela perguntou, sua voz impossivelmente rouca.

— Sim.

Ela fez de novo, mas ela queria tocá-lo por inteiro. Ela começou a massagear os salientes músculos de suas costas. Era uma boa coisa que estivesse acostumada a fazer pão e tivesse dedos fortes porque ele era muito duro em todo lugar. Quando ela chegou ao seu traseiro, afastou suas coxas, assim poderia arrastar as pontas de seus dedos do centro de suas nádegas ao suave lugar bem antes de seu escroto.

Ele fez um som áspero e então aquele rosnado de prazer fez seu peito retumbar. Ela mordeu o lábio se perguntando como poderia aumentar a sensação. Ela pressionou levemente contra a pele macia, alcançando a parte debaixo dele com sua outra mão para suavemente apalpar suas bolas.

— Sim! — Ele gritou por entre as peles da cama.

Ela pressionou mais a fundo naquela pequena área de carne entre seu orifício e seu escroto e ele se sacudiu, seu corpo inteiro dando solavancos. Ela se curvou para baixo e o beijou ali, estendendo a língua para fazer cócegas nas suas bolas.



Ele pulou da cama, colocando-a sobre suas costas e debaixo de seu pesado corpo. Ele olhou fixamente para ela, seus olhos quase que inteiramente dourados e tão sérios que ela prendeu a respiração.

Ele ficou entre suas pernas e acariciou seu molhado calor, deslizando seu dedo polegar ao longo do seu ponto mais doce. — Você me ofereceu a sua virgindade. Eu peço permissão formal para entrar em seu corpo agora.

Ela gemeu e as palavras dele levaram vários segundos para penetrar a névoa de paixão que a rodeava. Quando elas penetraram, a doce fantasia que ela tinha criado se estilhaçou ao redor dela. Ela não conseguia respirar. Ele não a amava e a última coisa que ele realmente queria era fazer amor com ela completamente. Ela não entendia como dessa vez ele tinha perdido tanto o controle quando seus toques tinham sido tão mais tenros e lentos, mas ele devia estar quase descontrolado para sugerir coisa semelhante.

Ela não deveria tê-lo tocado como tinha feito, mas não tinha previsto as conseqüências.

Ela sacudiu a cabeça loucamente.

Ele a encarou, suas sobrancelhas juntas em uma carranca. — Você está me negando?

Ela forçou as palavras de sua garganta repentinamente apertada. — Eu estou lhe negando. Você não quer realmente isso.

Uma grossa ponta de dedo masculina penetrou sua abertura. — Mas eu quero, Emily. Eu quero muito me enterrar em seu corpo.

Parecia tão bom, mas ela não podia esconder atrás do êxtase físico quando ele ameaçava seu próprio futuro. Com uma força nascida no desespero e com uma dor agonizante, ela o retirou de dentro dela e rolou da cama, aterrissando no chão duro com uma dolorosa pancada.

Ela colocou-se de pé. — Eu não o prenderei dessa maneira, Lachlan. Eu não prenderei! Foi dormirmos juntos o que rompeu seu controle? Nós não podemos fazer isso novamente. Eu acho que seria melhor se eu partisse. Se nós compartilharmos nossos corpos de novo, eu serei cuidadosa de não tocá-lo do modo que eu fiz agora.



Com lágrimas queimando seus olhos, ela procurou por suas roupas. Ela avistou seu espartilho no chão e o agarrou. Tinha começado a puxá-lo por cima de sua cabeça quando ele foi arrancado de suas mãos.

Com uma dura mão em seu ombro, Lachlan a girou para encará-lo. — Qual é o problema com você?

Louca com o pesar pelo gosto de felicidade que tinha perdido, ela deu um convulsivo soluço. — Eu prometi que eu não o enganaria com sua própria luxúria. Por favor, eu lamento, mas eu devo partir.

Se ela não partisse, ela iria ceder, e uma vez que sua luxúria estivesse acalmada, ele nunca a perdoaria. Especialmente se eles se revelassem verdadeiros companheiros.

Ele agarrou seus braços superiores com as duas mãos, seu aperto estranhamente gentil, e a puxou para perto. Seus olhos estavam cheios de calor. — Sua convicção em aderir-se a sua promessa lhe dá crédito, doce Emily, mas eu não exijo mais essa promessa de você. Eu iria preferir muito mais que você cumprisse com a sua promessa de me dar o seu corpo.

— Eu não prometi isso!

— Você me ofereceu sua virgindade. Você nega isso?

— Não —, ela gaguejou, — mas isso foi antes de eu perceber como você é contra qualquer tipo de ligação duradoura entre nós.

— Eu posso ter mudado de idéia a respeito disso. — Ele soava racional, mas seu membro se impulsionava rígido e pulsante entre eles e seu corpo vibrava com uma tensão que desmentia seu tom tranquilo.

— Isso é a luxúria falando, não você. — E ela quase o odiou por ceder a isso. Ele não sabia o quanto era difícil para ela lhe dizer não? Rechaçar seu mais profundo desejo? — Você não quer uma esposa humana. Se nós fizemos amor e descobrirmos que somos companheiros verdadeiros, você não terá uma escolha. Você acabará me odiando.

— Se nós descobrirmos que somos companheiros sagrados, isso nos dirá que Deus nos criou um para o outro.

— Você não acredita nisso. Eu sei que não. Eu preciso partir. Por favor, deixe-



me ir —, ela implorou entrecortadamente.

Ele agitou a cabeça, sua expressão não mais amável, mas implacável. — Eu quero você, Emily. Eu não quero outra mulher ou uma loba. Só você.

— Isso mudará depois que eu partir.

— Eu mataria Talorc antes de deixá-lo levá-la de volta.

— Não diga isso! Ele é irmão de Cait, lembre-se.

— Mas não seu companheiro.

— Não. Eu já disse a você que eu não me casarei com ele.

— Não importa. Com ou sem casamento, você não pertence aos Sinclairs. Você pertence ao clã Balmoral agora e para sempre. — Ele levantou seu vestido inglês e o rasgou em pedaços, a violência de suas ações provavam ainda mais isso, ao contrário de suas palavras, ele estava fora de controle. — Você vestirá nosso plaid deste dia em diante.

Ela olhou fixamente para a pilha de tiras no chão que costumava ser seu vestido. — Eu não posso.

— Você não tem escolha.

Ela sacudiu a cabeça, a dor torcendo seus interiores. — Você não pode querer casar comigo.

Antes que ele pudesse responder, alguém golpeou a porta de sua câmara. A voz de Ulf berrava do outro lado, suas palavras confusas para Emily, mas sua urgência inconfundível. Lachlan fechou a cara e cruzou o quarto para abrir a porta sem se incomodar em se vestir.

Emily se atirou na cama, puxando o plaid por cima de sua nudez quando Ulf surgiu.

— O que é isto? — Lachlan exigiu.

Ulf olhou raivoso para Emily. — Não na frente dela.

Lachlan suspirou com impaciência e caminhou até o solar, ainda nu, fechando



a porta atrás dele.

Um momento depois, ele retornou, sua expressão amarga. — Nosso acasalamento terá que esperar, mas anote isso, inglesa... você me ofereceu seu corpo e eu o terei... junto com o resto de você.

O resto? Ele estava falando sobre seu coração? Não. Impossível. E ele mudaria de idéia sobre seu corpo em breve, também. Não mudaria?

Ele vestiu-se rapidamente. — Eu mandarei Marta lhe trazer um plaid feminino. E então ele partiu sem nem um beijo ou explicação do que havia exigido sua atenção imediata.

Mas ela temia o que ela já sabia. Talorc.

Ela tinha terminado de se lavar com outro pano do baú, a água fria permanecia no jarro e tinha vestido sua combinação quando Marta chegou com o plaid feminino. A criada ajudou Emily a compreender como colocá-lo em cima de sua combinação, sua expressão preocupada.

— Você sabe o que aconteceu? — Emily perguntou.

— Um jovem soldado foi encontrado morto próximo ao lago. Parece que um animal selvagem o pegou.

Ou Talorc. Preocupada pelo que isso poderia significar para Cait, Emily agradeceu Marta, levantou sua saia e correu para o grande salão. Ela parou deslizando a dez pés de um grupo de soldados. Ela podia ouvir a voz de Lachlan, mas não podia vê-lo.

Ele estava exigindo detalhes de alguém... Ulf... que aparentemente tinha encontrado o corpo.

— Ele estava morto quando eu o encontrei, eu lhe disse. Mas se você acha que animais selvagens fazem isso a um soldado Balmoral... — Sua voz se esgotou, permitindo aos seus ouvintes supor o que ele achava de tal hipótese.

— Não há cheiro de um animal nele —, Lachlan disse com uma voz mortalmente baixa.

— Não há cheiro algum —, Angus, ela achou que fosse, disse.



— Talorc. — A voz de Drustan estava cheia de fúria.

— Não. — Aquela era a voz de Cait e estava envolvida por sofrimento.

Emily se apressou ao redor dos soldados, procurando por sua amiga. Ela achou Cait de pé ao lado de seu marido, mas eles não estavam se tocando e ele olhava furioso para ela.

Os olhos castanhos de Cait estavam brilhantes de apelo. — Talorc não mataria um menino que mal deixou a infância mais do que eu.

— Não? — Drustan perguntou.

— O que você quer dizer? — A voz de Cait estava fraca.

— Se você tivesse me dito a verdade, esse garoto não estaria morto.

— É isso que você ganha por tentar fazer de seu inimigo um membro de seu clã —, Ulf disse com desgosto. Ele condenou Lachlan com um olhar. — Seu plano de reparação não fez nada além de trazer sofrimento e perda para o nosso clã. Ela é— ele indicou com a cabeça em direção a Cait com um olhar de desprezo—digna da vida desse garoto?

Emily não podia acreditar que eles todos estavam tentando culpar Cait. Ainda que Talorc tivesse feito essa coisa terrível, ela não era responsável. Avisar o Balmoral de sua presença no lago não teria feito qualquer diferença. Se o homem não quisesse ser encontrado, ele não seria.

O que tornava difícil para ela acreditar que Talorc era responsável pela morte do jovem soldado. Eles estavam todos tão impregnados de preconceito que não viam isso?

— Espere —, Cait sussurrou. — Você precisa me escutar.

— Tudo que você tinha a dizer que merecia ser ouvido deveria ter sido dito ontem —, Drustan contestou com aversão.

— Você está cometendo um erro terrível —, Cait obstinadamente insistiu, embora ela aparentasse como se seu coração estivesse se partindo.

Se tivesse um balde da água fria à mão, Emily o teria lançado em cima de Drustan e de Ulf. Para esfriar seus temperamentos e também apenas porque ela



queria. Eles estavam sendo idiotas, e enquanto ela estava acostumada àquilo com Ulf, tinha chegado a esperar mais de Drustan. Ela teria dito isso, mas ainda que pudesse agora não era hora para falar sem papas na língua.

— O único erro que eu cometi foi acreditar que seus votos de casamento significavam alguma coisa para você.

— Eles significam! — Cait gritou. Eles significam. — Se você apenas ouvisse.

— Você sabe onde Talorc está agora?

— Não, mas—

— Então você não tem nada a acrescentar a esta situação. Vá para nossos aposentos. Isso é um assunto do clã Balmoral.

— Eu sou um membro deste clã.

— É?

Os olhos de Cait se encheram de lágrimas.

Drustan parecia totalmente impassível ante sua óbvia dor. — Meu clã vem primeiro comigo. Se você fosse um membro deste clã, ele viria primeiro em lealdade com você, também. Eu viria primeiro... antes do seu precioso irmão. Você e Emily sabiam que Talorc estava espionando, que ele estava na ilha, e ainda assim não disseram nada. Emily, eu posso entender—

— Eu não —, Lachlan interrompeu com uma voz assustadora.

O olhar de Emily foi de Cait para ele.

Seus olhos tão recentemente cheios de paixão agora a olhavam com escuro desprezo. — Você mentiu para mim.

— Não menti.

— Uma troca engenhosa de palavras ainda é uma mentira. Você sabia o que eu estava perguntando e você deliberadamente reteve a verdade de mim.

— Eu não quero guerra entre os Sinclairs e os Balmorals mais do que Cait.



— Que diferença faz para você?

Ela não iria usar Cait como desculpa. A pobre mulher tinha culpa suficiente jogada nela. — Eu não queria ninguém morto.

— Como esse garoto? — Ele perguntou.

E ela baixou a vista para o corpo aos seus pés. A bÍlis subiu em seu estômago. O sangue estava em toda parte e seu rosto era tão pálido e inanimado com uma pedra.

— Eu não estou convencida que Talorc fez isto.

— Por quê?

— Porque ele não precisaria fazer. Ele é um guerreiro muito bom para ser pego por um soldado tão jovem. — O menino não podia ter mais que treze verões.

— Talvez ele apenas tenha desejado fazê-lo.

Cait ofegou um protesto.

Revoltada que ele pudesse até mesmo sugerir tal coisa, Emily disse, — Essa é uma acusação horrível de se fazer. Talorc pode ter os modos de um porco, mas ele não mata por prazer.

— Como você saberia? Ou você o conhece muito melhor do que me disse que conhecia?

Ela podia ver Ulf se regozijando pelo canto do olho e ela queria chutá-lo. O homem não tinha sequer um lado bom?

— O que você quer dizer? — Ela exigiu de Lachlan.

— Você esperou me seduzir para que eu esquecesse meu dever enquanto seu noivo... ou ele é seu marido... espionava o meu povo e decidia melhor como nos atacar?

Drustan arqueou para trás como se chocado pelas palavras de Lachlan, e sua expressão foi de brava a iluminada de remorso em uma rápida sucessão.

— Não, não foi assim. — Emily não podia acreditar que Lachlan estava falando



sobre seu tempo juntos como se fosse algo vil. — Eu não sou sua esposa. Eu não sou sequer sua prometida. Eu lhe disse que eu não vou me casar com ele.

— E sua palavra tem menos valor que sua promessa.

— Minha promessa é válida em tudo. Você devia saber.

— Você diz isso porque se recusou a me deixar entrar em seu corpo? Eu poderia ter descoberto que você não era virgem. Eu achei sua paixão desinibida, mas o modo que você usou suas mãos e sua boca foi um pouco experiente demais.

Emily não conseguia falar. Ela sentiu como se alguém tivesse enfiado uma estaca em seu peito.

Ulf abafou o riso.

Drustan disse, — Lachlan...

— Por que tão calada, Emily? Você nunca fica sem palavras. Onde está sua negação? Seu suposto desejo nada mais era do que experiência mascarada de inocência, não era? — Ele a sacudiu pelos ombros. — Responda-me, sua mulher cruel. Onde está sua língua afiada agora?

Emily balançou a cabeça, a dor dentro dela muito grande para quaisquer palavras, e então ela empurrou contra seu peito. Era uma débil tentativa na melhor das hipóteses, mas ele a soltou. Sua expressão era uma que ela não podia decifrar, seu rosto quase tão pálido quanto o do soldado morto aos seus pés.

E então Cait estava lá, suas mãos em seus quadris, sua face a polegadas da de Lachlan. — Não fale assim com ela, seu bastardo!

Drustan puxou Cait para que o encarasse. — Não ouse mostrar tal desrespeito para com o seu laird. — As palavras eram severas, mas o tom em que ele as disse era quase gentil. — Você se desculpará, comigo.

Cait escapou de seu aperto e recuou, longe de todos eles. — Eu não pertenço a você e ele não é meu laird. Nossos votos matrimoniais não significaram nada. Você disse isso.

— Eu também lhe disse que fosse para os nossos aposentos, mas eu vejo que ainda está aqui. Nem todas as palavras faladas com raiva têm significado.



Aparentemente enquanto Lachlan tinha desabafado sua raiva a de Drustan tinha minguado, mas Emily não achou que Cait notou. Ou se ela notou, aquilo não importou.

Ela encarou o seu marido, seus olhos brilhantes pela umidade. – Que negligência minha, ficar onde eu não sou querida.

Ela girou em seu calcanhar e correu do grande salão, tornando-se nada além de um borrão colorido até quando Drustan gritou seu nome.

— Por isto, nós perdemos um soldado promissor —, Ulf disse.

Drustan o esmurrou diretamente no rosto, e Ulf voou para trás para aterrissar com uma pancada a uma boa dúzia de pés de distância. – Nunca fale da minha companheira nesse tom novamente ou eu o matarei.

Ulf sentou-se, sacudindo a cabeça, seus olhos confusos.

E naquele momento, várias coisas ficaram claras para Emily. Todas elas dolorosas. A mais perturbadora era uma suspeita que ela não teve dúvida que se expressasse não receberia atenção. Afinal, aos olhos de Lachlan, ela era a traidora.

Mas olhando para seu irmão, tão cheio de rancor, ódio e uma sede de sangue, ela não podia evitar se perguntar se ele mataria um de seus próprios soldados para tentar empurrar Lachlan para a única coisa que seu irmão tinha recusado fazer.

Declarar guerra.

Capítulo 19

Sabendo que verbalizar suas suspeitas seria inútil, Emily não esperou para ver a reação de Lachlan à ameaça de seu primeiro homem no comando ao seu irmão.

Ela correu atrás de Cait, escapando dos homens no salão tão rápido quanto pôde. Não podia acreditar que Lachlan tinha dito as coisas que disse a ela. Ela poderia um dia perdoá-lo, embora isso não fosse uma certeza. Mas nunca



esqueceria que ele a tinha humilhado assim na frente de seus soldados.

E ele tinha dito que queria reclamá-la. Ah!

Quando ela alcançou a porta do quarto de Drustan, estava fechada, mas ela tinha certeza que Cait estava do lado de dentro. Ela bateu, mas a porta não abriria. Bateu, ou melhor, esmurrou a grossa porta.

— Cait, sou eu —, ela chamou, tentando penetrar a madeira com suas chamadas.

A porta se abriu e Cait puxou Emily para dentro, fechando-a novamente com um estrondo atrás dela e empurrando a tranca de volta ao lugar. Seus olhos estavam vermelhos, mas ela não estava chorando.

Ela parecia muito irada para chorar. — Como ele ousa dizer aquilo para mim? Ele me acusou de assassinar aquele menino, você o ouviu?

— Sim, mas eu não acho que ele quis dizer isso.

— Mas ele disse isso. — A dolorosa culpa no olhar de Cait rasgou o coração de Emily. — Talvez ele esteja certo.

— Não, ele não está! Mesmo se Talorc matasse o soldado, e eu suspeito fortemente que ele não o fez, você não seria responsável só porque não alertou Drustan do perigo. Qualquer tolo teria presumido que seu irmão viria ele mesmo ou que enviaria espiões para ver a situação da região. E se eles são capazes de irem sem serem detectados ao território Sinclair, eles deviam ter percebido que os Sinclairs teriam a mesma habilidade aqui.

Cait abraçou sua barriga gestante. — Drustan não é nenhum tolo e nem são os Balmoral.

— Assim eu pensei —, Emily disse com veneno, lembrando das coisas idiotas que Lachlan a tinha acusado.

— Eu não sei se eles adivinharam que Talorc estava na ilha, mas Lachlan soube desde ontem à noite. Uma loba identificou meu irmão e relatou isso. O laird disse a Drustan esta manhã.

— Então, por que eles estão tão bravos por não termos lhes contado ontem? Não teria feito diferença alguma no que aconteceu com aquele menino se



tivéssemos... uma vez que eles já sabiam quando ele foi morto.

— Essa é uma conclusão lógica, Emily, mas eu não estou convencida que homens sejam sempre muito claros em seus pensamentos.

— Não, eu acho que você está certa. — As dolorosas acusações de Lachlan definitivamente caíam no campo do pensamento irracional. — Drustan golpeou Ulf, a propósito, por zombar de você. Ele ameaçou matá-lo se Ulf a insultasse novamente e eu tenho certeza que ele falou sério, embora suas próprias palavras para você fossem muito piores.

Cait pareceu brevemente satisfeita por aquelas notícias, mas logo estava com o cenho franzido outra vez. — Sim, o que você ouviu no salão foi até pior do que o que ele me disse mais cedo em particular.

— Depois que Lachlan lhe contou sobre Talorc ter sido descoberto?

— Sim. Ele esperou até que eu acordasse de meu cochilo para me perguntar sobre isso. Você pensaria que ele estava sendo cortês, não é? — Ela perguntou, deixando claro com seu tom o que achava do nível de cortesia do seu marido.

— O que ele disse?

— Ele quis saber se eu tinha visto meu irmão. Eu não podia mentir sem rodeios, então eu lhe contei. Emily, eu quis tanto lhe contar, especialmente depois que nós descobrimos que éramos companheiros verdadeiros, mas eu estava tão assustada e ele não entendeu isso de modo algum.

— Ele achou que você não devia se importar se o seu irmão fosse morto pelos Balmoral?

— Eu não sei. Ele só continuou dizendo que eu devia ter confiado nele, mas como eu poderia? Ele não ama Talorc. Ele sequer gosta dele.

Isso fez Emily sorrir.

Sem qualquer aviso, Cait desatou a chorar. — Talvez eu devesse ter confiado em Drustan. Ele pareceu magoado pela minha falta de convicção nele. Ele me odeia agora, você o ouviu.

Emily pôs seu braço ao redor do ombro de Cait. — Mas homens vêem as coisas tão diferentemente de nós. Eu lembro de uma vez que meu pai açoitou um



menino por roubar uma maçã do nosso pomar. Ele não entendia quando a mãe do menino, que trabalhava em nossas cozinhas, olhava com raiva para ele toda vez que ela o viu depois disso. Para sua mente roubar era errado. Chocava ele que ela arriscasse sua ira por tal ninharia.

— Mas ele tinha machucado seu filho —, Cait disse, fazendo uma tentativa óbvia para obstruir a vazão de suas lágrimas.

— Sim, emoções não podem ser ditadas pelas insignificantes leis e guerras dos homens.

Cait riu, o som áspero. — Emoções não podem ser ditadas por nada, mesmo que soe razoável. Eu amo Drustan, mas eu não deveria. E agora ele me odeia —, ela repetiu.

— Eu não acredito nisso. Ele não teria batido em Ulf e o ameaçado se odiasse você.

— Seu orgulho seria ferido por um insulto a mim.

— Eu penso que você estava certa um momento atrás quando disse que Drustan estava magoado pela sua falta de fé nele. Como seu marido, ele espera vir em primeiro para você, mas se vocês são companheiros sagrados, eu acho que é mais do que um assunto de orgulho para ele.

— A união verdadeira não é um resultado de amor.

— Não, mas eu estou certa que leva a isso.

— Eu espero que sim porque eu não quero ser miserável sozinha.

Emily riu daquilo. — Eu estou certa que cada pedaço dele é tão miserável quanto. Ele parecia bem chateado quando você correu do salão, agora que eu penso a respeito.

— Parecia? Você tem certeza?

— Sim.

— Ele estava só preocupado com o bebê.

— Ele nem é filho dele; se ele se preocupa com ele, ele o faz porque se



importa com você.

— Você acha?

— Eu tenho certeza.

— Mas, mais cedo ele disse que eu também poderia vestir o plaid Sinclair e acabar com isso. E no salão, ele disse que nossos votos matrimoniais não significaram nada.

— Ele disse que acreditava que eles não queriam dizer nada para você. Aquelas são as palavras de um homem ferido, não de um meramente bravo. — Ela esperava que estivesse certa, mas ainda que homens fossem terrivelmente diferentes de mulheres, eles não podiam ser tão absurdos que nenhuma quantidade de lógica pudesse ser aplicada a eles.

— Eu queria ter confiado nele, mas ainda agora eu não consigo me convencer de que ter lhe contado teria sido o rumo certo a tomar.

— É um assunto que eu acho que vocês dois deveriam discutir depois.

— Você vai discutir as acusações de Lachlan com ele? — Cait perguntou.

— Isso é diferente. Ele não é meu marido. — Mas embora ela não achasse que ele daria algum crédito às suas palavras, ela teria que lhe dizer de suas suspeitas a respeito de Ulf.

Cait cheirou o ar próximo a Emily delicadamente. — Ele marcou você com seu cheiro.

— Eu lavei —, Emily murmurou.

— Mas o cheiro do lobo não sai tão facilmente. Ele a reclamou.

— Não, ele não reclamou... ele só me tocou. Nós nem mesmo... — Ela deixou sua voz sumir, mas ela sabia que Cait entenderia a que ela estava aludindo.

— Vocês chegaram perto.

— Ele quis, no fim. Eu acho que foi por isso que ele estava tão bravo no grande salão. Ele achou que eu quase o havia enganado a acasalar comigo, mas eu não iria permitir isso. Eu sei que ele não quer uma mulher humana para esposa.



— Ele quer você, Emily.

— Luxúria... não é o mesmo —, Emily disse, sua garganta contraída por lágrimas que ela não derramaria.

Cait suspirou. — Não, não é. — Ela escapou do abraço de Emily e começou a marchar. — Mas nós não podemos nos permitir ficarmos preocupadas com isso neste momento. Drustan e Lachlan estão tão ocupados ficando bravos conosco por enganá-los que não estão olhando para as coisas logicamente.

— O que significa que nós teremos que fazer isso por eles.

— Precisamente.

— Lachlan disse que não havia cheiro algum de animal no soldado. É possível para um animal matá-lo sem deixar um cheiro para trás?

Cait parou de marchar e franziu o cenho. — Não, mas por outro lado deveria haver o cheiro de um homem ou de um lobo nele e não há. Exceto o de Ulf e isso porque ele o encontrou e o levou de volta à fortaleza. Não havia cheiro algum na área onde o menino foi ferido.

— Você disse que seu irmão podia mascarar seu cheiro.

— Não foi Talorc. Eu tenho certeza disso.

— Eu acredito em você, mas ele não é o único lobisomem com essa habilidade.

— Não, é algo que você é treinado para fazer desde a época da sua primeira mudança... embora eu nunca tenha sido tão boa nisso. Mas isso não importa. Um lobisomem pode mascarar seu próprio cheiro, mas não o cheiro que ele deixa nos outros.

— Então como o menino foi morto?

— Sem ser tocado... talvez com uma faca que tenha sido limpa na areia e na terra do fundo do lago.

— Para remover qualquer odor de sua manipulação da lâmina?



— Sim.

— Mas isso significaria que o assassino nem mesmo tocou no jovem soldado... nem para subjugá-lo, certo?

Cait parecia enjoada. — Sim. O soldado tinha que conhecê-lo, e pior, o garoto era Chrechte. Ele provavelmente não tinha controle de sua mudança ainda, mas precisaria de outro lobisomem ou de um guerreiro humano muito forte para matá-lo. Teria que ser um Balmoral e um bem experiente nisso. — A suspeita de Emily sobre Ulf cresceu.

— Lachlan não vai suspeitar de alguém de seu próprio povo por tal atrocidade.

— Eu concordo. Nós precisamos falar com Talorc. Ele pode ter visto algo.

— Mas como? Eu duvido que nós tenhamos permissão para sair da fortaleza, muito menos além das muralhas do castelo. Lachlan ficou bravo por nós sairmos sem escolta antes. Ele disse que estava preocupado com a nossa segurança, mas ele provavelmente não confia em nós —, ela furiosamente disse.

Ela esperaria para dizer a Cait das suas suspeitas até elas ouvirem o que Talorc tinha a dizer. Se estivesse errada, ela iria preferir que ninguém soubesse o que tinha pensado. Ela tinha problemas suficientes com o irmão de Lachlan sem acusá-lo de um crime que não estava absolutamente certa de que ele cometeu.

— De qualquer modo, ele teria instruído os guardas do portão a impedir nossa saída.

— O que nós fazemos?

Cait não respondeu, mas se apressou para dentro do dormitório. Ela voltou segundos depois carregando seu plaid Sinclair.

— Você vai mudar seu plaid? — Emily perguntou em confusão. Ela sabia que sua amiga estava irritada com seu marido, mas considerar tão seriamente suas palavras naquele momento parecia um desperdício de tempo e esforço.

— Não. Eu planejo usá-lo para ganhar nossa liberdade. — Com sua força de loba, ela começou a rasgar o plaid em longas tiras finas.

Quando terminou, ela amarrou as tiras juntas até ter um fino plaid que tinha



quase cem pés de comprimento.

Sem esperar ser questionada, Emily pegou uma extremidade e, dobrando seus braços, separou suas mãos, assim Cait podia girar o tecido ao redor delas como num denso novelo de lã. — O que nós vamos fazer com a corda?

— Há um quarto no topo desta torre. Pode ser usado para manter prisioneiros, como sua câmara, mas ele tem uma janela grande o bastante para nós subirmos até o lado que conecta a parede exterior.

— Por que isso em nome de Deus?

— Eu acredito que está planejado para ser usado no caso de um cerco, para fugir ou para conseguir mais provisões de comida. É muito alto para ser alcançado por qualquer coisa exceto uma torre de assalto, e uma bem alta. Mas há apenas uma estreita tira de terra entre a parede e o precipício. Nenhuma escada de acesso possivelmente poderia abordar o castelo daquela direção e arqueiros não conseguiriam ter uma boa pontaria ali também.

— Entendo... mas se nós vamos escapar por isso, não poderia também um prisioneiro?

— Um plaid de guerreiro não daria uma corda comprida o suficiente e mulheres são raramente cativas. Além disso, ela só seria usada se sua câmara já estivesse ocupada. Nós realmente precisamos discutir isso agora, Emily?

— Eu sinto muito. Minha curiosidade leva o melhor de mim, às vezes.

Cait sorriu. — Eu gosto disso em você.

Emily fez careta. — Só não neste momento. Eu entendo. Nós teremos que esperar que os guardas que vigiam a muralha não nos vejam.

— É um risco que teremos que correr. Mas a menos que o guarda da torre se incline para olhar para baixo, ele não nos verá. Não há outra saída do castelo ou das muralhas que eu consiga me lembrar.

Emily mordeu o lábio. — Nem eu, mas se o quarto é acima deste aqui, a queda até o chão é muito longa. Isso é muito perigoso para uma mulher em sua condição. Eu irei ao lago e procurarei por Talorc. Eu posso lhe contar a situação e perguntar se ele viu alguma coisa.



— Não. Você nunca o encontraria antes dos outros, mas eu sim. Não se preocupe, Emily. Eu sou uma loba, não cairei. — Cait pôs o a corda de plaid em cima do ombro. — Eu não faria nada para colocar o meu bebê em risco, mas nós também não podemos permitir guerra entre os clãs. E eu não terei meu irmão morto pelos crimes de outro homem.

— Sem mencionar que se existe um assassino entre os Balmoral, ele precisa ser parado.

— Exatamente.

Cait abriu a porta e meteu sua cabeça para fora, escutando atentamente. Então ela virou para Emily e fez um sinal para ela ir em frente. Emily estava tão silenciosa quanto podia estar subindo os degraus da torre. Cait estava ao seu lado um segundo mais tarde e elas fizeram caminho até o quarto superior da torre.

Uma vez lá, elas mantiveram seu silêncio até depois de fechar a porta quietamente. Cait subiu sobre a mesa, o único pedaço de mobília no quarto. Não havia sequer uma cama. Ela amarrou a corda provisória em um gancho de ferro na parede, atestando que a janela fora planejada para o propósito que ela tinha sugerido.

Então ela tirou sua roupa, amarrou-a em um apertado pacote com seu cinto e esperou com óbvia expectativa Emily fazer o mesmo. Aparentemente, nadar não era a única coisa que ela não podia fazer de vestido. Descer a parede de uma torre era outra. Ela não tinha certeza que era o certo, mas não iria desperdiçar tempo discutindo.

Ela não sabia quanto tempo ela e Cait tinham antes de Lachlan começar a procura por Talorc... se ele já não tivesse começado. Ela não achava que a conversa deles duraria muito tempo, mas ela não podia ter certeza.

Depois de somente uma breve hesitação, Emily depressa tirou seu plaid e espartilho. Cait amarrou os dois pacotes à extremidade livre da corda antes de baixá-la pela janela. Uma vez que estava feito, desapareceu do lado de fora da janela ela mesma. Emily subiu na mesa e então se debruçou para ver o progresso da descida de sua amiga na perigosa escalada.

O fato que Cait estivesse nua não era nem de perto tão desconcertante quanto a que distância ela teria que cair se sua mão deslizasse da corda. Mas Cait alcançou o chão mais rápido do que Emily teria pensado possível e então era a sua vez.



Ela subiu na janela, enfocada na tarefa à mão e não no tamanho que era a distância até o chão. Sem seu vestido, ela podia enroscar a corda ao redor de uma perna, dando a si mesma uma sensação de segurança, ainda que fosse falsa. Ela também não estava tão pesada sem seu plaid e achou que Cait devia ter considerado aquilo.

Ela usou os nós na corda como apoios naturais e levou muito mais tempo para alcançar o chão do que Cait. Um vento frio esbofeteou sua nudez, mas o esforço da descida evitou que ela congelasse. Quando ela alcançou o chão, entretanto, seus braços estavam tremendo pelo esforço e ela ficou grata pela ajuda da sua amiga em desenrolá-los da corda. Ela vestiu-se rapidamente, notando que Cait já tinha feito isso.

Elas deixaram a corda pendurada. Embora Emily soubesse que elas não a usariam para entrar novamente no castelo, não havia forma de escondê-la. Se Drustan ou Lachlan a descobrisse, eles mais que provavelmente presumiriam o pior e acreditariam que ela e Cait a tinham deixado lá para ajudar Talorc a entrar no castelo. Ela duvidava que eles suspeitariam que as mulheres a tinham usado para escapar, ao invés disso.

O céu estava cinza com nuvens que ameaçavam chuva, e ela e Cait se apressaram enquanto evitavam a estrada e as pequenas casas Balmoral no caminho ao lago. Elas ficaram no abrigo das árvores quando circularam o outro lado dele.

De repente o grande lobo cinza da véspera estava lá, bem em frente a elas. Emily ofegou, mas Cait correu adiante para abraçar o pescoço do irmão.

— Nós precisamos falar com você —, ela disse para o lobo.

Ele olhou para Emily e então voltou para Cait. Ela suspirou e se ergueu. — Eu acho que ele quer que nos viremos de costas antes dele mudar. Isso é considerado um assunto muito particular para nossa espécie.

Emily se virou, achando que Cait tinha suavizado a verdade. Sem dúvida Talorc não se importaria de mudar na frente de sua irmã, mas de uma inglesa que ele já tinha rejeitado como uma possível esposa era outro assunto.

— O que ela está fazendo com você? — Ele exigiu e as duas mulheres viraram para encará-lo.

Ele estava nu. Ela devia ter adivinhado que ele estaria, mas ela se sentiu



ruborizar e desviar o olhar. Os Chrechte eram muito menos preocupados com nudez que os ingleses.

— Tentando impedir a guerra entre o meu novo clã e o meu antigo —, Cait disse com um pouco de aspereza.

— Ela acasalou com o Balmoral.

— Não, eu não acasalei —, Emily disse —, mas isto não é importante agora. Sua irmã é uma Balmoral e ela não quer guerra. Ela é minha amiga e por sua causa eu também quero impedi-la.

— Eu nunca tomarei você por companheira agora.

Ela virou os olhos e então encontrou seu olhar. — Isso dificilmente é novidade. Nós estabelecemos isso antes de sua irmã e eu sermos seqüestradas.

Ele grunhiu. — Verdade.

— Nós precisamos saber se você viu quem matou o soldado Balmoral —, Cait rapidamente encaixou.

Talorc franziu o cenho. — Eu vi, embora estivesse muito longe para impedir. O assassino aproximou-se de mim depois.

— Ele se aproximou de você? Por quê? — Cait perguntou, soando tão chocada quanto Emily se sentia.

— Ele quer que eu mate o Balmoral... ele quer controlar o clã Balmoral.

O rosto de Cait se incendiou com fúria. — Drustan nunca faria isto!

— Eu não disse que foi o seu novo companheiro.

— Mas quem mais acreditaria que poderia assumir o controle do clã?

— Ulf —, Emily adivinhou.

Cait apenas a encarou e Talorc assentiu.

— Nós humanos não pensamos que somos nem de perto tão incompetentes e inúteis quanto os Chrechte pensam.



Cait parecia ofendida. — Eu não disse que você era inútil.

— Não, mas você nunca achou que um humano acreditaria que ele poderia assumir o comando de um clã com um bando nele e ainda assim não foi exatamente o que MacAlpin fez quando traiu os Chrechte? Só que ele assumiu o comando de toda a Escócia.

— Você é esperta... para uma mulher inglesa —, Talorc disse. Ele voltou-se para Cait. — Ela está certa. Nossa madrastra foi outro excelente exemplo. Olhe o dano que ela causou e ela não tinha sequer origem Chrechte.

— Mas Drustan mataria Ulf.

— Não se ele culpasse seu irmão pela morte de Lachlan —, Emily disse.

O rosto de Cait drenou-se de cor quando ela encontrou o sério olhar de Talorc. — Ele apoiaria o porco assassino por lealdade e tentaria vingar a morte de Lachlan matando você.

— Sim. Ulf é um assassino, também. O jovem soldado não teve chance. — O desgosto de Talorc era óbvio. — Ele não suspeitou de nada antes do primeiro golpe da faca diretamente em seu coração.

— O resto dos cortes foram para parecer que um animal tinha feito aquilo. Você como lobo.

— Sim, mas se funcionasse eu me pergunto que tipo de tolo seu novo laird seria.

— Assim é Ulf, o tempo todo —, Emily disse.

— Mas, por que você? — Cait perguntou.

— Por que você tinha tanta certeza que eu não fiz isso? — Ele lhe perguntou em lugar de responder.

Cait o fitou nos olhos. — Você é meu irmão. Você não assassinaria um soldado inexperiente.

— Se ele tivesse me surpreendido, eu o teria matado em autodefesa.



— Mas ele não podia tê-lo surpreendido.

— Isso é verdade —, Talorc arrogantemente disse. — Mas existe outra razão pela qual acredito que você estava tão certa de que não fui eu nem um de meus soldados. Talvez você não tenha percebido na ocasião, mas se você visse o corpo, isso tocaria em sua certeza.

— Você tem mais Sinclairs aqui? — Emily perguntou.

Talorc encolheu os ombros. Um trovão explodiu ameaçadoramente no céu.

— Eu vi o corpo. — Cait parecia como se tivesse acabado de perceber algo. — Se um lobisomem tivesse feito isso em forma de lobo, ele teria rasgado a garganta do soldado e teria deixado um odor.

— Sim. Agora, por que seu novo laird não percebeu isso, eu me pergunto?

— Talvez porque suspeitei que você tivesse cometido o assassinato e quis que parecesse que um humano o tinha cometido —, Lachlan disse enquanto saía dos arbustos. Ele olhava para Talorc com os olhos cheios de fúria.

— Há quanto tempo você está aí? — Emily perguntou, perguntando-se se ele tinha ouvido o nome do assassino.

Lachlan a ignorou, seu olhar nunca deixando Talorc.

— Como eu cheguei perto o bastante para usar uma faca? — Talorc perguntou. Antes que Lachlan pudesse responder, ele continuou, — Seu soldado nunca teria me deixado chegar tão perto. Eu podia ter lançado a faca, mas até um jovem lobisomem a teria ouvido assobiando no ar e se abaixado. Então, ele teria gritado, ou corrido... mas ainda assim, eu não poderia ter chegado perto o bastante para matá-lo sem deixar um cheiro. Não, ele foi morto enquanto eu assistia, impotente para impedir, do outro lado do lago.

— E você quer que eu acredite que você teria impedido?

— O menino era Balmoral, mas ele também era Chrechte. Sim, eu teria impedido sua morte se eu pudesse. Pela mesma razão que você escolheu seqüestrar minha irmã e casá-la com o irmão de Susannah ao invés de declarar guerra entre nossos clãs.

— Foi uma forma mais apropriada de reparação.



— E uma efetiva. Eu sentirei falta de ver minha irmã diariamente e de ver sua criança crescer.

Cait fez um suave som por aquilo. — Você não exigirá a custódia do meu bebê?

Ele sacudiu a cabeça. — Você não me conhece melhor do que isso? Você é minha irmã. Eu não a magoaria tomando sua criança. Ele será criado para conhecer nossos costumes entre os Balmoral da mesma maneira que ele seria entre o bando Sinclair.

— Sim, ele irá —, Cait prometeu, seu alívio palpável.

— Seu pai teria guerreado por esse visível insulto —, Talorc disse para Lachlan.

— Eu não sou meu pai.

— Nem eu sou o meu. Eu reconheço traição quando eu a vejo. Eu teria evitado a morte do rapaz se eu pudesse.

Lachlan não disse nada.

Talorc suspirou. — Seu irmão me prometeu a devolução de minha irmã ou a entrega de seu bebê depois de seu nascimento, qualquer um que eu quisesse, se eu matasse você. Ele disse que o levaria a uma armadilha. Se você está sozinho, ele teve sucesso.

Nenhuma expressão se mostrava no rosto de Lachlan, mas Emily soube que ele estava ferido. Como ela sabia, ela não poderia dizer, mas ela podia sentir sua dor como se fosse a sua própria e era horrível.

— Ulf sugeriu que eu caçasse você sozinho, que eu provasse meu direito de liderar desafiando-o pessoalmente —, Lachlan disse com uma voz monótona. — Eu presumo que você tem um guarda consigo e que Ulf estava ciente disso, embora ele tenha me dito que viu apenas um lobo... do outro lado do lago.

— Eu ousou presumir que você ignorou a sugestão do seu irmão?

— Se eu ignorei?



— Então você tem um contingente cheio de Chrechte bem treinados perto o suficiente para dar assistência e você ganhou uma fração do meu respeito.

— Talvez eu devesse matá-lo e ganhar todo seu respeito.

— Ou, eu poderia fazer como seu irmão deseja e matá-lo.

Capítulo 20

— Não! — Emily gritou.

— Fique fora disso, Emily —, Lachlan disse.

— Não ficarei. Você não vê o quanto ridículo isso é? — Eles eram como dois galos tentando estabelecer domínio no poleiro, mas não havia necessidade. Cada um deles tinha seu próprio poleiro, maldição. — Está claro que Ulf tem manipulado todo mundo. Tentarem se matar não vai desfazer o dano que ele causou.

Lachlan não removeu seu olhar de Talorc, mas um músculo em sua mandíbula contraiu-se. — Leve Emily de volta ao castelo, Cait. Nós discutiremos como vocês escaparam depois.

Emily cruzou seus braços em cima do peito e olhou por baixo de seu nariz para os dois homens. Era uma grande façanha porque ela era menor do que eles, mas ela tinha aprendido alguns truques úteis sob a tutela de Sybil. — Eu não vou a lugar algum.

Cait imitou suas ações. — Eu, tampouco.

— Drustan —, Lachlan disse.

O primeiro no comando surgiu das árvores em um passo silencioso. Não devia ter surpreendido Emily vê-lo, mas surpreendeu. Claro, ela não tinha idéia de que Lachlan estava lá até ele revelar-se também. Estes homens Highland eram sorrrateiros como ladrões em seus movimentos.



— Escolte nossas mulheres de volta ao castelo.

Drustan assentiu e foi agarrar o braço de Cait, mas ela esquivou-se de seu toque. — Eu estou voltando ao castelo Sinclair —, ela disse, sua voz cheia de dor. — Eu não pertenço aos Balmorals.

Drustan vacilou como se atingido.

Emily abriu sua boca para negar as palavras da sua amiga, mas então a fechou novamente. Primeiro, porque ela pensou que era algo que Drustan devia fazer, e segundo porque ela achava que ele já poderia estar fazendo. Ele e Cait estavam olhando um para o outro como se estivessem se comunicando sem palavras.

Eles liam mentes? O que era aquilo? Soava exatamente como uma voz, ou eram simplesmente pensamentos... imagens, como um sonho? Mas um sonho não era necessariamente falado, era? E Cait tinha dito que falava dentro da cabeça de outra pessoa. Muito curioso.

Talorc xingou, seus olhos surpreendentemente azuis iluminados de divertimento, se Emily pudesse se permitir acreditar nisso. — Ele é malditamente o verdadeiro companheiro de minha irmã, não é?

— Sim —, Emily respondeu por que parecia que ninguém mais iria.

Cait estava chorando agora e sacudindo a cabeça para Drustan. — Você não me ama. Você me chamou de assassina.

— Eu estava errado —, ele disse em voz alta. — Por favor, não me deixe.

Cait ofegou. — Você me imploraria?

— Eu farei o que for preciso para mantê-la. Você é minha companheira sagrada, você é minha esposa... você é tudo para mim.

Emily sorriu de maneira evidente, mas Lachlan e Talorc pareciam aflitos. Cait, porém, estava olhando para Drustan como se ele fosse o sol, a lua e as estrelas todas ao redor de um magnífico homem.

Ela deu a ele um sorriso ofuscante através de suas lágrimas. — Eu amo você.

— Eu amo você também. Nunca duvide novamente —, ele disse, soando bastante severo, mas Cait não pareceu se importar.



O que foi que ela disse em sua cabeça o fez sorrir, e sua resposta a fez parecer completamente sonhadora. Emily suspirou de contentamento. Ela estava muito feliz por ver sua amiga tão feliz e que as coisas finalmente se resolveram entre o casal de esposos. Era tão claro quanto o sol que aqueles dois se pertenciam um ao outro, não importa como a providência divina tenha escolhido fazer aquilo acontecer.

Drustan assentiu como se aceitando algo que Cait tivesse dito, embora evidentemente... ela não tinha dito nada. — Agora, nós retornamos ao castelo.

— Não ainda —, Talorc disse. — Existem coisas que precisam ser discutidas. Como companheiro da minha irmã e irmão de Susannah, você precisa ouvi-las também.

Drustan olhou para Lachlan pedindo permissão para ficar e ela foi concedida com um leve assentimento.

Aquele gesto pareceu indicar algo entre todos os três homens porque a tensão ao redor deles diminuiu consideravelmente. Lachlan até parecia aborrecido, embora Emily não pudesse acreditar nisso dele. Ele estava sendo trapaceiro novamente, ela juraria isso, mas ela estava igualmente certa de que a ameaça de violência iminente tinha passado.

Com seus pés plantados firmemente afastados, Talorc cruzou os braços acima do peito, o que não era exatamente uma posição conciliatória, mas também não era uma de briga. — Em meu desejo de descobrir as circunstâncias de minha irmã, eu transgredi sua ilha sem permissão, mas meu soldado não. Magnus não seqüestrou Susannah do território Balmoral.

O fato de que ele não vestia nenhum plaid não minimizava sua presença dominante em um minúsculo pedaço. Talvez porque o homem não exibia absolutamente nenhuma preocupação de que estava nu. Apesar da seriedade do assunto em questão, Emily achou tal falta de autoconsciência fascinante.

— Magnus? — Lachlan esclareceu, claramente tão incomodado pela ausência de roupas do outro laird quanto ele.

Ela desejou que pudesse ser tão inalterada, mas ela só tinha visto outro homem nu antes. Lachlan. Emily mordeu o lábio, tentando olhar para Talorc desapercivelmente, mas ela era muito curiosa para ignorar sua falta de roupa no geral.



— O irmão do laird, Ulf, disse a Susannah que ela tinha permissão para caçar no continente na última lua cheia —, ele estava dizendo —, mas ele não se incomodou de dizer a ela que aquele era um território de caça para outro bando.

— Ulf disse a ela isso? — Drustan perguntou, seu braço caído ao redor do ombro de Cait desde que ela tinha se movido para perto dele. — Mas ele não tinha tal autoridade.

— Susannah não estava ciente disso. Ela acreditava que ele falava por seu laird.

— Quando ela lhe disse isso? — Drustan exigiu.

— Ela não fez. Magnus relatou os detalhes do que a tinha levado a caçar em nossas terras quando ele me informou que tinha tomado uma companheira transformado. Susannah estava no cio. Ulf tinha que saber que ela acabaria acasalada com um Sinclair. Ele escondeu a verdade de que foi ele quem a mandou para nossas terras, não escondeu?

— Sim.

— Eu acho que ele queria que seu laird acreditasse que nós tínhamos insultado os Balmorals assim ele tentaria exigir uma vingança pessoal. Eu tenho experiência com a perspicaz traição de humanos com fome de poder. Suspeito que ele planejava atrair o Balmoral até mim de maneira que ele fosse morto.

— Como ele acredita que atraiu nosso laird agora? — Drustan perguntou.

— Sim. Ele me disse para esperar aqui e que ele garantiria que o Balmoral viria atrás de mim sozinho.

— Emily —, Lachlan gritou.

Ela estremeceu e corou quando a atenção de todos primeiro foi dirigida a ele e depois a ela. Ela encontrou o olhar de Lachlan. — Sim?

Ele não estava sorrindo. — Venha aqui.

Seu tom não sugeria que ela discutisse e, só dessa vez, ela não discutiu. Quando estava menos do que a um pé dele, ele levantou o seu queixo com a mão. — Você pertence a mim.



— Essa é uma discussão que nós precisamos ter agora? — Ela perguntou.

Ao invés de responder, ele perguntou, — Você quer que eu desafie Talorc?

Eles tinham acabado de pular essa fase, não tinham? — Não.

— Então olhe apenas para mim.

Ele sabia que ela tinha estado espiando.

Seu rubor esquentou e foi até as raízes de seu cabelo. — Eu simplesmente estava curiosa.

— Eu irei satisfazer sua curiosidade outra hora. — Ele a empurrou para trás dele e então olhou para Talorc. — Eu tenho apenas sua palavra que meu irmão é um traidor.

— E a evidência de sua própria lógica. Se eu quisesse matá-lo, eu teria feito isso quando eu o vi na água com a inglesa. Você não tinha outros guardas consigo. Eu tinha. Ela teria sido fácil o suficiente de se livrar.

A frieza daquelas palavras fez Emily estremecer. Ela moveu-se para mais perto de Lachlan até que estava quase o tocando, e o calor de seu corpo a alcançou para cobri-la confortavelmente.

— Você teria tido que me matar primeiro.

Sem nenhuma razão que ela pudesse discernir, sua garganta apertou-se com lágrimas. Ela sabia que ele falava a sério. Não importa do que ele a tinha acusado mais cedo, Lachlan não teria deixado Talorc machucá-la aquele dia no lago. Ele a teria protegido com sua vida. O que isso significava? Talvez fosse parte da honra do seu guerreiro.

— O ponto é —, Talorc falou devagar —, que eu não tentei.

Lachlan encolheu os ombros.

— Como eu disse, eu vim até sua ilha para descobrir a situação de minha irmã.

— O guarda Sinclair que nós deixamos para trás quando levamos as mulheres teria lhe dito que ela iria se casar com Drustan —, Lachlan disse.



— Ele me disse, e eu sei o suficiente de você para saber que se disse isso, aconteceria, mas eu tinha que ter certeza que Cait não estava sendo maltratada, que ela não era uma prisioneira.

— E ela lhe disse que estava contente com seu casamento —, Drustan disse, revelando que ele devia ter permitido a Cait contar a ele pelo menos aquilo de sua conversa com o irmão durante sua confrontação inicial.

— Sim —, Talorc disse. — Da mesma forma que sua irmã está.

Drustan assentiu e Cait sorriu para ele.

— Mas Ulf me disse que ela não estava. Ele disse que Cait tinha sido forçada a acasalar com Drustan contra sua vontade. — A voz de Talorc vibrava com a ira que tal pensamento evocava nele, até sabendo que não era verdade. — Ele disse que ela queria retornar ao nosso clã, mas que estava sendo mantida aqui como uma prisioneira.

— Mas eu não estou! — Cait exclamou.

— Não? — Talorc perguntou. — Você veio a esta ilha por sua própria vontade como Susannah veio ao nosso território de caça?

Drustan entrou na frente de Cait. — Eu reconheço que ela foi trazida contra a vontade, mas ela não foi maltratada e ela é agora minha esposa e feliz por ser.

— Eu não quero partir —, ela acrescentou detrás dele. — Eu sou uma Balmoral agora.

— Assim você disse. — A voz do Talorc não dava nenhuma sugestão de como ele se sentia com aquilo. — Eu não me desculparei por não observar a antiga lei do bando. Susannah agiu influenciada pela palavra de seu irmão, Balmoral, e você retaliou sem conhecer todos os fatos. Você devia ter percebido que ele era uma ameaça ao bando. Você tem culpa.

Cait ofegou, seu rosto ficou pálido. Drustan parecia pronto a pular na garganta de Talorc.

Mas Lachlan meramente suspirou. Era um som triste, especialmente esgotado, e Emily repousou a mão em suas costas em conforto.

Ele olhou por cima do ombro para ela, seus olhos escuros procurando por



algo, mas ela não tinha idéia do que. Então ele se voltou para encarar Talorc e os outros. — Eu devia ter visto seu descontentamento, sua sede de poder. Ele os escondeu bem, mas havia pistas se eu estivesse disposto a vê-las.

Emily orgulhava-se da habilidade de Lachlan de admitir que estava errado. Mostrava uma força de caráter que poucos homens em sua posição possuíam. No entanto, a razão do seu erro era uma séria preocupação para ela. Pois se ele não o reconhecesse e mudasse seu pensamento, a ameaça de Ulf podia ser renovada por uma fonte diferente. Talvez da próxima vez ela passasse despercebida até que fosse muito tarde para mudar o resultado... como tinha sido com MacAlpin.

— Você ignorou a ameaça que Ulf representava porque ele é completamente humano. Você não achou que ele fosse tão poderoso quanto um Chrechte, ou capaz de enganá-lo, mas você estava errado.

— Obrigado por assinalar isso, Emily —, Lachlan secamente disse.

— Por acreditar tanto em sua superioridade, você pôs você mesmo e seu clã em risco —, ela insistiu.

Talorc riu. — Ela tem uma língua afiada, não é?

— Sincera, mas ela está certa. — Lachlan suspirou. — Ela freqüentemente está.

Emily estava satisfeita por ele ter corrigido a descrição de Talorc dela. Ela também estava aquecida de prazer com o fato de que Lachlan pensasse que estava freqüentemente certa, mas isso não compensava o fato de que ele a tinha acusado de ser impura por causa da paixão que ele tinha muito deliberadamente provocado nela. Os dois lairds poderiam aceitar cessar as hostilidades sem uma desculpa, mas ela não. Lachlan iria lhe dizer que sentia muito, e assim seria.

— Ela disse que preferia estar casada com um bode a estar casada comigo. Você é o bode? — Talorc perguntou, sua voz ainda fortemente mostrando divertimento.

— Eu serei.

— Não!

— Eu estou contente por ouvi-lo dizer isso —, Talorc disse, ignorando a negação de Emily. — Desde que ela foi enviada a Escócia para se casar comigo, ela é



minha responsabilidade. Eu não tinha nenhum desejo de casar-me com ela, mas eu não podia permitir abrir mão dela sem exigir também uma reparação apropriada.

Incrivelmente, Lachlan assentiu sua compreensão, como se Talorc não estivesse falando bobagens.

— Eu quero testemunhar o casamento antes de retornar à minha propriedade. — Desta vez não havia humor na voz do louco homem e ela desejou que houvesse.

Emily rodeou Lachlan rapidamente assim ela podia olhar Talorc no rosto enquanto gritava com ele. — Eu não me casarei com ele e basta!

— Você quer se casar comigo, então?

— Você sabe que eu não quero, e nem você se casará comigo.

— Você prefere que eu declare guerra contra os Balmorals?

— Não seja ridículo. Você não vai guerrear por mim. Eu sou inglesa, lembra?

— Você está sob minha proteção enquanto estiver no Highlands. Minha honra vale uma guerra.

— Não, Talorc —, Cait disse, soando desesperada. — Eles não acasalaram.

— Eu o vi nu com ela na água.

— Mas aquilo não significou nada —, Emily o assegurou. — Você está nu agora, mas eu não estou acasalando com você.

Lachlan rosnou, o som desumano e assustador.

Talorc ignorou isso como ele tinha ignorado seu protesto um momento antes. — Eu não acredito que seu pai pensaria o mesmo.

— Você não vai dizer a ele, vai? — Emily perguntou, horrorizada.

— Eu vou vê-la casada, ou eu vou guerrear.

Emily olhou loucamente ao seu redor, mas ninguém pareceu pronto para se intrometer e ajudá-la a se desfazer da louca idéia de Talorc. A expressão preocupada



e levemente doente de Cait dizia que ela sabia que ele falava sério e ela estava preocupada que Lachlan fosse recusar. Emily temia mais que ele não recusasse.

— Você não quer casar comigo —, ela chorou, encarando-o.

— Você prefere ver nossos clãs guerreando? — Ele perguntou com interesse.

— Claro que não.

— Então você se casará comigo, inglesa.

— Não.

Emily estava de pé na frente de um padre uma hora mais tarde. Ela ainda estava vacilando pela confrontação de Lachlan com Ulf em seu retorno ao castelo, o que era sua desculpa para conseguir ir tão longe em uma cerimônia de casamento que ela tinha certeza que não deveria acontecer.

Talorc e seus soldados (havia quatro) tinham os acompanhado de volta ao castelo porque ele insistia em ver Emily se casar, e Lachlan, por razões que ela não podia compreender, tinha concordado em acomodá-lo. Suas negações e argumentos veementemente continuados sobre por que o casamento não deveria acontecer foram ignorados pelos dois lairds caminhando lado a lado.

Se ela fosse Chrechte, ela se transformaria em uma loba e morderia alguém. Era uma coisa afortunada para todos eles que ela fosse refinada o bastante para não fazer isso de qualquer modo.

Agradecidamente, Talorc tinha plaids escondidos na ilha para ele e para seus soldados e eles estavam agora decentemente cobertos. Entretanto, Emily teve que se perguntar se as mulheres dos Highland teriam ficado tão chocadas por sua nudez quanto ela.

O rugido de fúria de Ulf do alto da muralha despedaçou seus pensamentos naquele momento e enviou um calafrio à espinha de Emily. Mas quando ela olhou para cima, ela não o viu. Ela olhou de soslaio para Lachlan. Ele agia como se nem sequer tivesse ouvido o guerreiro gritar.

Mas ela sabia que ele tinha e seu coração doeu por ele, embora ela duvidasse



que ele a agradeceria pela preocupação. Descobrir que seu irmão era um traidor e um assassino não poderia ter sido fácil, mas ele não tinha revelado emoção alguma ante as revelações de Talorc. E ele também não demonstrava nenhuma agora.

Ulf não era tão circunspeto. Seu rosto se torceu de ira, ele estava esperando por eles na muralha exterior com vários outros soldados quando eles atravessaram a ponte. — Que diabos é isto? Você trouxe nosso inimigo para dentro dos nossos portões.

Lachlan fez um sinal para o resto deles pararem e aproximou-se de seu irmão sozinho. Ele olhou furiosamente para os outros soldados até que os homens se afastaram de Ulf.

— O único inimigo do clã Balmoral está de pé na minha frente —, Lachlan disse quando estava a menos de dois pés de seu irmão. — Em sua cobiça por poder, você matou um de nossos soldados na esperança de me atrair a uma armadilha. Você nem tem coragem para lutar suas próprias batalhas.

— Eu tenho coragem —, Ulf resmungou —, mas eu prometi ao nosso pai que eu não o desafiaria pela posição de laird. Ele não achava que eu podia liderar o clã porque eu não tenho uma besta dentro de mim para nublar meu pensamento. Ele acreditava que você era seu verdadeiro filho, mas eu sou mais parecido com ele do que você nunca será!

— Você tem o temperamento dele, mas carece da sua força e da sua inteligência.

— Isso é mentira! Eu sou tudo que ele podia ter desejado de um filho, mas ele me julgou pelo modo que meu corpo reage a uma lua cheia.

— Vá para o grande salão, Lachlan — ordenou. — Você explicará sua traição para mim lá.

Ulf apenas zombou.

Movendo-se muito depressa, que ela quase perdeu o movimento, Lachlan golpeou seu irmão direto no queixo, derrubando-o de costas na sujeira e em um sono antinatural no processo.

— Carreguem-no para o grande salão —, ele instruiu dois dos guerreiros que tinham se escondido nas árvores com Drustan quando Lachlan confrontou Talorc no



lago.

Quando eles se moveram para obedecer, ele perguntou aos outros soldados se eles estavam com Ulf ou com ele. Os homens se ajoelharam diante dele, um chegando até a explicar que eles tinham acabado de ser chamados por Ulf para ajudar a proteger seu laird. Quando um forte, gelado vento, presságio de coisas por vir, açoitou ao redor deles, a história do soldado foi confirmada pelos outros e eles foram dispensados.

Lachlan foi para o grande salão e então garantiu que ninguém exceto os Chrechte, Emily e Ulf estivessem no castelo antes de instruir que a porta fosse fechada e guardada por um soldado Chrechte do outro lado. E ela entendeu por que ele tinha insistido em ter o confronto no castelo. Ele estava protegendo os segredos do bando como os líderes do Chrechte tinham feito dentro dos clãs desde que se juntaram a eles no século passado.

Ulf estava acordado e espumando na lareira quando Lachlan permitiu que o resto deles entrasse no grande salão alguns minutos mais tarde.

Ela e Cait estavam de pé entre Drustan e Angus, com o Sinclair Chrechte atrás deles. Havia dois outros Balmoral Chrechte de cada lado de Ulf. Ele olhou com ódio para ela e Cait, e depois para Lachlan, — O que as mulheres estão fazendo aqui?

— Sua traição afetou suas vidas. Elas ouvirão o que você tem a dizer em seu favor.

— Eu não preciso me explicar para você.

— Goste ou não, eu sou seu laird. Você se explicará.

— Só porque nosso pai o protegeu exigindo aquela promessa.

Lachlan sacudiu a cabeça. — Nosso pai estava protegendo você da morte quando ele o fez prometer não me desafiar. Mas você não se importou. Você escolheu tentar tomar o controle do clã através de meios escusos de qualquer maneira. Que honra existe em tentar negar a vontade do seu pai, ou em tentar fazer o Sinclair me matar para você?

— Mais honra do que existe em um irmão mais novo tomar o meu lugar legítimo de laird.

— Nosso pai ditou que eu fosse seu sucessor. Era seu direito.



— Ele fez a escolha errada. Era meu direito liderar!

— Para que fim? O que você poderia ter feito para o clã que eu não poderia?

Ulf apenas o fuzilou com o olhar.

— Você é culpado de assassinato.

— Você acredita mais na palavra de seu inimigo do que na de seu irmão?

— Você não negou sua deslealdade.

— Eu soube que era inútil quando eu vi vocês dois da muralha. Eu sabia que vocês ficariam juntos como irmãos lobisomens, embora você e eu sejamos irmãos de sangue.

Um espasmo cruzou o rosto de Lachlan. — Você está dizendo agora que nega que conspirou para me matar? Que você não matou aquele jovem soldado?

— Você acreditaria em mim se eu dissesse?

— Não. — A finalidade absoluta daquela palavra não pôde ser perdida por ninguém no salão. — Eu sei demais para acreditar em sua negação.

— Então, por que eu deveria tentar uma? — Ulf permanecia orgulhoso e ereto, sua expressão cheia de desprezo e ódio. — Você merecia morrer... exatamente como aquele soldado. Ele teria tido uma posição de liderança um dia, assim como Drustan, mas quanto a mim... seu irmão?

— Você recusou a posição de primeiro no comando.

— Devia ter sido você como meu primeiro, não ao contrário. Por que eu deveria concordar em servi-lo?

— Então, você acredita que você... um assassino e um mentiroso... deveria ser laird?

Ulf estava inabalável pelas acusações, como se ele verdadeiramente não visse nada de errado em suas ações. — Eu sou um Balmoral, filho de nosso pai, assim como você.



— Se eu desafiá-lo, isso nega a promessa que você fez ao nosso pai?

— Por que razão você me desafiaria? Ulf perguntou com desdém.

— Você assassinou um de meus soldados.

— Prove.

— Eu não preciso.

— Você precisa se quiser que o clã fique ao seu lado.

— Você é um bobo por acreditar nisso.

— Sou? — Ulf perguntou, sua expressão zombeteira. — Há também sua própria honra, que não ficaria satisfeita a menos que você pudesse ter certeza absoluta que eu tenha feito a façanha.

— Mas eu tenho.

Ulf apenas deu de ombros.

— Há também os inúmeros insultos, ouvidos por testemunhas, a que você sujeitou minha companheira.

— Você não está emparelhado.

— Eu logo estarei. Emily é minha noiva.

Ulf cambaleou como se Lachlan tivesse lhe lançado outro golpe. — Você vai se casar com uma humana?

— Sim.

— Eu pensei que você tivesse medo de ter crianças humanas como nosso pai.

— Se eles forem tão ferozes e leais quanto sua mãe, não me importará que eles sejam lobisomens.

Um calor cobriu Emily apesar da tensão da situação.

— Ela o enganou com sua luxúria.



— Eu não sou tão facilmente enganado. Eu lhe disse isso. Você devia ter escutado.

— Não? Você acreditou em mim a respeito de Susannah.

— Eu acreditei na evidência dos meus próprios olhos. Susannah estava casada com Magnus e eu sabia que não tinha lhe dado permissão para deixar a ilha. Portanto, eu acreditei que ela tinha sido levada sem a permissão de seu clã.

— Agora você sabe que eu a mandei para o território Sinclair.

— Por quê?

— Eu queria que você declarasse guerra contra os Sinclairs. Eu podia tê-lo conduzido a uma armadilha. É o que nosso pai teria feito, mas você não é o bastante como ele. Você é muito fraco.

— Você é um tolo se crê nisso. Você é o fraco e Pai viu a carência em você. Ele sabia que você desejava poder, mas não tinha o caráter para liderar. Ele devia tê-lo banido, ou o mandado para servir outro laird, mas ele tinha o coração muito mole com relação a você. Ele o amava demais para deixá-lo ir. Você é meu irmão, mas eu sou forte o suficiente para ver você receber o castigo que seus crimes merecem. Você foi um tolo em acreditar que podia me manipular.

— Não fui. Eu tive tudo sob controle. Se aquelas duas prostitutas não tivessem saído do castelo, você não estaria brincando de aliado com o Sinclair agora.

Lachlan golpeou Ulf com as costas da mão e o outro homem bateu contra a parede ao lado da lareira.

Capítulo 21

— Fale respeitosamente de minha futura esposa, ou morra onde está.

Ulf enxugou uma gota de sangue de sua boca. — Eu tenho pena dela, mas



acima de tudo eu tenho pena dos filhos que você pode ter... filhos que podem ser como eu.

— Nós teremos filhos se Deus desejar isso. Se algum, ou todos, forem completamente humanos, eu os amarei.

— Nosso pai me amou até que eu não fiz a mudança, mas não depois. Eu era seu favorito; ele me treinou para ser seu sucessor, mas ele me dispensou a partir do momento que ficou óbvio que eu não era um lobo. Maldito animal estúpido.

— Não é sua falta de um lobo interior que o torna inadequado para liderar, mas sua falta de honra. Eu acredito que nosso pai viu isso.

Ulf atacou Lachlan, mas em segundos ele estava inconsciente outra vez. — Tranque-o na torre oeste —, Lachlan ordenou, sua voz áspera.

Cait chamou Drustan de lado para dizer algo. O guerreiro parecia furioso por um momento antes de dar instruções para outro soldado. Emily não pôde cogitar por muito tempo o que tinha sido dito por sua amiga para fazer seu novo marido parecer tão bravo porque Lachlan tinha acabado de chamar o padre.

Qual foi como Emily tinha acabado onde estava agora, encarando um padre e ouvindo a missa de casamento rezada pela segunda vez desde que veio para os Highlands. Ela tinha visto a perda e a dor nos olhos de Lachlan. Ele tinha perdido um irmão na última hora e seu coração tinha se partido por ele. Ela tinha sido incapaz de aumentar o seu tormento opondo-se a ele, mas como ela poderia permitir que Lachlan fizesse esse sacrifício? Como ela podia fazê-lo ela mesma? Ele não queria se casar com uma humana e ela não queria se casar com um homem que a via como menos do que era porque ela não era metade-lobo. Mesmo assim, ele tinha concordado com o casamento, não tinha nem discutido na realidade. Ela não acreditava nem por um minuto que era porque Talorc tinha ameaçado guerra. Lachlan era forte demais para ser tão facilmente intimidado. Não, ele tinha suas próprias razões para se casar com ela, mas ela não podia entender quais poderiam ser. Ela o amava tanto, mas ela sabia que seus sentimentos nunca poderiam ser recíprocos, não enquanto ele a achasse tão inferior.

Só que quando eles tinham tocado nesse assunto não pareceu que ele a achava tão inferior. Não parecia uma mera expressão de luxúria também, e ela não achava que era inteiramente um trabalho de sua fantasia. Ele nunca a tinha tratado como se ela fosse "só uma humana" aos seus olhos, não importa o que ele tenha dito com sua boca.



Quando ele estava conversando com Talorc, Lachlan falou dela como se ele verdadeiramente a admirasse. Ela podia fazer coisa pior do que se casar com um homem que pensava com tão alta consideração sobre ela. Não é?

Mas quando chegou a hora dela repetir seus votos, ela abriu a boca e nada saiu.

Lachlan olhou para ela. — É tão difícil, moça?

Muda, ela assentiu. Muitos pensamentos competiam por supremacia em sua mente; ela não conseguia dar vazão a nenhum.

— Eu não vejo por que. Você me ama. Você me disse isso. Eu a farei dizer as palavras novamente mais tarde, quando eu estiver satisfazendo sua curiosidade. — Ele piscou para ela.

Ela quase desmaiou bem ali de choque e embaraço. Seria bem feito se ela se casasse com ele e tornasse sua vida miserável, o demônio!

— Quietos —, ela silvou.

— Não é uma coisa para se ter vergonha.

— Isso é o que você diz —, Talorc disse do outro lado de Lachlan.

— Você não quer isto —, ela sussurrou, finalmente conseguindo que sua garganta funcionasse.

— Se eu não quisesse, o padre não estaria de pé na nossa frente.

— Mas você queria se casar com uma Chrechte.

— Eu quero me casar com você.

— Eu não poderia suportar você rejeitar nossos filhos como seu pai rejeitou Ulf... isso é presumindo que nós possamos ter filhos.

— Eu disse a Ulf que era escolha de Deus se nós teremos filhos ou não. Você acredita nisso?

— Sim.



— Se nós tivermos filhos, eu os amarei, não importa o que. Eu lhe prometo isso.

— Mas—

— Você confia em mim, inglesa?

Lágrimas molharam seus olhos. — Sim. — Ele não era um homem dado a quebrar suas promessas.

— Então fale seus votos.

— Mas... — ela disse novamente, só que ela não soube o que queria dizer depois.

Ela amaria Lachlan todos os dias de sua vida. Ela tinha vindo aos Highlands preparada para fazer o que fosse exigido para salvar sua irmã de um triste destino. Ela agora estava sendo oferecida em um casamento muito mais esperançoso do que o que ela tinha planejado fazer. Por que ela estava hesitando?

Ela podia ter uma porção de felicidade enquanto mantinha sua irmã segura. De acordo com os Highlanders, eles só obedeciam ao seu rei quando queriam. Desde que ela não retornasse a Inglaterra desonrada, Abigail deveria estar segura. Seu pai tinha pagado o preço que seu rei exigiu dele, e pelo que dizem, era improvável que o rei escocês verificasse para ter certeza que o seu laird tinha.

Mas seguramente, ainda se ele verificasse, ele ficaria tão satisfeito em ter o selvagem Lachlan "domado" pelo casamento com uma inglesa quanto Talorc dos Sinclairs.

Ainda assim, ela se perguntou se essa era a coisa certa a fazer. Ela lançou um olhar lateral para Lachlan. Ele parecia tão certo. E de repente ela soube que tudo ia ficar bem. Para ele ter tido a mudança de coração que ele teve sobre se casar com uma Chrechte, ele tinha que amá-la. Ele podia não perceber isso. Ele poderia nunca estar disposto a reconhecê-lo, mas ela estava confiante dos sentimentos dentro dele.

Ele nunca, nunca consentiria em se casar com uma mulher humana, muito menos argumentar pelo casamento de qualquer forma. Ele tinha lhe dito que planejava reclamá-la antes, mas ela pensou que ele estava só sob a influência da luxúria. Depois do que tinha acabado de acontecer, ele não poderia estar sob tal influência no momento. Ele verdadeiramente devia querer isso.



E ele tinha dito que amaria seus filhos sem importar nada. Talvez um dia, ele até reconhecesse que a amava.

Quando seus pensamentos e seu coração finalmente se tranquilizaram, Talorc suspirou, longa e prolongadamente, também.

Ele perguntou, — Você iria preferir se casar comigo? Com o padre aqui, isso poderia ser arrumado.

Ela praticamente gritou seus votos com sua gargalhada ao fundo.

Quando estava terminado, Lachlan a beijou com tal riqueza de paixão que ela não pôde evitar enrolar seus braços em volta de seu pescoço e retribuir o beijo. Ele a levantou e a embalou contra seu peito, então a carregou degraus acima até sua câmara. O som de gritos os seguiu do grande corredor.

Quando eles alcançaram seu quarto, ele não lhe deu uma chance de parar e pensar.

Eles dois estavam nus e na cama antes dela ficar ciente o bastante para adverti-lo, — Uma vez que façamos amor não haverá volta.

Apesar de sua certeza de que ele a amava, ela sentiu a necessidade de lhe dar uma última chance de voltar atrás. O casamento com uma humana estava longe do que ele tinha planejado para sua vida.

— Não houve volta do momento em que a conheci, mas eu era muito teimoso para ver isso no início. — Ele soou irreverente demais para ela.

— Eu falo sério, Lachlan. Contanto que eu ainda seja virgem, você pode obter uma anulação, mas uma vez que o casamento estiver consumado, eu não deixarei você me excluir da sua vida, ainda que eu não seja sua verdadeira companheira.

— Eu nunca a deixaria partir. — Foi um juramento e ela o tomou como tal, sabendo que veio bem do fundo dele. Então ele a beijou novamente.

Ele a tocou de formas que não tinha tocado antes, trazendo sua excitação a um ponto de ebulição de necessidade. Ela abriu as coxas, querendo que ele juntasse seus corpos, para aliviar a dor que ele tinha criado bem no interior do seu lugar



feminino.

Ele parou com seu membro pressionado contra sua abertura. — Eu ofereço a você meu corpo e tudo que eu sou, Emily dos Balmoral. Você aceita tudo que eu sou?

Havia só uma resposta que ela poderia dar. — Sim.

— Você me dá as boas-vindas dentro de seu corpo?

— Sim. Eu quero que você seja parte de mim, Lachlan.

— Eu já sou, moça, agora e para sempre. - Ele pressionou para dentro então, sua dureza estirando-a até um ponto de dor.

Ela choramingou.

Ele roçou seu rosto com uma mão incrivelmente gentil que tremia. — Você deve relaxar seu corpo, amor. Não é suficiente que eu a tome, mas você precisa deixar sua carne me aceitar.

— Eu não sei como. — Embora fosse o que ela queria. Muito.

Descendo a mão, ele tocou em seu mais doce lugar com o polegar. A leve carícia circular fez o prazer disparar dentro dela e ela arqueou-se por mais. Ele deu isso a ela, tocando-a repetidamente com as mais gentis das carícias.

— Isso é tão bom —, ela gemeu.

— Sim. Pense só no prazer, amor. — Sua voz soava tensa.

Ela tentou, e se descobriu relaxando ao redor da sua masculinidade. Ele balançou sua pélvis, empurrando-se dentro mais e mais até que ele atingiu uma barreira que a fez gritar e tentar escapar dele com dor.

Ele a segurou no lugar com seu pesado corpo. — Isto machucará. Eu não conheço uma maneira de evitá-lo. — Mas ele desejava saber. Ela podia ver isso em seus brilhantes olhos.

Aquilo a confortou como nenhuma palavra poderia. — Uma curta e aguda dor é melhor que uma longa e prolongada —, ela sussurrou.



Ele assentiu e investiu, atravessando a barreira e se encaixando até a base.

Ela gritou de dor, lágrimas escapando dos seus olhos, mas ela não lutou contra sua possessão. Existiria prazer além da dor. Tinha que existir, ou todas as mulheres entrariam para o convento.

Ele manteve seu corpo quieto e a beijou. — Melhorará.

— Você promete?

— Eu prometo.

— Mas dói tanto.

— Eu sinto muito, amor. — Ele a beijou novamente, renovando suas atenções com seu polegar. A dor começou a se perder no prazer.

Não tinha ido completamente, mas o prazer cresceu até que era mais intenso que a dor. Ela fez um pequeno movimento com seus quadris e ele o encontrou, aumentando as profundidades de suas investidas até que ele se retirava quase que completamente antes de empurrar de volta nela, cada investida trazendo uma intensidade de prazer que a surpreendia.

Ela não podia evitar se mover embaixo dele e ele a persuadia com elogios e apelos por mais. Ele estava tão à sua mercê quanto ela. Aquele conhecimento fez o seu prazer rodopiar fora de controle até que seus corpos se ataram e ele gritou algo em Chrechte quando os dois se estremeceram pela conclusão.

Ela lhe disse que o amava novamente.

Ele desmoronou em cima dela e então rolou para o lado, curvando-a em seu corpo como se não pudesse suportar ficar separado dela nem por algumas polegadas.

Ela não sabia quanto tempo tinha passado antes dele começar a falar. — Meu pai era um homem sábio, ainda que cabeça quente. Ele deve ter visto algo em Ulf que eu não vi antes. Todos nós assumimos que era a falta da natureza lupina de Ulf que fez nosso pai mudar com relação a ele, mas eu me lembro como Ulf reagiu ao fato de não passar pela mudança. A cada mês que se passava durante aquele ano, ele foi ficando mais e mais chateado. Ele se metia em brigas com outros meninos e usava sua posição como filho do laird para tentar manipular os outros. Meu pai viu



essas coisas. Ele e minha mãe discutiam sobre elas porque ela achava que Ulf estava apenas exibindo uma tendência para liderar.

— Mas Ulf disse que seu pai mudou depois que ele mostrou a sua falta de natureza lupina.

— O relacionamento de meu pai e de Ulf mudou antes disso, mas até eu recordar o passado com os olhos de um homem, eu não vi. Eu realmente penso que o fato de que ele não fosse um lobisomem influenciou como meu pai se sentia. Minha mãe nunca aceitou a besta de meu pai completamente e ele nunca aceitou completamente a falta de uma em seu filho. Ele ainda tinha esperança que Ulf se transformasse tarde quando ele morreu.

— Mas ele já tinha nomeado você seu herdeiro.

— Porque ele não via Ulf tão adequado para liderar. Emily, eu quis dizer o que eu disse ao meu irmão. Se nossas crianças tiverem sua ferocidade e sua lealdade, eu não ligo se eles tiverem minha natureza de lobo. Você estava certa em me acusar de ser cego.

— Eu não fui tão sincera.

— Talvez não, mas foi isso que você quis dizer. Eu me ceguei ante a verdadeira natureza do meu irmão e à ameaça que ele representava, mas eu não me cegarei ante o seu valor, ou ao dos nossos filhos se eles forem tão completamente humanos quanto você.

— Se nós tivermos filhos... — ela disse tristemente.

Ele sorriu para ela. — Oh, nós teremos.

Foi só então que ela percebeu que a boca dele não tinha se mexido uma vez durante todo o tempo que ele tinha falado.

— Você está falando na minha mente!

— Sim.

— Eu quero tentar.

— Vá em frente.



Você me deve uma desculpa, ela disse com seus pensamentos.

Ele fez uma careta. — Eu não gosto de pedir desculpas.

— Eu não imagino que você goste. Você é muito arrogante.

Ele revirou os olhos. — Eu sinto muito, sinceramente pelas acusações eu fiz hoje mais cedo e por não reconhecer o quanto você era importante para mim, para começar.

Os olhos dela se obscureceram. — Certo então. Eu o perdooarei desta vez, mas se você fizer tal coisa novamente, eu colocarei urtigas do seu lado da cama.

— Nós compartilharemos o meio, mas eu não tenho dúvida de que você achará um modo de fazer seu desgosto ser sentido.

— Eu estou contente que perceba isso.

— Agora você se desculpará comigo.

— Por insultá-lo quando você primeiro nos levou?

— Por olhar para o pau de Talorc com tamanho interesse.

— Não era interesse, era curiosidade. Seguramente você pode ver a diferença.

— De agora em diante você reservará tal curiosidade para mim. Prometa-me isso.

— Eu prometo.

Ele esperou.

— E eu sinto muito, mas eu sou um tipo muito curioso de pessoa.

— Eu sei, amor, eu sei.

Foi a segunda vez que ele a tinha chamado assim. Talvez não demorasse até que eles fossem velhos e grisalhos antes dele admitir seus sentimentos. Sendo quem ela era, Emily simplesmente perguntou diretamente, — Você me ama?

O sorriso dele era mais brilhante que o sol de verão — Você não percebe? Eu



Ihe disse isso duas vezes agora em Chrechte.

— Oh. — Mas o estúpido homem não tinha percebido que ouvir as palavras em um idioma que ela entendia teria feito sua escolha em casar-se com ele muito mais fácil. — Diga em Galês —, ela exigiu.

Ele disse. Então em inglês e depois em latim.

Ela estava chorando quando ele tinha terminado. Ele beijou todo seu rosto, bebericando suas lágrimas e então suavemente reivindicando sua boca em uma tenra conexão que a encheu com absoluta certeza de sua sinceridade. Posteriormente, ele a beijou mais uma vez na têmpora. — Eu amarei você até o meu último suspiro.

— E eu amarei você exatamente tanto.

— É bom que ame.

— Chrechte arrogante.

— Companhia preciosa.

Ela sorriu, piscando mais lágrimas de alegria para fora. Ele devolveu seu sorriso e aconchegou-a ao seu lado. Finalmente, eles dormiram.

Na manhã seguinte eles ouviram as notícias que Ulf tinha descoberto a rota de fuga que ela e Cait tinham usado para sair do castelo. As paredes estavam escorregadias com a chuva e o vento tinha soprado ferozmente na noite anterior. E como Cait tinha previsto, seu plaid não era adequado para formar uma corda suficientemente longa. Ele foi encontrado na base da parede do castelo com o pescoço quebrado.

Embora isso fosse uma tragédia terrível, Emily estava aliviada por causa de Lachlan. A justiça tinha encontrado o assassino, mas o homem que ela amava não tinha sido forçado a submetê-la ao seu próprio irmão.

Lachlan ficou furioso com a descoberta. Não porque Ulf estivesse morto, mas porque as mulheres tinham arriscado suas próprias vidas na escalada.

Emily tentou explicar que não tinha chovido quando elas desceram, que a corda delas era muito mais comprida e que ela e Cait nunca estiveram em risco de cair. Mas isso não ajudou. Lachlan só gritou mais alto e Drustan as fuzilou mais



ferozmente até que as duas mulheres acabaram prometendo que nunca, nunca tentariam semelhante coisa novamente. (Embora aparentemente Cait já tivesse prometido isso uma vez, tendo falado a Drustan da corda na noite passada. Emily tinha estado muito confusa pela perspectiva do casamento para lembrar.)

— E vocês alguma vez consideraram a segurança do castelo enquanto deixavam cordas penduradas pelas janelas? — Lachlan exigiu. — Foi uma coisa boa Cait pensar em contar a Drustan. — Emily não se sentiu ofendida pela pergunta, pois ela veio depois de vinte minutos gastos debatendo sua segurança pessoal. Ela vinha primeiro, mas agora ele sentia a necessidade de deslizar de volta ao seu papel como laird. Porém, ela acreditava que suas razões por ser esquecida eram mais que adequadas.

— Se você não tivesse sobrepujado minha atenção com um casamento e com o que se seguiu, eu certamente teria me lembrado de lhe contar sobre a corda antes dela poder representar perigo.

— Você está tentando dizer que o nosso casamento foi um inconveniente para você, inglesa?

— Foi mais como se mandasse o resto dos meus pensamentos para longe da minha cabeça —, ela disse com um sorriso.

Aquilo o agradou e ele sorriu também.

— Você não pode continuar me chamando disso, você sabe.

— Do quê?

— Inglesa.

— E por que razão?

— Porque eu sou Balmoral agora. Eu sei de fonte segura que nós somos um clã de Highlanders.

— Você prefere que eu a chame de doçura?

— Eu gosto.

Ele riu e a puxou para os seus braços. — Você vai me levar a um aprazível precipício.



— Eu não devia querer que você ficasse bravo comigo, laird.

— Eu amo você demais para alguma vez ficar bravo com você, mas eu tenho uma sensação de que o meu cabelo ficará grisalho antes do nascimento do nosso primeiro filho.

— A pele do seu lobo ficará grisalha se o cabelo em sua cabeça ficar? — Ela perguntou, sua curiosidade imediatamente desperta.

Seus olhos se estreitaram cautelosamente. — Não.

Ela o apimentou com perguntas depois daquela e ele só a fez parar levando-a para a cama. Posteriormente, ele a ensinou como declarar seu amor em Chrechte.

No dia seguinte ela perguntou a ele se eles poderiam mandar buscar sua irmã Abigail e ele concordou. — E o seu rei escocês? Eu não quero que ele cause problemas a minha irmã.

— Talorc já concordou em ir falar com ele.

— Ele não é tão mau quanto eu pensei que fosse.

— Nosso rei?

— Talorc.

— Mas eu ainda sou o único Chrechte que você ama.

— Você é o único homem, Chrechte ou humano, que eu poderia alguma vez amar, ela firmemente jurou.

— Assim é como deve ser.

Ela bateu em seu braço e então estremeceu. O homem tinha músculos iguais a pedras. — Você deveria dizer que eu sou a única mulher que você alguma vez poderia amar.

— Você já não sabe disso? — Ele perguntou muito sério.

Ela não fez nenhum esforço para abafar seu sorriso feliz. — Sim, de fato, eu acredito que sei. Mas eu ainda quero que você diga isso.



Ele a ergueu e a segurou próximo ao peito, seus olhos cheios de uma fome voraz e do amor que ela agora reconhecia que tinha estado lá no mesmo momento que o seu. — Não existe nenhuma outra mulher, loba ou humana, que eu poderia amar como amo você, doçura.

— Eu acho que eu gostaria de outra aula de natação.

— Eu acredito que eu poderia apreciar isso, mas desta vez eu farei o que eu quis fazer da primeira vez que estivemos no lago.

— Afogar-me?

Ele riu alto, o som a aquecendo. — Fazer amor com você.

— Não tomará muito tempo das suas importantes obrigações? — Ela arreliou.

— Nada é mais importante para mim que você.

E ela sabia que era verdade.

Ela tinha vindo as Highlands salvar sua irmã, mas acabou encontrando sua própria felicidade. O ferimento que tinha sido aberto na morte de sua mãe e tinha sido rasgado pela rejeição de seu pai, finalmente se fechou. Ela não havia pensado que isso seria humanamente possível, entretanto seu marido, o amor de sua vida, era mais que humano, e ela não o queria de outra maneira.

